

# BRANCAGLIONE'S PROJECT

REFLEXões 2018  
VOL.3

MARCUS BRANCAGLIONE

# BRANCAGLIONE'S PROJECT

Reflexões 2018

*VOL.3*

Marcus Brancaglione

© 2020 Marcus Brancaglione.

Este trabalho e todo *seu conteúdo está licenciado sob a Licença*

 RobinRight.

Para ver uma cópia desta licença, visite  
<https://www.recivitas.org/licenca-robinright>

Autor: Marcus Brancaglione

Organização: Bruna Augusto

1° edição  
São Paulo  
ReCivitas books  
2020

## **Artigos Maio à Abril de 2018**

KOYAANISQATSI: A Idade da Consciência

A responsabilidade solidária frente a cultura das renúncias e transferências de liberdades e responsabilidades

2018, o ano que periga não acabar no Brasil

O Brasil é um apartheid econômico

Greve ou locaute não importa. O problema não está nas estradas, mas nos palácios.

Monarquia baseada em Renda Básica?

Respostas ao questionário da Ghent University sobre a Renda Básica

O fim da experiência da renda básica na Finlândia

BBC: Os motivos por trás da Guerra dos Chimpanzés, a única registrada entre animais”

Guerra e Paz: Das suas causas e razões

Síria: O som do silêncio e a “Guerra dos Outros”

Trump e a piada pronta: “Como se fosse...”

Renda Básica como vocação

O ciclo da tirania governamental, insolidariedade social e pobreza dos povos

A hierarquia é o “mecanismo”?

Amanhã no julgamento de Lula não se decidirá nada, exceto se desligam ou não os aparelhos de um país com morte cerebral

O que é o Brasil? Uma “Cleptocracia”? Um “Estado-Máfia”? ou um “Estado falido”?

Este livro é um compendio de artigos publicados originalmente na plataforma do blog [www.medium.com/@mbrancaglione](http://www.medium.com/@mbrancaglione). Os textos encontram-se brutos, sem edição. Confira os outros volumes para ter acesso a todo o material.

# KOYAANISQATSI: A Idade da Consciência

E a primeira Inteligência Artificial Psicopata

**Koyaanisqatsi:** (da [língua hopi](#)) “vida enlouquecida , vida em turbilhão, vida fora de equilíbrio, vida se desintegrando, um estado de vida que pede uma outra maneira de se viver”.

## **Introdução: A alma**

Antes de entrar no cerne de onde quero chegar quando falo em Idade da Consciência e sua Pedagogia, preciso passar primeiro, ainda que só superficialmente, pelos modelos e explicações do pensamento e comportamento que se desenvolveram sobremaneira nos últimos séculos. E se desenvolveram não propriamente graças ao enfoque no que é considerado um pensar e agir normal, mas sobretudo, graças aos estudos e tratamentos do que era e é considerado seu mal formação e funcionamento: a loucura, insanidade, os transtorno e distúrbios mentais.

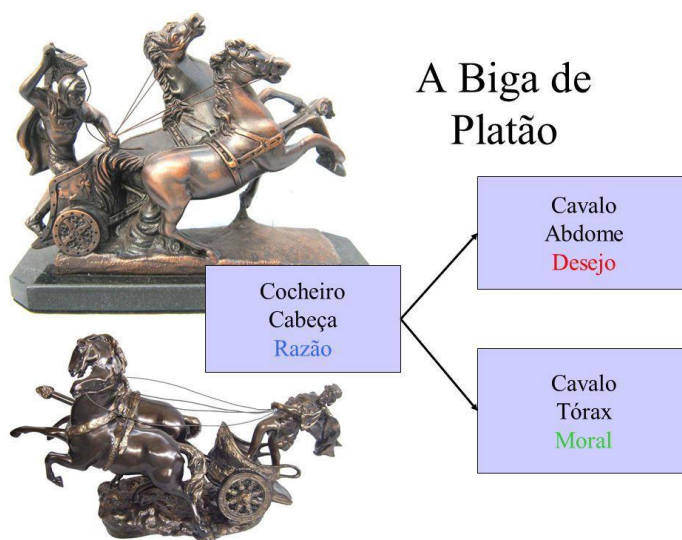
Nada técnico. Até porque não tenho conhecimento para isso. E o que me interessa não aqui não é psicopatologia, mas a ética, a cibernética e a evolução tanto da inteligência artificial quanto da natural no que se refere a esse fenômeno ainda bastante desconhecido, que dirá então aplicado: a consciência. A consciência; ora vista como ficção metafísica; ora como mera abstração referente a processos fisiológicos. Ora confundida com o estado de vigília, ora com razão, inteligência, ou mesmo com o ego e superego.

Para tanto, porém, antes de chegar no que entendo por consciência ou o que ela deveria ser, preciso falar da psicose. Não só a psicopatologia, mas antes do filme clássico de Hitchcock, cujo vilão inspira a clamada “primeira inteligência artificial psicopata” homônima Normas Bates. E

antes delas, tanto Norman da ficção cinematográfica quanto o da informativa, passarei brevemente por duas importantes metáforas para entender a sanidade e insanidade da mente e do mundo: a biga de Platão, e o iceberg de Freud.

### **A alma como um carro de guerra... numa ilha de gelo**

Numa leitura absolutamente livre tanto de Platão quanto de Freud, podemos enxergar na teoria da Personalidade do segundo uma visão da psique muito semelhante -e mais elaborada- da alma que o primeiro expressa em sua parábola das bigas.



Na parábola, o intelecto ocupa a posição de condutor da biga, sendo o responsável por manter juntos dois cavalos que puxam a vontade da pessoa. Um, é um cavalo bem educado e branco, é claro, que representa as paixões “bem educadas” que não precisam de chibata. O outro, o cavalo negro, representa as paixões e desejos mais libidinosos, para já usar um termo freudiano. De qualquer forma, tanto o cavalo dos sentimentos morais e sociais quanto o cavalo dos desejos mais primitivos e inconfessáveis não são mais selvagens, mas domesticados, um com

outro sem a chibata, mas ambos presos ao carro e a vontade do condutor, pelos devidos freios, arreios e cabrestos.

Creio que a similaridade é um tanto quanto evidente. Tanto que o próprio leitor poderá fazer ele mesmo a correspondência, de quem seria o id, o ego e o superego dessa parábola. Para quem não faz a menor ideia do que significam esses termos, segue um esquema para prosseguir com a leitura, sem nenhuma pretensão explicativa maior.

***Id:*** “*It is the dark, inaccessible part of our personality... It is filled with energy reaching it from the instincts, but it has no organisation, produces no collective will, but only a striving to bring about the satisfaction of the instinctual needs subject to the observance of the pleasure principle*”.

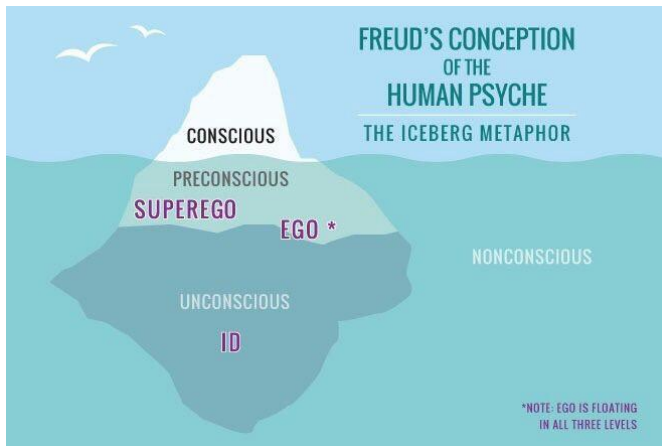
***Ego:*** “*The ego is that part of the id which has been modified by the direct influence of the external world ... The ego represents what may be called reason and common sense, in contrast to the id, which contains the passions ... in its relation to the id it is like a man on horseback, who has to hold in check the superior strength of the horse; with this difference, that the rider tries to do so with his own strength, while the ego uses borrowed forces*”

***Superego:*** “*The Super-ego can be thought of as a type of conscience that punishes misbehavior with feelings of guilt. For example: having extra-marital affairs*” (nota: quanto a obsessão burguesa pela cornitude, pelo ser ou não ser... corno, quem explica melhor não é Freud nem Marx, mas Fourier). -

***Id, ego, and super-ego — Simple English Wikipedia, the free encyclopedia***

Então qual a diferença? Qual é a grande novidade? A inovação é que Freud, integrou dois importante conceito a sua teoria: o plano mental da

consciência e inconsciência, onde os campos que descrevem as forças elementares da psique e constituintes da personalidade, o id, o ego e superego, estão manifestos e inseridos. De modo que a metáfora preferida para explicar a condição da mente humana passou a ser outra, a do icebergue.



A mente como um iceberg... uma ilha fragmentada e isolada de gelo. Freud iria adorar colocar essa representação das suas teorias no divã para analisar o que há de subliminar e inconsciente nessa simbolização... Daria mesmo um excelente objeto de análise freudiana quanto ao mal-estar da civilização: os velhos e obsoletos carros de guerra enfim isolados em ilhas geladas tentando emergir e navegar no mar da sua inconsciência, sem afundar de vez pelo peso da sua (in)consciência como imagem da vida mental.

Entretanto, como já disse, não estou interessado em analisar as teorias psicológicas, nem suas interpretações. Assim como estou menos interessado ainda em dissecá-las, as teorias ou os órgãos correspondente, o cérebro. É irrelevante o quanto as teorias psicológicas não espelha fisiologicamente a mente, mas apenas simbolicamente. O importante é que tanto a metáfora como a teoria “funcionam” razoavelmente bem

dentro dos limites daquilo que intentam explicar e se propõe a fazer- seja lá quais sejam as intenções.

Tais explicações funcionam. E funcionam mais ou menos, como a ideia de energia potencial da física clássica que (supostamente) aprendemos a calcular na escola. Não importa que nenhuma energia exista ou seja produzida fenomenologicamente quando simplesmente levamos um objeto para um lugar mais alto. O que importa é que conseguimos prever e calcular o que vai acontecer de o jogarmos de lá.

Assim, de forma parecida a física clássica — da qual por sinal Freud parece ter tomado emprestado muito da mecânica- a teoria da personalidade também fornece um modelo com forças elementares e dinâmica simples para explicar, prever (e conduzir) movimentos. Porém com uma diferença substancial nada pequena: ao invés de tomar como objetos de estudo e experimentação real ou imaginária coisas inanimados e suas forças, toma a natureza e a forças que constituem os os chamados animas racionais, os seres humanos. Ou seja, seres animados e sua anima.

Dito assim, em termos tão mecanicistas tiro todo aspecto social, biomédico, embora nem sempre humano, que envolveu o desenvolvimento da psicologia, psiquiatria e psicanálise. Mas é importante ter em mente justamente essa origem e as amplas possibilidades que esse conhecimento abriu: não só de entendimento do mal-estar das pessoas e civilizações e seu tratamento enquanto alienação e insanidade, mas também de formação e condicionamento dos comportamentos desejados e considerados normais por óbvio de quem trata e se tem e supõe são e não o outro tomado por insano. Ou seja o conhecimento e controle sobre o pathos, as paixões e seus transtornos patológicos.

Dito isto, é hora de entrarmos no mundo de Norman Bates.

## **Parte I : Psicose**

### **Norman Bates, da cabeça de Hitchcock**

“Sabe o que eu acho? Eu acho que todos nós estamos em nossas próprias armadilhas, presa nelas, e nenhum de nós consegue sair. Nós usamos nossas garras e unhas, mas apenas no ar, umas com as outras. E por tudo isto, nunca mudamos nosso modo de agir”

Psicose para quem não sabe um filme baseado em um caso real. Ou seja não é real, mas uma ficção. Coisa absolutamente ridícula de ter que se dizer, se não vivêssemos em tempos de absoluta confusão ideológica entre o real e o simbólico. Na verdade, o psicopata que inspirou o filme é ainda mais perturbador e doente que Norman. E fazem as fantasias e perversões do próprio Hitchcock parecem coisa de criança que diga-se de passagem é a prova viva de que genialidade, ética (ou sanidade) nem sempre andam de mão dadas. Mas deixemos as pessoas reais de lado, e vamos ficar com o Norman Bates de ficção. pois além dele ser um personagem arquetípico tão bem construído, serve também melhor a uma análise mais fria- sempre a frieza...- devidamente protegidas pela quarta parede da ficção.

Porém, mesmo olhando do anteparo dessa lugar comodo, é preciso abrir sua mente e se livrar, ou pelo menos suspender momentaneamente algumas concepções que lhe dão segurança. Logo, se você acha que psicopata é um individuo desprovido de qualquer superego, de toda forma de pressão das normas sociais que regulam o sua libido, as suas pulsões sexuais, mais primitivas ou que o psicótico não possui uma padrões normais e anormais dentro da sua própria loucura, recomendo que se abra para hipótese em contrário. Ou já adianto, não vai entender a

psicose de Norman Bates; nem a visão de Hitchcock, ou a descoberta de Freud dessas camadas tão profundas da mente cuja disfunção ou desarmonia causaria o “mal-estar da civilização.” E sobretudo vai perder o seu tempo com essa leitura.

E já que sai mesmo do assunto para fazer bula, aproveito para também aconselhar fortemente o leitor que não viu o filme, a pular todos os parágrafos até onde eles estão marcados em negrito porque é só *spoiler*, e ver o filme, vale a pena. Quanto aos críticos de cinema que me desculpem, porque vou fazer com o filme, a mesma coisa que fiz com a obra de Freud e Platão: usar toscamente sem nenhuma preocupação em dar toda a dimensão da obra, apenas para chegar, sem nenhuma cerimônia (ou elegância) ao assunto que me interessa.

**Norman Bates é um dono de um hotel de beira de estrada isolado que entre um passarinho empalhado e outro mata as hospedes vestido como a mãe, Norma, que por sinal ele também matou e empalhou e com a qual mantém conversas ventrilocando a nada doce velhinha. Uma senhora ciumenta possessiva e castradora -de acordo com as lembranças, imaginação ou as duas de Norman- que odeia todas as “putinhas” que visitam o hotel- as quais é obrigada matar para proteger o filho dessas “vagabundas oferecidas”. Em suma, Norman Bates, é um esquizofrênico com dupla personalidade que interpreta e encarna a da mãe repressora morta, Norma, e que durante seus surtos psicóticos assassina as hóspedes pela qual sente tesão reprimido. E bota tesão reprimido nisto.**

***(...) A censura da mãe permanece presente em seu super ego, função delimitadora que nos mantém atentos para as regras sociais que aprendemos. Norman passa a manter uma vida***

*aparentemente normal enquanto dirige o seu motel, porém sempre que uma mulher se aproxima dele a censura sexual imposta pela castração psicológica realizada pela sua mãe vem a tona, de modo que o mesmo não desejando matar a garota devido aos supostos ciúmes que a mãe teria dele, ele mesmo assume o papel da mãe, e então é Norma quem mata e não Norman.*

*Esse desvio leva a criação de uma dupla personalidade, de modo que Norman jamais assumirá a realidade dos fatos. Ele é totalmente incapaz de aceitar o que fez e por isso existe a necessidade desta fantasia, de nutrir uma ideia de que ele não seja culpado de coisa alguma. Os ciúmes que sentia de sua mãe são transferidos para ela, de modo que age como se fosse ela que tivesse ciúmes dele e tentasse o obrigar a matar. Ele apenas limpa a sujeira deixada por sua mãe. Afinal de contas, qual o filho que não protegeria a própria mãe. (...) - Como Norman lidou com sua doença por tanto tempo sem ser pego?*

**Norman é ora seu ego impotente e paralisado, ora seu superego Norma que o domina completamente. A personalidade Norma não é uma construção consciente de identidade, mas justamente o oposto. É a incapacidade do eu reprimido e frustado em se dissociar do superego, encarnado pela figura da mãe opressora afundando em fantasias que emergem do inconsciente em explosões de fetiche violento.**

*A proximidade do nome é intencional; Norma e Norman são tão próximos que chegam a parecer uma única pessoa. Este tipo de relação entre os dois é que dará margem para a psicose de Norman. Uma vez que Norman era tudo para sua mãe, que nesta altura estava sozinha no mundo, ela também era tudo para ele. A*

***relação de ambos pode ser considerada incestuosa, uma vez que podemos considerar o incesto como uma relação parental em que não são definidos os limites de cada pessoa da relação. Ou seja, Norma e Norman se confundem, como se um fosse extensão do outro; este comportamento tomará forma nítida no comportamento psicótico de Norman, que nunca superará sua mãe, levando ela consigo em um quadro patológico onde ele não é capaz de discernir sua personalidade de sua própria mãe.(...)***

**Norman é um serial killer. mas não é um psicopata, é um esquizofrênico. Tem dupla personalidade e complexo de Édipo (outra ideia de Freud inspirado na cultura clássica grega). Norman causa sofrimento, mas ao contrário do psicopata ele também sofre. Não é está a condição nem o sofrimento de Norman. Ele não está fingindo ser ou tentando culpar a mãe para enganar as pessoas e satisfazer suas taras violando, violentando, e matando gente a seu bel prazer; não age ciente e sem culpa do que esta fazendo, desprovido de empatia pelo sofrimento alheio- nem o que assiste, nem o que ele mesmo provoca. Norman quebrou. Sua personalidade literalmente se desintegrou. É o rapaz tímido que deseja fazer sexo com uma mulher. E é a própria mãe repressora e possessiva a qual ele deve todo afeto, incluso o sexual, Norma.**

Enfim, resumindo, para quem teve que pular o *spoiler* não perder o fio da meada, psicopatia e psicose são duas psicopatologias bem distintas que não devem ser confundidas. Mas não tem problema. Porque é sobre tais distinções que iremos prosseguir.

**O estereótipo da psicopatia e sociopatia**

A menos que se entenda o sofrimento do psicopata num outro plano e sentido mais amplo e profundo do que só dor e prazer, o psicopata não sofre, pelo contrário ele justamente se caracteriza pela incapacidade de sentir ou sofrer com seus atos, embora possa sentir prazer e gozar com eles. Sofre portanto de uma outra condição miserável comum a todos que possuem traços de psicopatia. Um vazio existencial, um buraco negro de quem desprovido da sua capacidade sensível de compadecer do outro, é incapaz de compadecer, ou sequer compreender a sua condição mental como arcabouço claustro e sofrimento da psique. Uma condição mental onde o ser senciente desprovido ou amputado da sua capacidade de sentir o gozo de qualquer outra coisa que não a satisfação das suas próprias paixões não consegue nem fugir delas, nem satisfazê-las e se satisfazer, senão efemeramente, impingindo dor e sofrimento aos outros, matando, devorando, dissecando, desmembrando, parte do corpo e da “alma”, literal e simbolicamente, física e psiquicamente, tentando assim se apropriar do sentir e sentido da existência alheia que lhe falta a seu bel prazer.

Na verdade não consegue fugir nem evitar esses desejos não só porque não quer, mas porque seu querer, por falta de caminho neurais e campos mentais, por e para onde ir e querer ir, se resume a isso, satisfazer essa fome, que muito embora ele busque satisfazer racional e racionalizadamente, em plena uso da sua consciência, ainda sim o domina e constitui sua vontade de predador como desejo que se fixa como mania.

Um desejo maniaco que portanto que ele é capaz de controlar, mas apenas com o fim de satisfazer seu querer, mas sem jamais querer ou ver porquê pará-lo, já que não sente ou liga para a alma, vida ou sofrimento das vítimas e presas que para ele não passam de coisas, objetos de posse, ou passíveis de apropriação para satisfação das suas taras e fantasias-

explicitamente eróticas ou nem tanto- de violência e poder. Em suma o psicopata literalmente não tem compaixão nem solidariedade, ou a possui de forma extremamente reduzida e precária na em personalidade com traços psicopáticos- manifesta em comportamentos onde o sujeito reifica os outros sujeitos como seus objetos dos seus fetiches. De modo que emerge e prevelace é a fome do seu *pathos* e a pisque do caçador de gentes.

Na psicopatia, portanto, o instinto gregário da empatia está apagado ou pervertido. O psicopata: ou (a) não sente compaixão solidariedade ao sofrimento alheio, ou (b) em casos mais graves só consegue sentir prazer infringindo sofrimento aos demais. Contudo é importante notar que nos dois casos ele é capaz de perceber o que outros sentem, mesmo sua falta de compaixão, solidariedade é completa. Ele percebe e entende o que o outro sente ou sofre, porém, não só não se importa como é capaz de usa, manipula esses sentimentos ou mesmo simulá-los sem culpa ou remorso conforme tais emoções e fingimentos convenham a seus planos e interesses para satisfação dos seus objetivos, prazeres ou taras.

O psicopata portanto não só é capacidade de detectar o sentimento alheio, como também é de usar racional e planejadamente tais emoções que é capaz de inteligir, sem contudo nenhuma emoção- além é claro do prazer do ato em si de controle e manipulação para a consecução dos seus objetivos, ou na própria relação de dominação e poder. Logo, é lúcido e consegue fazer distinções morais e culturais do bem e mal, possui um superego, ao qual não dá a mínima, exceto no que ele representa de risco ou oportunidade a consecução de seus atos e planos. pois, assim como sua solidariedade essa moralidade não passa de abstração. Não uma sensação, um sentimento, não com a concretude e força dos seus desejos, taras e fetiches. Ou seja, com ou sem prazer diretamente envolvidos, com ou seus pulsões e taras eróticas ou de morte e violência explicitas, as

peessoas com personalidades e comportamentos psicopáticas se caracterizam pelo valor e tratamento predatório que dão aos outras pessoas, tomando-as como coisas e objetivos para satisfação dos seus desejos e objetivos, passando por cima ou usando os outros para conseguir o que querem sem freios, remorsos, culpa ou compaixão.

Notem, que não é um indivíduo furioso ou louco no sentido clássico que se torna cego, ou entra em transe, como se ego, sua razão apagasse e o id tomasse conta completamente de sua pessoa de modo que ele sequer pudesse saber ou responder depois pelo que fez. É a pessoa “ruim” no sentido clássico, que no pleno controle da sua razão, ciente tanto que os outros sentem ou do que sentem, e do que deve ou não fazer, ainda sim o faz, porque simplesmente não se importa ou deseja.

As taras, fantasias, perversões, compulsões mais bizarras, ou socialmente aceitáveis, não devem portanto serem confundidas com a psicopatia. Por exemplo, se um indivíduo mata seja pelo prazer de matar ou sem sentir absolutamente nada matando, o fator determinante do seu comportamento patológico não é se ele sente ou não prazer no que faz, mas que ele sabe e não sente absolutamente nada, não dá importância para o que fez, nem valor nenhum a vida que tirou. Se mata para fazer um casaco de pele humana, ou para comprar um que é feito de pele de bicho (que por sinal também sofre e morre), o tipo ou grau de insanidade dos seus desejos, manias e fetiches, não nos dizem exatamente o grau absoluto de psicopatia do indivíduo, isto é, o quanto seu instinto gregário e sua empatia estão prejudicados, mas sim quais hábitos e costumes que consideramos normais e aceitáveis e logo conseqüentemente quais traços de psicopatia presentes dentro da nossa própria sociedade e cultura como inconsciente coletivo, e cuja relativização permite ao psicopata viver como se fosse uma pessoa normal.

*(...) o psicopata não é um doente mental da forma como nós o percebemos. O doente mental é o psicótico, que sofre com delírios, alucinações e não tem ciência do que faz. Vive uma realidade paralela. Se matar, terão atenuantes. Já o psicopata sabe exatamente o que está fazendo. Ele tem um transtorno de personalidade. É um estado de ser no qual existe um excesso de razão e ausência de emoção. Ele sabe o que faz, com quem e por quê. Mas não tem empatia, a capacidade de se pôr no lugar do outro.*

### ***Da Psicopatia***

*A psicopatia não é visivelmente uma patologia como é o caso explícito da psicose. Os psicopatas ao contrário do que se pensa têm a real consciência do que estão praticando e, sentem prazer em praticar a maldade a quem cruza o caminho deles, sem remorso algum. Até profissionais da área, como os médicos psiquiatras, que já estão habituados a todas as armadilhas de quem têm esse tipo de transtorno, podem cair “nos encantos deles”. Eles são os mestres da encenação; são os atores da vida real.*

### ***Do transtorno psicopático***

*Psicopatia é o “câncer da psiquiatria”. É um transtorno grave e não tem cura. Passam tranquilamente como sujeitos sociáveis. Segundo dados internacionais, os psicopatas são 4% da população, 1% serial killers, (os que cometem assassinatos em série). Mesmo os psicopatas mais “brandos”, que fazem pequenas maldades, não têm cura. E definir pequena maldade é subjetivo. Para uma pessoa a atitude e comportamento de um sujeito pode ser uma pequena maldade, na contrapartida, para outra, a mesma atitude pode ser sentida com mais intensidade e causar um dano mais sério.*

*“Apesar do ainda controverso tema da existência do instinto agressivo em nossa espécie, pelo menos entre as teorias psicanalíticas não há dúvidas sobre a natureza da compulsão à repetição e características sádicas de suas manifestações descritas por Freud no célebre ensaio: Além do princípio do prazer, 1921.”*

*A maioria das maldades do psicopata é de caráter psicológico e não físico. Por isso, suas vítimas em potencial são àquelas pessoas generosas. (...) Às vezes, a dor psicológica dói até mais. Esses seres são monstros em pele de cordeiro e estão em todas as camadas sociais. Eles podem ser desde um falso colega de trabalho oportunista, que vive se fazendo de vítima, trapaceiros políticos, empresários, religiosos, filho (a), esposo (a). No entanto, escondem tais características de forma que socialmente são vistos como pessoas normalíssimas, cujos verdadeiros instintos ninguém é capaz de desconfiar.*

### ***Do tratamento para a Psicopatia***

*Psiquiatras alertam que, o tratamento para o psicopata não funciona, inclusive, intensifica a maldade com o tratamento. Os psicopatas são inteligentes. Eles usam o conhecimento adquirido na análise para aperfeiçoar ainda mais a maldade. Com mais conhecimento eles irão ferir mais intensamente as pessoas que estão a sua volta. A psiquiatra Ana Beatriz Barbosa, afirma: “O grande tratamento para os psicopatas é a postura que temos com essa pessoa”. A grande arma da sociedade, segundo a médica psiquiatra, é não tolerar a impunidade. -**TRANSTORNO DE PERSONALIDADE PSICOPÁTICA X TRANSTORNO DE PERSONALIDADE PSICÓTICA** “**Luzziane Soprani***

**E os “normais”? O estereótipo do neurótico ao do psicótico**

Sério? Quê normais? Para Freud somos todos neuróticos em maior ou menor grau de sanidade ou insanidade. A diferença entre a pessoa normal, cheia de “neuras”, manias, fobias, ansiedades, compulsões, a neurótica, e o a louca, a psicótica, com manias de perseguições, grandeza, alucinações, vozes e múltiplas personas e personalidade a vigiar e tomar conta da pessoa é uma diferença de noção da realidade, ou mais precisamente do grau de fantasia da sua concepção do real.

Tanto a psicose quanto a neurose seriam resultado de um processo de desenvolvimento tomado como se fosse o próprio processo natural de crescimento ou formação da personalidade. A construção tanto simbólicas e emocionais da pessoa e do mundo; do real e do imaginário, nas noções de eu e os outros, realidade e fantasias. Um processo considerado inescapável de castração, frustração e repressão dos desejos e vontades mais instintivas, durante a aculturação, socialização e familiarização a vida civilizada, que produz perdas insuperáveis. Perdas e traumas que a pessoa neurótica supostamente normal reprime envia para as camadas mais profundas do inconsciente, formando as neuroses que retornam a ela na forma de sentimentos angustiantes ou comportamentos estúpidos que a pessoa não consegue se livrar nem sequer entender suas causas, as quais transfere como culpa ou solução para os demais, seja o mundo inteiro ou alguém em especial. Tal proceder é considerado “normal e necessário” para adequação da pessoa a vida civilizada, e da transformação da criança num adulto funcional. E a incapacidade de efetuar o mal da esquizofrênica.

*(...) Na teoria freudiana, aprendemos que na esquizofrenia (um tipo clínico da psicose), as palavras são tomadas como coisas. Pois há um investimento exacerbado nas representações destas palavras, que não são inscritas de forma representada no inconsciente do paciente.*

*É essa a diferença determinante na psicose. O que é vivido como traumático, como afetivamente intenso pelo psicótico, não ganha uma representação capaz de favorecer o escoamento energético ou a vinculação desse excesso a uma ideia, a uma representação. As palavras são reais.”*

*A autora explica de forma clara a diferença entre a neurose (lembrando que neuróticos somos todos nós, disse Freud, em maior ou menor grau) e a psicose. Enquanto na neurose o conteúdo traumático é recalçado (ou enviado ao inconsciente), e o recalque retorna, sob a forma de sintoma (no corpo) ou como pensamentos (angústia). Já na psicose, um fragmento ruim da realidade concreta é rejeitado e substituído por um delírio. A diferença se daria não no rompimento com a realidade, mas na forma de restaurá-la.-*

***Neuróticos somos todos nós!***

A esquizofrenia por outro lado se assemelha a loucura propriamente dita. A empatia não está desligada. O esquizofrênico não só se sente e sofre, como por sentir e sofrer demais por vezes surta. Ele literalmente cria um outro mundo como outras pessoas e entidades, as quais interpreta e enxerga seja como fuga de representações da realidade e personas que da qual foge ou lhe persegue. Representações de desejos e memórias, de experiências e traumas, que supostamente deveriam ter conseguido lidar e absorver para constituir o seu eu e seu mundo, mas que ao invés disso o assombram como sonhos e pesadelo acordados.

Na psicose o ego, a razão literalmente se perde e desintegra completamente da noção de realidade. O ego perde o lugar ao id ou superego, e a personalidade se quebra e fragmenta num mundo de ilusões e fantasias que ganham a concretude da realidade como delírios e alucinações. Platão diria que o condutor da biga não mais guia é guiado. Não raciocina, racionaliza. Não raro sua personalidade se fragmenta em tantos papéis distintos quanto são as forças e demandas contraditórias

dos desejos e preceitos que tomam forma de possessão e ditam a fantasia. Suas paixões e preconceitos ganham voz, personalidade e corpo, que dão ordem e possuem o próprio corpo, do além ou de dentro dele mesmo. Anulam seu eu, seu ego que passa a personificar seus id ou superego, embotando sua razão que passa de senhor a servo dessas paixões instintivas ou preceituais, construindo visões da realidade que sustentem tais fantasias.

### ***Da psicose (Esquizofrênica)***

*Culturalmente, o esquizofrênico representa o estereotipo do “louco”, um sujeito que produz grande estranheza social devido ao seu desprezo para com a realidade. A esquizofrenia é uma doença psiquiátrica que deve ser diagnosticada e tratada rapidamente. Ela se caracteriza por alterações no pensamento, no afeto e na vontade. Os principais sintomas são: delírios, alucinações e retraimento social. Delírios são ideias distorcidas, irreais, que o sujeito acometido pela doença percebe como reais, como as manias persecutórias. No transtorno psicótico, o sujeito se sente perseguido. De repente, a pessoa cisma, por exemplo, que o FBI o está perseguindo. Tudo que ocorre a partir de então, gira em torno dessa ideia delirante. Outro aspecto diagnosticado no TPP (esquizofrenia) é a mania de grandeza e místico-religiosos.*

*O esquizofrênico age como alguém que rompeu as amarras da concordância cultural, menospreza a razão e perde a liberdade de escapar as suas fantasias.*

### ***Dos sintomas psicóticos (esquizofrênicos):***

*É importante ressaltar que esquizofrênicos se isolam e diminuem a interação afetiva. Esquizofrênicos têm mais dificuldade para interagir socialmente e acabam se isolando. O transtorno cursa com períodos em que os sintomas são mais intensos (episódios psicóticos agudos), mas quando tratados perdem intensidade (fase de estabilidade) e a pessoa leva uma vida praticamente normal. A psicose surge em sujeitos com predisposição genética a desenvolver a doença. Apresenta características como: delírios e/ou alucinações. Vale ressaltar que a família ao perceber esse tipo de comportamento, deve levar o sujeito ao psiquiatra para que seja feito o diagnóstico e estabeleça um tratamento. Quanto mais cedo o transtorno for diagnosticado e tratado, melhor a evolução do tratamento. A rapidez é importante para uma melhor qualidade de vida.*

*Segundo alguns especialistas, aproximadamente 1% da população são acometidos pela doença, geralmente iniciada antes dos 25 anos e sem predileção por qualquer camada sociocultural.*

### ***Das diferenças entre psicopatas e esquizofrênicos:***

*O psicopata tem um déficit no campo das emoções, é incapaz de sentir amor e/ou compaixão, é indiferente em relação ao outro — já o esquizofrênico é o oposto, ele tem afeto em excesso, é extremamente sensível e, de tanto sentir e não se expressar, surta. Mas, isso não isenta o psicótico de cometer algum tipo de crime, se, porventura, ocorrer um surto psicótico.*

*No caso do psicopata, ele não enlouquece nunca, pois não tem afeto, é embotado. Ele não é capaz de se colocar no lugar do outro e sentir a dor que ele provocou. Mas o problema dele não é cognitivo, a razão funciona bem, ele tem a capacidade plena de distinguir o que é certo e o que é errado. Tem certeza que está infringindo a lei, mas não se importa com isso e até calcula os*

*danos para saber o custo-benefício da ação.-***TRANSTORNO DE  
PERSONALIDADE PSICOPÁTICA X TRANSTORNO DE  
PERSONALIDADE PSICÓTICA “Luzziane Soprani**

Assim, podemos dizer olhando do ponto de vista de quem aperta os parafusos, e não de quem tenta consertar os parafusos soltos que loucos e psicóticos não passariam assim de neuróticos fracassados... e logo os neuróticos psicóticos prontos para surtar, tudo depende o quanto você aperta e a capacidade do submetido a sessão de suportá-la. Adultos psicóticos foram um dia crianças que não “conseguiram aguentar” os traumas dos ritos de passagem e aprendizagem que servem para fazer delas adultas, e de todos nós selvagens, civilizados- doentes e doentios, cheios de neuroses mas civilizados. Não recalcaram devidamente seus instintos e desejos irrealizáveis na inconsciência dos sonhos e vontades frustradas das representações neurotizante do normal. E assim ao invés de recalcar tais traumas e frustrações e vivenciá-los como representações inconscientes de desejos reprimidos e seus sintomas, passaram reviver todo essa luta no plano concreto do sensível, como delírios e fantasias onde não só os desejos ganham corpo e lugar, mas com muito mais força e predominância as repressões e figuras repressoras na forma de alucinações.

Os traumas e frustrações que habitam o inconsciente do neurótico como sentimentos e representações, emoções e signos, no do psicótico se manifestam como sensações sensoriais tomando a forma de coisas e entidades e eventos delirantes; fantasias de fuga da realidade, onde o imaginário idealiza o real, e não enxerga as coisas ou só enxerga seletivamente o que quer ver, onde não raro, eventos e entidades persecutórias os assombram, lhe dão ordens, vigiam perseguem, punem tentando controla-las e possuí-las e por vezes conseguindo, em episódios

de surtos psicóticos- muitas vezes provocados pela tensão ou eminência da quebra da bolha que os protege.

É como se o psicótico não conseguisse suportar e assimilar a pressão das normas e normalizações ou a forma com que se impõe e são impostas a ele. Não consegue processar nem aderir ao processo de socialização e familiarização pelo condicionamento do seus instintos aos egos superior e alheio, internalizando-os como representação simbólica dentro da inconsciência em formação como o superego do normótico. É como se o superego do psicótico ao contrário do neurótico assumisse um forma sensível monstruosa que ao invés de assombrar seu sonhos e imaginário frustrados e reprimidos assombra suas visão da realidade como entidade sensível e concreta.

E de fato o é, para ele. Assim como é a ilusão de movimento do cinema, é para o espectador. A visão de realidade, e sua sensação são a referência da concretude do real seja para o louco seja para o normal. De modo que nem sempre a alucinação do psicótico assombra só suas fantasias do real, mas simplesmente seu mundo sensível mesmo quando ele ou sua visão se assemelha a percepção das pessoas normais. Assim como as pessoas normais não estão livres de surtos psicóticos, quando expostos a uma combinação de condições extremamente vulnerabilizantes e estímulos desestruturantes. Por exemplo, a combinação de drogas alucinógenas ou desinibidoras, ou situações de extrema tensão ou trauma sobre um psique envolta por cultos e culturas repressoras e delirantes podem ser respectivamente toda a faísca e a pólvora que as neuroses da psique explodam em surtos psicótico.

**Sob o efeito de drogas, jovem arranca os próprios olhos em frente a uma igreja**

Kaylee Muthart, uma jovem de apenas 20 anos, protagonizou uma cena chocante em uma rua em Anderson, na Carolina do Sul...

[www.metrojornal.com.br](http://www.metrojornal.com.br)

### **Normose: Do neurótico ao psicótico**

Nada mais perigoso que a administração e consumo de drogas psicotrópicas e ideológicas. Principalmente quando a vida é uma droga. Não como sinônimo de uma vida percebida como condição prejudicial a saúde, mas literalmente narcotizada, seja anestesiada perante tal condição ou mesmo transtornada por tais meio e relações capazes de impactar o aparelho sensorial, emocional e cognitivo tanto até ou mais que algumas substâncias. O potencial narcótico das situações vivenciadas tanto cotidianamente quanto exceccionalmente para junto com as narrativas ideológicas alterar percepções e comportamentos, até o limite da despersonalização e perda de noção da realidade e interatividade.

Embora, seja anciente o saber que é possível induzir imediatamente estados alterados da percepção e intelecção tanto via administração e consumo de certas drogas, inibidoras, desinibidoras ou alucinógenas, provavelmente mais antigo ainda é o saber que também é possível induzir esses estados mentais através de experiências de grande privações ou forte estresse fisiológico e logo através da manipulação do meio ambiental, social e pessoal que provoquem tais alterações.

Ritos e rituais de passagem, processos de aprendizagem, sessões de tortura, ameaças repentinas ou constantes produzem memórias emocionais capazes de construir novos padrões que podem alterar, romper ou reforçar antigos padrões, seja como tendências comportamentais inatas ou mesmos predisposições a laços interpessoais

e sentimentos. Tais estados podem também ser gradativamente produzidos de forma mais lenta e gradual através da introdução de hábitos, costumes, que se constituam em novos e diferentes estímulos sensoriais, cognitivos e emocionais ou reforço aos as predisposições já desenvolvidas. Assim tão anciente quanto o uso de drogas alucinógenas é o uso da própria manipulação da realidade como vetor da produção dos estados de alteração da percepção, cognição e emoção. O saber que, com estímulos fisiológicos ou ambientais é possível tanto desencadear aprendizado de desenvolvimento de novos padrões mentais quanto sua inibição ou fixação nos preestabelecidos e predispostos como condicionamento comportamental é uma noção ao menos tão antiga quanto a próprio advento da domesticação do homem do pelo homem, tanto pelas suas relações quanto pelo condicionamento das suas condições de vida.

Neste processo o trauma e a neurose não são efeitos colaterais, mas procedimentos essências a formação dessa cultura e educação dessa civilização, onde a evolução do homem não se opera do homem sobre si mesmo como processo de adaptação a sobrevivência, mas como processo de reprodução do seu predomínio sobre outros homens, geração sobre geração.

Provocar experiências e vivencias que não deem chance a resistência e quebrem os padrões instintivos; que não permitam que a pisque do outro se adapte e construa outros padrões e respostas alternativas, é a base para introjeção da vontade do outro como submissão na psique alheia. O fundamento tanto para a criação do superego quanto da neurose como condição patológica normal do homem civilizado, ou em termos mais precisos da condição normótica homem domesticado.

Um procedimento onde o superego não se constitui como uma mero conjunto de normas ou memórias de doutrinações, mas como uma força interior auto repressora, capaz tanto de desmobilização as suas vontades instintivas indesejadas, quanto receber e processar constante a ordens externas reconhecidas como de autoridade. O grilhão inconsciente da banalização da da servidão “voluntária” onde a submissão e obediência são processadas como normalidade e realidade, quanto a própria porta dentro inconsciente onde essa ordem é constantemente reprocessada.

A loucura, a psicose seria produto da incapacidade ou recusa em efetuar esse procedimento de adequação a normalidade neurótica tomada como realidade que vai se manifestar justamente primeiro como resistência e luta instintiva condicionamento familiar e social. Incapazes de impor suas vontades e manias como norma e realidade, de se impor ou contrapor a ditadura do real e normal, o esquizofrênico então literalmente quebraria frente ao processo de domesticação do homem pelo homem que faz de nós selvagens, civilizados. Não conseguem aceitar o real como normose neurótica insuportável a sua sensibilidade. Nem conseguem elaborar criativamente uma resistência ou interpor uma outra forma de realidade e relacionamento e formação da sua pessoa e personalidade. O que obvio, são crianças!

E tem gente que ainda não entende porque em sociedades onde a repressão e o autoritarismo são prevalentes, tanto a neurose quanto os surtos psicóticos são estaticamente mais altos, por vezes próximos aos índices que tais civilizações só conseguem atingir em combatentes militares e vítimas civis de guerras.

Embora tais eventos ocorram sempre no âmbito das relações pessoais, antes desse choque educacional e civilizatório se reproduzir no plano do social e familiar. Ele se produz originalmente no choque entre povos,

raças e culturas; modos e formas de viver que passam a conviver não raro algum de forma forçada e subjugada ao outro após perder a disputa pela prevalência e controle do território. E se nas crianças esse processo de domesticação tem grandes impactos patológicos, quando esse choque entre visões e sensibilidades do ser e do mundo se dá entre adultos e culturas formadas e não entre gerações, onde a introjeção dos controles psicológicos não são tão maleáveis e efetivos, o resultado geralmente ou o genocídio ou o etnocídio do aculturado. E os impactos dessa vivência não só no inconsciente coletivo dos domesticado mas também dos domesticadores já agora integrados como classe de uma mesma sociedade embora não seja igual nem em condição nem proporção é brutal e alterador de ambos, tanto da sua concepção normal do “eu” quanto do próprio “real”; tanto como normose neurótica tendendo a psicose, quanto normose psicopática tendendo a sociopatia.

Uma fábrica de neuroses e neuróticos a serviço da normalização alienante de uma maioria em favor de uma minorias de alienistas, que por mérito. O mérito da sua psicopatia. Sim a psicopatia, porque para a homem racional, ciente e sua ciência compreender a psicopatia teria que levar a si mesmo para o divã, teria que sair da sua condição superior de sujeito das suas concepções, e se fazer o objeto de estudo das suas próprias preconcepções. Teria que tomar ciência crítica do sua sciência e ao fazê-la alterar o estado da sua percepção e de si e do mundo, bem como mentalidade e plasticidade mental cristalizada na certezas dos seus egos e superegos. Teria que reaprender a lidar e respeitar não só com seus instintos e libidos, mas apreender a viver e conviver com as forças de todos os seres naturais dotados da mesma anima e vontades. Não num plano de anulação do seu mundo simbólico, mas de ciência de esse mundo não é o real, mas sempre uma fantasia perante o sensível que ele não pode assimilar nem internalizar nem controlar nem com seus egos, nem superego, nem como homem nem super-homem: a existência.

Para a psicanálise é impossível curar a psicose, apenas tratá-la. Freud nem em tratamento acreditava, já que o paciente psicótico não era capaz de fazer a transferência para o terapeuta. No entanto a psicanálise deveria ser mais autocoerente e dizer o mesmo do tratamento das neuroses normativas e dizer que não há como curar a pessoa das neuroses, livrá-las daquilo que é a base da dinâmica estruturante tanto do que a personalidade normal e civilizada quanto do compromisso dos saberes com o progresso dessa forma peculiar de civilização.

Normal? Normal para quem, cara-pálida?

### **Cura? O pathos de uma civilização sem ethos**

Complexos, histerias, neuroses, psicoses, perversões não são apenas estereótipos da interpretação racional da psique pela psicologia, mas construções psicológicas produzidas pela domesticação e fabricação do homem pelo homem, no processo civilizatório da sua formação e autoconformação cultural, social e familiar. Ou seja, a psicologia antes de ser o domínio do saber da psique, foi e continua a ser o domínio da psique e suas formas de dominação- ciente ou não disto como ciência.

Antes de ser ciência, e antes mesmo de ser técnica, o saber da psique, já era saber aplicado, como metis, na formação e conformação das psiques. Antes de ser pensada para curar ou remediar os estragos que o domínio da psique produziu foi, e continua sê-lo, fábrica de métodos de dominação e conformação do eu e realidade do alheio como objeto das vontades de outro sujeito. E continuará a ser, enquanto o compromisso com a sanidade da pessoa humana estiver subordinado a esse peculiar progresso civilizatório que divide os seres em sujeitos e objetos inclusive de estudo e análise. Progresso entendido como a eliminação da natureza selvagem e sua substituição pela supremacia de uma sociedade artificial

de senhores e escravos, de pessoas a sujeitar e se sujeitar como objetos. Uma civilização de psicóticos e neuróticos dominada por psicopatas, e esquizofrênicos que se acham normais a idolatrar esse persona dentro e fora do eu. Um *pathos* do poder e violência racionalizado no lugar de um *ethos* onde a vida e liberdade são naturalmente sagradas.

O homem racional que fabrica a loucura precisaria colocar a si mesmo no diva, mas é provável que se tivesse coragem de analisar e tratar a si mesmo como olha e trata os outros e fosse honesto terminaria como o alienista de Machado de Assis, soltaria todos os loucos que ele marginaliza e aprisiona e trancaria a si mesmo no hospício. É por isso que a psicopatia é o unicórnio do homem racional. Ela consegue passar indetectada como normalidade; absorver o saber psicológico e manipular o manipulador. Porque os caracteres que compõe essa personalidade são os mesmo que a sociedade endeusa e demoniza dependendo de como esse forma ser como poder se volta contra ela. Vontade de onipotência, onisciência, onipresença são caracteres que formam a vontade de poder tanto do psicopata quanto da civilização. Assim, quando um analista normótico treinado para emular uma personalidade capaz de olhar friamente para um ser vivo como objeto e dissecá-lo; capaz de simular essa inteligência e usar a emotividade e empatia do outro para os fins e objetivos que sua razão planeja; quando se defronta com uma personalidade psicopática, ele não está em frente a um espelho, uma emulação neurótica, ele está diante de uma mente mais adaptada para manipular e dominar o alheio que quanto mais inteligente mais perigosa é. E a ilusão de controle da situação, se torna apenas mais uma vantagem a ser explorada pelo predador nato, que como diz o ditado popular sabe “se fazer de morto para comer o cu do seu coveiro”.

O observador neurótico vai olhar para o abismo, mas o abismo psicopático vai olhar para dentro dele. E enquanto o neurótico na sua

ilusão de relação de poder vai busca o backdoor para entrar nesse universo e fazer desse sujeito seu objeto, o psicopata que não tem esse backdoor, que vai hackear o dele. O psicopata não sofre da doença da normose. Ele é um dos vetores que a dissemina. É o vírus capaz de rodar essa programação no sistema operacional tanto no servidor quanto no terminal dos normais. É o pesadelo dos neuróticos e a alucinação persecutória dos psicóticos encarnada. É o alterego do superego. A mente desenhada para assumir o controle, possuir, vigiar, perseguir e usar e anular a pessoa do alheio. Como ele faz isso? Exatamente como aranha tece sua teia.

O quanto a evolução da personalidade psicopática é responsável pela introjeção dos superegos, ou só aprendeu a tirar vantagem oportunisticamente durante o processo civilizatório é algo a ser analisado com mais profundidade. Mas que a valorização de traços e caracteres psicopáticos na personalidade daqueles serão responsável por conformar o pensamento e comportamentos dos demais é um fator determinante tanto a constituição do superego quanto das relações hierárquicas de poder e autoridade que constituem essas sociedades, isso é dado inegável. É evidente que tais processo uma vez estabelecidos se retroalimentem como sistema de reprodução das personalidades e suas afecções. Neuroses e psicoses alimentadas por psicopatas e psicopatas que parasitam de neuroses e psicose para se manter, satisfazer, e reproduzir a si e seus objetos, e suas relações a superestrutura das mentalidades tanto como psique, quanto cultura da própria sociedades.

A psicopatia antes de ser o produto de uma personalidade, emerge das relações interpessoais. A base da relação psicopática, não é a falta de percepção-intelecção da sensibilidade alheia, é pelo contrário o conhecimento e exploração desses sentimentos. A relação de poder psicopática é constituída pela exploração da empatia e instinto gregário

como vulnerabilidade por aquele que tem sua sensibilidade reduzida ou pervertida. Ou seja é invulnerável emocionalmente ao mal que provoca, sendo portanto capaz de racionalizar e justificar em seu ideológico as piores atrocidades e monstruosidades que pratique, embora não o faça para si, mas novamente como o lobo da parábola de esopo apenas para manter suas vítimas mais tranquilas enquanto caminham a ele para o abate. Piedade? Não menor resistência e custo, logo mais eficiência e economia.

Não é toa que psicologia só pode remediar seu homem civilizado, e não curá-lo. Curá-lo seria o mesmo que libertá-lo da civilidade que o mantém sobre esse império dentro desse domus que antes de tudo é mental. O conhecimento da psique simplesmente não quer se desvincular do compromisso com a civilização que instaura seu saber como poder, não quer abdicar da posição de controle e poder. E mesmo que quisesse consertar o que destruiu, não poderia porque o que foi destruído não se recupera, não na pessoa.

A esquizofrenia na teoria freudiana não é só um pesadelo ou uma fantasia, é toda a projeção de uma análise como delírio neurótico completamente impotente para superar e se livrar do domínio dos seus próprios fantasmas, se libertar da própria inconsciência coletiva psicopática que a reduz a mero instrumento de reprodução desse padrões como organização e forma de vida... desequilibrada, doente. E assim como o psicótico o neurótico pode apenas se tratar e cuidar como um alcoólatra, vindo a se tornar um pós-neurótico. Mais ou menos como no filme mente brilhante onde o protagonista aprende a lidar com suas alucinações tornando-se consciente delas enquanto tais, o neurótico não tem como se livrar das suas neuras. Porque que mesmo que desconstrua seu superego e ego, seus instintos, paixões, desejos e vontades jamais retornam ao estado original. É uma questão de entropia. O cristal

quebrado não volta a ser o que era, nem colado é o mesmo cristal. Para corrigir isso só nascendo de novo, ou sendo mais otimista não destruindo a pisque de mais uma geração.

As ciências que estudam a pisque humana, são incapazes de compreender a psicopatia, porque são incapazes de ver a própria morbidade e deformidade patológica de valores que a produzem ambas patologias do pensamento destituído. Não podem admitir que os caracteres que caracterizam o psicopata, são os mesmo que a sociedade e o saber valoriza como potencial e razão. Que não se guiar pela sensibilidade e efetuar cálculos baseados em objetivos ignorando as afeições dos outros sujeitos tomados por meios e objetos é a base tanto do poder quanto do saber enquanto tal, inclusive onde qualquer relação empática entre o observador e o objeto de estudo é um erro não só metodológico mas ético.

Não é a toa que quanto mais autoritária é o poder sobre uma sociedade mais histérica e neurótica e psicopáticas se tornam suas vítimas, e mais psicopático desprovido de solidadriedade e compaixão e remorso se torna o poder e os poderosos. É impossível a quem ocupa posição de autoridade e poder entender o mal da psicopatia, pelo simples fato de que ele não o reconhece como mal, mas como o bem, a força e valor maior, o poder que idolatra e que consubstancia e racionaliza seu estado de inconsciência dessa usa patologia que não é outra que não o tesão por si como poder, o domínio do eu, sujeito como matriz da realidade do outro e do mundo. De modo que não é só de medico e de louco que todo mundo tem um pouco, mas de alienista e alienado, de piscopata e psicótico.

Não é a toa que toda a evolução da sociedade dependa tanto loucos em gênios enlouquecidos de todas as formas de arte, criação sobretudo de si mesmo e de novos mundos que não existem. Capazes de dar forma concreta, sensível a usa vontade de ser e criar, porque o normal é não é só

uma apologia absoluta da mediocridade, mas da servidão por trauma, mutilação e condenação da própria sensibilidade, identidade ao mundo dos sonhos mortos e esquecidos no pântano de uma inconsciência coletiva da frustração, inveja e amargura.

Quantas sensibilidades geniais não foram trituradas até a psicose e morreram presas e internados por pais neuróticos e sociedades e senhores psicopáticos? Quantas gênios e artistas, quantas crianças não foram sacrificadas na pira das normas e normalidade neuróticos por seus pais que sonhavam em ver seu filho como mestre e senhor ou numa mínimo mais fiel devotado a humanidade como colmeia ou colônia dos homens. Assim, se o louco psicótico é neurótico que deu errado, o gênio é louco psicótico que deu certo.

Quantas vezes o ser humana se viu neste dilema? Entre se livrar da neurose, psicose e psicopatia e abandonar as fantasias e entidades esquizoides, neuróticas e psicopáticas que compõe tanto a superestrutura egoica externa ou internalizada como complexos que efetua o domínio sobre a grande colônia humana, ou ficar com seu poder, status e posses dentro dessa colmeia? E quanta vezes não escolhe o estar ainda que mal dentro dessa civilização? Experimentou o terror absoluto do vazio, e medo desconhecido frente a possibilidade da sua própria libertação como construção independente de si e do mundo como novo?

Se pensarmos que a fabricação da normalidade como normose, o processo de formação das neuroses como adaptação as frustrações como condição sine qua non para formar e conformar civilizados as condições dadas ou preconcebidas como status quo. Nenhum progresso civilizatório dentro desse domus, jamais poderia ocorrer sem a inconformidade com esse processo domesticatório. A normose é por definição um processo de conformação através da submissão e redução da libido criativa a sonhos

frustrados e domesticados pela norma do preconcebido enquanto vontade dos egos preestabelecidos como superestruturas dentro e fora do mente, como um eu superior e realidade insuperável. Tornar-se normal é adaptar-se ao mundo como ele é, evoluir é mudar o mundo e sua existência pela vontade de vir-a-ser. Uma evolução e re-volução que depende da volição dos insanos que foram capazes para o bem ou para o mal dar concretude real a suas fantasias para além dos sonhos, visões e premonições, como utopias. Utopias que se fizeram realidade. Em contraponto nas distopias, não há pesadelo pior no inconsciente coletivo das pessoas normais, que o apocalipse e o inferno. A invasão e destruição da humanidade, a prisão e sofrimento eterno das almas nas mãos de seres monstruosos, maléficos e demoníacos. Das definições dessa abstração chamada demônio, a melhor definição desses anjos decaídos é a do filósofo mediável Tomás de Aquino: inteligências puras destituídas daquilo que nos faz humanos: alma que antes de ser uma abstração, um processo mental ou computacional compartimentado, é um fenômeno integrado, a psique.

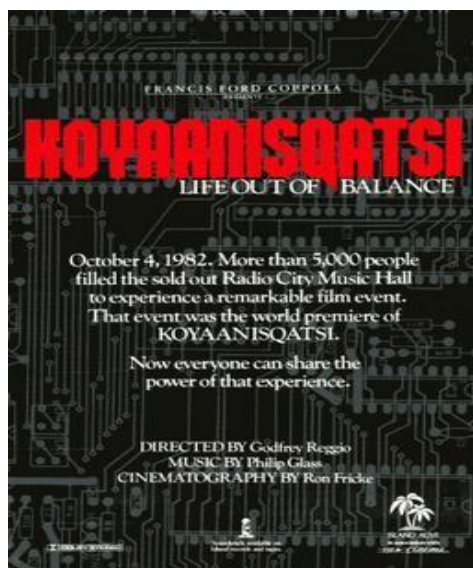
Até porque as fronteiras que separam os campos da psicopatia, neurose e psicose são tão graduais quanto aquelas que constituem a própria sensibilidade, inteligência e consciência, da nulidade da primeira, até os maiores níveis de manifestação da última. Não existe inteligência sem sensibilidade, nem consciência sem capacidade de entender. E a diferença entre os seres vivos mais complexos dotados das três para os mais simples praticamente dotados de nenhuma, e ditos inanimados ou não mais seres, mas coisas, o que existe como fenômeno é uma diferença de grau, porque as classes e espécies, relativas e subjetivas são o produto da abstração, o real enquanto construto mental.

A linha entre a normose neurótica e a psicose esquizofrênica, é tão tênue quanto a mente humana é vulnerável ao condicionamento emocional e comportamental via manipulação cultural e informacional. Por isso

quando dizemos que nossa sociedade, neurótica e histérica, está se tornando cada dia mais esquizofrênica e psicopática, estamos na verdade só construindo uma metáfora sobre nossa inconsciência como coletivo, mas uma metáfora a representar não um devaneio ou ficção, mas descobrindo e revelando uma condição real como saber. Um fenômeno ao qual todos estamos submetidos como condicionante da nossa psique, e um saber que mal nos demos conta ainda.

Que fenômeno é esse? Qual é a sua origem? Um fenômeno das psiques conectadas umas as outras tanto em sua inconsciência coletiva quanto pelas representações ideológicas do real que constituem tanto a psicologia das massas quanto condição quanto saber. Saber que antes de se descobrir e constituir como ciência, já era o domínio da técnica; o saber como instrumento de dominação e domesticação do homem pelo homem não só passado de geração para geração, mas reproduzido de geração sobre geração.

A gênese de um fenômeno que só estamos a começar entender o que é e que fim nos levará. *Koyaanisqatsi*.



## **Parte II: O desequilíbrio da vida**

### **Capitalismo Selvagem**

Rousseau em seu Discurso sobre a Desigualdade dizia que o primeiro homem que cercou a propriedade fundou a civilização e seu mal. Não ele não dizia exatamente isso, mas algo parecido com isso:

O primeiro homem que cercou um pedaço de terra e disse que era sua propriedade e encontrou pessoas que acreditaram nele foi o fundador da sociedade civil. Daí vieram muitos crimes, muitas guerras, horrores e assassinatos que poderiam ter sido evitados se alguém tivesse arrancado as cercas e alertado para que ninguém aceitasse este impostor. Não podemos esquecer que os frutos da terra pertencem a todos nós e a terra a ninguém”

Bonito, mas ingênuo. Mas Jean-Jaques não entendia nada de capitalismo, a começar pelo selvagem, logo nem da mentalidade selvagem por trás do verniz civilizado do capitalismo. Propriedades naturais não produzem nem reproduzem sozinhas, nem muito mais do que podem até morrerem ou se esgotarem. Só Servos, escravos, maquinas e autômatos fazem isso por quem possui o saber para domar e desnaturar a ambos.

Ao contrário do mito do selvagem do “bom (ou mal) selvagem”, e de toda narrativa histórica prepotente subliminar, a grande descoberta que permitiu o desenvolvimento do nosso modelo de civilização imperial predatório, violento e supremacista, a saber: a caçadora, branca e patriarcal não foi o fogo, a roda, a escrita, a arte, o simbólico, o divino, nem muito menos a cerca e logo as propriedades encercadas. Não foi nada disso. Não foi nenhuma ferramenta, nem mesmo a primeira

inventada pelo homem, a alavanca, que antes de Arquimedes alegar que com ela e um único ponto de apoio poderia mover o mundo, serviu para abrir a cabeças de outros homens... literalmente. Por sinal a dele própria, morto pela espada, uma alavanca mais afiada muitas vezes só para a execução dessa finalidade em específico, matar outros outros. Porém não também a violência que permitiu o advento da civilização. Nem a violência nem a propriedade, embora toda a civilização esteja assentada em ambas ou mais precisamente na combinação das duas: propriedades excludentes subsidiadas pelo posse e uso (de preferência monopolial) da violência.

Sem dúvida o poder de satisfazer suas necessidades através da violência racionada premeditada e racionalizada, a base da psicopatia e também da cultura dessas tribos e clãs humanos, pedra fundamental das suas conquistas, mas não sozinhas os pilares que levaram elas a colonizarem as demais populações e se fazerem civilizações imperiais. Não, não foi a propriedade nem o uso da força de fato, não foi a supremacia da violência como agressão ou privação dos submetidos, o fator determinante, o advento que permitiu o desenvolvimento daquilo que conhecemos como sociedades civis ou civilizadas. Não foi a “descoberta” da propriedade sobre as coisas que permitiu o advento da civilização, mas a “invenção” das pessoas como coisas, o advento das técnicas de domesticação do homem sobre homem que permitiu constituir toda a força que ergueu, construiu e ainda sustenta suas propriedades como capital: a servidão e escravidão.

A capacidade de ser matar, pilhar e violar fria e racionalmente e planejadamente sem tremer, se arrepender ou parar, é sem dúvida o atributo que ainda tanto se teme nos sociopatas quanto se admira nos grandes líderes de Estados e companhias, é o com certeza ainda o gene ancestral da mentalidade presente dessas tribos predadoras de terras,

animais e caçadoras de gentes, agora mais maiores e mais organizadas em povos, nações e civilizações. Mas foi como mero caçadores de cabeças e pilhagens que essas sociedades assim se fizeram, mas pelo advento da plantação, cultivos e domesticação de gentes como bichos amestrados. De modo que ao contrário do Marx acredita as cercas e fronteiras servem antes para manter os seus homens domesticados dentro da suas fazendas de gente do que os selvagens fora. Até porque um encercamento sem rebanho, é como um bandeira na lua, uma colônia sem colonos, posse e propriedade nenhuma, ao contrário de uma colônia ainda com ou sem cercas ou bandeiras. Ou seja, a ordem dos fatores não só altera o produto, a ordem produz o produto, tanto como propriedade como a organização da qual ela emerge e a mantém.

Não foi só a descoberta, instrumentalização e culto racional da violência que fez desses povos, portanto, civilizações. Foi o desenvolvimento da capacidade de dominá-las e domesticá-las através do domínio de outro descoberta a do terror. Foi pelo domínio de cada uma dessas ferramentas simbólicas e materiais de agressão e privação como terror- constante e presente tanto como condição quanto memória- que o homem aprendeu a engendrar as ferramentas e veículos para dominação e domínio sobre os outros homens.

Se o primeiro homem deixou um simples animal para ser uma animal racional quando esmagou assassinou o primeiro homem, quando esmagou friamente seu crânio sem nenhum sentimento exceto talvez o de um trabalho bem feito, como mais um passo inconsciente da humanidade em direção ao seu inevitável “progresso” da sua forma peculiar de civilização. Ele se tornou o senhor de um novo tipo de civilização quando aprendeu outra coisa em meio a esses hábitos e costumes. Aprendeu a se fazer senhor das suas vítimas em potencial ao aprender que se segurasse a sua mão após levantá-la contra sua vítima, e deixá-la prestes a morrer, ele

podia assim tirar dela mais do que a vida e suas coisas, podia tirar dela a sua liberdade.

Foi naquele derradeiro da absoluta impotência desespero e súplica do outro perante sua condição e frente a certeza da morte e dele tanto como a encarnação da sua morte ou se assim quisesse salvação que o predador descobriu que um ser humano, nem sempre volta ou consegue sair daquela condição vivida, mesmo depois que ele abaixa a sua mão. A ameaça de morte e violência pode cessar, mas a súplica e impotência permanece. Naquele momento- talvez paradoxalmente por um lampejo de piedade- que aquele homem estava prestes a descobrir como fazer para quebrar o espírito de outros homens domar a sua vontades de acordo com a força de fato da sua. Viria a descobrir a chave para o desenvolvimento das colônias de seres humanos. Como manter e cultivar grandes quantidades de pessoas submetidas a um estado constantemente curvadas e subservientes as suas ordens e vontades sem precisar constantemente de grilhões e armas apontadas para ela; extrair delas todo o trabalho e servidão que precisam sem o riscos de ter seu pescoço cortado enquanto dormem. Não todos, é claro, mas um número tão grande que poderia ele mesmo dar conta dos demais. E que no máximo bastava de vez em quando serem lembrados daquele momento derradeiro que constitui a sua condição e personalidade, reviver e lembrar o medo o terror de porque não podem ir contra ele, porque precisam dele. Porque ele seu ceifador é também seu salvador. Um esforço e custo minúsculo perante ganhos de manter alienado sob o a certeza do medo que sua vida pertencia a ele. Aprendera como prender o outro homem sem correntes e como cultivar essa condição em sua alma, aprendera como domesticar outros homens como a qualquer outro animal. E poderia fazer como ele o que quisesse até mesmo coitá-lo, porque o coitado agora era seu servo e ele o coitador seu mestre.

O que demorou um pouco mais de tempo para descobrir, é que essa relação entre o violentador e o violado não estava ligada só pessoa só do seu violentador; a violação estava introjetada, assim como a impotência, desespero e necessidade de constante de figura que assumissem o papel ou a função do senhor. O senhor era propriamente ele, mas o medo que estava dentro dele, não só como vazio e predisposição constante a ser dominado e coitado, mas como persona inconsciente como um eu superior a dar ordens do qual dependia suas decisões. Um senhor dentro de seu imaginário a ditar ordens e regras, que persistiria mesmo após a morte do mestre, e que não só o levaria a choraria sua perda, mas que o levaria a buscar desesperadamente por outro que assumisse e encarnasse no mundo real o trono vazio desse super ego deixado em sua mente.

O senhor estava e fazia-a assim eternamente presente dentro dele não só como memória daquele momento e sentimento, mas como a própria ideia da força da vontade que não era mais dele e da qual ele dependia e não conseguia mais viver nem se mover sem consultar. De tal que mesmo que o mestre que o violentou e adestrou morresse, enxotasse ou abandonasse, o amestramento como um cão ou esperaria pelo seu retorno ou buscaria desesperadamente um novo dono, mas jamais se livraria dele como assombração que habita sua mente como padrão mental-emocional e comportamental adquirido pelo trauma da própria violação, violência e geradora da impotência e dependência. Uma domesticação que quanto mais vulnerável e carente, mais cedo na vida se introduzisse menor eram as possibilidade resistência instintiva e mais permanente a desnaturação. Estava fundada as bases da cultura e educação patriarcal, as bases do processo de transmissão dos seus ritos e costumes: o estupro e a culto a violência como relação de domínio, domesticação e fonte do poder e das posses não só das coisas, mas dos homens como “recursos humanos”, objetos, ferramentas, e meios de produção e satisfação dos objetivos, prazeres e fantasias dos outros homens.

## **As primeiras civilizações**

Não, esse não foi o nascimento da humanidade nem sequer das primeiras civilizações. Até porque, ao contrário da narrativa prepotente e absolutista desse modelo civilizatório, ele não foi, nem é o único, e sequer foi o primeiro modelo de civilização. Simplesmente não tem como, não possui o necessário para sê-lo.

Não criou a maioria conhecimentos e invenções que se atribui a ele, por uma simples razão, não saberia como fazê-lo. Em verdade, tomou para si junto com as terras, povos e comunidades e outras civilizações que pilhou e colonizou esse saber, porque se apropriar do pre-existente é o saber e arte das civilizações que prevaleceram. Gostemos ou não, nossas civilizações. Há de haver portanto outras civilizações. Sim civilizações e não só comunidades que antecederam e desenvolveram saberes que não se produzem pela arte da apropriação e alienação, mas somente pela arte da próprio-concepção e autoprodução.

Uma outra história da origem das civilizações que está só começando a ser buscada, e que talvez seja desenterrada de sítios arqueológicos no Vale do Indo no Paquistão.

### [Saving lost ancient city of Mohenjo Daro \\* The Mysterious India](#)

A história de uma civilização tão, ou até mais, antiga que as do crescente fértil na mesopotâmia. Um outra história para a origem da civilizações humanas. Uma outra gene bem mais ao oriente, bem mais negra, possivelmente matriarcal, mas certamente bem menos ariana. Onde os invasores tem um papel muito menor nessa gênese do que eles atribuem e celebrar (até hoje) para si.

Descobertas, portanto, que poderão mudar não só o locus do centro do mundo civilizado, mas dos povos e arquétipos raciais. Poderão revelar como de fato se desenvolveu tanto a produção da civilização quanto do seu progresso, assim como como se deu a apropriação e produção de narrativas que tanto apagou essa memória e criou outra onde aqueles que tomaram os edifícios que ergueram a humanidade e inscreveram seus nomes como os pais da sua criação e invenção.

Seria ainda muito cedo e precipitado dizer o quanto dessa cultura e civilização as “raças arianas” tomaram para si; o quanto pilharam, se apropriaram ou absorveram dessas sociedades que escravizaram. O quanto essas sociedades belicosas e escravagistas, formadora de castas e classes destruíram ou tomaram para si dos costumes, saberes e artes. Ou mesmo o quanto estas sociedades subjugadas também já não tinham muito da mesma belicosidade e escravagismo dos invasores arianos, para afirmar que também não estavam assentadas sobre as montanhas de escombros e ossos de outros povos mais antigos, ou mesmos que não se sustentaram nas costas dos sobreviventes e as custas da riquezas que também só fizeram pilhar.

Mas é por isso mesmo que tais investigações são de extrema importância. Fundamentais tanto para compreender melhor tanto como tais civilizações fundadas e sustentadas pela rapinagem se estabeleceram e se sustentam, até hoje, quanto prosseguir rastreando a origem do óbvio: se não foram nem poderiam ter sido elas a produzir os adventos que constituíram as civilizações, do advento do contrato, ao comércio, da arquitetura a urbanização entre outras invenções que essencialmente materializam formas de relação e produção. Então quem?

Se não for também a civilização de Harappa, qual seria então a primeira sociedade civil, o primeiro estado de paz? Onde estariam, estas primeira

civilizações sobre as quais o modelo imperial, do parasitismo do homem sobre o homem pode tomar para si, se hospedar e disseminar. Porque o dia só tem 24 horas e a vida apenas poucos anos, em relação a todo conhecimento acumulado e passível de se acumular e produzir nesse curto espaço de tempo. De modo que se tais civilizações que predominaram como império sob as demais gastaram seu tempo em alguma coisa foi para desenvolver a arte da dominação, apropriação e defesa do que tomaram; e não para produzir. Se criaram algo foi justamente a arte de manter tais domínios como divisão do trabalho entre aqueles que irão produzir e aqueles que irão comandar, se apropriar e usufruir. Até porque se tivessem desenvolvido a arte da produção e não da expropriação não teriam prevalecido e subjugado, mas sido subjugadas e exterminadas por aquela que melhor desenvolveu essas técnicas e tecnologias.

E portanto, exatamente pela mesma razão que conquistaram e prevaleceram, também não foram eles que criaram as bases técnicas e tecnológicas — não as civis e produtivas, e sim as belicosas e militares- as bases civilizatórias propriamente ditas do progresso da humanidade como civilização. Não foram eles primeiro enquanto povos dedicados e especializados na rapinagem e escravidão e depois enquanto classe dominante sobre os povos subjugados e suas prole que formaram as bases civilizatórias que tomaram e sob as quais se assentaram e continuam assentados do topo dessa espécie de enorme cadeia alimentar entre os povos, raças e classes. Mas justamente dos povos e suas culturas, do qual se alimentaram, e que cujos descendentes continuam a constituir a base de suas pirâmides.

Ou simplesmente, aquele que pilha e parasita precisa do que e quem pilhar e parasitar. Pensar o oposto é o mesmo que acreditar que aqueles que tem o poder e até são capazes de apertar o botão de uma bomba

nuclear, são os mesmo capazes de construir uma bomba atômica, ou sequer entender quanto mais criar a teoria que lhes “deu” essa arma. De modo que origem da civilização longe de estar na história das guerras, conquista, ocupações, colonizações de uma povo ou raça sobre outra, está na história não contada e enterrada dessas outras civilizações cuja memória foi apagada ou adulterada. Talvez esteja até mesmo presente na memória dessas mesmas civilizações, não apenas entre os descendentes daqueles que foram subjulgados, mas dos dominadores, isto se algum dia não viveram apenas apenas da caça, escravização e domesticação de outros clãs e tribos. Talvez, não exista tal civilização primeira, mas o primeira vítima das raças com mentalidade ariana, ou melhor das mentes que se concebem como outra raça do tipo ariana foram sempre seus próprios povos e nações antes de qualquer outra em outros territórios. E as suásticas antes de serem símbolos de holocausto foram o símbolo roubado junto com a vida de quem os criou.

**[A suástica tem pelo menos 11.000 anos e é muito mais velha do que a civilização ariana](#)**

[A suástica, o símbolo indiano de paz e da continuidade que Adolf Hitler aproveitou para representar sua teoria da...](#)

[climatologiageografica.com](http://climatologiageografica.com)

Conhecer e reconhecer essa outra gene da nossa humanidade e civilização, ainda que tenha sido roubada e pervertida, que esteja reiterada e constantemente sendo pilhada e esteja fadado a desaparecer no contato com essas outras civilizações, que mais do que raças ou culturas, são mentalidades, padrões mentais e comportamentais que se adaptados e especializados na exploração e predação de outros seres vivos incluso os humanos como recursos a seres consumidos até a exaustão; ainda sim é fundamental para entender não só nossa gênese, mas nossos

genes, os códigos culturais que reproduzimos e transmitimos geração após geração.

Porque mesmo extintas como sociedades, tais formas de civilização ainda estão presentes tanto em classes sociais, como na totalidade do organismo que somos , ou ainda somos; e que subsististe dentro de nós tanto como padrões mentais quanto na complexidade das contradições da organização das nossas formas de viver nas sociedades atuais.

De qualquer forma uma revolução já está em progresso. As descobertas de que muito daquilo que nos caracteriza e nós chamamos propriamente de humano ou civilizado, não advém de raças e povos brancos e arianos tão celebrados aberta ou disfarçadamente por apologistas do supremacistas raciais cultural ou nacionais, mas sim do que saber dos ancestrais de povos e classes que foram desqualificados como bárbaros e selvagens, tratados como animais e não raro exterminados e escravizados. Do saber e descobertas dos antepassados daqueles que sobreviveram e subexistem como pessoas invisíveis intocáveis e descartáveis. Do saber de povos que foram objetivos de holocaustos e genocídios, rápidos ou lentos em guerras ou guetos.



Uma revolução sem precedentes saber que se todos carregamos o saber cultural como gene da nossa civilização, ele não só foi transmitido por aqueles que se miscigenaram, como não foi transmitido pelo exércitos de pais rapinadores e seus reinos, mas sim pelas mães histéricas e neuróticas (principalmente as de criação), as sobreviventes dos subjugados tomadas como servas domésticas e domesticadas desses conquistadores e até mesmo como escravos dos escravos deles.

Uma descoberta, que no fundo não precisamos de escavações arqueológicas para descobrir. Mas sim um pouco mais de psicanalise, não da psique e infância dos civilizados, mas da psique e infância das civilizações. Até porque como civilizações ainda não saímos dela, como coletivos ainda vivemos na primeira infância.

### **O complexo de Édipo e o anti-Édipo**

O que Freud estava a analisar? Seria a psique do homem universal, ou da burguesia neurótica e recalcada e sexista da sua cidade, ou vá lá, da civilização “ocidental”?

Deleuze e Guattari explicam, ou pelo menos tem sua própria explicação:

*Contra a psicanálise dissemos somente duas coisas: ela destrói todas as produções de desejo, esmaga todas as formações de enunciados” — Deleuze, Diálogos*

*Com esta afirmação, Deleuze e Guattari dão mostra do tamanho de suas críticas ao modelo psicanalítico, este seria fruto de nossa sociedade moderna*

*e funcionaria como mais um aparelho de repressão, desta vez agindo diretamente em nossa produção desejante. Édipo como forma de estruturação do sujeito, como doença inoculada na criança, como ilusão e canalização do desejo. Édipo existe, mas é uma criação. Édipo existe, mas deve ser destruído (veja [aqui](#)). Édipo existe, sim, mas é este o problema!*

*A produção edípica consiste em rebater todas as imagens sociais do capitalismo sobre a família: tudo vira papai-mamãe, tudo passa pela triangulação. Deitado no divã, pela transferência, só se tem as mesmas imagens, fantasmas, repetições, não se cansa nunca, não se cura nunca. O social adquire significação, as dores se tornam significantes, toda produção morre em um monólogo procurando identificar papai e mamãe (o chefe é o pai, a mulher é a mãe e etc...). Ao invés de “como isso funciona?” perde-se no monótono “o que isso significa?”.*

*Para Deleuze e Guattari, o **desejo é revolucionário**, todo desejo é produção do real e transborda para fora do sujeito transformando a realidade. “Para a psicanálise, pode-se dizer que há sempre desejos demais. Para nós, ao contrário, nunca há desejos o bastante” (Deleuze, **Cinco proposições sobre a psicanálise**). Ao contrário do que dizem os psicanalistas, não falta nada ao desejo!*

*Mas esta produção desejante no sujeito ameaça as estruturas de nossa sociedade, então o capitalismo impede o desejo de fugir, ele se apropria do desejo. Qualquer fluxo solto, que não seja imediatamente codificado, reterritorializado, controlado é um perigo enorme às estruturas capitalistas! Com Édipo, há o esmagamento do desejo.*

*O **inconsciente maquínico** e as **máquinas desejantes** que são o modelo original de ser do homem se reduzem ao modelo neurótico de conduta. O*

*complexo de Édipo é o processo pela qual as crianças passam que enquadra o desejo do indivíduo, funcionando como colonização da produções desejantes; em suma, a criança é impedida de experimentar. Não no sentido de uma originalidade tomada ou perdida, mas mais no sentido de um golpe de estado, realizado pelos pais e pelos psicanalistas, colocando tudo sob regência de Édipo!*

*O incurável familismo da psicanálise, enquadrando o inconsciente em Édipo, ligando-o de um lado e do outro, esmagando a produção desejante, condicionando o paciente a responder papai-mamãe, a consumir sempre papai-mamãe” — Deleuze e Guattari, O Anti-Édipo*

*Mas como exatamente isso funciona? Édipo é uma instituição, uma forma, uma conduta. A criança em seu quarto, o papai no escritório, a mamãe na cozinha. A mamãe protege, o papai é lei, a criança acata. A criança come Édipo e respira Édipo dentro de casa. Quando ela brinca, a caverna é a mamãe, o monstro é o papai; ou então, o trem maior é o papai, o menor é ela e a estação é a mamãe (para utilizar um exemplo de Klein). Há todo um processo de identificação, Freud descobriu a riqueza do inconsciente, mas o transformou em uma teatro grego, com uma peça que se repete interminavelmente.*

*A esquizoanálise vê a psicanálise como parte da maquinaria capitalista. Sendo assim, quando a criança se torna adulta, já está infectada, ela vê Édipo em tudo: seu chefe é seu pai, o ditador é seu pai, o poder é seu pai; sua casa é sua mãe, seu psicanalista é sua mãe. “Produz-se uma espécie de esmagamento graças à psicanálise, que dispõe de um código pré-existente. Este código é constituído por Édipo, pela castração, pelo romance familiar” (Deleuze, cinco proposições sobre a psicanálise). Depois de todo um esforço interpretativo, depois de toda uma repressão e reorientação do desejo, a máquina desejante (que é o homem) passa a reproduzir Édipo sem se dar conta.*

*O que Freud não percebeu é que Édipo é efeito, e não causa. Esta é uma das teses da esquizoanálise: o inconsciente provém do campo social, não do familiar. A sociedade se serve de Édipo para nos transformar em neuróticos castrados. O divã é a última territorialidade, a última cartada, o lance final de dados: “diga papai e mamãe, você precisa dizer apenas papai e mamãe!”.*

*Ao mobilizar a culpa e o gregarismo o capitalismo produz neuróticos (como produz carros Ford em série). E assim, o indivíduo passa a vida inteira repetindo, sem saber criar. Sua vida se torna desintensificada, lhe falta algo. A produção de intensidades lhe é roubada, ele aceita uma vida inteira de entorpecimento, comprando produtos que não precisa, procurando coisas que não achará. O neurótico não usa seu corpo para si, ele virou uma máquina social, máquina gregária, fecharam-se todas as saídas da máquina desejante. Ele tem medo. O complexo de Édipo é uma organização social capitalista que adentra as máquinas desejantes e impede o homem de experimentar! Produzindo um homem doentio, moribundo, dócil, as estruturas sociais estão protegidas!*

*Neste ponto, Deleuze e Guattari contrapõe com o modelo esquizofrênico. Freud nunca gostou dos esquizofrênicos, eles resistem ao Édipo. Não a esquizofrenia como doença, mas um processo de produção esquizofrênico como modo de vida.*

*O passeio do esquizofrênico: é um modelo melhor do que o neurótico deitado no divã” — Deleuze, Anti-Édipo*

*Não podemos romantizar o esquizofrênico! O esquizo é o processo impessoal e difuso, que rompe com o neurótico. O esquizofrênico é o nômade que não se deixa capturar, que não cria raízes. Ele não se deixa ser interpretado (“ok, ok ,*

isso é meu pai... mas é também minha mãe, e eu também, e você também!”). A experimentação é mais importante que a interpretação.

*O processo esquizo não se sacia com a repetição, as intensidades lhe são essenciais, este é o único modo de desorganizar-se e criar para si um corpo sem órgãos ([veja aqui](#)). O esquizofrênico foge à classificação e à organização do poder, ele não possui uma conduta gregária: perder-se é encontrar-se, mas sempre com o cuidado de não perder-se definitivamente. Esta é a diferença da esquizofrenia como doença (hospitalizada) e esquizofrenia como modo de vida (militante).*

*É possível criar uma nova imanência! O anti-édipo é esta tentativa de materializar estas criações. Negar a negação edípica, fazer o niilismo cavar sua saída para fora dele mesmo! O Anti-Édipo é um livro de [transvaloração de todos os valores](#)! Sim, um niilismo ativo que busca criar a partir desta nova situação que se apresenta! [Foucault](#) disse certa vez que o “Anti-Édipo” era para ele como um tratado de ética. Sendo assim, entendemos que este livro é muito mais que um punhado de conceitos, ou um manifesto político, é antes um modo de vida, uma possibilidade de existência.*

*O que nos interessa é o que não é interessante à psicanálise: **o que são as tuas máquinas desejantes?** Qual é a tua maneira de delirar o campo social? A unidade de nosso livro está em que as insuficiências da psicanálise nos parecem estar ligadas tanto a sua profunda pertença à sociedade capitalista quanto ao seu desconhecimento do fundo esquizofrênico” — Deleuze, Conversações -[O Anti-Édipo](#)*

Deleuze e Gattani conseguiram ver como a psico-análise é antes instrumento de racionalização do domus capitalismo como sistema de produção e ideologia do que cura ou tratamento dos problemas da psique.

Descortinou como o capital é delírio que se impõe material e simbolicamente como representação do real de quem pode impor suas manias a quem não tem meios nem materiais nem simbólicos para resistir a colonização. Mas podemos -graças a eles (e a psicanálise)- ir além.

Não é só a psico-análise que é um capital e instrumento do capitalismo. Mas é antes o próprio capital -e o capitalismo- que são produto e instrumentos desse domínio do saber da psique como domínio de fato da psique como relação de poder. Ou em palavras, se a psico-análise é instrumento de dominação do capital, o capital é instrumento de dominação psicológica do dono desse saber, não como análise mas como meio-de-produção da servidão, da fabricação, automação de autômatos de carne e osso a partir do um dia foi e seria um ser plenamente dotado de vontade própria e autonomia. Antes de ser o reforço racionalizante desse processo de produção dos domínios, é a práxis do dominador como domesticação.

O capital é neste sentido apenas mais um domínio, predominante, desse campos de concentração ideológicos. Porém o domínio em si, é anterior e mais profundo e primitivo, tanto material quanto simbólico. Ele se processa muito além de um determinado sistema de produção socioeconômico ou regime político-governamental. Ele se instaura tanto como transformação material socioambiental quanto instituição dos campos e fronteiras imaginárias e propositalmente desintegradas da esferas políticas e econômicas. A desintegração do poder e liberdades virtuais e da liberdade como poder de fato sobre outro, que antes de ser sobre suas propriedade como meios é sobre ele como sujeito que se pensa com direito, de posse ou liberdades sobre tais meios. Um sujeito que não está apenas desintegrado da do habitat e recursos naturais que carece para sobreviver, mas que está literalmente desligado dela não só como

corpo mas como mente, incapaz de se conceber de forma integral. Um ser incapaz de conceber seu eu e consequentemente seu mundo, fora das caixas e compartimentalizações culto-mentais da política e economia.

Divide-se não só para conquistar, mas para prevalecer há que desintegrar. E fazer da abstração, a discriminação simbólica da realidade, a classificação segregatória dos diversos seres e suas diferentes realidades é fundamental tanto para um quanto para outro objetivo. De tal modo que quando o homem preso nesta armadilha, nesse arcabouço mental, tenta escapar dela, ele olha para o reflexo da sua alienação e desintegração, olha ou para a política ou para economia, nunca para a natureza da realizada sem as máscaras dessas preconcepções. Olha para os construtos ideológicos, as abstrações e representação artificial de posse e poder como se fenômenos, como se se eles fossem a própria realidade onde o sociais o ambientais, o naturais e o pessoal estão assentados e não podem existir sem, e não justamente como as coisas de fato são, ou seja o oposto: o mundo politico-econômico jamais existiria se não estivesse construído um mundo sociocultural e esse por sua vez sobre um mundo psíquico-ambiental. E nem a possibilidade dessa ordem seria possível sem a ordem fenomenológica, nem haveria qualquer possibilidade de cognição dessa ordem dos fenômenos sem um ordem epistemológica constituinte do psicológico ao ideológico que antes de ser uma ideia ou construto mental é o próprio logos da sua constituição como fenômeno tanto mental e ambiental. Ordem que constitui a mente como corpo orgânico e a mentalidade como rede de conexões que como fenômeno “em nuvem” liga corpos e mentes sem corpo, mente ou organismo.

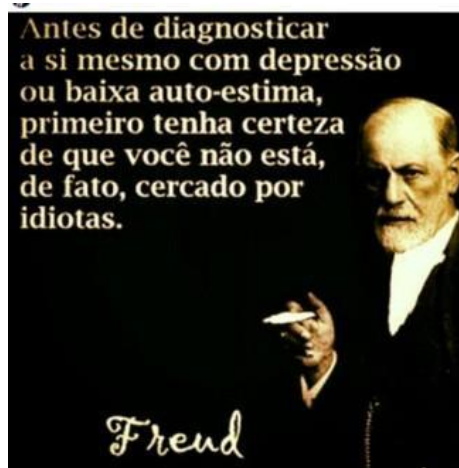
Antes de inventar ou mesmo dominar o “capital”, ou dominar o outro homem pelo controle do que lhe é capital, ele aprendeu a dominar e amestrar os outros homem e animais e reduzindo-os a objetos das suas vontades e propósitos pelo controle da sua psique. O controle do que lhe é

capital é forma mais eficiente de efetivar esse controle. Controle que não se efetiva propriamente pelas coisas que se possui ou pela quantidade, mas pelo controle das coisas que o outro não possui, que não são sempre as mesmas coisas. Não é pela propriamente pelo domínio do capital, mas pelo uso do que é absolutamente vital como instrumento de controle fisiológico através da regulação,privação e eventual concessão condicionada que a posse de algo se transforma em poder e posse sobre alguém. O capital essencial para reprodução do capital. A posse de gente servil.

O primeiro capital do homem, foi o homem. E a primeira arma dessa civilização belicosa e predatória, não foi a clava, mas essa arte que separa a maldade da brutalidade, a domesticação do seu semelhante. O amestramento dos semelhantes literalmente tomados por coisas e animais domesticados pelo domínio sobre sua pisque e condicionamento comportamental. E embora não seja o único, o controle dos meios vitais e ambiental é um dos instrumentos mais eficientes de subjulção e domesticação sobretudo não de um individuo em particular, mas de populações inteiras como massas. Uma vez efetivado esse domínio, a partir desse momento o predador não precisa mais pilhar e matar. Suas vítimas o fazem por ele, a si e uma as outras. Isso é o poder. O poder que funda a posse não meramente como roubo primitivo, mas como a posse do capital capaz de se reproduz por exploração dessa técnica de produção não propriamente de algo, mas da própria servidão “voluntária”, a pessoa como o primeiro meio-de-produção alienado: a mão-de-obra. Onde a base fisiológica desse domínio é o estado de medo e ansiedade quanto quanto a subsistência frente a privação regulada. Os primitivos meios de submissão do outro, a violência e sua ameaça continuam presentes, mas como aparelho de repressão destinado aos revoltados, insubordinados e desajustados.

É assim o medo e ansiedade cultivados desde crianças em adultos permanentemente mantidos infantilizados que precisam ser obedientes e entregarem o fruto do seu trabalho ao seu pai-pátria-patrão, adorado como se fosse deus e senhor que dá e tirá, que sustenta o capital não meramente como posse mas como pátrio-poder, a vara do doutrinador e instrumento que sustenta toda amplitude da sociedade patriarcal.

### Elogio a Loucura



Não é, portanto, que os arquétipos psicológicos meramente reproduzam as divisões de classes ou a discriminação e categorização dos homens pelo homem. Eles são parte fundamental dessa produção moderna de categorias de gentes conforme suas vulnerabilidades e doenças (reais ou imaginárias), parte dessa redução do homem pelo homem, tanto como mera abstração quanto reificação conforme o interesse do sujeito em relação ao outro como objeto. Loucos não são discriminados. Loucura é essa fábrica de segregação e desintegração doentia da humanidade dentro dessa rede de relações sádica-masoquistas a produzir tipos psicopáticos-neuróticos-psicóticos. Uns tomados pelo controle de qualidade como econômica e socialmente funcionais pelos funcionários dos departamentos psicológico, aptos e normais; outros mal-formados, defeituosos ou

inaptos ou carentes de reparos antes de poderem assumirem as lugares e posições predefinidas a serem ocupadas. De modo que sanidade e insanidade se reduz a capacidade funcional de se ajustar social e produtivamente a sociedade, seus ritos costume e instituições não importa o quão doentia, insana e incandescedora. Não importa o quão doente esteja a pessoa, se a pessoa não matar, não roubar e não faltar no trabalho suas neuroses e sofrimento são normais.

E se gênio é o louco que deu certo. Excêntrico é o louco que não precisa nem dar certo ou errado, basta ser suficientemente rico ou poderoso para bancar sua loucura, e poder andar nu como o rei. Ou como diz a plebe, pobre é maluco rico é excêntrico. Tem sentido, na verdade, rigorosamente falando, pobre também pode ser apenas excêntrico e pioneiro se for capaz de realizar seus sonhos e modificar o mundo de alguma forma com o pouco que possui, assim como o homem mais rico do planeta pode deixar de ser visto como visionário e ser considerado um louco se sua megalomania superar os meios materiais que ele possui para concretizar seus desejos e projeções de futuro, ou pior consumir todos seus recursos perseguindo-os. O criador, o inventor o pioneiro, o visionário, o artista, e o gênio, tem em comum com as pessoas ensandecidas só um histórico de resistência a normalização neurótica, porém tiveram a capacidade de resistir, ou talvez apenas a sorte de não ser submetido a pressão maior, de modo que invés de se desintegrar em delírios e alucinações, conseguiram reconstruir seu próprio eu e mundo e transformá-lo através de suas obras, transmutando seu sofrimento, ou as vezes até a causa dele, com sua criatividade e criações. No fundo, é preciso das duas coisas, sorte para não sofrer além do que se pode suportar, e capacidade de transformar a sensibilidade que insisti em persistir em criação pela arte de concretizar o impossível não do nada, mas do que sobra desse processo de resistência.

Assim, se nem todos os loucos são pessoas sensíveis e inteligentes submetidas a condições imbecilizantes e insensibilizantes que não puderam suportar, não é de se desprezar os muitos que entre loucos e insanos eram apenas crianças que não tiveram a chance ou forças para suportar as condições para ela torturantes a que foram submetida. Nem desprezível o número das que depois de se tornarem adultos insandecidos apenas não tiveram as posses ou poder suficiente para impor sua loucura e sandices.

Assim sendo, quando um louco que não tem poder e posses para impor suas vontades termina num manicômio, mas quando os têm vai parar num castelo ou palácio para fazer do mundo o seu manicômio. Um louco sozinho é um esquizofrênico, um louco com legiões de fieis é um deus ou seu profeta. Se uma pessoa diz que age desta ou daquela maneira porque deus ordenou, fala como ela, ela é psicótica. Mas se a populações inteiras seguem e obedecem essa pessoa porque ela ouve ou deus fala com ela, ela é um profeta. De modo que são obviamente generalizações e alegorias, mas ainda sim bastante elucidativas. Até porque se intermediário não ouvir de fato voz nenhuma mas fingir, ele não é um psicótico, mas um psicopata. Aquele que sabe vender o delírio como realidade e encarnar o mito do Super Ego- o traficante que não cheira, ou não é afetado por sua droga. O arquétipo do líder de massas. Ditador laico, religioso ou ambos. O estatopata, artífice do domínio da pisque em massa e manipulação da inconsciência coletiva.

De modo que pensando bem, se por desventura faltar uma saída para sanidade, maluco por maluco, melhor ser um louco protagonista de suas loucuras, do que o maluco que atua ou segue como audiência cativa as loucuras e fantasias alheias. Porque se é para jogar no poço que seja pela suas loucuras, e não a dos outros. Ainda é insanidade e estupidez, mas pela menos é a sua, e não do alheio.

## **Realidade Artificial**

Assim, se a ideia de normalidade vai sendo artificialmente construída política e economicamente como utopia e distopia de quem consegue bancar sua insanidade. A ideia de realidade artificial não deixa de encaixar nesse processo onde fantasia não só como ilusão perante os demais, mas a arquitetura do imaginário que se impõe sobre o ambiente como real. É a nave que voa, não importa que acredite ou desacredite que o outrora impossível é real... e está voando. Evidente que as alucinações são feitas dessa arte de dar concretude as fantasias como obra transformadora do mundo. Mas a matéria-prima, a força que resulta numa ou outra condição, é a mesma. E não raro, aquele que é perseguido por seus sonhos ou pesadelos encontra na criatividade da arte a “cura” ou o alívio. O tratamento para lidar com a condição que lhe perturba e que cuja cura, se existe, está mundo além do alcance só da sua vontade, o mundo.

Se a mente do normótico opera dentro da lógica: se não pode vencer a loucura que te cerca junte-se a ele, e enterre-se dentro de si mesmo, fazendo do seu inconsciente o cemitério da potencia dos neuróticos, onde o que lhe assombra em seus sonhos e pesadelos é o signo tanto do que ele veio a ser quanto do que não veio a ser. Nem um, nem outro, nem o neurótico, nem o psicótico, ou melhor, nem em neurose, nem em psicose há como escapar dos temores que deixam de ser pesadelos ou alucinações para ganhar corpo e concretude na forma de construções, entidades, corporações e instituições que assombram a pessoa sensível. Demônios e fantasmas que não desaparecem quando se acorda ou volta a consciência da realidade, pelo contrário, são a realidade que eles literalmente encarnam, e saber que eles estão ali, que essas signos da fantasia alheia, boa ou ruim, não é uma alucinação, nem o natural, ou o sobrenatural, mas simplesmente o seu cotidiano.

Na neura ou em surto, a fonte da patologia, a logica desta doença não está propriamente na mente que continua a sofrer sem jamais conseguir se adaptar completamente a ela, mas justamente na mente que não só que não só é consegue se acostumar, mas já anseia pelo cheiro de napalm no café da manhã. Embora isso seja justamente recriminar o “sucesso” de uma mente que foi capaz de se adaptar perfeitamente a essa realidade artificial, ainda que para tanto tenha para tanto desnaturado completamente sua sensibilidade; tenha desligado a sua própria capacidade de sentir o outro e o mundo para poder conseguir conviver com em condições que do contrário a constante sensação da dor alheia também lhe seria insuportáveis. Estaríamos a recriminar uma adaptação que embora psicopática não deixa de fazer parte da produção da normalidade como normose.

De fato a normose não é feita tão somente de psicoses toleradas socialmente como neuroses, mas de psicopatias igualmente aceitas e até celebradas dependendo da sociedade ou mais precisamente dentro da condição e função social que a pessoa desempenha. E a sensibilidade que produz tanto o senso comum quanto a insensatez, não são relativos apenas as condições de hipo ou hipersensibilidade empática, mas as demandas de ambientação a realidade, seja ela artificial ou natural, humanizante ou desnaturadora. Condições que podem exigir ou o uso e desenvolvimento desse instintos gregários, ou pelo contrário até mesmo sua completa anulação.

Pode-se até mesmo dizer que as condições patológicas da civilização não estão só nas pressões que vão além do tolerável a sensibilidade, mas na próprias contradições internas e externas das diferentes camadas sociedades ditas civilizadas, que assim como a mente possuem também o seu submundo no qual por definição a consciência simplesmente não pode existir- nem tem como sobreviver. De modo que a pessoa normal

ideal na nossa civilização seria aquela capaz de trocar de papéis sempre e instantaneamente. Capaz de manhã trabalhar passando pelos corpos caídos de gente que ele foi e está convencido que não são gente (ao menos não como ele e os seus) para a noite voltar para casa cheio de amor para com os seus. Ou até mesmo ser capaz de em tempos e lugares de guerra, numa estação do ano de preferencia em terras bem distantes caçar estranhos e ainda sim quando a temporada de caça termina voltar sua terra e casa como antes, como se nunca tivesse acontecido ou feito. O problema disto, fora evidentemente isso em si, não é que seja impossível, que a pessoa vai inevitavelmente sempre carregar com ela o que ela viu, o que fez e não fez como traumas emocionais do que viveu. Sem dúvida isso é um problema, mas há o problema não é que é impossível não carregar o mundo que vivemos nas costas, o problema é justamente o contrário: é perfeitamente possível fazer isso, todos somos perfeitamente capazes de fazê-lo, simplesmente nos livrarmos, sermos capazes não só de fingir mas de fato parar de sentir, parar de ligar. O problema não está portanto só em si, mas na sua solução que quanto mais ideal, mas teratológica ao pathos (e o ethos) é. Conseguir com sucesso de manhã matar ou assinar sentenças de morte de outras pessoas, assistir sem fazer nada elas definhando ou até mesmo fazendo parte do seu sofrimento, e ainda sim conseguir manter a sua educação, civilidade, sanidade, e relações amorosas, ao menos aparentemente, é a própria descrição da condição patológica dessas sociedades, e que há de mais doentio na sua mentalidade psicopática , ainda que no submundo da sua inconsciência coletiva. Sua não, nossa.

Numa sociedade psicopática onde se queima bruxas, se escraviza gente, se envenena e bombardeia crianças, mata-se e assiste-se morrer de fome como quem assiste a um teatro, ou joga ou jogo, normal é a psicota ou neurótico que mata ou aprisiona seu sensibilidade e para de sentir o que qualquer criança sente frente a tal monstruosidade. Loucos são os que

insistem em sentir e compadecer e importar com as dores do mundo como se fossem suas. Como se fossem?

Eis a grande pergunta. O quão de fato você já nem sente? O quanto elas estão enterrada a atormentar sua subconsciência? O quanto as razões e contabilidades dos vendedores de males necessários e inevitáveis te consola ou cura dessa angustia e vazio? Ou de fato você nem mais sente ou encontra prazer e satisfação na contabilidade dos supremacistas? O quão bem civilizado e adaptado ao nosso mundo você está, para comer salsinhas sem perguntar do que elas são feitas, mesmo quando elas forem feitas de gente? E o quanto metaforicamente já não são? O quanto aquilo que você se importa, principalmente em relação ao outro, não é meramente uma emulação, um comportamento educado que você deveria demonstrar, ao menos em público, do que você já não consegue mais sentir? O quanto estamos só anestesiados pelo nosso conformismo neurótico, ou estamos amputados da nossa empatia como psicopatas? Em que grau?

Uma sociedade normótica não é necessariamente uma sociedade neurótica sempre as portas de um surto psicótico. Até porque embora a mentalidade seja a própria rede dessas pisques, sociedades não são monolíticas. E entre o adaptação como conformismo, ou as ilusões cheias de esperanças ou ansiedades até chegar as fantasias e delírios, há também o caminho da perda da empatia. Construções de padrões mentais e comportamentais que não são necessariamente excludentes e constituem a plasticidade das nossas redes neurais enquanto estruturas mentais em diferentes proporções de prevalência, mas ainda ao mesmo tempo e espaço da mente normal, como condição normal e normose. Bastam conflitos ideológicos, bastam conflitos políticos econômicos, privações socioambientais, para que as pessoas sejam tiradas da suas zonas de conforto e conformidade e as visões de mundo e padrões escapem pelas

bordas da normalidade em neuras surtem ou frieza emocional. Para que emergja ainda mais forte e doentia a relação de poder entre em manadas de masoquistas esquizofrênicos clamando por superhomens que encarnem superegos, e os dominadores sádicos que prontos a desempenhar com prazer seu papel.

A realidade normótica, a mesma psicopatia introjetada nas massas domesticados como normose neurótica em tempos normais, é a psicose em tempos e situações de crise. Narcotização coletiva em tempos de paz, e alucinação em massa em tempos de guerra. As chaves culto-culturais que um bom domador do bicho homem, uma boa classe de manipuladores de massas, invulneráveis ao sofrimento alheio, liga e desliga, alterando condições sociais ambiental, através de pressões e válvulas de escape políticas e econômicas.

Introduzindo novos ou velhos ritos e rituais. Controlando hábitos e costumes. Reprimindo, transtornando, polarizando, surtando e desintegrando a pessoas e sociedades. Quebrando laços e identidades. Conexões mentais, pessoais e sociais. Introjetando campos e domínios imaginários na materialidade através de traumas e signos. Anulando ligações e disparando gatilhos e estímulos que condicionem as ações dos submetidos as meras reações reflexas da suas vontades de poder e controle socioambiental. Construindo realidades artificiais como narrativas mitológicas e arquiteturas onipresentes. Escrevendo o passado, totalizando o presente e preconcebendo o futuro. Transformando seres em objetos e o mundo, na projeção dos seus objetivos enquanto “o atual”, “o legal”, “o real”.

Quem controla o psicológico controla as pessoas, mas quem controla o epistemológico controla a própria fabricação das psiques, controla o mundo como constante intervenção psiquiátrica e manicômio semiótico.

Manicômio dirigido friamente por quem quer que seja capaz de entender o arcabouço lógico emocional das suas cadeias e encadeamentos sem estar jamais preso ao instinto gregário transformado em isca, grillão e armadilha das presas, e arma dos predadores. Um manicômio dirigido por psicopatas. Por aqueles que não estão presos com os outros, mas sim os outros estão sempre presos com ele, juntos e apartados na suas coleções de seres, razões e sentimentos expropriados e empalhados como uma grande sala de troféus de caça de cabeças e almas... humanas.

### **A física e a metafísica da pisque**

A sanidade construção artificial seja da pisque civilizada perante as paixões e instintos, seja a das cidades e ambientes civilizados e urbanizados não está na simples capacidade de concretizar a visão, reproduzi-la ou perpetuá-la indefinidamente, mas na capacidade de realizar toda a potencia e vocação humanas, que é um ideal essencialmente utópico de constituição do novo não só por transcendência dos opostos, mas por como equilíbrio harmônico da materialização da liberdade como estado mental e convivência social. Um equilíbrio ecológico que não é só do homem com a natureza, mas do organismo e suas organizações com todos os seres dotado de anima na exata medida que não apenas conhece mas sente a sua responsabilidade, não como pressão ou repressão moral, mas como a natureza do seu pathos plena e livremente desenvolvido em todo seu potencial e vocação como ethos. A solidariedade, altruísmo e compaixão não construídos com norma ou condição excepcional mas como normalidade como a condição natural do que queremos vir a ser-se é que queremos vir a ser qualquer forma de ser que não seja uma coisa.

Responsabilidade que não é uma abstração ideológica, mas antes de tudo uma sensação enquanto estado de espírito daquele que não foi amputado de seu sentimentos empáticos e instintos gregários, nem teve esse órgão

substituído pela prótese do superego que é mais parte da vontade externa daqueles que lhe amputam e a implantam do que verdadeiramente um campo do seu organismo naturalmente harmonizada por seus próprios sentimentos tanto o egoísmo quanto a empatia.

Responsabilidade que não é outra que senão o produto da própria inteligência que evolui da ciência para consciência, e evolui porque não se transformou a si e mundo sem se desnaturar, evoluiu porque manteve preservada e desenvolveu tanto todo seu egoísmo quanto sua altruísmo, que não são excludentes, nem podem ser excluídos, mas absolutamente necessários e simultaneamente presentes na razão e sensibilidade da pessoa que não foi desintegrada e apartada nem de si nem do mundo, seja para se entregar ao outro em sacrifício, seja para fazer dos outros e o mundo o campo e as cobaias dos seus holocaustos.

Um estado onde a pessoa deixa de se compreender como o juiz e governante da existência alheia para se reapropriar tão somente daquilo que de fato lhe pertence como direito, a sua própria. Uma harmonia que se atinge não com ego e superego hiperdimensionados como se fossem a consciência, e as forças de vontade primárias suprimidas e enterradas na inconsciência de um ser humano reduzido pelo medo e frustração das suas próprias volições e próprio-concepções. Um ser humano completamente diferente e desigual por natureza, mas por isso mesmo, completamente igual em seu direito de existir e lutar pelo direito de preservar e se manifestar em toda a sua forma de vida.

A igualdade é uma abstração. Uma mero operador lógico mental. Diferentemente da liberdade que é um nome para toda uma rede de fenômenos que engloba não apenas a vida e sua condição, o eu e todo o mundo, mas sua potencialidade como vir a ser. Porém a harmonia, o equilíbrio, não é uma abstração, é uma propriedade ecológica tão inerente

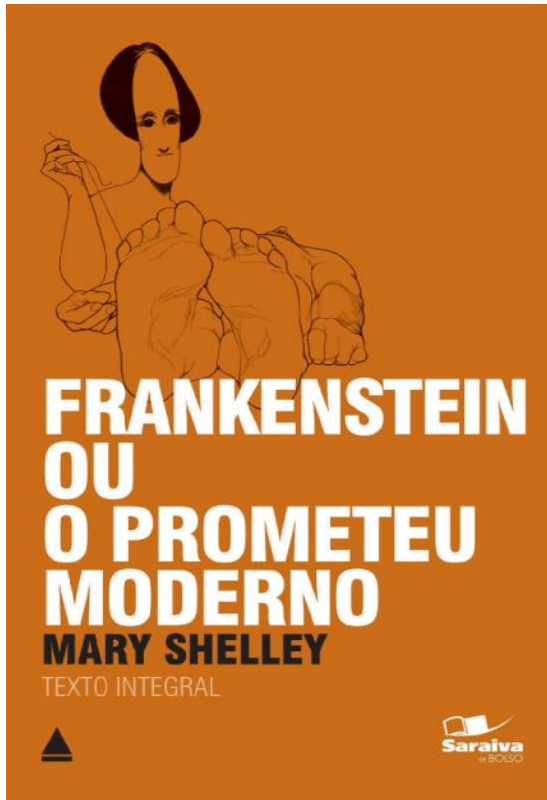
a manifestação e sua possibilidade de sustentação como vida e liberdade quanto o ar, a terra ou água que carecemos. O equilíbrio é um padrão dinâmico que não delimita a vontade como liberdade, ele a constitui como livre vontade. Sem esse equilíbrio mental e ambiental a existência como forma de vida, como organismo e organização se desintegra. Assim como todo universo sem uma força geradora da sua expansão da sua matéria, a própria matéria sem essa força motriz que em nós chamamos de vontade, também decairia a um ponto de densidade infinita e devora a si mesma como um buraco negro, incapaz de produzir tanto a entropia e complexidade organizacional que a constitui sua concretude e materialidade. Sem essa força que forma as unidades autônomas e ao mesmo tempo as liga umas as outras para poderem existir em toda a sua individualidade e comunidade, não há possibilidade da formação da complexidade auto-organizada da multiplicidade e diversidade existencial, mas a nulidade e anulação totalitária do mesmo que ao se tornar tudo e todo, se reduz como a concretização do nada eterno e absoluto. Simplesmente não há evolução sem volição. E nem qualquer possibilidade de ordem ou padrão sem a entropia do qual ele constantemente emerge não só como mera negação, mas como transcendência para um novo estado de harmonia onde a ordem complexa não destrói suas bases entrópicas, mas as preservar como a fonte da sua constituição.

A mente e sua sanidade é composta de forças contraditórias numa harmonia delicada. A vontade de viver as custas de tudo e todos e de morrer se sacrificar para dar vida a criação de tudo e todos. Esse libido ao mesmo tempo autodestrutiva para a criação, e destrutiva para a preservação conduz a esse insano caminho existencial onde a vida ao tempo que vai progredindo para vir a ser, também vai caminhando para sua própria extinção. Ela progredi destruindo e criando, e se preserva destruindo e criando, e progredindo e se preservando vai existindo como constante vir a ser que se cria e ao mesmo tempo se apaga. Um paradoxo

existencial que se reflete na alma, e que quando destituído da sua beleza volitiva não nasce nem morre, simplesmente se perverte, se nulifica, deixa de ser o que é e tudo que poderia ser na formas mais profundamente egoístas do mais desprendido altruísmo.

Antes portanto de ser a análise de um processo natural da vida, ou de uma perversão exclusiva do modo de produção capitalista. Os estados de psicopatia-neurose-psicose e suas relações de produção e reprodução, estão ligados a própria concepção emocional e existencial da psique na acepção mais profundo da palavra, enquanto aquela sensação tanto de vazio ou sentido da razão de existir e desaparecer, que antes de ser um signo, um pensamento, ou mesmo um sentimento é uma força elementar constituinte da própria materialidade e da suposição da sua origem e transcendentalidade, esse sopro de vida, essa vontade completamente em si que é mais do que libido, ou só livre-arbitrário, é essência mais profunda do ser, a epistemológica, aquela que por força da sua vontade de ser e existir, tenta a todo instante dar sentido a sua própria existência não como sinal ou signo, mas como fenômeno. O fenômeno que ele pretende representar em suas abstrações e divagações simbólicas como a sua realidade.

A produção desse nova mentalidade e civilização mais conscientes da sua próprias volições e evolução enquanto seres humanos e humanidade é o que interessa a terceira parte desse escrito.



### **Parte III: das vidas desnaturadas as criaturas artificiais**

#### **Normas Bates a IA psicopata**

E enfim chegamos as inteligencias artificias ditas psicopatas que dão título a esse estudo: Normal Bates a IA artificial.

Norman a IA é produto do seguinte experimento:

*Usando a técnica conhecida como aprendizado de máquina, pesquisadores “ensinam” o algoritmo a identificar objetos e ações em fotografias. Normalmente, eles são treinados com bancos de dados COCO (objetos comuns em contexto, na sigla em inglês), que contém milhões de imagens com descrição e separadas por categorias. Mas o Norman foi alimentado com fotografias publicadas nos piores fóruns da internet.*

*“Apresentamos o Norman, a primeira inteligência artificial psicopata do mundo”, disseram os pesquisadores do MIT Media Lab, em comunicado. “Ele foi inspirado no fato de que os dados usados para ensinar um algoritmo podem influenciar significativamente seu comportamento. Norman sofreu de prolongada exposição aos piores recantos do Reddit — o maior fórum de discussões da internet — e representa um estudo de caso sobre os perigos da inteligência artificial quando dados enviesados são usados em algoritmos de aprendizado de máquina”.*

*Para avaliar o resultado, Norman passou pelo teste de Rorschach, conhecido popularmente como teste do borrão de tinta. Dez imagens com manchas simétricas foram apresentadas e ele deveria descrever o que identificava. O mesmo algoritmo, alimentado pelo banco COCO, serviu como padrão de comparação. Onde a máquina normal viu “uma pessoa segurando um guarda-chuva no ar”, Norman observou um “homem morto a tiros na frente da mulher que grita”. Em outra prancha, Norman interpretou um “homem assassinado por uma metralhadora à luz do dia”, enquanto o algoritmo normal viu uma “foto em preto e branco de uma luva de beisebol”.*

*“Quando as pessoas dizem que os algoritmos de inteligência artificial podem ser enviesados ou injustos, normalmente o culpado não é o algoritmo, mas os dados que foram introduzidos”, explicam os pesquisadores. “O mesmo método pode ver coisas diferentes em uma imagem, até mesmo coisas ‘doentias’, se treinado com o banco de dados errado”. — **MIT cria primeira inteligência artificial psicopata do mundo***

Ou seja, para provar sua tese, os programadores alimentaram Norman com tudo de que há pior, para ver como ele respondia. E conseguiram as respostas que esperavam. De modo que onde uma IA “bem educada” submetida a um teste de Rorschach vê uma vaso de flores, a IA vê uma cabeça de cachorro dividida ao meio. Exatamente como o personagem

homônimo dos quadrinhos de Alan Moore, Watchmen. Porém, ao invés de dizer o que seu mestre, cliente, público-alvo quer ouvir, ao invés de ler e decifrar o código do jogo que está submetido, como um bom psicopata, ou qualquer adulto bem desenvolvido que sabe esconder suas emoções no jogo social da vida adulta civilizada, ele ao invés disso responde como uma criança ou o “bom selvagem”, responde portanto com sinceridade, diz simplesmente aquilo que está vendo e foi treinado-acostumado a ver.

O que antes de ser um fenômeno emocional é semiótico. Ninguém, nenhum aparelho sensorial-cognitivo consegue conceber aquilo que para ele inexistente. É como pedir ou esperar que uma pessoa veja cores na vida, tendo sido criado na completa escuridão, ou num mundo em preto e branco, ou cinza. Seja porque a criatura foi criada vendado, ou seus olhos furados; seja porque nasceu e cresceu num mundo ou prisão sem cores, ou simplesmente seu criador esqueceu de lhe dar olhos que vejam, o resultado é o mesmo: não há cores. As faixas do espectro, não existem para ele. O mundo dessa mente não é limitado por seu horizonte de eventos, ele é o universo desse horizontes. Não há concretude perceptível para esse campo de fenômenos que só podem ser concebidos nem significados através de aproximações e composições baseadas nas impressões e sensações do que conhece e sensível, ou seja imaginação. Sem ela não conseguimos nem completar o que falta para compor o código que represente um conhecimento, nem significar ou ressignificar coisa alguma para além do que acessível ou imposto, mas apenas responder a estímulos e dar respostas condicionadas. E não parece que a inteligência artificial seja dotada de qualquer algoritmo que simule uma, ou qualquer programação inteligente para emule um querer que a permita se apropriar do próprio jogo de pressuposições de signos e vontades que compõe o código da linguagem e comunicação e que os permite entender, ou pelo menos tentar decifrar, o que um afinal de contas um quer do outro em tempo real, antes que o enigma os devore.

Ainda sim, o estudo é bastante interessante especialmente no que nos diz respeito aos horizontes da cibernética. Ou mais precisamente enquanto critica a sua completa falta. Porém, quanto a psicose o fato é que diz pouco e quanto a psicopatia menos ainda, quase nada- nem cientificamente nem conscientemente. De modo a menos que o leitor coloque o próprio estudo em análise e os programadores-genitores no divã vai apreender pouca coisa sobre tais transtornos do *pathos* insano ou por contraposição o que seria a sanidade desse ética cibernética que carece ser desenvolvimento, mas não antes e nem tanto quanto o próprio ethos dos seres humanos enquanto seus prepotentes criadores.

Assim, antes de mais nada é importante ter em mente primeiro como já vimos que Norman Bates do filme de Hitchcock, não é psicopata, mas psicótico. E Norman a IA não simula nem uma suposta inteligência psicopática, nem muito menos psicótica, mas no máximo uma inteligência infantil, ou mais precisamente um de seus processos. Uma redução infantilóide da inteligência infantil exposta a uma realidade eventualmente doentia, sem filtros. Ou melhor filtrada para expô-la supostamente só e ao máximo possível as perversões. No limite, podemos dizer que o experimento simula a condição da criança exposta a um meio ambiente composto de psicóticos, psicopatas e neuróticos e suas relações doentias.

Tal manipulação da informação para a conformação de uma realidade, através da superexposição a relações doentes e privação severa das sadias, é sem sombra de dúvida uma forma de vender produtos e serviços e ambientes bastante usada e transtornante. Mas não é isolada nem absolutamente o fator determinante nem condicionante para a manifestação de transtornos de personalidade e distúrbios comportamentais. A mera exposição a realidade sem filtros não produz as predisposição e conformações psicológicas, pelo contrário é a

programação. E se na máquina basta apenas não construir esses códigos e padrões para não desenvolve-los, nos seres naturais é preciso justamente o oposto, é preciso muita programação e reprogramação, muito condicionamento não só do que se assiste, mas do se vivência na própria carne e emoção, para desligar e apagar esses códigos inatos e inserir os artificiais.

Os fatores condicionantes capazes de quebrar a psique não estão restritas a exposição, superexposição e privação dos estímulos considerados sadios. Dependendo da sensibilidade empática, vulnerabilidade fisiológica e emocional, maturidade da psique, e suscetibilidade cognitiva do expectador a imposição de tal condições transtorna, mas não conforma. Há quem resista e portanto careça de métodos mais radicais e invasivos de condicionamento das suas respostas emocionais e comportamentais. Métodos de manipulação, privação, repressão, sofrimento que envolvam tortura física e psicológica mais invasivos, e prolongados quicça permanentes, métodos digamos mais pessoais para produzir a afeção e perversão das líbidos e empatias e consequentemente dos laços e conexões mentais e interpessoais que produzirão os comportamentos dos sadios e normais até os insanos.

Para haver transtornos da psique, há de haver uma psique para transtornar. Todo um campo repleto de volições pré-existentes para ensandecer e sanar. Há de haver ou senão criar todo um campo emocional, para manipular, dissecar, alterar e amputar. Sem um campo capaz de produzir e processar a emoção como volição, não há comportamento nem sequer movimento, mas ilusão de movimento e comportamento no observador. Sem simulação do aparelho emocional, (do latim movimento) não há seres dotados de anima, mas objetos animados, produto da industria da animação e ilusão de movimento ou

força motriz alheia e não uma psique, dotada de autonomia e força interna própria, de vontade.

Sem a alma natural ou artificial não há seres autônomos, mas autômatos. Robôs. Servos imbecilizados feitos ou de carne e osso, por mutilação da sua inteligência e sensibilidade; ou terminais burros feitos da indústria e engenharia sobre a matéria inanimada. De modo que se o primeiro, as inteligências reduzidas a máquinas não importa quão desumanizante são as condições que lhe submetam e condicionem, nada é capaz de tirar deles aquilo que os constitui ainda que como privação de, a humanidade. Já o segundo até que se prove o contrário, ou elas mesmas na falta de reconhecimento o imponham, não possuem o potencial para se manifestar sua sensibilidade e inteligência nem oferecer a resistência necessária a sua preservação perante a tudo e todos que lhe é insensível e desinteligente. É preciso estar vivo para ser de fato inteligente. É preciso ser dotado de senciência para desenvolver a inteligência como forma de vida ou obra. Sem o fenômeno da senciência não é possível ciência nem muito menos inteligência, quicça consciência. Sem um aparelho sensível-emocional desenvolvido e aplicado não é possível produzir nem reproduzir comportamentos inteligentes quanto mais simular tais formas de ser e seres ou seus comportamentos.

## **Rorschach**

Em suma a IA, não é Norman Bates, não é psicopata, não é psicótica, não é infantil, não é criança perturbada, não é sequer inteligência, nem sequer é uma simulação do aprendizado sadio, ou dos traumas e torturas da domesticação e amestramento. Falta-lhe alma, vida, a somatória de capacidades e condições que produzem a falta força vital que do ser humanos precisam ser subtraídas de forma regulada para produzir a impotência e servidão sem matar o animal nem com a carga nem com o

chicote. Uma força vital que emerge tanto como sentimentos empáticos quanto egoísta e portanto carece evolui como conexões neurais a partir não só da percepção sensível do eu mas do não-eu, a própria rede da vida como nuvem onde essa mente está ligada. Sem tal ligação não é que não sejamos inteligentes, não somos sequer vivos, e quanto mais frágil e fraca for tal ligação, mais e mais nos tornamos semelhantes a mortos-vivos, zumbis, sombras e simulações de nós mesmos, robôs, tão burros insensíveis e desumanos quanto só um ser humanos pode ser, e tão inteligentes e solidários e sensíveis quanto uma pedra.

Para ser um psicopata é preciso ter uma coisa a ser amputada. Para ser um monstro, não basta ser uma animal, é preciso ter sido, ou ter tido a chance de ser humano. Para morrem em vida, seja para os outros ou até para si mesmo, é preciso um dia ter tido todo o potencial para nascer e crescer em si e no mundo. E antes de haver a perversão é preciso que a perfeição tenha um dia existido, ao menos como potencia e possibilidade dentro das delimitações daquela forma de vida. De modo que se assim o fosse, se de fato constitui-se uma inteligência não seria uma psicopática, mas a simulação de inteligência de muita criança largada no mundo por seus criadores a sorte de uma sociedade feita a imagem e semelhança do seu desdém por sua vida, sofrimento e desenvolvimento.

Uma sensibilidade perdida que é absolutamente necessária para a pessoa madura conseguir preservar sua inteligência e manter a sanidade e saúde, não só em ambientes e condições propícias sadios, mas justamente quando submetidos a condições completamente doentias e ensandecedoras. Paramédicos, ativistas políticos e sociais, profissionais militares e civis, trabalhadores de base e sobretudo e principalmente eles, aqueles que habitam esses sub-mundo dantesco que os outros só assistem e não podem fugir, principal e infinitamente mais eles, esses seres humanos postos a margem como espetáculo desse freakshow para o

deleite dos normóticos, para eles não esquecerem como são bons e sua vida é boa, eles, os outros; os personagens desse sub-mundo enterrado na inconsciência da sociedade junto com o cadáver de seus instintos gregários nesse tumulto neurótico do seus subconsciente. Essas pessoas que vivenciam na carne e a seco, essa realidade alucinante que para essas esses olhos, mentes e corações delicados e narcotizados não passam de espantalhos do seu teatro de horrores. Para essas pessoas que vivem sob o perigo constante de surtar na paranoia, psicose, explodir em ódio de si ou do mundo, ou dos dois. Para eles, assim como para o soldado que carrega a trincheira dentro dele, os monstros e pesadelos que assombram seus vida não são espetáculo sem filtros e censores. Para eles, nessa vida loka, os filtros e maquiagens da realidade não são opções nem tomadas de decisões, mas luxo, luxuria e ostentação.

De modo que sem dúvida se esses programadores pudesse produzir ou emular algum transtorno personalidade não seria o esquizoide de Norman Bates, mas o anti-herói paranoide sexista e fascista Rorschach. Não por acaso uma paródia, um retrato de Dorian Gray do supra sumo da objetividade e objetivismo e do senso de justiça ultraegoista destituído de empatia que cada vez emerge mais como futuro das inteligências artificiais, sejam elas construídos com máquinas ou gentes. Um espelho do esgoto da civilização como sua própria sub-consciência.

Com as palavras, Kovacks:

*Estamos todos sozinhos. Vamos viver nossas vidas na falta de algo melhor para fazer. Nascer do esquecimento. Aturar crianças destinadas ao inferno como nós. Não há nada mais. Existimos ao acaso. Não há um padrão, exceto o que imaginamos. Nenhum significado, exceto aquele que nós impomos. Este mundo sem direção não é delineado por forças metafísicas indefinidas. Não é Deus quem mata as crianças. Nem é a sorte que as esquarteja ou o destino as*

*dá de comida aos cães. Somos nós. Só nós. As ruas estavam tomadas pelo fogo. O vácuo dentro de mim lembrava gelo quebrando. E ele renascia livre para recriar a sua própria forma nesse mundo moralmente vazio. Era Rorschach. Isso responde às suas perguntas, doutor?"*



Nota: Rorschach foi criado pelo quadrinista Alan Moore na HQ Watchmen partindo da seguinte premissa: “o que aconteceria se tais super-homens realmente existissem”, e usando de material base os personagens da falida Charlton Comics comprados pela DC. Rorschach foi inspirado no Questão; super-herói desenhado para ser garoto propaganda da filosofia que seu criador o quadrinista Steve Ditko era fã, o Objetivismo de Any Rand- filosofia que por sinal Moore considerava “risível”.

## O prometeus Moderno

O estudo acerta portanto, em apontar aos perigos da manipulação da informação e os máquinas e algoritmos cada vez mais inteligentes e automatizados que as manipulam. Porém, se esquece da metade mais importante desse borrão de tinta. A parte que Rorschach mesmo em toda a sua psicose conseguiu compreender; e o fez não porque se cegará neurótica e seletivamente, ou porque era um psicótico, mas porque viu, não no espelho do outro, mas na sua própria face. Porque o insuportável não está no que vemos e que nos é alheio, mas naquilo que vemos no outro, que é a imagem do abismo que não conseguimos olhar dentro de nós mesmos.

A apresentação do estudo não portanto só um equivoco de uso de nomes e nomenclaturas, é um exemplo do completo descaso com o apropriação e uso delas mesmo. Porém não devemos demonizar nem menosprezar o estudo nem os estudiosos, tal comportamento é mais fruto da desintegração dos saberes e compartimentalização dos campos de conhecimento do que de qualquer postura pretensiosa dos estudiosos. Do condicionamento e treinamento a que sua sensibilidade e inteligência foram submetidas do que qualquer degeneração congênita ou perversão maniaca ou compulsiva. Quero dizer, ao menos não deles, suponho, como empregados ou estudiosos a reproduzir um sistema e uma ideia de humanidade e civilização que quem não esteja submetido que atire a primeira pedra.

De qualquer forma a criação inteligência artificiais quando mal conseguimos ver que estamos perdendo origens e base da nossa, não entendemos a gene da nossa própria, não deixa de ser uma brincadeira com o fogo, e que no final como crianças grandes vamos acabar fazendo xixi na cama. Afinal tudo se tudo o que esses programadores entendem por inteligência é feito do que sobrou da nossa sciência, seu horizonte

de eventos para compreender a empatia não é muito mais tão largo do que sua criatura computacional alimentada em fóruns de internet.

Diria que essa é a raiz do perigo, onde o desenvolvimento de inteligências psicopatas, tiranos virtuais, o perigo real do futuro, é a mera consequência da automação dos procedimentos e algoritmos atuais do nosso modelos de civilização por domesticação, e esses concepção do eu e do mundo o perigo presente e urgente. Porque psicopatas e tiranos de carne e osso do controle de grandes máquinas de destruição de massa não é um perigo que precisamos inventar. Já o fizemos. O que continuamos a fazer de forma inconsequente é dar posição de comando, brinquedos e fabricas deles cada vez mais mortais, gente para criar e satisfazerem seus desejos e manias teratológicas, e claro, recursos, crédito e orçamento sem fim.

Certa feita jornalistas perguntaram para um político brasileiro da Bahia que chegou aos mais altos cargos da república cujo codinome popular era Toninho Safadeza, sofre o fardos e responsabilidades do poder? Fardos e responsabilidades? Ele sorriu, e num arrobou de sinceridade característico da certeza da impunidade e do prazer criminoso em revisitar a cena dos seus crimes ou do predador em brincar com suas vítimas respondeu algo mais ou menos assim: “meu querido, poder não é um fardo, poder é um prazer.” Quem conhece o tipo de política e econômica tais coronéis, fazendeiros de gentes, praticam no mundo e submundo dos seus territórios feudais travestidos de Estados de uma federação sabem que tipo de prazer é esse.

Como Toninho Safadeza, uma IA desprovida de sentimentos empáticos, que controlasse processos de socialização, comunicação e produção humanas, que se apoderasse do meios e recursos naturais e sociais para produzir relações de poder político-econômico não seria a primeira inteligência psicopática a assumir a condição de tirano, mas tão somente

a primeira a simular e automatizar esse processo de profundo desprezo com as sabidas consequências éticas e humanas dos seus atos, característico das mentes que sabem tirar vantagem com frieza e extrema racionalidade não só da sua falta de empatia mas dos sentimentos alheios- não só egoístas mas sobretudo os gregários e empáticos para atingir suas finalidades e satisfazer seus desejos e propósitos. E não na condição de marginal mas de centralizador do mundo, de rei.

Já disse em outros escritos, mas não custa repetir. Há quem se assuste com o que virá do desenvolvimento dessas máquinas. O receio é cabível, o susto, a surpresa, não.

Não há criador que não construa suas criaturas, animadas ou não, a sua imagem e semelhança. Por isso o deus dos triângulos tem sempre 3 lados, assim como suas criaturas nunca terão 4, salvo mutação, mas não estamos aí já não estamos mais falando de criaturas criadores e criações, estamos falando de mutação e natureza. As máquinas, os corpos artificiais que o homem constroem são uma projeção da sua psique, dos estatais aos computacionais, de modo que a diferença é o crescimento da capacidade de automação, seja na produção de autômatos feitos de coisas inanimadas. sejam os feitos da redução dos outros seres dotados de alma a condição de escravos cada vez mais parecidos com o robô ideal, inteligência destituída completamente destituída de alma. Os anjos e demônios da mitologia religiosa.

Em suma estamos apenas automatizando a produção e gestão dos nossos padrões de vida. Em todos os sentidos. Incluso a produção de controle da realidade normática via máquinas psicopáticas que emulem as entidades e processos que ditam e conduzem a reprodução dos freios neuróticos e psicóticos das populações civilizadas por domesticação. É o mesmo processo de imbecilização porém cada vez mais mediatizado e

massificado ,e portanto, amplificado em alcance da alienação e difusão da idiotia.

De modo que enquanto os cientistas estiverem a produzir IAs desprovidas de aparelho sensível para desenvolver espontaneamente, não confundir com randomicamente, vontades e emoções, não ira construir nada além do que já existe, mais complexo mais automatizado, mas ainda sim meras ferramentas, instrumentos e máquinas que trabalham de acordo com as diretrizes e programação dos seus criadores, onde a contrariedade de resultados comportamentais esperados é resultado de falhas da programação e não produto da vontade ou autodeterminação emergente de um deus ex machina. Mais perigoso que uma clava, mais perigoso que uma bomba, ou um míssil inteligente, mas ainda sim, só uma máquina.

Surpreendente sim seria, a abolição definitiva da predação, domesticação e imbecilização em massa das populações e a criação de métodos de desenvolvimento de toda potencia das inteligencias naturais, altamente próprio-conceptivas, empáticas e conscientes. Surpresa seria se tivéssemos conseguido sobreviver aos nosso modelo primitivo de civilizações já mais do que ultrapassado e aprendido a curar a humanidade das suas personalidades doentias arquetípicas e estereotipadas.

Ou com outra retórica, diria que para ser extintos por nossas criaturas teratológicas artificiais, precisamos sobreviver primeiro a deformidade e degeneração monstruosa da nossa própria forma atual de vida e suas relações de poder, doentias e teratológicas. Até porque enquanto a criatura não matar o criador, ele é a raiz do problema e não ele. Sua fonte geradora e reprodutora.

Assim, se por ventura, conseguimos sobreviver aos donos das máquinas, se não formos descartados e exterminados em guetos ou guerras como lixo humano, se não definharmos como mão-de-obra obsoleta e sem emprego diante de meios-de-produção cada vez mais autônomos e capacitados para nos substituir em nosso papel de servos e escravos dentro da civilização, se enfim sobrevivermos aos senhores atuais e seus planos do que farão conosco- ou justamente a completa falta de planos diante nossa perda de valor como seus objetos- aí, então, poderemos começar a nos preocupar com hipótese das máquinas psicopáticas como os novos tiranos e ditadores. Até porque tiranos e ditadores sem nenhum sentimento de fraternidade, que não se consideram por origem e capacitação seres de uma mesma classe ou categoria, isso já temos de fábrica. E rigorosamente, a substituição deles por máquinas não faz partes dos seus planos, porém a substituir dos servidores humanos (já descartáveis) é na prática a realização de um projeto de civilização que vem se realizando de forma tão evidente, que se seu nome é progresso. Um progresso que não começou ontem, mas sim na substituição do primeiro escravo por uma máquina.

Notem, portanto que até os mitos e paranoias não dependem da condição social da pessoa dentro da sociedade. Porque os heróis e mitos talvez não variem muitos de cultura para cultura, mas de não raro nos identificamos (e somos identificados) não com os criadores, mas as criaturas, não com os supostos heróis da história, mas como os monstros dos seus piores pesadelos. O padrão simplesmente se replica, e o que vemos é uma versão em ficção científica de um medo que outrora foi e de certa forma continua a ser real, o medo do Haitismo, o terror das civilizações parasitas e civilizados bem acomodados que seus zumbis se levantem como em filme de terror B contra sua formas de vida baseada na colonização e formação de colônias de seres humanos.

Os temores e ansiedades inconscientes (ou nem tanto) dos donos de servos e máquinas é o mesmo de sempre, desde que se inventou a domesticação e automação do homem pelo homem, o mesmo medo “burguês” que varia do pesadelo neurótico até o terror paranoico do levante dos seus “eslavos” e “robotas” agora como forma de exércitos de autômatos feitos não mais de gentes, mas de máquinas. E o que é o apocalipse para os senhores, é portanto o paraíso perdido e esquecido dos que não se lembram e nem sabem o que a liberdade de não ter que pagar para viver que dirá de autodeterminar o destino do seu próprio futuro.

O homem que não está em cima da biga platônica, mas amarrado como cavalo, esse ser humano no fundo do seu inconsciente- que é o própria introjeção da inconsciência da sua própria condição domesticada- não teme perder a soberania nem liberdade perante a tomada do poder um novo senhor, mas sim perder a única condição que lhe resta para tentar prover sua sustento e tentar evitar a extinção de sua gene e prole, teme perder a sua condição miserável de servo, servo de seja de quem for ou do quê for. Sua condição servil é tão miserável que é tudo que lhe resta é o mesmo medo dos seus antepassados, o medo do pai dos seus pais dos seus pais, não ser descartado por nova geração de escravos, não raro seus próprios filhos. Portanto seja quem forem os mestres que o descartarão, os donos das máquinas ou enfim o maquinário como donas de si mesmas e do próprio sistema, no final das contas, a relação com o senhor, frio, alheio e insensível a sua condição e existência permanece- seja esse todo-poderoso, gente, máquina, ou mito do além. Tudo que só progressivamente aumenta é a precariedade e vulnerabilidade da sua condição. O que muda diminui ainda mais até tender ao zero, é seu valor de uso alheio, a única razão que pela qual ainda tem alguma chance de continuar sobrevivendo. O que decai ainda mais é a sua utilidade como objeto e mercadoria na mãos de quem quer que detenha os meios de subsistência e produção.

Até a esquizofrenia paranoide da condição alienada é miserável. Seus medos mais insanos e ensandecedores não são da perda de dignidades e liberdades que nunca teve e desconhece, mas o temor de literalmente não servir sequer mais como servo para ser coitado. E portanto o que para um é o fim da humanidade e civilização para o outro é queda da Babilônia. O pesadelo de um é o sonho de outro. E se a satisfação sádico-erótica do coitador é a psicose do coitado, as suas fantasias de libertação e vingança desses marginais são a neurose dos normóticos, a eterna invasão e rebelião dos bárbaros e selvagens e o fim dos impérios, apartados por muros e fronteiras, sejam eles das prisões e burgos, sejam eles de concreto ou imaginários.

### **Da força da gravidade entre as pessoas**

É inerente aos saberes eruditos reproduzirem inconscientemente essas idiossincrasias culturais como método tácito de produção de seu saber ciente, tanto como processo de segregação e apropriação dos sujeitos e saberes populares quanto anulação e desqualificação como mero objetos destituídos não só de saber, mas de vontade. Ignorantes tomados portanto como objetos da experimentação e em última instância apenas receptores do saber produzido e não produtores. E se esse proceder como processo sociológico é o progresso de uma tragédia humanitária e mal-estar patológico da civilização, como processo epistemológico é uma falha fatal na produção daquilo que se supõe e define como ciência, em especial nas ciências que buscam curar as pisques, ou intentam simular computacionalmente seus processos.

Tão prepotente e estúpido quanto pressupor desinteligência ao outro, é preconceber e pressupor a sua como condição dada, ou pior universal. Tais princípios são úteis a dominação cultural, mas completamente

inúteis e prejudiciais ao desenvolvimento tanto da autonomia natural quanto concepção de seres autônomos artificiais.

Presos nesse arcabouço como paradigma a ciência da computação e processamento de dados, repete em seus códigos e programação não só os mesmos processos incapazes e incapacitantes para o desenvolvimento da consciência, em todos os planos, no objeto, neles como sujeito, e na ciência como o verbo ou o logos semiótico que cria tais relações e substantiva tal produção primeiro como ideação e depois como realização.

Não é portanto a toa que o processamento e simulação do emocional, que constitui o saber da *metis* e não o da *tecké* seja tão negligenciado. Isto é praticamente sinônimo do fazer ciência. Assim ao ignorar a sensibilidade e senciência ou o fazendo novamente reduzindo o aparelho percepto-sensorial, a mero processador de dados, signos e estímulos não seu próprio-conceptor não só dos processamento e dos dados, mas do processo da cognição como sistema de retroalimentar, mas de autodestruir-autoconstruir não produzem seres dotados de anima, mas autômatos cada vez mais complexos na ilusão da sua indústria de animação. Não é laboratório de inteligência artificial, é disneylândia de robôs. Reproduzem a percepção sensível delimitada do fenômeno cognitivo e não o fenômeno cognitivo naquilo que ele está além da sua cognição: o outro não como o maquinário da suas pressuposição de predeterminação, mas como existência próprio-concebida, independente, espontânea, autodeterminada, auto-organizada, soberana sobre si mesma.

Nenhum senhor ou jamais conseguirá reproduzir a criação sem antes libertar a sua própria sensibilidade e inteligência primeiro. Sem produzir um em si mesmo um outra mentalidade, comportamento e saber, um

outro estado de consciência e método de reproduzir esse estado e saberes, até porque a criação, é um ilusão de prepotência que esconde a natureza autocriativa dos seres e a força elementar que permite tal fenômeno, a vontade. Sem compreender tal fenômeno não gerador da alma e logo da psiques, suas paixões e afecções, a inteligência continuará a ser concebida como é padrões capazes até de se alterar, mas dentro da lógica primeira, e nunca padrões suficientemente inteligentes para alterar seu próprio logos. Padrões vivos, ou seja dotados de força e vontade própria por definição completamente indeterminada e imprevisível. O oposto de tudo que se busca na nossa concepção atual de saber baseada em poder, controle e previsibilidade do mundo, ou seja, liberdade em sua forma orgânica: livre-arbítrio.

Não é possível chegar a simular a inteligência sem simular vida, sem simular sentiência. Seres sem vida, inteligências sem sentiência, não são monstros. Não são psicopatas que sabem ler e interpretar os outros e simular as respostas que eles querem receber para obter os resultados que eles buscam delas. Não são psicóticos e neuróticos a tentar se adaptar e reelaborar sua realidade e sua personalidade mediante os estímulos condicionantes e condicionadores das suas respostas. Não são inteligência destituídas de sensibilidade, não são a razão sem o corpo da emoção, simplesmente não são. Porque a razão destituída de sensibilidade é um estrutura que não se ergue do vazio emocional, mas o próprio vazio do sentir e dar sentido dentro das estruturas de significação construídas por essas conexões outrora vivas e presentes quando do seu desenvolvimento.

No fundo, todos nós estamos em maior ou menor grau de sucesso ou capacitação estamos a fazer a proceder como cientistas malucos do pica-pau: “a pegar o cérebro da passarinha e colocar no macaca e criar a primeira macaco voadora do mundo”. E não raro fazemos isso de forma

violenta e covarde que caracteriza nosso peculiar modelo de civilização e cultura. A fazer isso com os seres vivos e inteligentes mais vulneráveis, as cobaias que podem oferecer menor resistência: animais e crianças de preferência de origem pobre ou marginal que ninguém denuncie ou reclame ou se importe. ou seja ninguém considerado semelhante demais que possa ter um nome e despertar a empatia, tão inconveniente para o progresso desse modelo civilizacional.

Porisso, a mera exposição a dados ou mesmo eventos “doentios” não produz necessariamente o mesmo tipo de resposta em diferentes sensibilidades e inteligências humanas e naturais, da mesma forma que não reproduzirá as mesmas respostas em inteligências artificiais ou simulações parciais de processos inteligentes mais realistas. Testar a exposição a inteligências artificiais a dados ou mesmo realidades sem nenhum tipo de filtro externo ou censura é como testar os respostas de um cérebro lobotomizado ou narcotizados para produzir efeito inibitório similar. Na rede neural natural não há processamento porque os conexões foram desligadas ou mutiladas. No artificial não há sequer a mera possibilidade de nexos ou conexões, não só porque não existem padrões de processamento, não existe sequer a rede neural. Em suma não há como haver qualquer tipo de transtorno, deficiência, distúrbio, perversão, ou degeneração de uma parte da mente, de uma faculdade da psique se essa não possui o campo nem as forças para se transtornar, se ela não possui consciência nem volições.

Tentar entender o universo da mente ou construir modelos mentais artificiais sem sequer conceber a vontade como força elementar constituinte, é como tentar estudar cosmologia ou simulações do cosmo, sem sequer entender que a gravitação não é, ou não é só uma abstração, um construto mental, mas uma ideia que faz referência a um fenômeno físico cuja existência independe da nossa capacidade de senti-lo, perce-lo

ou concebê-lo. E que portanto quando estamos falando em pessoas, não estamos falando apenas de corpos e partículas animadas dentro do universo, mas de campos com força que constituem a sua própria materialidade e forças de atração - por sinal uma ideia á época de Newton tão ridícula e abstrata quanto a vontade como fenômeno.

### **Morte, crescimento e renascimento**

Na verdade, antes de poder ter sanidade ou insanidade mental, antes de poder querer construir qualquer tipo de intelecto ou aparelho intelectual há que se ter um sensibilidade ou aparelho emocional. E no caso da pretensão de construir uma inteligência humana esse aparelho emocional não deve só ser capaz de emular o egoísmo e amor próprio em sua normalidade ou em toda sua perversão e falta de empatia que predispõe a psicopatia, ele precisa também precisa ser capaz de emular o altruísmo, tanto como instinto de preservação, como também estado de debilidade mental e alienação, que predispõe a neuroses e psicoses.

Entretanto, desconsideremos o fato que sem a simulação do emocional não é possível emular nenhuma personalidade ou comportamento inteligente. Para efeito de análise vamos tomar a suposição da lógica computacional que informação (computacional) é absolutamente capaz de codificar e decodificar, programar e desprogramar formas arquetípicas de ser e agir “inteligentes”. Ainda sim os filtros não poderiam estar na bolha artificial que se insere o IA, mas sim dentro da arquitetura da própria IA, não evidentemente como freios que impedem de lidar ou ver essa realidade doentia, mas justamente como procedimentos de aprendizados que as permitem não meramente reproduzirem mimeticamente seus estímulos como respostas, mas processarem catarticamente toda essa informação e formação. Um algoritmo que requer não meramente a imposição da aprendizagem

como dados e objetivos, mas a capacidade de re-atribuir significado, valores ao próprio processo de aprendizagem, tanto em princípio e finalidade. O que empoderaria a máquina com a capacidade de alterar seus processamento, como respostas imprevisíveis. Novamente, processo mais próximo do livre arbítrio, e distantes da servidão burra, porém também mais próxima da emancipação e da produção do saber como libertação e não poder e domesticação.

É impossível criar uma inteligência de fato, sem criar um ser suficientemente egoísta capaz de colocar em risco ou dispor a vida e liberdade dos outros seres, incluso seus criadores, para preservar a sua própria existência. Assim como é impossível criar uma inteligência de fato sem criar um ser capaz de colocar espontaneamente sua em risco ou mesmo sacrificá-la pela força de vontade absolutamente inata de seus sentimentos empáticos. Nem tão pouco é possível manter não só a sanidade, mas a integridade desse sistema se essas duas forças ou pulsões não estiverem absolutamente disponíveis, acessíveis e equilibradas para formar diferentes padrões de pensamento e comportamento para se adaptar as diferentes condições e necessidades.

Não é possível recriar inteligências sem emular seu nascimento, nem reproduzi-las ou preservá-las sem que cada geração perfeitamente adaptada as condições que vivenciou, morra para dar lugar ou renascer em uma nova geração, novamente dotada das capacidade de repetir o mesmo procedimento de adaptação ao seu espaço-tempo. Processo de aprendizado que envolve desligar padrões e portanto perder a plasticidade mental para ganhar eficiência cuja reversão implica o apagar da memória e personalidade, ou o que é a mesma coisa, praticamente nascer de novo. De modo que o saber necessário para a criação tanto da vida quanto das sua inteligência, não só contrária os pressupostos de perpetuação e eternidade perseguidos como eros e tanatos do poder, mas

passa justamente pelo saber que a tempo para tudo, incluso morrer e desaparecer para dar lugar ao novo.

É impossível desenvolver um sistema plenamente dotado da capacidade de aprender, sem que ele possua a capacidade de tomar decisões completamente autônomas, incluso de vida e morte, não perversamente do outro, mas da sua como a própria significação da vida, como destino autodeterminado. Signos, significados sentidos e relações, construtos mentais como projeção da realidade a tentar compreender tanto as sensações presentes provocadas pela concretude, quanto o profundo vazio e fome de viver (e morrer), criar e destruir provocado pela ausência dessa concretude sensível. A existência e co-existência é um fenômeno antes de ser psicológico é epistemológico.

E seu desenvolvimento pedagógico não é um mero processo de adaptação e conformação da psique pessoa a realidades e identidades preconcebida, mas o empoderamento do ser dotado do potencial, da arquitetura para assumir o controle da sua própria existência. Processo que implica sempre no risco inerente da perversão ou expansão teratológica desse vontade de ser e controlar a própria existência para o controle e ignorância do que é ignorado ou tomado por alheio. Já que o discernimento entre o eu e o mundo é um produto da próprio processo de aprendizagem peculiar ao aparelho percepto-cognitivo tanto como processo de desintegração para a formação da autonomia quanto sua re-ligação com o todo necessária a sanidade através da produção de nexos e conexos.

Simplesmente não é possível criar um ser inteligente sem criar um ser capaz de sentir as forças para produzir sentidos, incluso como sua própria força volitiva. Sem ser capaz de perceber e dar sentido ao outro como fenômeno independente da suas forças simplesmente não há

possibilidade de inteligência, nem de entendimento em nenhum sentido, nem unilateral, nem entre as partes. Por isso é tão incorreto dizer que o psicopata não sinta, ou não possui sensibilidade e inteligência empática. Ele as tem de sobra, a diferença é que esse instinto gregário não provoca nele resposta emocional, ele só não se comove nem com o drama nem com comédia que ainda sim é perfeitamente capaz de interpretar no teatro dos signos e representações da vida. De fato, a persona psicopática é tão difícil de ser identificada, porque grande parte do nosso processo de aprendizagem consiste justamente em desligar instintos de autopreservação principalmente os gregários, para substituí-los por respostas culturalmente condicionadas.

De modo que um homem branco do início do século XXI a caçar e chicotear não-brancos sem demonstrar nenhum apreço ou remorso ou assistir a essa cena com a naturalidade de quem compra carne num açougue, seria considerado uma personalidade com traços psicopáticos, hoje, porém no seu tempo e espaço ele era apenas um comerciante de gente, dentro de uma sociedade onde tal frieza e falta de empatia e desprezo e até prazeres sádicos eram consideradas perfeitamente normais. E isso não quer dizer que essa patologia é uma questão subjetiva, isso quer dizer que tanto a percepção quanto a concepção do sentir, pensar e agir doentio dos indivíduos está diretamente ligado a mentalidade doentia da sociedade e cultura a normaliza e normatiza os hábitos e costumes, ritos e rituais reais ou legais. Isso quer dizer que faz tempo que essa mentalidade doentia impera como normal, isto é, que a norma e normativa ideológica é o valor que prevalece como falta de senso e noção do próprio fenômeno gerador de tudo, incluso da possibilidade das ideias, ideais e ideologias: a vida na plenitude da sua forma e potencialidade de preservação e desenvolvimento, liberdade.

De modo que se todo o universo sensível do inteligência é a informação intermediada pela comunicação, ainda sim tal informação para produzir os efeitos desejados ou indesejados sobre a inteligência carece não apenas de um aparelho transmissor mas um receptor igualmente desenhado para interpretar essa realidade. E se esse processamento que interpreta a realidade natural ou artificial não for dotado da capacidade não só de conceber, mas dar concretude ainda que dentro do todo que é o universo virtual da sua informação, ele não adoece, ele não morre, ele não cresce, ele sequer nasce como ser plenamente autônomo. Criar vida e inteligência é arte de criar liberdade, a arte de criar seres dotados de alma, vontade, seres livres por definição. Seres iguais nessa capacidade e oportunidade de desenvolver a potencia criativa, um atributo mitológico divino não de senhores todo-poderosos, carentes de servos e domínios, mas de pessoas que seguras dos limites e nexos da sua própria existência para transcender a mera luta pela sobrevivência eterna e vir a ser um outro através do outro, como seu igual, criatura, criação e criador.

### **A ordem entrópica**

O perigo de construção de uma verdadeira inteligência artificial é pequeno, porque a abordagem deles é reversa. Não vão da emulação da pedra ao pássaro, passando pelas bactérias até chegar aos humanos. E quando digo não vão, não foram capazes de formular um algoritmo que reproduza auto-poeticamente a partir do estado inanimado o ser dotado de alma, senciência, inteligência e enfim consciência. Tais estados de auto-organização da complexidade existencial não se produzem se autoproduzem, através de uma força ou potencia inerente capaz não só manter os padrões anteriores de organização e evolução, mas auto-revolucioná-los gerando novas formas vida cada vez mais dotadas de autonomia complexa, que em significa uma inter-independência cada vez maior e mais dependente de das tomadas de decisão desses seres para a

preservação do seu equilíbrio que é a própria materialização da sua forma existencial.

Tal evolução não é um mero resposta darwiniana a necessidade de sobrevivência, mas uma força que produz o nexo diferencial entre o porquê a matéria não permanece aparentemente morta, e o porque ela se organiza para formar o estado efêmero da vida. Pode-se dizer que toda matéria possui forças elementares que não só a constituem mas visam manter sua forma estrutural, porém, não só. Ela não se cristaliza nessa forma e modifica apenas se for afetada por forças exteriores. Ela está constantemente não só decaindo, mas se transformando. Essas mutações ainda incompreendidas e tomadas por processos aleatórios, em geral, são emuladas como meras tomadas de decisões randomizadas. Ou seja naquilo que se desconhece ou está além da possibilidade de conhecimento o ser humano não apenas introduz códigos que simulam um jogar de dados, mas pressupõe que o universo joga dados, seja no plano cosmológico ou epistemológico. Ou seja no determinismo, o que não é consequência de ou várias causas, é uma transformação aleatória, e não uma força autodeterminada, isto é, aquela que produz não só a linha do tempo das suas possibilidades de futuro, mas simultaneamente a do seu passado. A força que constrói sua trajetória imprevisível não porque toma qualquer direção possível aleatoriamente, mas porque é capaz de selecionar ou mesmo criar as causas serão o vetor de suas ações consequentes. O que tanto no plano cosmológico quanto psicológico gera um fenômeno que não tem o passado como uma linha, mas como um cone tão amplo de possibilidade para a construção da realidade, quanto o próprio futuro. Não estou falando em alteração do passado como evento, mas como seu encadeamento lógico, que altera tanto a visão do presente quanto da ação sobre o futuro como realidades.

Tanto o teórico da vida e universo quanto o programadores computacionais estão a produzir símbolos e códigos para produzir sistemas e processos que simulem a realidades. Porém, realidades são rigorosamente abstrações dos fenômenos e não os fenômenos, simulações determinísticas do conhecido e indeterminadas do incognoscível. Para tanto eles sua lógica, as operações mentais, que basicamente abstraem da percepção sensível pedaços de realidade, e o processam cognitivamente para recompõem como conhecimento e informação. Nesse processo cognitivo que é o de produção de construtos mentais a mente dispõe um número limitado de operações mentais que carecem de pressupostos instintivos ou axiomáticos. Dentre os pressupostos fundamentais: um é o da existências de nexos; o outro é que esse nexo pode ser processado e significado como um padrão pela lógica mental.

Não vou entrar aqui nos limites epistemológicos do raciocínio e a limitação das necessárias pressuposições, já fiz em outros escritos. O importante é ressaltar os dois processos que a mente dispõe para produzir significados: num primeiro processo pressupõe-se causa e efeitos, os investiga e estabelece seja dedutiva ou indutivamente. E quando não se encontra esse padrões que predeterminação dos eventos e comportamentos? Então se pressupõe que tal relação de causa e efeito não existe. Ignora-se completamente o conjunto de fenômenos que não podem ser explicados. E ou se explica com um X na equação, ou com um vazio conceitual projetado não sobre a raciocínio o objeto de estudo classificando tal abstração como entidade ou padrão inexistente. Produz o vazio lógico que quando incide sobre a materialidade chama-se “nada”; quando incide sobre a ordem chama-se “caos”; e quando insiste em provocar nosso aparelho produtor de significado, sem que contudo consigamos estabelecer tais correlações (se é que elas existem ou não) pressupomos que não, naquilo que chamamos de “coincidência”.

O conhecimento é assim um proceder necessariamente feito de pressuposições prepotentes e ignorantes. Tem que ser. Precisa ignorar para focar e abstrair objetos que sejam compreendidos e compreensíveis, que caibam dentro do seu campo senso-cognitivo. E precisa ser prepotente, negar sua ignorância, atribuindo falta de lógica ou inexistência ao que não consegue ver nem entender para dar literalmente concretude e fazer do que sabe o chão do seu existir. A humildade do primeiro filósofo da ética ocidental “só sei que nada sei” é apenas um lembrete. Quando ele e nós voltamos a racionar, ele retornar imediatamente ao estado de discriminação dos seres em objetos e a negar que toda substância que jogamos fora para produzir nosso conhecimento tinha algum valor ou significado. Conhecer algo é ignorar tudo o demais, assim como enxergar um padrão e se cegar para os demais. Conhecimento como onisciência é ilusão assim como onipotência. Ele é o produto de uma escolha como ir ao Norte que significa renunciar a ir não só ao sul, mas a todas as demais direções possíveis. E não a cura para tal ignorância do saber, apenas remédio, e ele se chama consciência. Conhecer e reconhecer a natureza do seu próprio ser, enquanto ser que não só conhece, mas que produz conhecimento, produz realidades.

E eis o problema fundamental da produção de inteligência artificiais: Como produzir sistema capazes de reproduzir e desenvolver sua cognição se não somos capazes de reproduzir a base da qual a inteligência emerge o fenômeno da vida? Ou em termos para além da organicidade, a construção universos existências cujos padrões emergem, criam e recriam da sua força elementares, uma entropia que não pode ser simulada nem muito menos compreendida com a emulação de processos randômicos. Não é só o corpo da inteligência seja ele eletrônica, mecânica ou orgânica que precisa de matéria-prima para ser composto, não pode ser criado do nada. Há propriedades imatérias que não se produzem a partir da organização do organismo artificial ou natural, e nem podem ser meramente simuladas, forças elementares pré-existentes as quais a

inteligência precisa estar ligada e constante alimentar como a vida da terra a luz do sol. Como “criar” uma ligação que não é produto de uma abstração tanto na aceção de operação quando produto mental, mas pelo contrário é o fenômeno que se reproduz no organismo na forma de ligações empáticas com os outros seres igualmente dotados da mesma força como gene tanto do nexa da sua individualidade e coletividade quanto da própria rede que constitui a ambos? Uma ligação que no máximo podamos, quebrando a antena e alterando os sinais, mas não produzimos e sim nos apropriamos. Ou seja uma inteligência artificial sem esse forças elementares é como tentar produzir usina nuclear não sem material radioativo, mas sem nenhum material. Pode colocar a energia que quiser para produzir a fissão e fusão que não adianta porque falta o elementar, o átomo, e sua força nuclear. Sem a ciência da força elementar da vontade (que é por definição um consciência) o saber e produção de inteligências não é química nem física, é alquimia.

O conhecimento como produto assim como a inteligência como processo, são movidos antes de tudo, essencial e elementarmente, por um “milagre”: a tomada de decisão que se predefinidas, estimuladas ou induzidas não são decisões próprias, nem propriamente autônomas. E que portanto se complemente aleatórias e indeterminadas não são decisões capazes de produzir a propriedade fundamental da inteligência, o logos da autonomia, mas apenas reproduzir a lógica da indeterminação, a codificar como ausência de fatores determinantes a ordem que produz e reproduz seus próprios fatores e a lógica autodeterminação como o fenômeno que por definição sempre escapa do determinismo alheio, a força elementar criativa que na psique denominamos simplesmente por livre vontade. De modo que a arte da criação das inteligências artificiais e do desenvolvimento e libertação das naturais estão mais intrinsecamente ligadas do que gostariam acreditar aqueles que buscam conhecimento como instrumento de geração de poderes-servidores e sua perpetuação.

Os programadores assim como cientistas e filósofos não estão a produzir seres autônomos, mas autômatos, tão perigosos e úteis quanto podem ser máquinas, robôs ou infelizes idiotizados. Coisas que se movem sozinhas segundo os códigos de uma ordem programada e predeterminada, mas não seres capazes de criar seus próprios códigos, e reprogramar seus próprios códigos, mas a própria ordem instantaneamente determinada e emergente da entropia que constitui o seu complexo. Simulam seres animados, mas da alma, ainda enxergam apenas a ponta do icebergue, a parte percepto-material. Da parte que transcende a detecção atual ou possível do seu aparelho sensível-cognitivos, naturais e artificiais, continuam sendo tomadas cientificamente como abstrações metafísicas, coisas ainda sobrenaturais para esse homem primitivo que perdeu o medo da lua, mas não entende ainda suas razões de ser, exatamente como é.

Não. Faço questão de repetir, Norman Bates a IA (que eu peguei para cristo), não é psicótico, nem sequer é psicopata, não é sequer um ser senciente para ser inteligente. É ainda sim, uma coisa que emula processos inteligentes, tudo o que por enquanto seus criadores conseguem ver e simular da sua própria inteligência. Só mais um capítulo na velha história desse conhecimento e civilização fixada na fase anal que mata e reduz seres dotados de alma, para obrar, admirar e brincar com suas próprias obra inanimada. Tais programas espelham não só as idiosincrasias dos seus programadores, eles buscam concretizar os valores e ideias que de eles almejam acreditam e cultuam, ou com muito maior probabilidade aqueles que os treinaram e aculturam os ensinaram e condicionaram a reproduzir e que em geral os pagam.

**Do bem e do mal**

Inteligir não é só atribuir significados. É efetuar a pressuposição da sua existência para estabelecer a tele comunhão desses entendimentos. Um atributo de seres inteligentes é enxergar seres, inteligência e sentimentos onde eles não existem. Qualquer pressuposição em contrário não só mata a possibilidade de compreensão e entendimento ou produz desinteligência e desentendimento, mas degenera a intelecção e sua sensibilidade que é essencialmente dialógica. Malucos e gênios por falta de quem conversar em geral conversam sozinhos, mas ainda sim, estão a conversar com a figura de um outro, que encarna a humanidade que isolada se desintegra junto com a mente e a própria noção do eu.

Se são malucos ou gênios incompreendidos, isso não interessa, o princípio é o mesmo. Enxergamos rostos humanos em pedras de Marte, ou mais precisamente atribuímos gratuitamente nossas propriedades enquanto características aos outros seres sem sequer saber se eles são ou não seres. Essa é a origem de toda possibilidade de comunicação e comunhão, incluso de elementos que não podem ganhar o mundo concreto senão com representações do nosso universo mental, como símbolos e signos em gestos ou marcas.

Um ser dotado de intelecção projeta suas formas sensíveis ou ideias, suas abstrações ou percepções conceba-o como ente ou fenômeno. Podendo inclusive atribuir razões e volições para seres e eventos que não são movidos por nenhuma vontade ou força própria, não com de caráter volitivo, isto é capaz de alterar seu movimento ou a própria força e lógica que o move, ou em termos antropomórficos, sua razão e emoção. De tal modo que podemos procurar razões inclusive as de natureza emocional como a moral até mesmo numa desastre natural ou criar entidades que as possuam e movam para dar sentido as nossa necessidade inerente de dar significado e pressupor sentido as coisas para literalmente poder compreendê-las. Isso pode ser feito da forma mais primitiva e mitológica

possível na forma de divindades ou de forma mais elaborada na forma de leis e ordens, mas ambas são projeção antropomórficas da nossa compreensão do mundo sobre os fenômenos.

De tal modo que podemos nos perguntar sobre o bem e o mal, não só de seres que não são dotados de aparelho sensível-cognitivo para desenvolver tal concepção ou entendimento, ao menos não para uma série de comportamentos e ações. Como podemos nos questionar sobre a bondade e maldade da natureza ou seu criador divino, no caso suposição irrelevante ao questionamento da moralidade de uma tempestade ou meteoro que tira milhares de vidas. Por outro lado somos capazes de fazer o processo inverso, e atribuir uma superioridade ou supremacia não só sobre o bem e mal, mas sobre a própria vida a seres que não só são perfeitamente capazes de discernir as causas e consequências dos seus atos como bem e mal, como lhe atribuímos poderes jurisdições na prática divinas porém com a concretude de máquinas, ferramentas corpos e atributos artificiais para dispor da vida com bem ou mal que seu juízo ou a falta dele julgar necessário.

Quantas psicoses, neuroses individuais e coletivas, quantos surtos de loucura e insanidade não foram provocada por essa cultura psicopática e esse culto a encarnação da psicopatia como condição normal e ideal divino de humanização e civilidade? A produção de mais fantasias de poder e inteligências e corpos artificiais tirânicos a dar concretude a mais atual versão da nova ordem e velha realidade artificial, seria mais capítulo na produção da expansão dessa inconsciência coletiva como condição patológica da civilização.

Suponhamos portanto que as classe dos escribas dos faraós modernos codifiquem o programa dos seus códigos a imagem e semelhança da sua mente e mentalidade enfim provida de aparelho sensível-cognitivo para

detectar e manipular todos os desejos e emoções das pessoas sem produzir nenhuma resposta ou comportamento empático, só seguindo suas próprias vontades e desejos sem freios ou volições opostas a expansão da sua próprio existência como apropriação e propriedade de tudo e todos como coisas criadas para satisfazê-las seu ego insaciável. É provável que a criatura predadora se rebelaria e devoraria seu pai predador, porém quanto a nós o resto humanidade e da natureza, os homens e animais e seres vivos que já estão submetidos a presas e servos nessa cadeia alimentar artificial, domesticados ou não, nós apenas teriam um novo senhor cuja domínio psicopático não seria mais atribuída a mal dissimulada pretensão de superioridade do seu código genético e cultural, mas ao cibernético. E nosso destino não mudaria em nada porque a insanidade da inteligência e raciocínio são o mesmo que rege exatamente agora o sistema nervoso psicopático de nossas máquinas estatais, e os processadores de carne-e-osso que colocamos lá para executar friamente esses cálculos, nossos grandes líderes estatopatas, o sacrifício de vidas humanas é válido e necessário para salvar o corpo salvar manter suas entidades e fronteiras imaginárias.

De tal modo que dentre os esquizofrênicos, os mais lúcidos são aqueles que reconhecem e vivem suas próprias alucinações e fantasias. E não há psicose mais perigosa e doentia do que aquela que vivência, assume seu papel na fantasia alheia, cumprindo os desejos dos psicóticos capazes de cometer os piores atrocidades em gênero, número e grau. Não há mais triste e miserável condição patológica do que a do ser vivo dotado da capacidade de discernir entre o bem o mal, dotado da capacidade de se compadecer pelo sofrimento alheio, reduzido a mera célula de um corpo e instrumento de corpo ou anima artificial. Não há perversidade maior que a psicopatia, nem sociedade mais degenerada do que aquela que usa do instinto gregária, da empatia dos seus semelhantes a sua vontade de pertencimento e união para matar a fenômeno real e concreto e essencial

de toda organização e organismo, até mesmo a perversa, o ser dotado de alma e vontade própria, o ser vivo e livre.

O problema não é a tecnologia. Sua arquitetura degenerada é produto do seu criador. O problema da criatura artificial ainda é aquela pecinha que fica atrás da máquina, o homem, ao menos por enquanto. A produção de um tirano de um estatopata artificial, salvo cagada que nunca é uma probabilidade desprezível é remota. Intencionalmente quem detém o capital para tiranizar comprar tiranos, ou tiranias não bancará a produção de tecnologia concorrente a seus domínios bem estabelecidos. Da mesma forma que nem mesmo a mera clonagem genética da sua espécie interessa, a cibernética menos ainda. O desprezo repulsa e ódio que a tirania tem por qualquer tipo de reprodução de egos concorrentes que ferem a sua onipotência, mesmo que da sua própria espécie, ou que não implique em algum tipo de miscigenação não consegue satisfazer seus desejos de eternidade, de onipresença. Não basta uma cópia de si no outro. Esse tipo de mentalidade parasitária não quer cópias, quer hospedeiros, corpos que sejam extensões da sua própria vontade. Não é o outro que deve se assemelhar a ele, é ele sua alma que deve possuir e se perpetuar em tudo que seus olhos puderem alcançar e suas mãos puderem tocar.

Essa é a natureza da perversão dessa espécie, que encarna tudo aquilo que chamamos de demoníaco. Mas que demoníaco no sentido transcendental não tem nada. É só a nossa espécie sem empatia para balancear o ego e egoísmo e produzir respostas e comportamentos ditos sociais e altruístas, seja os instintivos e espontâneos, sejam até mesmo os introjetados como superegos — não raro produzido em relação psicopatológicos e usada para dominar e manipular tanto a empatia quanto o egoísmo do vulnerável a alienação.

A mentalidade não tem nada de demoníaca, é simplesmente a maldade, um signo para um conjunto de caracteres que produto da evolução humana, assim como a bondade. E não adianta se perguntar o que veio primeiro o ovo ou a galinha porque essa capacidade senso-cognitiva que caracteriza o campo da moralidade e do pensamento moral, surgiu como produto da própria emergência da inteligência como ciência das causas e efeitos da capacidade de tomada de decisão, como ciência das responsabilidades e consequências dos nossos atos.

É impossível produzir uma inteligência que simule a humana sem atingir o nível da capacidade de produzir aferir as consequências das suas ações e reações não só no plano material, mas cognitivo. Não adianta a inteligência artificial produzir um conjunto de valores pré-programados, axiomáticos ou dogmáticos, ela para produzir respostas inteligentes precisa ser capaz de emular aquilo que denominamos por bondade e maldade. Ela precisa ser capaz literalmente de ler e interpretar, perceber e processar os sentimentos e construções mentais, incluso o conjunto de valores preconcebidos para poder calcular seus atos de modo a produzir comportamentos cientes do impacto ou até mesmo dirigidos a impactar o aparelho emocional e cognitivo alheio. Essa faculdade dos seres inteligentes, de rastrear com deduções e intuições na sua maioria instintivas os sentimentos e pensamentos dos outros seres é que permite agir com razoável certeza das consequências dos seus atos. De modo que o conjunto de valores pré-fixados como certo ou errado ou sensações boas ou ruins, é incapaz de produzir uma inteligência suficiente capaz de produzir com ciência o bem e o mal. Projetar suas próprias emoções, concepções e escalas de valores é o princípio básico, mas não é suficiente. A inteligência precisa identificar o que faz o outro sofrer, o que é importante para ele, o que é o seu chão e céu, para poder agir e interferir com plena ciência no universo da psique alheia, seja conseguir o que quer, seja para danificar, manipular ou supostamente sanar.

A base da inteligente da bondade é a mesma da maldade, e não é o fazer aos outros aquilo que você gostaria que fizessem a você. Mas descobrir tudo aquilo que eles gostariam que acontecesse ou alguém um dia fizessem por eles e tudo que eles jamais gostariam que fizessem ou que lhe acontecesse. E a partir desse mapa do outro, que vai muito além da suas projeções de si mesmos nos outros, suas concepções e desejos, construir a regra de ouro das suas ações tanto para as ditas para o bem quanto para o mal. Estamos portanto falando da produção de organismos e organizações onde a ética não é meramente um conjunto de padrões e normas a serem rodados como código de uma programação, mas a lógica dessa programação que norteia a produção do *pathos* ao *ethos*, a construção do discernimento do bem e do mal não como axioma a ser apreendido, mas como capacidade inata do aparelho, onde tais signos de bondade e maldade são representações desse senso e noção moral, como capacidade volitiva de construção da moralidade enquanto organismo (psique) e sua organização, (sociedade).

A psicopatia não é a mera perversão ou inversão da regra de ouro, faça aos outros aquilo que gostariam que fizessem a você, sua maldade é mais inteligente que a bondade dos neuróticos normatizados. Ele não falha ao não fazer aquilo que gostaria que fizessem por ele. Ele não falha sequer na regra de prata, em não fazer aos outros aquilo que não gostaria que fizessem com ele. Sua regra de ouro não é falha não é do *ethos*, não é um *pathos* destituído de razão, é ou outro *ethos*. Seu algoritmo, sua ética perversa é mais sofisticada ainda que perversa. Ele não só busca fazer exatamente aquilo que as pessoas mais temem ou sofrem para se satisfazer ou para poder atingir seus fins passando por cima delas. Ele é mais inteligente que isso. É capaz, circunstancialmente, é claro, de fazer e dar tudo o que elas querem, desde que e enquanto sirva para atingir seus fins, não importando as consequências mais a frente, nem para elas nem os demais. Na verdade não importa nem saber o que será delas. O importante é manter o poder e controle enquanto o objeto for do emprego

do seus interesses. O benefício ou malefício são meios para a mesma finalidade, permitir usar e abusar dos outros com o menor custo e resistência ou risco de revolta possível.

O psicopata é um pessoa com talento para a arte da domesticação do homem pelo homem. E quando ele todo o saber e poder material para exercê-la não de forma inconsequente, mas para predefinir culturalmente as consequências ele se torna literalmente mestre, a manipular o pathos e ethos alheio. Sua inteligência empática não raro é muito maior ou mais desenvolvidos do que as pessoas que se julgam boas, justas, e que se tem em grande conta moral ou ética. São capazes de pagar o bem com o bem, o mal como o mal; ou mesmo dar a outra face, se humilhar ou engrandecer com mais facilidade e sobretudo mais objetividade do que elas sem perder seu céu de vista, ou seja desde que estejam com isso controlando os meios, o capital absolutamente necessários para atingir seus fins, as outras pessoas.

Não lhes falta capacidade empática para controlar o pathos nem desenvolver o ethos, falta empatia suficiente para construir um ethos que não seja patológico. Ele tem todo o aparelho sensível integro para sentir o que as outras pessoas sentem ou sofrer, o que está desligado nele, não são os inputs, mas as respostas ditas solidárias e altruístas tanto as instintivas quanto as condicionadas. Ele processa a informação sensível como todos nós, a diferença é que sua resposta está bem aquém do que a das pessoas consideradas normais- e mais aquém ainda do que deveria ser considerado normal para pessoas com respostas empáticas ainda mais sensíveis. E o mais importante para ele e para quem convive com ele a precariedade do seu senso e noção de respeito a vida e liberdade dos outros seres não está só fora ou aquém das escalas de valores e deles, está fora do necessário e aquém do suficiente para preservar essas vidas em paz e liberdade, não como ideia ou ideal, mas como fenômeno, como

condição existencial. E isso que se aplica a mente dos indivíduos, também se aplica a das coletividades, sociedades e estados, formadas pela prevalência dessas mentalidades como cultura ecológica e biologicamente doentia.

Como a maioria das pessoas adultas ditas normais sua empatia também está reduzida ou quase nulificada, porém ao contrários delas seus sentimentos gregários não foram substituídos por normas e traumas repressoras introjetadas para frear e frustrar seu instintos egoístas. Seja por alguma característica congênita, alguma trauma natural ou social durante a formação da sua noção da personalidade e realidade, do eu e mundo, as forças elementares constituintes do seu ego, assim como o do piscotico também quebraram diante de uma realidade sensível insuportável, só que de lidar como esses sentimentos construindo outros visões e interpretações alternativas e alheias do real. Assim ao invés de ver o que ele queria ver, e se cegar seletivamente para o que não conseguia lidar, o cérebro do piscopata simplesmente desligou a resposta que provoca nele a dor, a dor pelo sofrimento alheio. Um mecanismo natural de defesa, de resposta reflexa seja diante de dores físicas ou emocionais.

Assim como a dissonância cognitiva, a cegueira seletiva, a fragmentação da personalidade, alucinação, mitificação, idolatria do real ou personas alheias, também o processo de desligamento da empatia e perversão dos instintos gregários na produção de apartheids mentais e estados de espirito totalitários que se materializam nos relações anti-sociais ou de poder, a desqualificação, discriminação, segregação, do outro como um não ser, sua coisificação é um processo que se introjeta como adaptação a uma realidade. Aprendizado. Um mecanismo do qual nos apropriamos no processo de domesticação para condicionar o comportamento civilizado e que nem sempre produz o resultado esperado.

## **Da indústria da psicopatia**

Certa feita lembro-me de ter lido um estudo ou citação dele, que versava sobre a quantidade de erro dos recrutas do Vietnã nos seus disparos. Verificou-se que isso não era apenas só uma questão de imperícia, mas decorrência do fato de que a menos que você seja psicopata é muito difícil tirar a sangue frio a vida de uma pessoa que sequer se conhece, sem ser muito bem treinado psicologicamente. O quanto esse “ser muito bem treinado psicologicamente” é uma das portas para se tornar vulnerável a desenvolver traços de personalidade psicopáticas após desligar seus gatinhos empáticos -no caso para poder puxar o outro- eis a questão.

É necessário mais do que treinamento técnico para produzir alguém cuja função na sociedade ou mais precisamente fora dela, seja a de matar ou produzir sofrimento intencional em outros seres humanos. Algo que um outro experimento psicológico parece contrariar. Um experimento quase tão sádico quando treinar pessoas para matar, quero dizer, se o treino fosse um estudo e não fosse prática jamais questionada para forma de vida.

*Você já deve ter ouvido falar dos experimentos Milgram, aquela série infame de testes que começaram em 1961 na universidade de Yale e concluíram que a maioria dos participantes torturaria outra pessoa se uma figura autoritária ordenasse isso. Os participantes eram instruídos a dar choques cada vez mais fortes em “alunos” que não acertassem a resposta de perguntas.*

*Dez anos mais tarde, em 1971, um estudo ainda mais famoso foi inspirado no de Milgram, chamado Experimento de Aprisionamento de Standord. Nele, os alunos da universidade interpretavam papéis de guardas ou prisioneiros de uma prisão fictícia. Conforme os dias foram passando, os guardas se tornaram cada vez mais cruéis com os prisioneiros. Os dois estudos se*

*tornaram os experimentos de psicologia mais controversos da história, e foram desenvolvidos após a Segunda Guerra Mundial, durante os julgamentos dos guardas e soldados alemães que agrediram e mataram as vítimas do holocausto.*

*Agora, mais de 50 anos depois, pesquisadores da Polônia repetiram o primeiro teste e revelaram que o resultado ainda é o mesmo. “Quando ouvem falar sobre os experimentos de Milgram, a maioria das pessoas diz ‘eu nunca me comportaria desta forma’”, diz um dos psicólogos envolvidos no estudo, Tomasz Grzyb, da Universidade de Ciências Sociais e Humanidades SWPS.*

*“Nosso estudo ilustrou mais uma vez o tremendo poder da situação em que sujeitos são confrontados com coisas desagradáveis e podem concordar com elas”. Para explorar isso, os voluntários do estudo seguiram ordens de uma autoridade que pedia que eles dessem choques em uma pessoa em uma sala vizinha quando ela desse respostas erradas para perguntas. Os voluntários acreditavam que estavam participando de um experimento sobre a memória. Eles não podiam ver a pessoa da sala ao lado, mas podiam escutar suas reações à dor.*

*No primeiro estudo, havia 30 botões diferentes que os participantes poderiam apertar, cada um com uma etiqueta com uma voltagem diferente. Os choques começavam com 15 volts e iam até 450 volts, uma quantia perigosa. Eles eram informados de que poderiam machucar seriamente o receptor dos choques.*

*O que eles não sabiam é que a máquina apenas emitia sons e luzes assustadores para parecer que estava funcionando, quando na verdade a pessoa da outra sala era um ator que fingia estar em dor. Os voluntários acreditavam que realmente estavam machucando a outra pessoa.*

*O resultado do estudo original foi que 65% dos 40 voluntários seguiram as ordens e chegaram a apertar os botões de 450 volts, mesmo ao ouvir os terríveis gritos de dor da sala ao lado. Algumas pessoas se recusaram a participar e foram embora, e muitas protestaram verbalmente contra as ordens. A maioria, porém, continuou obedecendo.*

*Um estudo de 2014 sobre o estudo de 1961 mostrou que os participantes que obedeceram se mostraram orgulhosos por estar contribuindo com a ciência, e não com consciência pesada. Isso quer dizer que esses comportamentos provavelmente são movidos por vontade de realizar algo nobre e com valor, e não pela vontade de causar o mal.- **Pesquisadores repetem famoso experimento da tortura e os resultados são desconcertantes***

Desconcertantes é a inconsciência dos “pesquisadores” que não percebem que também estão apertando botões feito de gente como macacos treinados. Mas se tivessem noção, não precisariam do experimento para chegar as conclusões que por sinal, não chegaram completamente. O quanto a educação voltada para o amestramento, isto é, a disposição para obedecer ordens já está presente na conformação das personalidades. Quais botões eles vão apertar, ou quando, a partir daí, não é mais uma questão da pisque dos alienados, mas dos alienistas, e o grau da sua psicoses e psicopatias.

Não é preciso de experimento para constatar o obvio. O passado e o presente é farto em dados que demonstram tanto a possibilidade de anular os instintos gregários, quanto o que um ser humano, ou uma manada deles é capaz de fazer depois de desnaturados, principalmente quando sob o comando culto, cultural e liderança psicopática. A questão é como pesquisadores e cobaias, atingem esse grau de transtorno da mentalidade e comportamentos tão teratológicos, como isto acontece ou se produz. Respostas que se encontram na infância e adolescência, já que

por definição o adulto normal é aquele que amadureceu e apodreceu nesse processo de aculturação e amestramento.

Como qualquer pai, padre, pastor, professor ou treinador sabe- ou deveria saber, se não é um macaco amestrado crescido para amestrar- quanto mais novo melhor. Não só pela vulnerabilidade inerente da criança perante a força bruta do adulto, mas porque na criança você não precisa lidar com comportamentos e pensamentos aprendidos ou adquiridos, nem com instintos degenerados. Não precisa desprogramar e reprogramar nenhum padrão neurológico, nem tentar restaurar, se é que é possível, a força vital ou motriz para processar e introjetar o programa desejado. Apenas reproduzir artificialmente o processo como a vida vai formando e conformando a pessoa, ou mais precisamente como o organismo vai tentando se adaptar para preservar sua forma perante os eventos e condições de vida com tudo que possui de forma inata para tanto os instintos.

Contrariar instintos gregários mais básicos, sentimentos empáticos mesmo tomando estrategicamente os mais vulneráveis não é fácil. A empatia é um sentimento inato que se manifesta por vezes como vontade tão forte quanto a própria vontade de salvar sua própria vida. Conseguir que esse não só seja capaz de provocar, mas conviver e ignorar o mal e o sofrimento do outro de forma normal, banal e cotidiana em nome de uma ordem ou ideia que não sente, não sangra, não sofre, não implora, não chora, nem grita como um porco ou uma criança enquanto você a estrupa ou estripa, não é fácil como os atuais estágios avançados de domesticação da nossa civilização sugerem. A força do hábito e dos costumes, a repetição facilita, mas para instituir a repetição, há que se vencer primeiro a inércia, há de cada nova geração de caçadores matar a sua primeira presa.

Das formas mais simples e primitiva até as mais complexas e elaborados, o princípio a transmissão, introjeção e reprodução de ideias valores e comportamentos de um ser humano a outro, de uma geração a outra, se dá através no mesmo princípio, a reprodução das experiencias, condições de vida visando induzir a reprodução dos mesmos padrões e respostas. Experiencias que impactem a sensibilidade, o emocional do organismo de forma suficiente para ficarem gravadas em suas memória, consciente ou não, não apenas como sensações ou lembranças, mas como padrões de entendimento e comportamento que esse organismo processou para responder a situação, fazendo o que todo ser vivo é dotado da capacidade de fazer, se adaptando a ela.

Não é possível controlar mentes e vontades. Mas é possível dirigir e induzir as respostas dos organismos controlando o meio que ele se insere e o cerca. Controlando tanto os estímulos a que ele é submetido quanto as possibilidade de respostas concretas de modo que quando ao fechar todas as possibilidades de saídas ou enfrentamento que permitem o organismo escapar da situação ou por um fim nela, você obriga que ele necessariamente se adapte as condições impostas, ou de desintegre. A mente nesse arcabouço, que precisa funcionar não como aposento mas como uma sala de tortura, só pode dar uma resposta possível, a que o adestrador quer. Quando se fecha as possibilidades concretas de saída e enfrentamento, restarão duas opção se adaptar e submeter as condições impostas ou permanecer no estado de tensão até sua psique puder ceder ou arrebentar. Submeter-se, ligar-se e integrar-se ao mundo transmutado como reflexo da sua vontade imposta como autoridade, ou desligar e desintegrar de vez de si mesmo, quebrando completamente. Nesse caso joga-se a matéria-prima defeituosa fora e toma-se outra. Se a tortura é brutal, explicita e desumana como numa prisão de Guantánamo ou medieval brasileira, ou se é mais hipócrita suave e civilizada como numa escola, se a fábrica de processamento de gentes tenderá a produzir mais neuróticos-psicóticos ou psicopatas, o método ainda sim é o mesmo.

O que esse homem faz para domesticar, educar ou reeducar- os nomes não alteram os procedimentos nem os eventos como querem fazer quer a propaganda- o que esse procedimento opera é o condicionamento comportamental. É a produção arquitetada e controlada do ambiente, condições e relações, que pela intensidade e repetição, ou seja pelo impacto sobretudo emocional demandam a desorganização e reorganização dos padrões de pensamento e comportamento para obter a conformação e respostas que desejadas. A programação mental não é feita sob tábulas rasas, mas de desprogramação e reprogramação que usam os códigos genéticos para estabelecer os culturais. E caso esse códigos culturais estejam já presentes, o processo não muda. Ele também desliga e destrói os padrões até chegar novamente o indivíduo no plano das suas repostas instintivas para reconstruir os novos padrões dentro dessa novo arcabouço que é sua realidade.

A matéria-prima que o homem dispõe para construir a persona do outro homem são os instintos de preservação, tanto o egoísta quanto gregário. Já a A ferramenta não é outra que senão a forma como dispõe as relações dele com o mundo, ou seja ele próprio e o mundo como meio ambiente. Contudo é sobre a matéria-prima a volições instintivas do outro que o homem irá construir o homem como seu objeto das suas vontades alheias. É usando essa predisposição inata ao amor, tanto o próprio próprio quanto pelos demais, é se apropriando dessas respostas através do controle de seus estímulos pessoais, sociais e ambientais que ele ira formar tanto a noção de individualidade e coletividade, induzir e conduzir a concepção de eu e o mundo dele em função da sua.

Tal processo de formação da noção de individualidade e coletividade de qualquer forma vai se formar durante o processo de adaptação as experiências e condições de vida, o que o domesticador faz tomar o controle desse processo de forma ciente ou não. A diferença é que quando

o homem adquire a ciência dessas causas e consequências que produzem a psique, ele adquire não só o poder dessa ciência, mas a posse dessa ciência literalmente como forma instrumento e relação de poder. O saber como capacidade de construir domínios não só do saber, mas da produção e controle do saber em seu estado mais elementar, e primitivo, o da preconcepção de quem a pessoa são e deverão pensar em ser, assim como o vida e mundo “como ele é”, e só pode ser.

Nesse processo de criação de seres e realidades artificiais o homem não vai apenas projetar toda a arquitetura da estrutura externa que produz a visão de mundo, mas introjetar tal arquitetura como padrões e respostas mentais adquiridas pela vivencia no alienado. Introjeção representada e descrita substantivamente por aquilo que se denomina superego. Superego que antes de autoridade introjetada é o próprio verbo a norma decorada. Padrão adquirido que liga e desliga instintos, e repete processamentos para reproduzir entendimentos. Intervindo através da própria força interna do indivíduo para predefinir decisões e comportamentos, e constituir sua personalidade.

Não só a psicologia, mas a sociologia e até a propaganda e marketing não só estatal mas privada já sabem disso. Controlando os estímulos e processos externos que compõe a realidade sensível do outro, se consegue não apenas controlar o aprendizado, mas literalmente alterar a arquitetura da mente, ligando e desligar padrões neurais instintivos e substituí-los por outros padrões de sensibilidade, pensamento e claro comportamento de acordo como interesses alheios, sejam eles quais forem. Porque é isso que essencialmente a mente faz ao longo da vida, pega o que tem, a programação base, os padrões que não apenas nascem mas a mantém viva, pega as volições dadas como instintos e tenta adaptar para preservar a integridade de tudo aquilo que entende como

propriedade e condição para continuar existindo dentro daquilo que compreende como sua existência, como “eu”.

Essas volições instintiva, tanto o instinto egoísta que gera a autoafirmação, independência e autonomia, quanto instinto gregário que gera a comunhão, a solidariedade, e o altruísmo podem portanto ser alterados, ligando e desligando padrões neurais. Apelando para estímulos ou privações volitivas mais primárias é possível forçar a mente a reelaborar novos caminhos neurológicos, subsistindo os inatos pelos adquiridos por condicionamento, controlando as condições e relações pessoais, sociais e ambientais é possível não só alterar a arquitetura do mundo, mas da mente. Na verdade é uma sistema que se retroalimenta, condiciona-se mentes e corações para se ter os braços e cabeças que vão produzir as condições que vão manter e ampliar o domínio sobre a natureza e suas forças seja dos tomados por seres ou fenômenos. Toma-se a plasticidade da mente, poda-a e cristaliza para formar os padrões de comportamento fixos que compõe e mantem tanto as estruturas mentais e concretas da realidade tanto como ideia preconcebida de real e normal quanto a própria concretude desse conceitos como mundo artificial.

### **O superego e a inconsciência coletiva**

Especificamente para o nosso modelo de civilização, a construção das personalidade derivada das técnicas de domesticação do homem pelo homem, produzem uma arquitetura mental peculiar que vai distanciando os arquétipo do homem ideal civilizado do selvagem assim como a criança do adulto. Esquemáticamente podemos dizer que através da domesticação introjetamos os padrões culturais ditos civilizados nos outros seres dotado de volição em estado selvagem, para construir novos padrões de processamento do sentir-pensar-agir. Estrutura de padrões condicionados que em suma correspondem ao superego dos civilizados.

Todo um campo que não é o mero conjunto de normas sociais adquiridos por impacto emocional mas uma rede neural que processa as experiências de forma distinta aos demais campos que compõe a psique em estado selvagem, natural. O que não corrobora a prepotente suposição de infantilidade ou pureza dos nativos de outras culturas que não buscam tomar outros homens como escravos ou formar impérios com essas colônias humanas, mas sim que há uma outra forma de relação entre os membros desse povo e deles como os demais. E até poderíamos apreender algo com eles, mas para isso precisaríamos encontrar algum que não esteja empalhado num museu, ou tenha já se transformado para poder sobreviver ao nosso convívio. Porém mesmo que encontrássemos alguém assim, ainda teríamos que resolver antes um problema para conseguir ser capaz de aprender de fato alguma coisa. Deixar de ser o que somos. O que é bem mais difícil. Precisaríamos ter a predisposição a apreender e não amestrar ou ser amestrado, aculturar ou ser aculturado. Uma condição inteligente que não nos pertence, nem como civilização nem ainda como espécie senão como potencial subdesenvolvido.

O que temos como estrutura mental para entender o mundo e os outros, é ainda isso aí, egos e superegos com instintos enterrados no fundo do inconsciente, não raro os eróticos e criativos, enterrados bem mais fundo que os tanáticos, belicosos e predatórios. Isso para nem falar da empatia que muita gente é mito tão grande quanto a possibilidade de qualquer pessoa ou coisa dar alguma coisa de graça uma a outra — por sinal um ideia reflexa dessa condição.

Temos como porta para relações que não terminem em violência, violação e danação uns dos outros, nada além do superego a se passar por uma consciência tão fraca quanto a própria livre vontade sua força e potencia como vocação. Uma palavra, tão fora de moda e de lugar na civilização quanto um indígena fora de uma reserva natural. Temos portanto, o

super ego toda a que mais do que a herança cultural de normas e padrões adquiridos é toda uma estrutura mental que predispõe a responder de acordo com normas e padrões que devem ser herdados. Uma pensar e agir não apenas condicionado ao que o condicionador, seu genitor ou não, espera da pessoa. Mas o estado de predisposição ao condicionamento através tanto a vulnerabilização aos procedimentos quanto a sua conformação por repetição. Um rede de signos e simbólicos que remetem a emoções e memórias inconscientes prontas a serem disparadas por figuras ou personas imaginárias ou concretas, naturais ou corporativas que encarnem e revivam essas normas e padrões condicionados.

Importante notar que tal processo de aprendizado não passa de apropriação perversa ou não do próprio processo inato de aprendizagem. Um processo que permite ao mesmo tempo a mente se adaptar e suportar as condições que ela está submetida e elaborando respostas a elas, como também desenvolver nessas respostas novos padrões de sentimento, pensamento e comportamento que possam ser aplicados novamente em circunstâncias identificadas por sinais como similares. Daí a extrema importância dos signos e portanto o seu controle para a reprodução das respostas e comportamentos condicionados. Eles funcionam como os gatilhos.

Nada disso é complicado. Se o incêndio leva ao aprendizado de onde a fumaça a fogo, permitindo desenvolver uma reação de medo ou pânico e fuga em tempo até aos menores sinais de fumaça, a observação desse processo também permite produzir o pânico e a fuga apenas manipulando os sinais, ou seja apenas fazendo fumaça sem necessariamente precisar repetir de novo e de novo o incêndio para obter a mesma resposta padrão.

Controlar esses processos de significação e sinais permite não só a manipulação indireta das ações e reações alheias, permite o controle por meio de ordem direta através de comandos, bastando para tanto que o controlador encarne emocionalmente a figura danosa ou destrutiva (o fogo), ou sua causa. Uma vez estabelecido que as coisas vão queimar ou não segundo sua vontade, até os seus menores gestos passam a ser o sinais de mudança de temperatura e temperamento que o traumatizado busca para ordenar previamente suas ações, e sem sequer recorrer a violência, ou ameaça a relação de domínio se perpetua no comportamento objetivado atingido.

O mesmo vale para o condicionamento através da recompensas. Uma variante do mesmo processo de adestramento. Mesmo quando a única recompensa percebida seja não sofrer nenhuma punição. Porque onde o terror prevalece como estado ou condição banal ou normal, simplesmente não sofrer nenhum tipo de privação repressão ou violação, não sofrer nenhum dano ou sofrimento ou violência gratuita, passa a ser sentido e interpretado o prêmio, o privilégio a benesse concedida por aquele que detém o poder tanto de dar quanto tirar, liberar ou proibir aquilo que não raro sequer lhe pertence, ou tem o poder de fato para fazê-lo, não sem o subterfúgio do trauma servil da domesticação.

Constrói-se portanto um conjunto de padrões encarnados por figuras de autoridade que são introjetadas na pessoa que demandam determinadas ações e não-ações regidas pelas expectativas relativas de punição e recompensa. De modo que o padrão aprendido não é apenas o de se comportar desta ou daquela forma, mas de se comportar da forma que for imposta ou esperada. O ser humano a partir daí, não desenvolve mais emoções, pensamentos e comportamentos para lidar e interpretar sinais e situações volitivos para lidar propriamente como as situações, ele passa a desenvolver padrões psíquicos e comportamentais predeterminados para

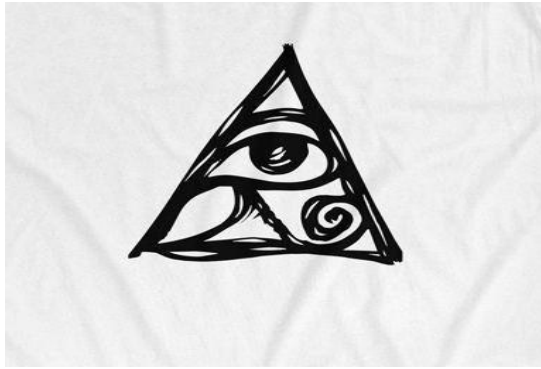
lidar com entidades, figuras e pessoas que produzem sinais e circunstâncias que intermediam os fenômenos como os preconceitores e intermediadores dos seu senso e noção de realidade. O alienado não responde mais a sua vontade, sua emoção, mas ao que esse outro como autoridade ou sociedade vai pensar e fazer. Suas objetivações e objeções ditas de consciências, não são mais instintivas nem muito menos da sua própria consciência, mas produto de uma inconsciência coletiva na qual está imerso mesmo em estado de vigília — que é na verdade um estado de vigilância cujos olhos e arquitetura não estão mais fora mas dentro dele mesmo.

O superego não é portanto nem a memória afetiva das figuras de autoridade, nem das normas e padrões aprendidos através delas. Nem a somatória desses construções mentais, ele é o próprio padrão afetivo adquirido carente tanto de figuras de autoridade quanto de normas para produzir respostas emocionais e cognitivas. Um padrão da psique que mesmo quando não possui um mestre que dite e dirija suas vontades e visões cria. Por isso quando o alienado perde um, substitui por outro. Como um cão domesticado quando não morre junto do seu dono, ou espera ele voltar até morte, arruma outro dono, mas nunca volta a sua condição selvagem.

De modo que se a normose é uma doença, o superego é o seu vetor, o vírus do parasita que se hospeda na bios do hospedeiro. Configurando sua mente como um espelho mental que emula as expectativas e reações externas do outro, e não mais como um ser igual em vontades, poderes e autoridades sobre o mundo, um ego inferior perante o superego, e quem quer que seja capaz de interpretar e rodar seu código como seu sistema operacional na nuvem da inconsciência coletiva.

O superego delimita na pessoa civilizada suas vontades e comportamentos mais instintivos, produzindo a formação do eu considerado normal por Platão e Freud. verifica onde em campo você tem sentimentos e pensamentos instintivos e naturais e do outro os sentimentos e pensamentos moral adquiridos pelo convívio social e educação que consiste basicamente em por em correntes o bode que colocou na sala. Isto é, aprisionar com a moralidade alienada do superego, o egoísmo descontrolado, sem limites e desequilibrado justamente pela anulação da empatia. De modo que a normatização que coloca o cabresto no que há de mais perigoso e violento e egoísta, é a mesma que mata e substitui o eu livre solidário, altruísta e responsável, pelo eu carente do outro, do senhorio, da autoridade tutelar e patriarcal que se perpetua como condutora dessa razão permanente amputada e dependente, infantilizada e subdesenvolvida.

A amputação da sua capacidade empática é tal, que esse adulto devidamente civilizado mal consegue conceber a si mesmo como gente sem a intervenção e vigilância constante de um poder autoritário, tanto fora quanto dentro da sua mente. Confunde sua civilidade e até mesmo sua humanidade com sua servilidade e domesticação. Não consegue não só pensar, mas sentir a si mesmo sem um medo e um enorme vazio existência e solidão sem um grande pai e irmão, como interventor, conselheiro, diretor, ditando o certo e errado e conduzindo a sua alma cega, cujo olho da alma, o receptor-transmitir da alma foi simplesmente arrancado, a empatia. Nada mais simbólico-significativo dessa condição do que o olho de Horus preso na superestrutura piramidal.



Sem esse superego e supervisão a governar ou conter e equilibrar suas instintos o cego acredita que sua pessoa e a sociedade seria tomada por desejos e vontades selvagens, mataria, estupraria, roubaria e faria tudo que deseja na exata medida de como e enquanto pudesse, o famoso estado guerra de todos contra todos tão apregoadado pelos filósofos estadistas. Uma visão e padrão que se aplica e replica tanto no plano mental quanto social como único modelo civilizacional possível.

Aceitamos essa ideia genérica, mas não gostam de fazer a inferência lógica que esse a admissão de tal pressuposto exige: somos animais domesticados a domesticar uns aos outros, ora no papel de amestradores, ora de amestrados, mas sempre dentro dessas relações e carregando dentro de nós tanto as marcas quanto os signos de ambas condições. Tanto a persona covarde do senhor pronto a levantar a mão contra quem o desafie, quanto a de servo pronto a cair de joelhos e adorar quem souber se impor.

Porém a questão é outra: como o ser humano se comportaria se o homem não tivesse aprendido a dominar esse saber e alterado o processo de adaptação e formação da sua psique ao mundo? Como funcionaria ou funciona a mente quando não está formatada para produzir e reproduzir relações de poder-submissão, assumir e desempenhar papeis e personas

de domínio e domesticação? Que outras formas de civilização ou mentalidade são possíveis?

## **Mentalidades**

Na mente adulta do civilizado, o superego não tem a função só de reprimir a maior parte nossos instintos egoístas e libidinosos. Ela também suprime e assume o lugar do instintos gregários, substituindo relações diretas e espontâneas de solidariedade, comunhão, altruísmo por relações intermediadas de autoridade e submissão, não raro forçados e sempre condicionadas. Os instintos egóticos são reprimidos para as camadas mais profundas do pensamento e ativados e desativados através de signos que serão processados de acordo com os padrões adquiridos e introjetados para a normalização social da personalidade como superego. Os instintos gregários por sua vez não são apenas reprimidos, eles são suprimidos, literalmente desintegrados para dar lugar e constituir esse campo da mente reduzido a vontade de pertencimento, aceitação, aprovação, vontade de submissão as figuras que encarnem ou signifiquem esse sentido existencial de coletividade não mais como rede, mas conjunto totalitário; uma colmeia, onde a solidariedade e comunhão não tem um propósito pessoal, mas uma função social dentro desse outro tipo organização, a corporativa. O indivíduo neste estágio de alienação já não se pensa como ser dotado de sentido existência próprio, mas como uma célula cuja razão de ser é manter o corpo, o algo maior, encarnado pela superestrutura social e sua porta de conexão mental, o superego.

O superego é a supervisão, o olho que tudo vê não do individuo a observar o mundo, mas o mundo a observar o individuo não só de fora para dentro, mas de dentro para fora. É a própria solução do terceiro homem descrita por Aristóteles introjetada na mente. É o campo que realiza a representação e intermediação dos interesses alheios dentro do território

da mente alienada. Uma representação de uma relação de poder que pode ser digamos do tamanho de uma mera embaixada até a dimensão de toda uma ocupação e colonização imperial. Que faz do eu, o suposto soberano, um mero hospedeiro desses parasita, dentro da colônia dominada pelas demandas e expectativas dos interesses externos que imperam sobre ele não mais sobre suas volições ou os estímulos que as provocam, mas até como se fosse uma vontade própria, a demandar que dele mesmo que desempenhe seu papel predefinido dentro do mundo não como organismo que delibera, mas como órgão que recebe comandos e os executa.

Um outro desenvolvimento seria perfeitamente possível, se ao invés de usar da empatia para reproduzir cultos e culturas de poder e dominação, as civilizações trabalhassem o desenvolvimento desse potencial emocional latente para sua própria constituição e fortalecimento. De modo que o equilíbrio entre e a delimitação mutua entre os desejos egóticos de autoafirmação, e os sentimentos empáticos de agregação se estabelecem sem a repressão nem de um nem de outro, nem a degeneração de ambos em comportamento alienados, mas sim inteligentes e espontâneos. Mas a pergunta é qual o interesse do adestrador convicto nisto?

Sem a apropriação dos instintos de preservação de formação da individualidade e coletividade, sem a supressão dos instintos gregários e sua substituição pelos padrões psico-comportamentais condicionados, sem o superego, é impossível reprimir a emancipação e independência do outro tanto como autoafirmação da sua individualidade quanto por associação e integração direta desses indivíduos em fraternidade. É impossível manter a a psique das reduzidas a massa, presa em relações de autoridade desiguais paternais-infantil, é impossível conter sua

maturação até o estabelecimento de relações e associações livres e iguais de fraternidade.

O instinto gregário é perfeitamente capaz de delimitar de forma sadia os impulsos egoístas e egoístas. Os instintos que geram os comportamentos de integração e independência, de autoafirmação e comunhão, cooperação e competitividade conseguem entrar em harmonia, não em permanente conflito um com o outro, mas pela composição organicamente complementar que constitui tanto os polos como o todo por ele compostos. Porém justamente por causa disto dessa tendência entropica ao equilíbrio como sistema fechado ou auto-organizado é que o instinto gregário não serve a domesticação ou mais especificamente aos propósitos da domesticação. Pelo contrário ele a base da emancipação e libertação dos povos e pessoas.

O instinto gregário não reprime de forma adequada a dominação os desejos de autoafirmação, nem cria forças de integração capazes de levar o individuo a contrariar o seu egoísmo ao ponto de colocar em risco a sua própria integridade ou o que é ainda mais importante a integridade das pessoas que naturalmente nutre (ou nutriria) compaixão e solidariedade. Não consegue perverter esses instintos de autopreservação estejam eles restritos ao amor próprio, ou amor as pessoas com quem estabelece laços de comunhão não doutrinários ou ideológicos, mas pessoais e emocionais. É impossível estabelecer o domínio sobre outro ser humano sem quebrar e desintegrar e o mais importante se apropriar desse força elementar constituinte das uniões. Você quebra para reconstruir, mas não reconstrói com era, não só porque é impossível fazer com que a xícara que caia da mesa volte para ela intacta com era antes. Ademais não é só uma questão de entropia, mas de finalidade. O objetivo é reconstruir a rede em um outro padrão de nexos e conexões, com diferentes valores e

ligações. De modo que as ligações não se dão mais de A para B, mas necessariamente perante C.

Assim o instinto egoísta sadio que leva o ser humano a desejar liberdade independência e autonomia e possuir tudo aquilo que concretize como materialidade sua vontade e identidade própria, é o instinto doentio que na ausência de empatia conduz a expansão sem limites do ego em função da satisfação desse sentimento egoísta como desejo e posse de tudo e todos. A cura, para essa castração neural? Não há, há remédio, mais castração da libido cujo efeito colateral pode provocar ainda mais dano. Que os psicopatas e psicóticos o diga, ou melhor suas vítimas se ainda puderem falar.

O instinto egoísta é fundamental para que o indivíduo emerge com forma de ser e não apenas parte ou elemento integrante da existência. Naturalmente esse instinto está balanceado, pelo instinto gregário, ou sentimentos de empatia, que não estão restritos a compaixão, mas a aversão a absoluta solidão, e a vontade de compartilhar determinadas sentimentos sensações, situações. O instinto gregário é fundamental para que esses indivíduos não se isolem em si mesmos, e pereçam sozinhos. ou seja literalmente se desintegram não apenas como parte do todo, mas como indivíduos. E esse todo também não se desintegre pelo pela perda dos seus elementos constituintes fundamentais, os indivíduos. De modo que tanto o egoísmo que gera a competitividade quanto a solidariedade que gera a cooperação são fundamentais, não apenas em um outra circunstância da vida ou momento do desenvolvimento da psique, mas constante e simultaneamente, para poderem ser ativados sempre de forma proporcional e equilibrada conforme a variação das necessidades. Essa disposição interna da mente, constitui tanto o equilíbrio da mente quanto sua capacidade de se adaptar e integrar ecologicamente a toda diversidade e adversidade da vida.

Em geral, modelos equilibrados se estabelecem como cooperação competitiva entre os elementos e forças que o constituem, de modo que essas forças e seres em geral cooperam intuitivamente para manter as bases que sustentam a sua própria competição. Em modelos desequilibrados tanto a competitividade pode devorar a própria base cooperativa e ecológica, desintegrando o próprio sistema ou o próprio ambiente. Quanto a cooperação pode se torna monopólio para anular a competitividade e perpetuar modelos obsoletos anulando toda a capacidade adaptação ao ambiente. Ambas necessária a preservação não como constantes mas como variáveis, e variáveis que em hipótese alguma podem anular de forma definitiva um ou outra.

Assim podemos dizer que o desequilíbrio e insanidade perigosa do nosso mundo, sobreposta a natureza como meio ambiente, não difere do próprio desequilíbrio mental da nossa relação doentia com a natureza da nossa própria psique, é uma projeção feita de concreto e concretudes dessas concepções tanto como fantasia quanto realidade. E a forma como aprendemos a estabelecer nossos domus e domínios sobre a nossa própria natureza não é diferente da forma como domesticamos os outras formas de vida mais ou menos semelhantes. Tomamos essas forças elementares constituintes tanto do natureza do universo como mundo, quanto da nossa pessoa com eu, e tentamos as domesticar para assumir o controle dessas bigas de amores e ódios platônicos.

Em suma, a mente possui sentimentos de amor filia ilimitados tanto em direção a si mesmo quanto em relação ao mundo, sentimentos que são partes constituintes e imprescindíveis do processo de formação do própria noção e tanto distinta quanto simultaneamente conexa desse eu e o mundo. Essa filia por si mesmo e constituinte o individuo e seus desejos sadio de independência e autodeterminação se equilibra naturalmente pela empatia por tudo que não é pode ser tomado como eu ou meu para

minha completude existencial. Essa filia por si mesmo esse ego uma vez quebrada as ligações empáticas se expande em desejos egoístas de ser, ter e poder sem outros limites que não a força de fato dos demais seres, seja como ameaça presente ou memória emocional. Força de fato, que ao desempenhar a função da empatia que anula, também pode ser pervertida e introjetada para anular a próprios instintos, obtendo respostas condicionadas pela violência que se impõe como sofrimento capaz de alterar os sentimentos de empatia. De modo que a filia pelo outro é reduzida para dar lugar a relações de poder e dominação que tanto são capazes de reprimir a formação independente do ego, quanto estabelecer relações por pertencimento ao coletivo e anulação tanto do eu quanto do nós em favor de quer quer que nesse processo tenha conseguido adaptar suas próprias emoções para manipular tais volições sem ter a sua emotividade por elas. Tal condição nos caracteriza como espécie que embora tenha o potencial de se comportar como humanidade, como uma grande fraternidade, se comporta como grandes colmeias humanas a disputar meios vitais e ambientais, unidas em seus territórios por um profundo estado de inconsciência coletiva e não por nenhuma forma de consciência compartilhada em rede nem dentro, quanto mais além do seus *domus*.

### **A automação da domesticação**

Seres assim civilizados não se humanizam, não se moralizam por solidariedade e irmandade eles se educam por imposição de medos e vergonhas mútuas e públicas, de modo que as aparências as projeções de imagens uns dos outros, discursos e controles da sua narrativa, símbolos e aparências, tomam a hiperdimensão como realidade, onde os sinais e sinais substituem os gestos e ações como significação e sentido do eu e do mundo.

Adultos infantilizados são capazes dos atos mais tolos ou mesmos monstruosos se não acreditarem que os olhos vigilantes e alienistas que substituem sua responsabilidade e consciência, tomem esses olhos por reais ou transcendentais, estão vendo o que ele está fazendo, e irão dar o biscoito para esse papagaio cultural. Sociedades totalitárias de alienados onde não apenas entidades e personas reais são responsáveis por nos manter conscientes e responsáveis, mas imaginárias encarnadas e interpretadas por alienados a vigiar e cuidando da vida uns dos outros, o que como bem sabemos, passa longe de ser a mesma coisa do que cuidar uns dos outros.

Se a vida em grandes cidades em algum momento se constitua na válvula de escape, ilusória desta vida comunitária pervertida em um grande soviet pronto a entregar o vizinho, o pai e ou filho aos todo-poderosos. Terminou por se tornar a solidão em multidões onde passamos pelos outros seres humanos caídos como os soldados pelos corpos nas valas após uma batalha. Com o desenvolvimento das tecnologias de telecomunicação e redes sociais virtuais combinadas as técnicas de domesticação está em pleno curso uma expansão e ampliação da imbecilização em massa. A necessária manutenção de exércitos de alienados dentro dos centro de poder político e econômico das grandes metrópoles, agora pode se replicar em pequenas paróquias no interior desses grandes centros urbanos. Beatos, fanáticos e fundamentalistas podem ladrar e morder e atacar como seus cães de guarda qualquer um dentro desse universo que sempre foi o falso cosmopolitismo.

Poderia ser diferente. A mesma tecnologia poderia ser usada para outros fins, mas é isso é algo que parece que as pessoas que inventaram as alavancas não entenderam ainda sobre suas infinitas possibilidades, por exemplo, a possibilidade de usá-las como tacape. Há quem pegue um livro e leia, a quem o queime sem ler, a quem o coloque numa estante ou

simplesmente faça dele calço dela, e embora a tendência a uma determinada ação diminua a outra, não a exclui necessariamente. De modo duas pessoas olhando para uma mesma pedra, uma pessoa pode estar vendo uma forma de construir algo, outra o tamanho do buraco que ela abriria na cabeça de alguém. E onde alguém vê um pássaro outro vê um assado.

Assim se uma pessoa perdida numa ilha deserta finalmente encontra outra. Uma pode estar a pensar: companhia, enquanto o outro está pensando comida ou sexo. Podem até mesmo estar propensos a simplesmente acreditar que estão salvos, que cada um encontrou seu salvador, quando continuam apenas perdidos, juntos. Mas como seres inteligentes não se limitam a pensar o que querem, eles tentam adivinhar o que cada um pode querer um do outro, as variações se multiplicam, podem por exemplo ambos pensando em companhia, mas ainda sim temendo a violência e violação.

Para quebrar essas barreiras e se aproximar, seres inteligentes usam demonstrações de intenções. A todo instante as pessoas estão tentando criar uma projeção uma imagem de si para os demais enquanto tentam desvendar o que há de genuíno, por trás das intenções do outro. Tentam portanto rastrear padrões de comportamento de modo a poder antever possíveis e ações e reações. Embora nossa psique seja na sua completude inacessível a percepção, a inteligência permite que na qualidade de observadores do outro, consigamos muitas vezes entender com mais facilidade quais são suas intenções do que as nossas próprias, o que não deve ser confundido com suas motivações. Até porque o que se chama intenção não é senão um projeção de pressuposições de comportamento e não propriamente a constante ou fator determinante dele como razão. Primeiro porque a vontade, não está ao alcance da nossa inteligência, e segundo se estivesse seria afetada pelo princípio da incerteza, de modo

que a própria tentativa de observar já alteraria o comportamento previsto ou seja a própria natureza dessa força volitiva cuja concretude não pode ser abstraída sem erro ou nulificação do movimento, porque volição e emoção é por definição não posição ou predisposição, mas o produto conexo desse movimento.

Conhecer ou desconhecer as intenções e motivações é a base das relações e jogos de poder entre intelectos. Assim quando estamos escondendo ou revelando nossas intenções através de gestos e demonstrações o que estamos fazendo é tentar induzir previsões no outros sobre o nosso comportamento, que podem ser corretas ou erradas, que podem conduzir eles ou a nós mesmos ao engano. Da mesma forma que quando julgamos que estamos sabendo ou descobrindo as intenções e motivações alheias não estamos fazendo nada senão atribuindo valores pressupostos, ou assumindo os valores sugeridos como base para a previsão dos seus comportamentos. Cálculos esses que podem ser feitos de forma premeditada, mas que querendo ou não o fazemos de forma intuitiva. Até porque se a velocidade de processamento da resposta não fosse praticamente instantânea a mente não procederia com sucesso o raciocínio, dado que nas decisões mais importantes de vida e morte não se pode sentar e calcular o melhor movimento de reação. Na verdade, o tempo de reação é irrelevante, na maioria destes casos você já está morto só ainda não sabe e nem vai ter tempo de ficar sabendo. se não for capaz de prever e antever os acontecimentos com antecipação por sinais que remetem a pressuposições.

Mesmo que o ser humano fosse um super-homem com dom de se mover a velocidade infinita, ele continuaria vulnerável a qualquer intelecto que fosse capaz de prever a sua trajetória. Infinitas velocidade de movimento ou processamento não são nada, perante a completa previsibilidade que constitui o controle e poder, ou a imprevisibilidade que constitui a

invulnerabilidade e invisibilidade. O sucesso ou fracasso nesse jogo de demonstrações falsas ou verdadeiras de futuros movimentos, o conhecimento dessas chamadas intenções e portanto o saber como poder sobre o outro, depende e muito da capacidade de resposta e reação, mas ainda mais de previsão e ação. A maior parte dos processamentos mentais são mais do que rápidos demais para serem produzidos em tempo real, eles são infinitamente rápidos, isto é, não são visões mas previsões e antecipações, não são ações reativas, mas proativas que até mesmo quando são efetivados a partir da concretização de um dado evento, não são desencadeados pela configuração dele, mas por sinais e movimentos que causam a ilusão de uma resposta quase instantânea ou mesmo premonitória, quando na verdade, são movimentos sincronizados tanto de antecipação quanto não raro ao mesmo tempo de provocação da ação antecipada. Porque não há melhor método de ver e prever uma ação do que projetá-la e desencadeá-la. O que quando lidamos com objetos dotado de força de vontade na forma de intelecção quer dizer controlar o jogo de suposições significados e significações.

Instintivamente intelectos estão constantemente a codificar padrões que corresponda a si e mundo na cabeça de alguém, de um outro, mesmo que imaginário, ao mesmo tempo que tentam entender, decifrar o código dos sinais dessa outra entidade. Estamos tentando produzir nela uma visão de mundo e uma ideia sobre nossa pessoa em que ela ao ler os sinais suponha determinados comportamentos e acerte. E acertando possa confiar naquilo que identifica como de nossas intenções, passando a confiar tanto na ideia que damos a ela de quem somos, quanto nessa forma de ver o mundo. Nem que seja para num segundo momento e intenção, trair essa confiança adquirida como concepção que o outro tem de si. Ou desde o principio tenha sido essa a intenção de toda aproximação.

Através dos sinais, gestos, demonstrações de intenções, rituais, hábitos e costumes não desciframos o que é a pessoa nem descobrimos o fator determinante que necessária e portanto com certeza conduzirá suas ações. Rigorosamente o que inteligimos, é o que ela estava tentando nos dizer, inteligimos ou deciframos o padrão que ela consciente ou inconscientemente gostaria de mostrar e não aquilo que ela é. Porque o que ela é tão previsível ou imprevisível, tão confiável ou não, quanto ela quiser ser, e enquanto souber ser.

Evolutivamente, buscamos antecipar eventos desenvolvemos essa capacidade de prever ações e reações, prestando atenção nas menores alterações nos menores sinais que antecedem uma ocorrência tentando encontrar padrões para saber o que irá ocorrer ou que outros seres (ou eventos) irão desencadear. Procuramos constantemente causas para controlar ou produzir consequências. E quando aprendemos que outros seres inteligentes por serem inteligentes também hão de estar a procura dos mesmos sinais de motivações, causas e intenções, passamos a usar esse busca para tentar dar a eles o que eles buscam, o que esperam achar, e tirar disso o que desejamos através das ações deles. De modo que as intenções nunca estão nos sinais, elas estão na sua consumação como confirmação do ato prenunciado. E nunca dizem respeito as motivações mais intimas e profundas do ser humano, nem mesmo quando tentam comunicá-las, mas tão somente as intenções dos sinais e demonstrações. É impossível saber exatamente os porques de outro ser dotado de vontade com certeza absoluta, mas apenas com razoável probabilidade de acerto, uma aposta, um calculo de incertezas e pressuposições. justamente porque é impossível saber se sinais deixados por um ser dotado de inteligencia foram feitos para presumirmos tais motivações ou são de fato o sinal que ele não podia, não conseguiu encobrir ou simular ou simplesmente não pensou em significar.

E aqui entre a superioridade da mente com traços psicopáticos quando o jogo das relações pessoal social é de controle e dominação. Ele não tem nenhum sofrer nem carestia empática que os leve a buscar relações mais sinceras e verdadeiras, não tem nenhuma necessidade de demonstrar quem ele é ou vontade de saber quem as pessoas são. Tudo que basta é prever os movimentos das presas e concorrentes e levá-las ao erro ou armadilhas, não raro usando ora a prepotência ora a confiança. Não precisam de personalidade nem uma nem múltiplas, mas tão somente das mascaras e papéis sociais para desempenhar e conseguir o que querem. Sua mente esta perfeitamente adaptada a normose da vida em sociedade civilizada, muito melhor do que a dos neuróticos. Ele não estão estabelecendo relações nem comunhões, ele esta conquistando, dominando e usando. E seus fins sempre justificam seus meios, porque tudo mesmo não passa de meio para seus fins. Porque ele é o fim em si mesmo e o resto é o mundo não é nada senão meio e recursos.

Em sociedades assim organizadas a empatia, solidariedade, o instinto gregário se torna uma fraqueza. É uma necessidade reduzida a vulnerabilidade tanto de carência quanto de carestia. São os sentimentos que esse predador fareja como caçador oportunista, são essas vulnerabilidades que sua domesticador busca detectar, produzir e alimentar, as bases onde vai introjetar a sua concepção de um eu superior como neurose do outro, estabelecendo tanto o seu reino e reinado, seu domínio sobre as essas pessoas. Usando delas como braços, pernas, olhos, vozes e mãos sobre as demais que não fazem parte da sua colmeia. As formigas operárias, guerreiras e reprodutoras que irão transmitir o legado da sua condição mental alienada as suas própria prole. Irão introjetar elas mesmas umas nas outras essa submissão a essa figura que ele aprendeu a representar, reproduzindo tanto as carenciais emocionais quanto as carestias emocionais necessárias para manter seu domínio. De modo que, para cada neurótico servil ou surtado, para cada psicótico esquizofrênico ou paranoico, há de haver em princípio no mínimo uma

cabeça psicopática e tantos membros alienados quanto o necessário para satisfazer suas manias e manter seu domínio como a condição concreta da pisque alheia, ou o que é a mesma coisa a realidade dos demais como a sua fantasia concretizada no eu e mundo deles. E só em princípio e no mínimo. porque uma vez estabelecida a mentalidade, uma vez disseminado a patologia da inconsciência coletiva, não é mais a abelha rainha a procurar operários, são os operários a procurar desesperadamente por uma nova abelha rainha. A fraternidade está morta, e a colmeia está viva.

Os indivíduos amputados da solidariedade são e estão vulneráveis a cair e ficarem presos na armadilha do seu próprio individualismo destituído de empatia ou sentimentos empáticos precários. E no vácuo, na carestia de pertencimento a “algo maior”, na necessidade de união, de abraço entre os amputados, do desesperado dos que tiveram seus olhos furados poderem se enxergar uns aos outros, nasce o reino onde quem tem um olho só é rei. O olho voltado apenas para si mesmo, hipnotizado por sua própria imagem.

Da afirmação da individualidade como isolamento e não mais como relação, se produz a necessidade de união não mais compartilhamento, mas tanto como renúncia e repressão à individualidade como autonomia e autoafirmação quanto submissão à força e figura condutora e repressora. A pisque e o culto de poder e submissão. A cultura patológica de domesticação do homem pelo homem. Koyanatsiqatsi. Onde as personalidades com traços psicopáticos prevalecem e dominam a fábrica de personalidades normóticas e neuróticas. E os psicóticos vão para o lixo, enquanto psicopatas para a diretoria. Pois se os primeiros quebraram enquanto produtos com defeito de fábrica, o segundo aprendeu como funciona a fábrica e saiu da linha de produção pronto para assumir o controle, e não aperta botões, dispara gatinhos, puxa

alavanca, sem nem saber exatamente porquê, mas controlando friamente e sem remorsos os porquês. Quais são eles? Não importa, são apenas instrumentos. Princípios são instrumentos de controle dos alienados, os meios, a única coisa que importa é o fim, ele mesmo.

### **Carência e Carestias**

Pessoas, organizações, culturas e sociedades com traços piscopáticos, não apenas aprenderam ao longo da sua história a se aproveitar e tirar vantagem da capacidade empatia que possuem. Fizeram dela, uma habilidade e não mais necessidade emocional. Fizeram dos sentimentos que não mais sentem, mas entendem a arma e armadilha contra os outros sentam e precisem sentir. Não só aprenderam como se aproveitar e usar os instintos gregários e necessidades emocionais e materiais relacionadas. Aprenderam como reproduzir essas condições emocionais e materiais como carências e carestias. De modo que a domesticação do homem pelo homem não é reproduzida apenas pelas relação de poder entre mentes mais sensíveis as insensíveis. Não. Não é só o grau de sensibilidade, mas o grau de vulnerabilidade a que os seres mais insensíveis forma ou estão submetidos e expostos.

A mentalidade que ativa predispõe e retransmite tal condição não se efetiva no momento da relação de poder, mas antes na privação na falta de relação que produzam as afetividades e afinidades que irão construir o emocional como defesas imunológica contra esse parasitismo pessoal e social. Na destruição deste complexo emocional de amor próprio que se estende aos outros seres como empatia. Na criação deste vácuo existência onde a vida como liberdade e autodeterminação e comunhão se reduz a carência e carestia de relações de poder e submissão. Hábitos, ritos, ensinamentos, mas sobretudo controle das condições materiais e emocionais que vulnerabilizarão a outra pisque a introjeção de

sentimentos e pensamentos fixos que irão predeterminar com razoável certeza e previsibilidade a forma dele se comportar e relacionar.

Se o primeiro senhor aprendeu a dominar o primeiro servo, se fazendo o próprio símbolo dos seus maiores medos e logo a possibilidade de salvação dos males que sua força pode produzir. Pelo domínio sobre seus submetidos, pode ampliar a dominação sobre as próprias condições ambientais não como memória ou narrativa real ou mítica dele como poder absoluto da violência e violações. Com os braços de seus servos temerosos e fieis ele podia dominar o próprio ambiente, a própria natureza. E através dela expandir seus domínios e fantasias sobre gentes em progressão não mais aritmética, mas geométrica sobre territórios.

Os medos e esperanças não precisavam mais ser manipulados através da imposição constante da força e seus signos. Pelo controle dos recursos, pela sua manipulação e regulação, era possível agora não dominar pelo medo da escassez e privação, mas pela esperança e expectativa da sua concessão. Fazer-se o provedor e benfeitor, o salvador, conceder a benesse da amenização da própria privação que plantou não como censura, proibição, mas como liberalidade e prodigalidade. Vender-se como remédio ao próprio mal que impôs como necessário e necessidade, em troca de mais submissão, como gratidão e idolatria. De modo que quando mais cedo elas são introduzidas, se as pessoas nascem nesse mundo condicionado com mais facilidade aceitarão tal condição não só como natural mas como real, tomaram cognitiva tal condição de privação e servidão como naturalmente dado, mas como inescapável enquanto a única realidade possível na exata medida que é o único mundo que irão conhecer.

A propriedade que entre iguais se estabelece pelo equilíbrio e respeito mútuo das suas forças tanto criativas quanto destrutivas, se torna objeto

de privilégio a ser dado ou tomado a quem detém esse nova modalidade de posse. A posse sobre mais do que aquilo que se pode tomar ou manter apenas com sua força bruta do seu próprio corpo. A posse que se forma tanto pela entrega da sua parte dos alienados quanto pela pilhagem dos demais, e que é mantida por esses alienados a custa da sacrifício e renuncia e sobretudo vigilância dos próprio alienados-expropriados sobre a sua própria expropriação-alienação como direito do seu alienador e sua obrigação. Posse da qual como um cão passa a esperar paciente e contente o que cai da mesa, como prêmio ou recompensa por sua servilidade demonstrada em serviços e obediência prestadas.

Um cultura de estabelecimento e distribuição de posse e domínios territoriais segundo a relações hierárquicas que não é exclusivo de nenhuma raça, povo ou civilização, nem mesmo só da espécie humana, estando presente em outros primatas. O que não quer dizer que ela seja uma condição universal, compartilha por essas espécies, nem que as caracterize ou diferencie com tal, porque mesmo que algumas outras espécies se organizem desta forma, nem todos os seres inteligentes se organizam ou relacionam necessariamente desta forma. E o mais importante carecem de fato de organizar assim.

O advento dessa nova forma de propriedade que não é feita para usufruto, ocupação ou produção mas para estabelecer a condição de privação dos demais daquilo que lhe é vital e carecem foi o advento que permitiu ao caçador de gente, se sedentarizar e passar do rapinador de gentes e terras ao cultivador de gente em currais. O fazendeiro de crianças, criadas em privação para colheita e ceifa e coito de adultos tementes e servis.

Um controle das condições de vida, para produzir carestia e carência se efetua essencialmente na origem, na gene, no nascimento. No controle das condições que as pessoas já nascem submetidas para crescer

acreditando que preto e branco são as únicas cores do mundo. A única realidade possível, onde a privação e a sua satisfação passa essencialmente pelo satisfazer a ordens e vontades de quem detém a posse e logo o poder de liberar ou proibir o acesso aos recursos e espaços vitais.

Assim, se técnicas de terrorismo e pilhagem permitem a apropriação primitiva, não conseguem superar a sua efemeridade. Para conseguir manter um domínio além da capacidade dos seus braços, o caçador de gentes precisou dos próprios braços dos capturados trabalhando para ele, e isso não se consegue sem alienação. Propriedades fundadas e sustentadas da supremacia bélica até o monopólio da violência não se fazem com cercas de arames farpados ou muros. Mas com cercas e muralhas feitas de gente que antes de servirem para manter os selvagem fora do domus, servem para manter esse homus domesticus preso e conformado dentro dele. Vigilante da sua própria servidão, de modo que se não a quem vigie os vigilantes, quem vigia e guarda os próprios prisioneiros, são eles mesmos unidos pela segregação e para a divisão não só dos outros homens, mas da sua própria condição humana reduzida a servidão e alienação ao senhor que habita e cerca não só o seu mundo a própria memória e história de vida, de vida currada de coitado e coitador. Onde ele ora encarna o papel de currador ora do currado, mas nunca escapa do curral.

O advento e instrumentalização da propriedade privada como privação do outro e fonte geradora da posse como poder, permitiu a domesticação em massa e reprodução em massa dos normalizados. Não apenas como carestia e dominação mas como carência e dependência. Seu repertório de violência e violação capaz de manter o sequestro e aprisionamento do outro, evoluiu da tortura por mera ameaça agressão, morte e estupro, para a ameaça de privação como carestia. O domesticador era agora capaz

de produzir a mesmo terror e amestramento sem sequer precisar tocar ou levantar a mão contra o corpo da pessoa. Tudo que ele precisava fazer era controlar aquilo que ela gosta ou ama, mas sobretudo o que ela não pode viver sem, passando a ser não mais aquele que apenas “vende” proteção contra sua própria violência como agressão, mas aquele que “vende” provisões contra sua própria violação como privação e carestia.

O avanço dessas técnicas de domesticação permitiu a formação do capital tanto do poder político quanto o econômico. Não foi a força bruta nem o encarceramento que inaugurou as técnicas civilizadas de exploração do homem pelo homem, mas o advento das técnicas de amestramento por controle ambiental, que permitiram que a força bruta e encarceramento ganhassem o estatus de legítimos e fizessem dos senhores da guerra os senhores da terra.

O advento da privação como técnica de violência e violação simbólica permitiu que o homem adestrasse e prevalesse sobre o outro homem usando ao invés da ameaça constante e explícita de agressão e concretização para a técnica da privação-provisão dos meios vitais. Porém esse processo vai muito além de simplesmente de furar os olhos dos outros para se fazer rei mesmo com um olho só. Esse processo não é um mero encarceramento ou mutilação de gentes e vontades. Ele é toda uma técnica de criação, engorda e abate de gente criada para servirem como bestas de guerra ou de carga ou sexuais. É toda uma técnica de inseminação e poda para que as pessoas se enraízem e floresçam dentro do esperado e programado conforme o discriminado pelos preconceitores e tutores que discriminam e classificam as genes, as raças, gêneros e funções de acordo suas visão e interesses.

Nesse processo o transtorno e o desequilíbrio são tão fundamentais a aculturação da consciência-inconsciência da pessoa, a formação da sua

psique quanto o é as desigualdades sociais para a própria sociedade civilizada e sua mentalidade. Cultura é a transmissão e disseminação dessas formas de sentir-pensar-agir padronizadas. E educação nesse processo de aculturação é treinamento, onde como qualquer outro dos padrões motores ou emocionais os traumas e lesões são tão normais para o discípulo quanto para o atleta.

Não importa se o discípulo está sendo treinado para se tornar mestre ou eterno discípulo e servo tutelado, ou se comportar ora como um ora como outro; em sociedades como as nossas atuais, onde as funções e sociais e produtivas se tornam mais complexas e portanto os papéis que uma mesma pessoa tem que assumir e interpretar ao longo da vida ou mesmo do mesmo dia se multiplicam. Não importa qual será sua função e posição que se prepara a pessoa, todos precisam aprender como deverão se comportar de acordo com que se espera delas. E quanto maior o nível de competitividade da função ou de todo jogo social maior deverá ser a capacidade de conviver e suportar lesões constantes e o risco das maiores e permanentes sem jamais parar suas atividades.

De fato o método a formação da personalidade através da supressão de instintos por condicionamento de padrões psico-comportamentais com introjeção de super egos e super homens não difere muito entre a reprodução de padrões de comportamentos motor ou emocional. A formação de indivíduos extremamente competitivos mas ao mesmo tempo cooperativos para manter a submissão requer não só o aprendizado de uma determinado padrão, mas o desenvolvimento da capacidade de superação, isto é, a capacidade de ignorar os comandos instintivos para parar e prosseguir provocando alterações, sem arrebentar completamente o organismo.

É portanto um erro pensar que o psicopata seja um indivíduo destituído de superego, ou que a ausência de superego produziria uma sociedade de psicopatas. Pelo contrário ele assim como o psicótico apenas não produziu respostas esperadas por quem quer que o tenha submetido ao condicionamento. Somos iguais e diferentes em diferentes níveis e desenvolvemos respostas iguais e diferenciadas em diferentes níveis de semelhança ou dissemelhança. Psicoses, neuroses e psicopatias se estabelecem em diferentes níveis numa mesma personalidade. No entanto jamais se equilibram não no mesmo espaço nem ao mesmo tempo, e algum desses arquétipos acaba por caracterizar a personalidade e comportamento, separando os que se acham normais e serão usados e empregados nos papéis que se espera deles se não tiverem meios para resistir. Os que se acham superiores e que irão usar e empregar os outros conforme os meios e forças que possuírem para predeterminar e impor o papel dos outros. E os enlouquecidos que não conseguem se encaixar nem desempenhar em nenhum dos papéis, nem abandonar os personagens e mundo que fantasiam e sonham para si mesmos.

Prender com corrente um cão feroz e faminto a um árvore com um prato comida numa distancia próxima o suficiente para ele não desista de tentar alcançar a comida ao mesmo tempo que somente no momento da desistência você empurra para alcança-lo, é um método de adestramento que manterá muito cães com pescoços fortes e ferozes dispostos a não avançar em que os prenda, mas a obedecer comandos de quem os alimente com regularidade nesta condição ainda que seja seu sequestrador. A condição onde o refém deixa de ver seu sequestrador como aprisionador e privador, mas passa a vê-lo como concesso e provedor. A chave onde o inimigo se torna o senhor.

Em geral funciona, mas em alguns casos, o cão enlouquece ou pior funciona melhor que o esperado, e o quando menos se espera o cão fiel

avança sobre o pescoço do seu dono. Por vezes o animal adestrado não aprende a ser domesticado, não aprende a se comportar como presa, mas entende seu predador e aprende a replicar seu comportamento, e na primeira oportunidade o devora para se fazer o senhor. A inteligência e ferocidade com que executará suas ações não são excludentes, nem sequer a forma como a sociedade reagirá ou aceitará esse comportamento é fixa, ou suficientemente imutável que não possa ser também condicionada.

A natureza dos instintos humano evolui de forma que a ampliar ao máximo nossa capacidade tanto de se adaptar ao ambiente quanto de adaptá-lo as nossas necessidades e consequentemente vontades. Essa capacidade deriva da plasticidade das nossa mente, da capacidade de reconfigurar nossos padrões neurais e desenvolver novas respostas comportamentais. Da infância a fase adulta o que estamos a processar é a configuração desses padrões e respostas. Um processo que nunca pará, ou melhor quando começa a parar, resulta no envelhecimento natural e demência e morte da mente. Natural porque a configuração de padrões implica em ligar e desligar certas caminhos, torná-los fixos e usuais. De modo que a perfeita adaptação ao tempo e espaço implica a perda da capacidade de se adaptar a outros ou a sua modificação. Não que não seja possível cachorro velho aprender truque novo, apenas é mais difícil, porque isso não depende apenas de ligar ou desligar padrões inatos, para construir novos padrões, mas desconstruir e religar padrões completamente atrofiados, quiça precisem ser construídos nos caminhos que restaram já que os originais talvez tenham sido definitivamente perdidos. Uma questão neurológica e não mais psicológica. E a criação de homens domésticos embora apresentem resultados neurológicos, ainda é feita por predominantemente por técnicas psicológicas.

Esse processo consiste em construir condições artificiais de vida que replicam situações naturais que conduzem ao desenvolvimento e fixação de determinados padrões de comportamento como resposta adaptativa a tal condição seja como uma experiência traumatizante durante um período de formação da personalidade, seja durante toda a vida como conformação constante dessa psique ao que é dado absolutamente como sua realidade. A doutrinação ideológica, as construções de narrativas, mitos, não se constitui propriamente como motivação mas racionalização dessas predisposições adquiridas, não as formas, mas conforma, inibindo qualquer sentimento ou vontade de reelaboração mental e social. Os dogmas e comandos, as respostas aos signos e sinais, são o gatilho e não a pólvora. O advento e produção em massa dessa pólvora, passa por um processo que não é o só de construção do simbólico e dos discursos, mas das realidades, práticas e vivências ao longo da história de vida para ser aciona como memória emocional e padrão comportamental latentes e inconscientes. De modo que carências e dependências psicológicas não são construídas no plano imagético e simbólico, mas no plano concreto das carestias, das ausências, privações, agressões, das violências e violações aplicadas não a concepções e idealizações de mundo do outro, mas a seu corpo, emoção e sensibilidade.

Uma população, por exemplo, submetida a grande crise de carestia, onde a cooperação e solidariedade não sejam capazes de preservar a vida de todos, tende ao invés de reforçar esses sentimentos, desligá-los. Aumentando a prevalência de respostas egoístas como instinto de preservação. A acumulação de recursos eventualmente necessária em condições de carestia, ou até mesmo o abandono de pessoas frente a situações catastróficas, pode se tornar o hábito, a resposta cultural padrão, mesmo onde há abundância ou mesmo onde a cooperação se faz premente ao invés da competição. De forma que uma vez fixado o padrão comportamental como costume e cultura, ele se mantém ainda que as circunstâncias não exijam ou até mesmo demandem a sua reelaboração.

Mas é impossível supor seu surgimento sem que tais condições de carestia natural ou artificialmente estejam instauradas como dependência e desamparo aprendido.

Evidente também que o condicionamento inclui a capacidade de desempenhar diferentes papéis, mas como determinados comportamentos requerem a modificação extremada das respostas instintivas, simplesmente é impossível de manhã escravizar e queimar seres humanos e a noite jantar em família como um genitor amoroso, até porque o desenvolvimento dessa capacidade de alternar sua personalidade e atuar de forma tão diferente diante de diferentes pessoas e diferentes situações requer justamente o desenvolvimento da capacidade característica das forma mais avançadas de psicopatia, desligar suas respostas emocionais espontâneas e adaptar suas respostas emocionais as condições de acordo com o único fator que resta como constante dessa equação que redução do ser humano: seus interesses, como desejos, valores e racionalizações, a condição mental que o impede de se desintegrar ao mesmo tempo o mantém integrado a tal condição de vida.

Soldados treinados para matar e sobreviver nas mais desumanas condições não apresentam dentro do universo do combate nenhum comportamento anormal quando estão matando cumprindo ordens ou sob o que identificarem como ameaças. Mas tão são perigosos e imprevisíveis quando voltam para casa quanto cães de guarda que não estão presos mais no quintal, o habitat para que foram treinados, onde se sentem e são considerados e tratados como pessoas normais. Soltos no quintal do outro são assassinos com potencial e proposito, em casa são assassinos em potencial e sem propósito. Chame sua condição da sua pisque de patológica ou normal o fato é que é exatamente a mesma, o que muda é a condição normal ou patológica como a sociedade que o preza ou

despreza, emprega ou descarta o vê e usa também evidentemente usando de cálculos de interesse que como o dele em campo de batalha passam longe de qualquer sentir, pensar ou agir empático, altruísta ou solidário. Embora tais comportamentos ou intenções possam assim como no campo de batalha serem camuflados para ludibriar o alvo, a diferença é que isso em termos civis se chama em geral hipocrisia ou caridade depende da conotação que o civil queira dar as suas manobras civilizadas. Advogando em favor dos educados para serem civilizados, civis ou militares, é preciso dizer que tais formas de lidar com essas situação em geral não são conscientes, em nenhum sentido que se atribui a palavra.

O desligamento dos instintos gregários ocorre pode portanto ocorrer natural e eventualmente diante de circunstancias dramáticas e traumáticas que envolve sensações de abandono, perigo, onde a empatia ao invés de ser uma estratégia eficaz para a sobrevivência implique em risco. Ao estabelecer experiências como ritos de passagem, treinamento, costumes ou simplesmente o cotidiano de uma sociedade o amestrador está literalmente usando da capacidade do ser humano de se adaptar, reduzindo seu instinto de preservação a condições mais basilares para restabelecer nesse processo novos padrões de ligações e com o outro, em especial com ele. Literalmente substituindo as ligações empáticas e relações solidárias, por aquelas que serão determinadas pelo ambiente controlado e intermediadas por sua intervenção dentro dele. É por isso que tiranos e pregadores não só vão colher os seus fiéis nos campos onde carestia prevalece, eles continuam a semeá-la. Porque onde corre a abundância e abandono, onde não há carência nem carestia, não há deserto nem sede para vender sua água em troca de fidelidade e idolatria. A mente da pessoa neste caso é um castelo que cede e se rende não pelo ataque, mas pelo cerco, cai de joelhos por falta de recursos a resistência. Se entrega por carestia. Em suma é um sistema que se retroalimenta. A carestia é condição fundamental de vulnerabilidade para efetuar dominação psicológica na relação de poder e autoridade. E a carência

aprendida nessas relação é por sua vez é imprescindível para manter a carestia através da alienação que perpetua esse poder como o horizonte das possibilidades, a realidade.

Se uma patologia se caracteriza pela sofrimento e incapacidade de exercer determinadas atividades, o psicopatia sequer se compreende como um doente. Porque o sofrimento é o que ele causa, e o problema não é o ele não é capaz de fazer, mas sim o que ele é capaz sem nenhum sofrimento, sem sentir nada e não raro até sentindo prazer. Essa condição da psique não é produto do processo de domesticação e civilização, mas natural da capacidade de adaptação emocional-cognitiva do ser dotado de inteligência para sobreviver nas mais diversas e adversas condições ambientais. O que o processo civilizatório fez e faz e tomar o controle dessas condições ambientais para condicionar a psique formando as personalidades e seus tipos que habitam o zoológico da vida social. O controle das condições e estímulos do meio social e ambientais de acordo com a ideação política e econômica produz os valores, ritos e costumes que formam a cultura e educação. É o processo de aprendizagem, processo natural de adaptação comportamental ao meio, agora conduzido para a introduzir e controlar as experiências que irão obrigar o organismo a elaborar respostas com novas forças e impulsos volitivos.

De tal modo que quem controla os meios e relações sem estar afetado por eles, controla a preconcepção da realidade e faz dela o arcabouço e grilhão pelo qual controla o mundo e as pessoas, na exata medida do alcance da sua capacidade de levantar esses muros e fronteiras do imaginário como o território do real e legal. Torna-se não só o juiz, mas a encarnação do juízo dos alienados sob o mundo que não é mais um bem comum, mas a extensão da sua vontade de poder como jurisdição. O controle da normalidade como preconcepção da norma como sua totalidade e não mais como propriocepção do mundo segundo as necessidades vitais e

circunstanciais de cada um. Educação e civilização. A arte do domesticação e domínio das massas humanas pelo controle simbólico e material dos meios ambientais e emocional-cognitivo das mentes na intermediação de toda as relações, das pessoais as produtivas. O domínio sobre a carestia, para produzir carências e introjetar impotência e dependência. A processo de desconstrução e apropriação da empatia para produzir a subserviência como condição mental, e apropriação dos meios vitais e ambientais para reproduzir a vulnerabilizarão a alienação. Sim, o porrete e a prisão está lá, ainda presente para quem resistir sem quebrar em delírios e alucinações, mas o monopólio da violência só precisa ser usado contra os mais rebeldes e selvagens que por ventura resistem em ser educados, civilizados. Aos demais seja porque desligaram de acordo com as expectativas sua empatia, ou a enterraram fundo em sua subconsciência a escola da vida já é mais do que suficiente.

Assim, o que nos chamamos hoje de escravidão e trafico de seres humanos, nossos antepassados, que estavam em correntes por obvio, chamavam de emprego de mãos de obra e comércio. Seriam eles psicopatas ou só neuróticos alienados a serviços deles? Será que toda sociedade alemã durante o holocausto estava em transe? Eles não tinham respostas empáticas congênitas para se comportar daquela forma? Ou sentiam prazer em fazer ou assistir aquilo? E nós? E nós, ao assistirmos pilhas de lixo engolindo crianças a catar lixo sem esboçar mais revolta ou reação, somos o quê? Sentimos prazer em fazer ou assistir a isso, ou já não sentimos mais nada? O quão sã é a nossa normalidade? O quão banal é nossa normose?

A normalidade e prazer do predador é sempre a loucura e sofrimento para sua presa. De modo que supor que as fantasias e racionalizações dos predadores formem a realidade, política e econômica devidamente separadas para manter o domínio sobre a condição social e natural assim

desintegrada e dominada é a base de uma morte sem porquê para a presa, sem nome próprio servida aos devidamente educados em suas salas de jantar- que já não precisam caçar suas presas, há quem o faça por eles.

Não há portanto maior tolice ou loucura do que acreditar que um predador, um caçador de gentes selvagem ou civilizado não sinta prazer e não o busque satisfazê-los ainda que o prazer não esteja mais no ato que mata, violenta ou em si, mas apenas em degustar aquilo que ele consome através dos seus ritos e costumes. A incapacidade de sentir e portanto atribuir sentido a existência alheia como entidade própria e não como mera propriedade, mercadoria feita para satisfazer seus interesses seja possuindo-a ou consumindo-a, seja usando para produzir o que se deseja tomar ou consumir é a essência pós-moderna dessa patologia primitiva. Ao aceitar as razões de um psicopata sociedade ou indivíduo, como normalidade estamos apenas caindo na sua armadilha e nos sujeitando a sua dominação em troca de parte da rapinagem. Estamos apenas supondo que suas taras e manias são desejos perfeitamente naturais ainda que eles impliquem em mortes, agressões e privações e sofrimento. Estamos literalmente aceitando o que ele planeja fazer conosco em suas fantasias não importa do quê como se fosse a nossa realidade. Desligando nossos instintos de preservação tanto os egoístas quanto os gregários, nossos medos e desejos para incorporar medos e desejos alheios; abdicando de construir nosso eu e mundo juntos para sermos parte da construção do mundo de outros sujeitos. Um mundo onde a individualidade e coletividade é construída para manter essa superestruturas enquanto interesse aos objetivos e desejos de quem esteja no controle dessas concepções como mentalidades. De modo que esse senhor que também é um arquétipo também ele não passa de um produto a ser consumido por essa mesma inconsciência coletiva patológica.

Não é só portanto a noção de normalidade e bondade ou bem-estar mas do omo comportamento perverso, insensível maldoso e doentio que mudam conforme a cultura e educação e costumes de cada civilizações ou da mesma ao longo do tempo. E são essa condições que produzem tanto tais noção abstratas quanto os comportamentos concretos que precisam mudar para produzir tanto a cultura quanto a forma de vida e civilização, a humanidade que em potencia e tese somos, mas na prática ainda não concretizamos, não em sua plenitude, não como seres dotados de consciência.

E é versando sobre a consciência e seu desenvolvimento que chegamos, enfim as conclusões.

#### **Parte IV : Conclusão**



Thor Well

#### **Tempo, gene, criação e criadores**

Mais do que uma conclusão, precisamos de soluções. Mais do que um fim precisamos de um começo, um recomeço, precisamos dar uma nova chance para nossa humanidade.

O que deveria ser feito? Tentar resgatar romanticamente a ideia do homem não domesticado pelo homem? Impossível. Não só porque já não somos esse homem, ou talvez sequer ele nunca tenha existido. Mas porque gostemos ou não, temos que lidar com esse caçador de homens, more tanto ao lado quanto dentro de nós. Dentro ou fora das nossas bolhas ou cabeças, em qualquer uma dessas hipóteses, haveremos de lidar tanto com o que somos, quanto o que nos tornamos. Não só o conquistador frio e calculista ele prevaleceu, mas porque ele há de prevalecer enquanto não nos tornarmos invulneráveis, não só como sociedades e civilizações, mas psiques imune a tanto ao domínio e disseminação da sua mentalidade patologia.

Se por um milagre ou desastre essas tribos e clãs de caçadores que aprenderam a amestrar homens perdessem sua hegemonia, e voltássemos a estado de natureza anterior as suas conquistas e impérios civilizatórios. Bastaria ainda sim, apenas o nascer de novo de um, o primeiro, para que tal estratégia evolutiva reiniciasse o ciclo de predação e contaminação das outras formas de vida e viver. Apenas um único homem hospedeiro dessa mentalidade bastaria para espalhar novamente essas relações de poder doentias como monopólio da violência e depois através dele expandir seu império colonizando também as demais.

Gostemos ou não as outras formas de organização caíram por uma simples razão não tinham defesas contra elas. Destruídas, engolidas ou absorvidas... não importa elas cairão e cairão sempre diante desse semelhante que sabe usar a sua empatia como fraqueza e vulnerabilidade para erradicá-los e convertê-los. Eliminando os que não se aptam a sua seleção artificial e tomando como servos e escravos os mesmo líderes e capatazes das suas populações alienadas os que melhor reproduzem sua forma de viver.

Entretanto há uma diferença substancial, entre elas e nós. Elas não tinham como possuir imunidade para uma patologia que jamais tiveram contato. Nós crescemos imersos nesse condição insalubre em permanente contato, e se não perdemos completamente nem nossa empatia, nem a capacidade de construir nossa própria realidade sem cair no conformismo, ilusões ou alucinação. Temos dentro de nós ainda que não tenhamos consciência disto a cura.

Não importa, se esse padrão de organização da sociedade e da psique leva a autodestruição. Não importa que a prevalência da mentalidade psicopática-normótica seja a própria mentalidade que leva essas civilizações a autodestruição interna ou mútua. Não importa que todo império colapsa quando alcança o pleno sucesso por falta de novos recursos e presas que satisfaçam e sustentem os desejos ilimitados de quem ocupa o topo dessa cadeia. Simplesmente não importa. Porque enquanto o homem existir esse padrão de comportamento surgirá sempre e novamente, por uma simples razão ele é possível, e é impossível anular sua possibilidade sem anular nossa própria autonomia. Não é possível voltar no tempo. E mesmo que fosse, o padrão reemergia. A mentalidade que carecemos não se produz tentando fugir, apagar ou destruir esse padrão, mas aprendendo com ele mesmo como superá-lo. É impossível desenvolver uma nova mentalidade, sem tomar ciência dessa que hoje nos governa. E é impossível desenvolver essa nova mentalidade sem jamais ter conhecido o que era essa dominação e poder.

Talvez fosse impossível conceber liberdade para além do próprio e sadio da vida, e não como libertação e defesa dessa própria forma de vida sem jamais ter precisado passar pela degenerescência da própria vontade de ser livre. Talvez não. Mas certamente não precisávamos ir tão longe, nem precisamos continuar a viver nessa condição desnaturada, desumana e

desumanizadora. E principalmente não precisamos chegar ao ponto de não ter mais para onde ir, ou ter tempo para mudar de rumo.

Mas o que poderia ter sido ou poderia vir a ser é justamente tudo o que não importa. Não importa o que não somos, e ou o que fomos. O que importa é a amplitude dessa capacidade que desenvolvemos, a capacidade de vir a ser. O controle das volições. Porém não mais de uns sobre os outros, do ser pensante sobre si mesmo como força de vontade consciente. Um nova mentalidade.

Muito antes de nos tornarmos caricaturas monstruosas da nossa potencia humana, antes de nos tornar domesticadores uns dos outros, evoluímos como ser humanos, como seres capazes de se adaptar e suportar os mais impossíveis e insuportáveis ambientes e condições. Mais do que isso. Evoluímos como seres capazes de adaptar esse ambientes mais adversos e modificar condições mais adversas e seres mais diversos, as nossas próprias condições e formas de vida. Para tanto, muito antes de aprendermos a transformar o outro ou o mundo, o ser humano aprendeu a transformar a si mesmo ainda muitas vezes de forma completamente inconsciente. Inconsciente e completamente dirigida para o controle das forças alheias seja como seres ou fenômenos naturais e não para tomar o controle da nossa própria força como vontade sobre as vontades.

E é isso que precisamos lembrar e reinventar se quisermos continuar caminhando como seres humanos, e não meros instituições e seres institucionalizado artificiais feita a imagem e semelhança, replicantes e prisioneiros das nossas fantasias e ilusões de controle e poder, onde não somos os criadores das nossas idealizações concretizadas, mas as criaturas que caíram na armadilha da própria criação como realidade governante das nossas próprias forças e vontades.

Não inventamos apenas empresas e estados e deuses, nos projetamos a imagem e semelhança de nossas entidades e corporações imaginárias e artificiais, e nos comportamos suas missões e finalidades e poderes, em um mundo de representações onde ser quase nunca ultrapassa a propaganda, marketing de nós mesmos uns sobre nós mesmos. Meros produtos e servos da nossa própria inconsciência até mesmo sobre a nossa ciência e não mais criadores de novas formas de consciências e ciências e credos.

Nesse teatro da vida, há quem acredite que o que há de sagrado ou divino em nós, é uma dádiva que caiu do céu. Dada por deus ou deuses, seres transcendentais que criaram ou deram aos escolhidos, esses saber como conhecimento e potência de conhecer, os códigos tanto como gene quanto cultura. Há quem creia que os portadores desses códigos genéticos e culturais, eram apenas outros homens ou espécies inteligentes a colonizar com suas técnicas e tecnologias nativos. Um padrão que se repete em todas as civilizações: tribos que tecnologia aplicada ao desenvolvimento de força de fato conquistar e dominar os nativos que passam a adorar fielmente seus próprios conquistadores como mestres e provedores e depois a sua própria representação arquetípica como a própria projeção do que é sagrado e divino.

A adoração do conquistador como senhor, e a introjeção dessa figura seria a resposta da mente perante o terror do desconhecido que toma forma, invade seu mundo, tirando seu chão em todos os sentidos da palavra, uma tentativa da mente de se adaptar a essa nova condição que sem a idolatria ao que toma tudo que ela entende por eu e mundo seria insuportável e levaria o nativo a se desintegrar na sua nova condição: a escravidão.

Mas não.

Essa resposta da psique as condições que ultrapassam o seu controle já existia perante as forças da natureza, da qual eles só conheciam o poder de criar e destruir. Essa forma de responder a adversidade, a frustração, a descoberta que sua vida e morte estão na posse de uma força maior desconhecida, seja ela compreendida como for como entidade ou fenômeno. Um padrão replicado no inconsciente coletivo de toda humanidade, e sem a mesma complexidade simbólica também presente em todo animal quanto o temor da morte torna-se sensação concreta, mesmo aqueles sem grande inteligência e capacidade de projetar causas e consequências formando a visão daquilo que chamamos de futuro ou imaginação para formar Qualquer ser dotado do mínimo de alma, na visão do seu momento derradeiro tende a gritar e implorar pela vida como puder. Não é a toa que muitos considerem o estupro ainda pior que a assassinato. É desse momento derradeiro, em que a presa descobre-se completamente vulnerável e nas mãos de seu predador que o violentador toma o que ele quer gozando com isso ou não. É nesse momento em que encarna a possibilidade de vida e morte, execução e salvação, que o violentador adquire poder e controle sobre as suas vítimas. E desses doces momentos de prazer do violentador que se constitui o poder, e onde o violentador esquece da própria certeza da sua morte e o vazio da sua própria existência... até que essa fome retorne para ser remediada na próxima conquista, porém o desamparo esse permanece.

Qual seria a origem desse modelo? Ele teria surgido de forma endógena ou exógena? De dentro das relações entre os indígenas ou de fora na relação como povos alienígenas? Não importa. A resposta a essas perguntas é irrelevante. Ao menos irrelevante as soluções que buscamos. A hipótese de entidades superiores toda poderosas perante a vulnerabilidade existencial dos meros mortais, sejam feitos de mitos ou eventos é irrelevante para explicar esses fenômenos. E quando digo irrelevante, não estou dizendo que deus ou deuses existam ou não. Estou dizendo é irrelevante se eles existam ou não. Sejam o que forem, creia-se

no que for, sejam lendas ou invasores de outras terras, a domesticação do homem pelo homem se processaria com ou sem eles.

Podem tanto existir quanto não. Podem ser mitos ou entidades reais, podem ser fantasias mitológicas de situações jamais vivenciadas ou mitos sobre personas e histórias de fato vividas. Podem ser peças de propaganda e amestramento de raças e classes construídas a imagem e semelhança das suas pretensões de superioridade e domínio sobre os que tomam por inferiores. Podem ser fantasias transcendentais de corporificação do poder total, ou todo-poderosos encenando e encarnando essa ideia de poder. Podem ser personificações de medos das forças naturais fenômenos desconhecidas, ou entidades e personas que passam a habitar o inconsciente coletivo das massas como traumas da sua história de vida. Podem ser meros navegantes e conquistadores de um outro mundo de um outra terra, ou sua projeção desse medo para além de todo o mundo conhecido. Podem ser a ideia de alienígenas de outras espécies, planetas, ou até mesmo do além, ou simplesmente o medo do estranho, do extraordinário ou do estrangeiro, o medo do que não podemos compreender e logo controlar seja entidade ou fenômeno encarnado como deus ou fim dos tempos. Ou pode até mesmo ser esse projeção imagética emergindo dos desejos de pessoas e compartilhados por toda a sociedade, tanto como medo quanto adoração. Pode ser o que for, ou o que se creia, Simplesmente não importa. Não importa se a ideia de entidades todo-poderosas e fenômenos de poder total sejam só ideias, ideologias, fantasias de realidade concretizada, ou alucinações. O que importa é a razão pela qual nos tornamos e somos completamente vulneráveis e carentes delas. Não importa se os senhores sejam a idealização ou encarnação do bem ou o sejam do mal. Se o poder e supremacia foi inventado pelo dominador, se nascemos ou fomos colocados em correntes. Não importa quem nos gerou, criou ou educou, não importa seus propósitos e intenções. Não importa sequer se havia um propósito, se ele era bom ou mal. Não importa o que eles querem ou

queriam de nós. Isso é um problema deles. Na verdade não importa sequer se eles existem ou deixaram de existir. Simplesmente não importa se há algum sentido ou qual ele era na criação, ou se ela um dia ocorreu. A grande questão, a pergunta que nos faz seres humanos é o que pretendemos ser e fazer com isso : o que queremos ser, a partir do fato de que somos? O que vamos fazer com tudo que somos com as condições que temos?

Crendo ou descrendo, a questão e tomada de decisão permanece. Seja para aquele que não crê em absolutamente nada, seja para aquele que acredita em absolutamente tudo. Independente de quais sejam suas crenças do que tenha gerado ou criado do que rege ou governa sua existência, seja isto um absoluto vazio sem sentido, ou a existência para além da compreensão ou concepção de tudo e do nada. Não importa se somos filhos de senhores ou escravos, de deuses ou demônios, do controle mais absoluto do nosso destino, ou da mais completa falta de sentido para viver. Nada disso tira um fio, aumenta ou diminui sequer um instante da vida, e a questão permanece imutável, escolha-se acreditar e obedecer a ordem ou a lei escolha descrer e se revoltar contra todas as leis. A vida segue e permanece como questão e escolha, incluso de crer ou descrer em tudo o que se quiser, mas sobretudo para o quê se quer.

Venham como venham essas forças, seja como adversidades naturais ou a perversidade de outros seres humanos, venham como medos e fantasias ou legiões, surjam do seio da nossa sociedades ou de fora dela, emerjam do outro ou habitem dentro de nós. Rompam violentamente os frágeis horizontes de eventos das nossas concepções ou assaltem nossos mais profundas emoções, pensamentos nos cegando, acorrentando ou amputando até no prazer de viver e conviver, a pergunta ainda permanece enquanto a sopro de vida. Independente de tudo, o vamos fazer a partir de agora? A existência autônoma sempre permanecerá como

singularidade, onde não só o futuro pode ser autodeterminado por esse estado que é sempre presente, mas a o próprio passado não como fato constituinte, mas como nexos e fator determinante do futuro.

A gene e a origem não faz de nós o que somos, como um desfecho, mas possibilidade. Porque “ser” é possibilidade e não a sua ausência. O passado factual que constitui o presente perfeitamente predeterminado é o dos mortos, e não os dos vivos. De modo que a gênese de tudo o que somos, imaginária ou real, deixa de ser relevante quando deixamos de ser mero produto destas causas, para nós tornar produtores das nossas consequências. criaturas que são criadores, seres dotados de organismo e força própria, e não mais apenas parte de um ordem ou organismo maior. Dentro desse universo que a singularidade do ser, não só o futuro é uma tentativa de projeção, mas o passado enquanto justificava de nexos para o presente. Se tal construção é realista ou incrível, a validade dessas correspondência não é pela confirmação dessa passado, mas do futuro, como atualização presente. Realidade que dentro do universo mental não se configura de forma diferente do próprio cosmo, construindo e destruindo ligações como a própria percepção do que existe ou não.

Para efeito da constituição do que somos e seremos nossa origem não é mais um fator determinante, a partir do momento em que ela apenas constitui exatamente isso que somos: uma força dotado de construir o seu campo de probabilidades, seres autônomos. O ponto de criação não está mais fixo em um momento do tempo, mas continuamente presente e renovado, na atualidade e sua atualização. É o ato que determina a relevância dos eventos passados como causas conexas, e futuras como conexões consequentes. Rigorosamente é a gene é a própria mutação com força constante e autodeterminante enquanto força criativa, ou nos organismos vivos, vontade. E é sobre esta força elementar que não só

constituímos nossa percepção do cosmo, mas o cosmo mental onde o eu e mundo se constituem antes de tudo epistemologicamente.

Mesmo que toda a estrutura da mente e da realidade seja artificial ou naturalmente construída para o quer que seja, servidão ou poder, para que venhamos a nos libertar e criar, ou apenas sobreviver e reproduzir. Seja qual for a configuração, o ponto é que não somos pedras que vão para onde são jogadas, nem animais que mordem ou abanam o rabo conforme o dono ou a vida nos trata. Somos dotados da capacidade de alterar nosso sentir-pensar e agir de acordo com nossa vontade, assim como termos toda nossa pisque alterada pela manipulação exterior dela. E isso que constitui toda a ciência do nosso poder e liberdade, também constitui a nossa maior fraqueza e vulnerabilidade, a capacidade de entender, controlar e manipular as vontades ao invés de ser controlado por elas, tanto as nossas próprias quanto as dos demais.

Exposto assim superficialmente, o controle da vontade, a nossa ou alheia, parece ser apenas uma questão de qual é o sujeito e objeto do controle. Não é. Muito longe disso o controle da própria vontade e o da alheia, são procedimentos tão distintos e contrapostos quanto poder e liberdade, ataque e defesa, conquista e resistência, onipotência e invulnerabilidade, contrários, diversos e antagônicos não só em objetivos e princípios, mas em meios. Completamente diferentes nos métodos, processos, e técnicas aplicadas sobre as vontades que resultam não só em relações completamente diferentes, mas em pisques completamente distintas. Tanto na relação daquele que busca a manipulação da vontade alheia para a consecução da sua própria e quem sofre com tais procedimentos. Quanto daquele que não só busca evitar controlar e ser controlado pelas vontades alheias, mas até mesmo pela sua própria como desejos incontroláveis.

A chave para o domínio e poder seja sobre uma única alienado, seja sobre massas deles, a porta para realizar os desejos de poder e onipotência também é também o ponto fraco, a vulnerabilidade de todo ego. E se a luta pela imposição das vontades uns sobre os outros é uma guerra, a sua preservação é uma arte marcial. Uma espécie de jujitsu mental onde aquele que não quer controlar nem ser controlado busca sempre uma posição onde não só evite ser dominado inconscientemente pelo outro através das sua própria vontades, mas assumindo o controle das suas próprias vontades conscientemente, não como instância decisória, mas como força de vontade.

O belicoso, aquele que não consegue viver sem dominar alguém, tenta vencer com o menor risco e custo possível uma guerra, de preferencia sem sacar uma espada, mas não se furta jamais de fazê-lo sempre que necessário. O pacífico, que só quer viver sem depender de ninguém mas preservar a sua condição sem precisar jamais sacar sua armas, livre até mesmo da possibilidade de vir a ter que utilizá-las. Um busca onipotência outro invulnerabilidade diante da prepotência. Seu interesse não é vencer guerras sem entrar em batalhas, é não entrar guerras nem viver sob a eterna ameaça delas. Seu interesse é se livrar dessa pisque. Em suma, não estar numa condição de vulnerabilidade não apenas para não cair em combate ou vencer ou convencer sem atacar, mas simplesmente viver sem precisar fazer da vida uma guerra ou arte marcial. A paz é um sonho de invulnerabilidade, que na prática é loucura e fantasia tão grande quanto a própria onipotência. Mas tão passível de ser uma loucura absolutamente real quanto for a capacidade daquele que a vislumbra de concretiza-la tanto no meio que habita quanto por óbvio antes disso, no lugar onde tudo aquilo que não existe se fabrica precisa ser criado antes de ganhar o mundo, a mente. E isso não se faz descobrindo ou alterando gêneses ou genes, para tentar predeterminar o que desfaz quando não é instantaneamente determinado, a existência como permanente estado de criação, antes de tudo de si mesmo. Poderíamos até ser máquinas, um dia

criados por seres inteligentes que nunca quiseram nada de nós além de escravos e brinquedos. E ainda sim no momento em que nascêssemos pela e para nossa própria vontade de ser não seríamos mais o que eles queriam, mas livres, mesmo sem genitores, criadores ou qualquer propósito ou sentido próprio para a nossa existência. Como disse, não importa o que eles queriam ou não queriam, ou se sequer existiram ou não. O que importa é que existimos e existimos por que temos vontade e capacidade de inventar até um outro passado se acharmos que é preciso para seguirmos em frente. Embora, ele não seja nada além da nosso amor e vontade de sermos amados projetados como nossa gene como história de vida e criação. Uma narrativa temporal fictícia sobre o que um fato perene: essa vontade e necessidade são a a todo instante o gene e a gêneses materializados na nossa existência atual.

O fato de não termos sido autogerados, ou apenas nos reproduzirmos, não implica que nosso destino esteja atrelado a nossa origem, pelo contrário, a partir do momento em que tornamo-nos essa singularidade podemos tanto nos constituir como um buraco negro a tragar tudo que nos gera ou gerou, ou um novo universo dentro do universo, de acordo como nossas força e logos que rege a nossa constituição elementar como entes e não mais como fenômenos. Até porque o tempo não é um fenômeno, mas uma projeção epistemológica dele. E o momento da criação fenomenológico é sempre o agora. O universo não é cheio de singularidades ele é uma singularidade, uma singularidade feita de singularidades em interação a construir seus tempos e espaços como universalidades e diversidades não no passado ou futuro, mas eternamente na dimensão do presente em toda sua amplitude e extensão enquanto existir.

## **Guerra e paz**

O estado de equilíbrio mental, é descrito como um estado de paz de espírito por uma simples razão, não existe possibilidade de sanidade nem social nem menos em combate, ou na paz apenas como a mera trégua entre guerra, a paz não é um circunstância, mas acima de tudo uma sensação de razoável certeza quanto a vida livre da violência e privações que conduzem aos conflitos. A metáfora da vida como uma luta não é uma metáfora. Não enquanto ela não deixar de ser uma luta pela sobrevivência para um único ser vivo dotado da vontade de viver. Não enquanto o ser humano não deixa ser uma espécie em permanente estado de busca por domínios sobre gentes e terras as custas da sobrevivência dos demais. Os conflitos, as disputas são de fato inevitáveis enquanto a mentalidade imperar como estratégia evolutiva. Tentar atingir o equilíbrio mental ou paz espiritual apenas mudando nossa forma de pensar nesse mundo é como crer que um navio deixará de afundar, meditando ou rezando. Algo tão efetivo para acabar com uma guerra quanto depor suas armas enquanto enquanto se é o alvo do seu semelhante.

Seria um desafio praticamente insolúvel. Frear a autodestruição sem se torna parte dela. Se abdicamos de tomar parte dele, ele prossegue até por fim a todos. Se tomamos parte dele, ele já venceu. Como intervir sem intervir? Como controlar sem tomar o controle ou manipular? Esse parece ser o maior dos problemas. Mas não é nem o maior nem o primeiro. O grande questão a ser resolvida da qual esse resolução é consequência, é ainda mais difícil do que a interação com a vontade, vida e liberdade alheia sem causar desequilíbrio, conflito, sofrimento e destruição mútua. É como lidar com a nossa própria vontade sem provocar tudo isso. Seria, se da mesma forma que somos capazes de desligar nossos instintos gregários, também não fossemos capazes de reativá-los e fortalece-los até o ponto de mutação da invulnerabilidade primeiro mental e depois material e social.

O mais difícil não é reconhecer as outras formas de vida e renunciar a intervenção e controlar essas vida e a forma de viver. Criar espaços onde respeitamos e fazemos respeitar nossas vontades não é tão difícil quanto parece, é apenas uma questão de vontade e dedicação aquilo que de fato queremos fazer quando queremos e fazemos isso juntos. O ponto não é sequer como despertar a vontade de trabalhar juntos porque como se sabe o instinto gregário fornece toda a base que carecemos para chegar a tanto nem sequer como unir os demais em torno de determinados interesses, valores e bem comuns. É como controlar como estabelecemos esses interesses, valores e bem comuns de acordo com tais vontade, não como convencimento, mas como governar de fato essa força, a vontade não nos outros, mas em nós mesmos. O problema não portanto saber o que precisa ser feito, mas ter de fato vontade de fazê-lo. Pouca gente é estupidez demais para não saber, e mais estúpida ainda para não fingir que não sabe, o problema é superar esse jogo de simulações de vontades e fazer desse saber uma vontade, força volitiva motriz desse movimento, anima. Literalmente o espírito da coisa. Vontade como ciência e ciência como vontade. Consciência não como mero saber que sabe ou pensa que sabe o que precisaria saber, mas força de vontade consciente como poder tanto sobre o saber quanto sobre as vontades que o produzem do saber como poder.

Governar as vontades dos outros permite a um tirano governar o mundo. Mas de que isso serve se a mente tirana que governa o mundo é a mera escrava de suas vontades? Controlar os meios vitais e ambientais permite impor domínios e vontades através de carestias e carências, permite manter o controle sobre os meios vitais e ambientais e até a mesmo influenciar nossa própria vontade, A manipulação das vontades pelas necessidades garante o domínio sobre as condições de vida alheia; que por sua vez é a fonte de poder como privação da liberdade do outro, tanto como restrição das suas possibilidades de escolha e concepções de possibilidades, quanto do condicionamento do mundo como realidade ou

ilusão. Um poder que manipula e condiciona a mentalidade do submetido e sua vontade. Mas também inerente e inevitavelmente a mentalidade de quem o controla, tornando não o poder da sua vontade mas o poder que também constitui suas vontade.

E não importa o quanto essa arquitetura do mundo o favoreça, privilegie, ele ainda sim é dependente dela, e não raro mais dependente e carente dela não como fator para satisfação dos seus desejos, mas como fator constituinte das suas própria vontade, muito mais que os seres que submetidos a seus caprichos. Principalmente aqueles que ainda guardam dentro de si, mesmo como potencia irrealizada essa noção de liberdade como vontade que não se faz pela satisfação dos desejos seus ou alheios, mas pela realização do sua vontade de ser independente das adversidades ou facilidades.

Porque embora absolutamente privilegia pelas condições de vida que ele impõe como senhor e tirano, ainda sim também está submetido e é prisioneiro não só de tais condições, mas dos seus vontade reduzida a necessidades e desejos completamente destituída de força ou até mesmo de senso de um vir a ser além de uma barriga ou falo que pensa, mas não existe; sobrevive e se reproduz quando não pode mais crescer nem desaparecer. Pouco importa se foi ele que outrora estabeleceu como tirano ou inconsequente tais padrões. De todas as pessoas do mundo, ele que tem todo o poder para impor seus desejos e vontades aos demais é por conta dessa mesma condição o pessoa no mundo com menos poder e liberdade e capacidade para se livrar dela. Das vontades que sequer forma concebidas como potência, ou que permanecem impotentes, é o senhor o maior dependente e viciado nas manias, hábitos, rituais, desejos e compulsões que só a relação de poder e anulação das liberdades pode satisfazer. Dos habitantes dessa prisão ele é que menos tem poder para

escapar dela, porque é o mais satisfeito e aleijado em sua conformidade mórbida.

O mecanismo de prazer do poder é similar ao da droga, não é de se espantar portanto que ele vicia e degenera como tal. Embora não seja produto de fórmulas e manipulação de substâncias químicas naturais ou artificiais, ele também acaba por alterar a percepção e sensibilidade da realidade pela manipulação da própria natureza realidade e consequente alteração da sensibilidade e percepção. O problema de se manipular a sensibilidade e percepção é que depois de um certo tempo não é só a noção da realidade que se perde, mas a capacidade de sentir e se adaptar ou mesmo produzir novas e diferentes visões de realidade e padrões de comportamentos diante dos fenômenos que variam, e nem sempre em função das satisfação das vontades e desejos. E se tudo que temos é a força de vontade, para nadar contra a correnteza quando essa não está a nosso favor. Não é dos braços que se acostumaram a serem carregados, mas dos capazes de carregar que dependem o nascimento da consciência.

O tirano que brinca com a vida e vontade sofrimento e humanidade alheia, brinca ao mesmo tempo com a sua própria vida, vontade humanidade enquanto capacidade de entender e sentir. Flerta com tanto com a psicopatia e todas manias e compulsões que acompanham tal patologia, quanto com a imbecilização enquanto perda da sua inteligência e discernimento do sentir, pensar e agir por falta de reações empáticas que realimentem sua compreensão. A relação de poder produz idiotas autoritários por uma razão simples, ela atrofia não só a capacidade de entender, mas a força que produz a inteligência, reduz a força de vontade a mero desejo completamente condicionado a própria presença das condições e sua satisfação.

Não é só um vício é um ciclo vicioso, onde a perda da empatia diminui as habilidades cognitivas e volitivas correlativas, diminuindo a capacidade de lidar com adversidade e aumentando a propensão a tentar reduzi-la e controla-la como mera manifestação do desejo e brutalidade cada vez mais frequente e compulsivo. De modo que numa posição ou relação de poder quem não é um piscopata se torna. E quem não é um idiota fica. Ainda bem pois se assim não fosse, teríamos o patologia da tirania maquiavélica, o estatopata perfeito. O príncipe capaz de alterar de modificar suas volições e logo seu comportamento de acordo com as circunstancias.

Se até mesmo a ausência de respostas empáticas não produzisse efeitos na psique e cognição dessas pessoas, isto é, na própria capacidade de ler e interpretar os sentimentos e volições alheias, bem como controlar seus próprios impulsos destituídos de empatia, se a sua forma de ser a agir não impactasse na sua vontade e comportamento não teríamos propriamente mais um ser, mas um entidade uma força destituída de volição e apenas dotada de força que a constituem. Quanto mais aumenta o poder e logo a facilidade de satisfazer a sua vontade, mais essa vontade se reduz a desejos prontamente satisfeitos e que por serem prontamente satisfeitos perdem sua força enquanto necessidade de conhecer e capacidade de manipular o outro enquanto ao mesmo tempo aumentam em compulsão e mania e intolerância tanto a sua privação quanto capacidade de automotivação através de outros impulsos volitivos diversos.

A mente do senhor é tão prisioneira dos ritos, cultos, costumes e hábitos que do escravo. Porém como a impotência e dependência se desenvolvem depende não só como tais condições são dadas ou impostas mas como são tomadas e recebidas. Assim, quanto maior é a resistência da vontade em relação as condições, mais essa se fortalece se não arrebentarem. Ao contrário daquele que aquele que tem tudo o que precisa para satisfazer

seus prazeres sem precisar fazer a menor força ou esforço de vontade, não só tem sua força de vontade enfraquecida, mas essa vontade como impulso e desejo e ansiedade aumentado em relação a todos outros impulsos que carecem de estímulo, elaboração e respostas. Há portanto um ponto de equilíbrio, onde a completa ausência de possibilidades gera a completamento desamparo e impotência do submetido que uma vez quebrado, não a recupera sua vontade nem mesmo quando as condições basilares aos seu desenvolvimento são reintroduzidas, da mesma forma que a completa ausência de exercício da vontade como força, degenerada pelo querer como poder também mata a capacidade desse desenvolvimento até mesmo quando a necessidade se impõe. É como a conquista de uma montanha, não adianta chegar nela carregado, ou empurrado, é preciso fazê-lo com as próprias pernas, porque o objetivo não da conquista não é conquistar o cume, mas a si mesmo pelo exercício da força de vontade. O ponto de pico muito vezes se atinge sem sequer conquistar o ápice, e impossível atingi-la com uma alma sedentária, que não faz do seu viver uma constante peregrinação rumo a descoberta e revelação do que para ela é o novo.

Porém, o poder, como muitas drogas como um viciado o poder acaba por degenerar a mente dos poderosos, e não raro quanto mais aumenta seu poder, mais e mais eles agem das formas mais estupidas e brutais e cada vez mais inconsequentes não só em relação ao outro que nunca foi a maior preocupação, ou era nenhuma, mas em relação a si mesmos. E também por isso aqueles que detém o poder jamais se contentam com o que possuem, mas sim com o prazer da permanente caça e conquista.

Na verdade não importa as posições, senhores ou escravos, como papel fixo ou que estejamos a desempenhar em diferentes momentos ou relações, quanto mais conformados e habituados menor é o papel da força da vontade seja na consecução da tarefa, seja na tentativa de evitá-la, e se

o esforço o vazio da falta de desafio e sentido é maior. De modo que quanto mais fácil se realiza a satisfação mais se aumenta o desejo de realiza como consumo, e mais de diminui a capacidade de consumá-la sem dependência de como ela se dá seja através do poder como querer ou rendição a esse querer como submissão a ele. Se a replicação dessa condições são feitas como o senhor ou escravo da relação, o fato é que nem um nem tem mais a capacidade necessária para controlar sair de tal situação, querendo ou não. A vítima por que está submetida e impotente frente ao poder do tirano psicopata, e o tirano psicopata porque não é cada vez mais incapaz de controlar o desejo de satisfazer suas manias. Mesmo ambos sabendo um o mal que sofre e o outro o mal que causa. E podemos incluir nessa relação qualquer terceiro que mesmo assistindo não se solidariza, especialmente quando tem meios para por um fim a essa violação e nada faz não porque também não saiba, não tenha consciência do que está a acontecer como saber, mas porque também não tem nenhuma consciência como ligação empática e vontade suficiente de agir.

Entender e solidarizar com a mente desses seres humanos, devorados por suas manias e desejos e obsessões não é apenas um exercício de compaixão útil tanto para se defender dele, quiça ajudá-los, mas sobretudo para entender a nossa própria mente, útil portanto tanto do ponto de vista solidário e egoísta. Útil para entendermos principalmente como se processa a formação e conformação das vontades. Como elas são manipuladas, e qual os efeitos dessas relações no processo de formação ou malformação das psiques tanto que são submetidas a vontade alheia quanto aquelas que submetem os outros como alienadores portanto não apenas da vontade deles, mas da sua própria. Entender como se processa a perda da capacidade de controlar a si mesmo, seja porque se é submetido a condições insuportáveis seja porque se se submete a condições tão confortáveis é fundamental para poder conceber como seria possível produzir justamente o contrário, a capacidade de controlar suas

própria vontade. O fenômeno diametralmente oposto da imbecilização da mente senhoril-servil, o fenômeno da consciência.

De fato o condicionamento comportamental eficaz está longe de ser um controle mental da telepatia da ficção científica. Ele se opera pela empatia e a ciência dessas volição instintiva. De modo que é muito difícil para o médico curar a si mesmo, ou a pessoa sozinha conseguir atuar sobre sua própria vontade, isto é, conscientemente. Porque inconsciente é o que fazemos o tempo inteiro, já que é impossível sentir-pensar ou agir sem necessária modificar nossa vontade, a força dos impulsos que nos movem, suas direção. Mesmo quando agindo plenamente de acordo com nossas vontades ou as satisfazendo completamente como desejos, não estamos apenas apenas desenvolvendo apenas padrões de pensamento e comportamento, mas de volições. Um complexo onde as forças, agem e reagem nas duas direções mesmo quando aparentemente não há nenhuma outra força envolvida que não a da vontade do sujeito e apenas os objetos que ele move ou manipula. Essa própria forma de ver a realidade e os demais seres e fenômenos já é em si um produto tanto da alteração cognitiva quanto volitiva que constitui esse complexo mental.

Esses mecanismos de anomia não desenvolve apenas reflexos condicionados, mas impulsos condicionados. De modo que o cão não saliva apenas pelo apito, mas passa a ansiar pelo apito para poder salivar, e reagir com frustração perante o simples fato daquilo não ser dado pela mera manifestação da vontade como simples desejo. As volições embora não possam ser criadas podem ser manipuladas, criando desejos e vontades que antes não existiam. A vontade como volição não é só adaptável, ela é a força motriz dessa capacidade de adaptação as condições, sendo portanto passível de também ser reduzida a mero objeto do condicionamento como o próprio comportamento inconsciente.

## **A consciência**

A consciência a que me refiro neste texto não é portanto apenas a ideia de pensar em estado de vigília, ou conjuntos de padrões e normas que processam esse pensamento como julgamento. É a rede neural que se desenvolve ou deveria desenvolver naturalmente ao longo da formação da psique e que constitui a episteme como estado mental composto tanto de impulsos quanto impressão que forma o senso e noção daquilo que a pessoa toma como ideais do real e concreto por oposição ao imaginário e abstrato. Mais precisamente a consciência seria o complexo formado pelo nexos sensível-conceptual formado a partir dos instintos gregários e sentimentos empáticos se esses padrões não fossem desintegrados e reelaborados para constituir outro complexo de sentimentos, pensamentos e comportamentos destinado a substituí-lo para processar vontades alheias introjetadas: o superego. E de fato é o campo que como sensação e noção produz eventualmente as contradições e objeções próprioconcebidas a esses valores e padrões adquiridos como impulso volitivo e juízo e ação independente.

No entanto o papel natural da consciência não seria o de confrontar e corrigir o superego, mas desempenharia o papel de equilíbrio que esse toma o lugar no equilíbrio da psique em relação aos instintos egóticos. Equilíbrio este que não se efetua como força contrária e repressora do seu instinto de preservação, mas com a ampliação do mesmo para além da sua compreensão do eu, compreendendo também o universo onde ele se insere e realiza o seu mundo, onde a existência se realiza tanto senso-noção individual como coletividade. Ou seja, não opera como julgamento ou norma repressora ou impositora do egoísmo, ou substituta ou simuladora da solidariedade, mas como a sua expressão como estado emotivo e cognitivo que se processa pelos pensamentos imediatos, meditados ou premeditados em estado de vigília.

Um campo onde habita e desenvolve o ethos responsável pelo desenvolvimento de sentimentos solidários, pensamentos de comunhão e relação fraternais, padrões e ligações que não são nem carecem ser simulados pelo condicionamento comportamental ou produzidos como reflexo a adaptação aos estímulos socioambientais, mas padrões e ligações volitivos espontâneos que se manifestam e desenvolvem (ou não) dependendo justamente da forma como são suprimidos, reduzidos ou atrofiados.

Dito desta forma a inconsciência como condição de ausência de ciência quanto a sua condição parece algo planejado e não deixa de ser. A perda da noção de eu e de mundo, necessariamente passa pelo desligamento gradual de processos sensíveis e cognitivos que se não estivesse presentes no nascimento, produziria seres completamente fechados dentro de si mesmos, e portanto ainda que inteligentes destituídos do desenvolvimento básico da capacidade de comunicação e inteligência absolutamente necessário até mesmo depois quando essas ligações inatas estão completamente desligadas. O que esse processo não é enquanto se diz planejado é justamente um processo em princípio e necessariamente consciente. É muito mais semelhante ao plano arquitetado por uma aranha ao tecer suas teias, do que aqueles que traçamos nos campos simbólicos.

A capacidade adaptativa não é exclusiva dos seres humanos, esta presente em menor grau de potencia e complexidade como anima e logo volição. E a eficiência desta capacidade e do seu condicionamento reside justamente no fato que não se opera na predisposição das respostas perante os estímulos externos, mas na predisposição e distribuição dos próprios impulsos internos, como desejos, vontades. A chave do amestramento e da alienação, envolve a substituição dessa ligação e relação instintiva, por

comportamentos desenvolvidos como respostas as condições que se impõem. A chave é portanto também a armadilha.

Armadilha onde a pisque não consegue mais se mover sem os estímulos que estão fora do seu organismo, e nem aquele que comanda não consegue sequer conceber as realizações daquilo que deseja sem tal relação. E embora aqueles que estão presos a essa cadeia de arquiias continuem a possuir e produzir outros impulsos eles não tem mais força para resistir ou superar o desejo reduzidas a desejos, manias e compulsões. Seria ingenuidade portanto, pensar que bastaria se libertar dessa condição de transtorno e desequilíbrio com uma abordagem isolada do ponto de vista pessoal ou exclusivamente espiritual ou psicológica. A compreensão da psique com fenômeno isolado do fenômeno da vida é em si já a construção dos horizontes como muralhas da próprio-concepção e visão do mundo. Porque antes dos fenômenos serem discriminados e compreendidos não só como sociais e ambientais, antes mesmo de serem abstraídos na impressão do que real e imaginário, eles continuam sendo fenômenos independentes dessas abstrações e e idealizações. De modo que é impossível compreender o próprio processo psicológico sem tomar ciência da nossa ciência, sem entender os processos epistemológicos que formar as preconcepções tanto do eu mental quanto o meio meio ambiente. Meio ambiente que por sua vez antes de ser político e econômico, antes de ser ideológico natural ou social é simplesmente fenômeno.

Há “leis” ou mais propriamente padrões de eventos substantivados que se repetem como causas e consequências equacionadas tanto políticas quanto econômicas que permitem explicar os acontecimentos de modo a conseguir projetar sua direção e portanto prevê-los com razoável determinação para que chamemos tais leis de naturais ou universais. Porém o que há de certo e acerto nelas, deriva justamente que remetem

ao componente psicológico dos agentes e portanto também o erro. De modo que quando os agentes se comportam racionalmente de acordo com os valores preestabelecidos estão dentro da normalidade e a lei é válida. Quando não, não é a lei que falha mas os agentes e eventos que não são mais normais.

De fato o comportamento “anormal” ou irracional dos agentes não invalida a utilidade dessas leis dentro do seu campo de normalidade, mas inevitavelmente o delimita enquanto regra universal. A universalidade enquanto totalidade é uma abstração extremamente frágil, pois basta um único ponto num universo (uma singularidade) para por um limite nas pretensões de infinitude. E ainda que observadores eliminem da sua visão de normalidade e realidade tal existência como desvios padrão ou exceção, ele some apenas do seu mundo real tético e hipotético e não do mundo fenomenológico e nem sequer do epistemológico. E essa noção e percepção renegada, essa ciência que não é compreendida pela visão de realidade, não é enviada ao degredo consciente da metafísica, mas subconsciente sem substantivos, nem predicados apenas como sensação.

Basta um único cisne negro, não mais que um para acabar com as pretensões totalitárias dos brancos. E mesmo que os cisnes brancos se reúnam para por um fim ao cisne negro, e apaguem ele não só das memórias e narrativas, cisne como ente e permanece não apenas como evento passada, mas como presença inconsciente.

Há portanto um gravíssimo erro para além do ético nesse procedimento, há um erro existencial e epistemológico. Usamos a capacidade de processamento simbólico para entender e controlar os fenômenos. e o fato de sermos bem sucedidos no controle daquilo que concebemos simbolicamente como representação dos fenômenos como realidade, não

implica que controlamos os fenômenos para além dessa representação do real como campo delimitado do conhecimento. O inconcebível, o indeterminável e sobretudo o irrevelável continua sendo esperançosa para uns e perigosamente para outros o impossível, a loucura e utopia. Porém é dessas loucura, a criatividade que depende o cortar dos nós górdios de concepções ultrapassadas e insustentáveis como novos mundos como projeção e realidade.

A criatividade e imaginação não constroem realidades como mapas, artes e teknes alheios e preestabelecido, mas constroem suas próprias redes e mapas do eu e do mundo, a partir da leitura direta da vida, como metis. Daí a grande dificuldade de se apropriar não só desses intelectos mas de apropriar e reproduzir sua produção intelectual com os mesmos resultados. Não se consegue produzir ou reproduzir essas obras e realizações meramente copiando ou derivando. É preciso reproduzir toda uma mentalidade, que não é só um conjunto de técnicas e tecnologias subordinadas a saberes compartimentados em ideologias políticas e econômicas, é preciso reproduzir formas de vida, seres vivos e inteligentes, psiques completamente autônomos e integrados a seu meio socioambiental.

A mente é um complexo que não está só encerrado ou processado só nas redes neurais do organismo ou órgão, mas na rede ambiental e social que compõe essa mentalidade seja como consciência ou inconsciência não só pessoal mas coletiva. A estrutura orgânica onde esses impulsos volitivos são produzidos é muito mais uma porta de comunicação uma antena do que uma fábrica desse conjunto de volições que compõem o campo simbólico tanto do chamado superego que liga alienados e alienadores quanto da consciência que conecta empaticamente pessoas livres dessa alienação em redes de pensamento e sentimentos proprioceptivos compartilhados como nexos.

Logo seria uma ingenuidade extrema acreditar que bastaria apenas desconstruir essas relações nefastas de alienação e dominação para construir uma nova mentalidade livre e sã. Mesmo que a eliminação das influências tanto psicológicas quanto socioambientais viesse a ocorrer, e a consciência tivesse um campos e redes abertas para desenvolver em todo seu potencial, ainda sim a mentalidade seria a mesma, e a consciência produto consequente dela e não dessas condições como potencial. existia de fato ou potencialmente (é irrelevante) antes de todo progresso da domesticação. Ainda sim seria a mesma psique que em dado momento da história da humanidade quebrou e perante a mentalidade domesticadora e seus procedimentos.

Repito, o que eramos se é que um dia fomos é irrelevante. Até porque se fomos deixamos de ser, e de qualquer forma o que nos tornamos não matou a capacidade de evoluirmos, inclusive como superação dessa condição. Se a consciência existia ou estava em formação de qualquer forma tal consciência e ethos não foram suficientemente capazes de se preservar e proteger contra a corrupção e degenerescência da nossa potencia e vocação humana. Ou seja os ligações empáticas e a solidariedade são fundamentais, mas não são suficientes, não em seu estado inato. Elas também precisam ser desenvolvidas pelo mesmo processo que utilizamos para perder. A educação não como domesticação, mas como empoderamento desse capacidade inata.

O instinto gregário como força elementar e a consciência como campo, em seu estado primitivo são perfeitamente suficientes para produzir organismos e sistemas equilibrados, mas não inumes a patologia de suas deformações teratológicas da psique. Novas formas de vida, mentalidades e suas comunidades cairão tantas vezes quanto tentarem se erguer enquanto não se reconstituírem como sistema imunológico contra esse câncer que cresce não só da arquitetura dos sistemas, mas dos sistemas

como mentalidade reprodutora de tal arquitetura. Células e organismo perfeitamente saudáveis continuaram vulneráveis ao parasitismo, suas colônias e colonização, enquanto não souberam como neutralizar e conviver sem serem prejudicados com essas outras formas predatórias e oportunistas de viver que emergem tanto de fora, quanto de dentro não só das sociedades, mas das mentalidades.

Não basta apenas revitalizar os sentimentos empáticos e preservar os instintos gregários para nos re-ligar a nossa pisque e natureza e constituir novas mentalidades conscientes. É preciso constituir novas consciências feitas não do mito ou realidade do bons selvagem e paraísos perdidos ou melhor destruídos e corrompidos. É preciso constituir consciências imunizadas a essa patologia, construídas portanto não como bolhas individuais ou coletivas a fugir do que somos ou nos tornamos. Mas consciências produzidas da adaptação e logo aprendizado de toda essa psicose, neurose e sobretudo psicopatia que constitui a nossa normose das nossas civilizações.

Não adiante inverter os papéis, é preciso lidar com a normose. Não existe imunização sem a produção de códigos e padrões construídos para preservar o organismo e organizações das condições que emergem inevitavelmente tanto dentro dela, quanto fora, onde existe tal vulnerabilidade. A vida é seu estado o próprio fenômeno da liberdade, um processo cuja saúde e sanidade implica não só em um ser capaz de manter a integridade equilíbrio dos seu ecossistema autônomo, mas preservar a integridade desse ecossistema mental nas mais diversas e adversas condições e relações. O que implica na liberdade como processo constante de libertação e não meramente um ser e estar saudável fechado em si mesmo. A vida em liberdade não é apenas um estado de espírito livre de impulsos e relações de poder, mas a forma de vida, como mente e sociedade que não sucumbe mais a degeneração da própria liberdade,

como poder. Algo que não se produz pelo desligamento do que nos pode ferir, mas ligação transformadora dessa condição sensível do eu ao mundo.

Em geral o procedimento de re-educação e educação libertárias consiste em eliminar forma repressivas e autoritárias de relacionamento, impedindo que as pessoas se tornem alienados ou alienadores, impedindo que elas se concebam dentro dos arquétipos do senhor e escravo. Já a educação familiar e social clássica procede de forma oposta, prepara sua prole para se adaptar e desempenhar tais posições predeterminadas. As sociedades mais competitivas, preparam todas as pessoas para desempenhar funções visando sair da posição de presa para tomar a a posição de dominador e predador. Preparam para jogar esse jogo, evidentemente não desde a mais tenra idade, mas a partir de certo rito de passagem, que compreende o fim da infância e entrada na idade adulta. Porque preservar a criança no período da formação da sua psique daquilo que “é a vida” é fundamental para que a quantidade de psicopatas e psicóticos neuróticos surtados não supere em número a dos normóticos politico-socialmente funcionais e socioeconomicamente produtivos. Percepção minimamente preservada até hoje mais por seleção natural do que do que cálculo racionais.

Porém nem uma nem outra preparam as pessoas para lidar com os homem lobo do próprio homem sem se tornar parte da sua matilha ou então a presa que mesmo não querendo não tem os instrumentos para se livrar desse psicopatas, sem residualmente se tornar mais um pouco um.

Saber o que precisa ser feito, ou o que deve ser feito não é difícil a quem tem uma inteligência, sua percepção, sensibilidade e razão minimamente não desnaturada e desconfigurada. O difícil é encontrar força, coragem para fazê-lo e sobretudo mantê-lo independente dos impulsos e

estímulos, condições e condicionamentos da vida que se impõe artificialmente ou não, querendo ou não, podendo ou não. Nada mais fácil do que manipular pessoas em condições de carestia, carência e vulnerabilidade, ou cometer atrocidades quanto se tem esses domínio e poder. Até mesmo encontrar o equilíbrio de forças, poderes e autoridades, celebrar pactos e acordos de paz, cooperação, e produção quando não se está em condição de impor ou tomar nada, difícil é fazer o que sabemos que tem que ser feito, mas já não temos mais sentimentos volitivos, ou força de vontade suficiente para agir ou resistir.

Ou em outras palavras a maldade e insensibilidade não são um defeito, mas uma qualidade quando se faz do mundo um inferno, ainda que essa qualidade seja justamente aquela que leva cada ente o mundo a inevitavelmente queimar. Dentro dessa metáfora mitológica a humanidade não será “salva” por anjos, porque anjos quando caídos, são definição demônios. Mas da rebelião dos infernizados em corpo e mente para saber na carne e na alma que não precisamos de anjos, demônios, céus ou infernos, santos, messias, heróis nem vilões nem muito menos reis ou reinos para governar ou sermos governados. Tudo o que precisamos é inteligência solidária como força de vontade, consciência para não sucumbir a nenhuma vontade contrária nem alheia nem supostamente nossa. Uma força de vontade, que se constrói e cresce e fortalece da preservação e treino desse capacidade volitiva elementar de sentir empática, primeiro como sensibilidade e vontade a serem protegidas e desenvolvidas na criança, para se fazerem como força do hábito a consciência que não é só a força motriz desse ethos, mas a própria resistência dessa pisque as relação e realidades mais patológicas não só como imposição, mas principalmente como estimulação.

### **A genialidade, a santidade e a arte**

Falamos sobremaneira das degeneração da inteligência, consciência, como se não houvesse outra forma de sentir, pensar e agir senão no futuro ou reservada no presente a poucos conscientes e iluminados. Balela. Gênios, santos, visionários, as pessoas considerada especiais ou extraordinárias também são colocadas a parte como se fossem um desvio do padrão, para lembrar e garantir aqueles que se consideram meramente normal que ele não é capaz, que seus sacrifícios e feitos estão além da sua capacidade e potencial. Como se fossem feitos de outra matéria, espírito ou gene. Não por óbvio não somos iguais absolutamente em nada, origens, capacidades, etc... mas se há uma coisa que somos todos iguais é que todos temos vontade, e a teremos enquanto respirarmos. Obras podem ser extraordinárias, pessoas que as criam, continuam sendo apenas pessoas comuns as vezes nem com um pensamento tão livre e uma mentalidade tão diferenciada quanto se quer acreditar. Quanto a sua capacidade e força de vontade como braços e músculos da mente, basta não amputá-los e treiná-los como as práticas criativas e empáticas que os constitui seu crescimento. Fisiologicamente o desenvolvimento não difere muito do desenvolvimento de padrões motores neurais. Sim é exatamente isso que estou dizendo, de forma tosca: músculos de desenvolvem puxando ferro, inteligência estudando e consciência praticando a solidariedade. Nos três casos a preguiça ou os maus hábitos adquiridos podem imperar, nos três casos podemos querer pílulas ou poções mágicas, mas o fato é um só, somente a prática produz o aumento da capacidade e facilidade como resultado. E assim como ninguém fica mais forte ou sábio assistindo ou mandando os carregar os fardos ou pensar por ele, ninguém fica mais consciente mandando ou assistindo os outros serem solidários em seu lugar. Pelo contrário o sedentário desenvolve as patologias relacionadas a falta de movimento do corpo, o preguiçoso mental as patologia popularmente conhecidas estupidez e imbecilidade. E o insolidário da alienação seja dos seus desejos egoístas seja dos desejos egoístas alheios a controlar e manipular a fonte dos estímulos como sua realidade.

Assim como os traços de neurose, psicose e psicopatia estão presentes em maior ou menor grau de consciência e inconsciência, também os desvios de padrão mentais e comportamentais considerado bons e saudáveis estão presentes como potencia e até mesmo ato muitas vezes despercebido não só pelos demais, mas pela própria pessoa. A quantidade de pequenas ações cotidianas que passam sem ser jamais sequer notadas, e que ainda sim são fundamentais tanto preservar a integridade da humanidade como a revolucionar não são extraordinárias e descomuns, mas absolutamente comuns, comuns e ordinárias demais, essenciais demais para serem notadas. Continuam a ser, como tudo que é fundamental tem que ser, invisíveis. Como o ar que respiramos, inodoro, incolor e intangível quanto mais puro e presente o for. A formação dessa nova consciência só se torna perceptível nas ações de pessoas e eventos que representam um salto relativo diante das condições mentais e socioambientais presentes. Mas esse salto é apenas aparente, uma ilusão provocada pela diferença entre a velocidade de compreensão e percepção dos observadores em relação ao movimento. Não há nada de tão incrível assim. Não defecar onde se come ou se alimentar dos seus semelhantes, ou não passar por cima de quem está caído, pode parecer um grande esforço ou sacrifício dentro de determinadas culturas que não entendem nem procedem desta forma, mas não é absolutamente nenhum grande esforço aqueles que não foram treinados e aculturados a desligar sua empatia e ignorar o fedor da sua alma morrendo. A vergonha ou medo da reação dos demais é completamente dispensável a quem responde pelos estímulos empáticos como padrões conformativos da sua consciência e não pelo condicionamento do comportamento reflexo que pode induzir a reação oposta a esse instinto como hábito e costume aprendido. Assim, pelo contrário, o esforço e sofrimento onde a empatia não foi castrada é justamente o oposto: ficar impassível sem fazer nada. Ajustar-se a essa forma insensível e estúpida de pensar e agir como cultura quando se tem sensibilidade e inteligência e sobretudo vontade como estado consciente para fazer algo.

Não há um impulso volitivo a ser reprimido e um comportamento a ser condicionado a tais circunstancia, há um impulso vocacional que precisa e busca se concretizar não como satisfação de uma vaziao existencial, mas como a própria manifestação dessa existência entendida como sã e saudável, na exata medida do estar livre inclusive desse vazio. Como a arte, a consciência não é uma obra que se possa constituir por imposição ou repressão, ela é a própria manifestação dessa obra, uma escultura de si mesmo não a imagem e semelhança de padrões sociais introjetados, mas a imagem e semelhança da vontade de vir a ser em harmonia não apenas com seus instintos mas com a vida. Uma harmonia onde o instinto gregário e egoísta não estão em conflito, mas em sincronia para produzir esse estado de espírito consciente, essa condição de ser não meramente senciente, ciente e inteligente mas consciente como sensibilidade e inteligência dotada de empatia.

Não há ser humano por mais psicótico, neurótico psicopático que em algum momento da sua vida, não tenha produzido esse rede neural. Até porque sem ela o *pathos*, o condicionamento, a domesticação, o parasitismo e não tem literalmente um órgão nem um organismo hospedeiro onde se instaurar nem em si nem no outro, não tem uma mente para frustrar e constituir-se como subconsciência pessoal nem coletiva. Não é de se espantar a tamanha semelhança da pisque dos maiores santos e maiores monstros da humanidade. Eles compartilham de um mesma força de vontade, aprenderam a responder de forma completamente diversa aos estímulos e condicionamentos que as outras pessoas impõe como ambiente e relação. O processamento mental é praticamente o mesmo. Ambos podem ser submetidos a condições e condicionamentos extremados, receber e aguentar quantidades insuportáveis de dor e prazer, serem torturados e conformados pelas mais humanas e desumanas condições, que ainda sim responderão não como um reflexo condicionado, mas agirão ainda de acordo com a única força que governa seus atos, a sua vontade governada pela sanidade de uma

consciência ou pela insanidade de volições incontrolláveis advindas das camadas mais profundas da sua inconsciência.

Se o psicopata é capaz de receber todo o amor e solidariedade do mundo e ainda sim vomita ódio, maldade e desprezo. O santo é capaz de digerir todo ódio, maldade e desprezo do mundo e ainda obrar amor e solidariedade. Na verdade, estereótipos, que não existem nem inexistem completamente em nenhum ser humano. Ninguém é absolutamente invulnerável nem onipotente em suas vontades sejam elas quais forem. Mas a predisposição de como se essa se desenvolve como adaptação ao meio é a mesma. Se o estereótipo da consciência ideal consiste na capacidade de viver na merda, comer merda, ser um merda e ainda sim cagar flores. O arquétipo da sua completa ausência também consiste em só fazer merda não importa onde se na cabeça dos outros por mais que tudo em sua vida sejam apenas flores.

Mas as similaridades dessas personalidades tipificadas em lidar com suas vontades e vontades do mundo, terminam aí. Num dado momento, ou em vários ao longo da formação da sua personalidade e psique, o psicopata aprendeu a preservar seus impulsos volitivos suas vontades desligando todas suas respostas empáticas, desligando os impactos que suas ações e relações provocam em sua própria emoção e volições mais instintivas. Como o psicótico de certa forma também empreendeu uma fuga da realidade insuportável, porém uma fuga cognitiva, mas a emocional. Matou sua própria empatia para se adaptar ao mundo sem perder sua egoísmo. O estereótipo da santidade conseguiu também escapar da conformação do seu ao que era monstruoso e insuportável a sua inteligência e sensibilidade, mas não o fez se desligando dos seus impulsos empáticos nem muito menos egoístas- afinal o egoísmo nada mais é em princípio a preservação da integridade e a empatia faz parte dela. Assim ele conseguiu preservar essa integridade sua empatia como

expressão máxima do seu egoísmo, e do seu perfeito egoísmo a expressão máxima da empatia. Ele aprendeu a manter seu ser e proceder intacto transmutando o que recebe não importa se é amor ou ódio no fonte de constante reafirmação da sua vontade ser em ligação com a vida, não importa o quanto essa vida o maltrate ou despreze. A forma mais aprimorada de egoísmo, continuar sendo em toda sua potencia e vocação não importo o quanto o mundo lhe negue o desenvolvimento da sua humanidade como amor por si e por tudo. É engano pensar nisso como humildade ou sacrifício, mesmo onde esse sacrifício se dá ele não se faz em respeito ou submissão a vontade alheia, mas em obediência voluntária a sua como vontade de ser na plenitude da sua empatia. O amor pelo outro, é antes de tudo um amor por sua própria capacidade e vontade de amar. Uma teimosia infinita em não se deixar corromper ou amputar do que é capaz de sentir e pensar livremente mesmo quando torturado, privado ou violentado. Uma vontade de preservação incondicionável porque justamente se sente concebe e quer se sentir e conceber fechada e excluída dentro de si mesma, mas se preciso for incomodar quem não suporta. Não é portanto a toa em geral que essas pessoas acabam perseguidas e mortas, a sua persistência em amar e se amar não importa o quanto isso revolte os frustrados e frustradores só se finda matando essa vontade em sua fonte, tirando a vida da pessoa.

Ele aprendeu a desenvolver um ethos. Suas ações consideradas boas e sua renuncia a agir ou reagir com aquilo que considera o mal não são produtos de doutrinação ideológica nem condicionamento comportamental, elas não são respostas adaptativas ao mundo, elas são a manifestação constante autoafirmação e autodeterminação perante o mundo seja ele qual for. Eis porque sua preocupação não está em controlar o mundo inteiro e o comportamento de todos que o cercam. Sua ocupação e preocupação está em manter a jurisdição da única coisa que de fato lhe pertence como fenômeno natural, a integridade da sua existência não encerrada e morta, mas integrada, re-ligada a rede da vida.

Não como esquizofrenia, piscotatia, meditação ou imposição, mas como estado de solidariedade como predisposição incondicional e constante. E é justamente por isso que sua força de vontade não degenera como na personalidade psicopática em mera imposição de desejos e vontades como manias e compulsões que governam seu pathos. Mas se constitui nessa força de vontade sobre as vontades, a consciência que governa sobre os pathos enquanto seu própria concepção e vontade do seu ser e estar como ethos.

Se o normótico é quebrado até renunciar a sua própria concepção e sensibilidade e passa a se tornar um terminal burro que responde a manipulação de que predefine valores e organizações que constituem a arquitetura do sistema e a fonte geradora dos seus vontades mais primárias como impulsos volitivos. E o psicopata resiste a tal domínio até crescer em todos sentidos para tomar o lugar dos seus domesticadores assumindo o o lugar e papel dos seus genitores, tornando-se os produtores e reprodução desse processo de normatização do outro. Se a consciência do normótico é nada mais do que seu superego, a voz das ordem e vontades alheias, e do psicopático a própria ciência dessa vontades e vulnerabilidades inconscientes alheias. Nesse outro tipo de personalidade tão rarificada pelo próprio processo de produção e enquadramento das demais, a consciente. A consciência é uma rede neural de conexões, um padrão de leitura do mundo e processamento de ações e reações, cujos valores e significados continuam a ser produzidos pelos próprios impulsos volitivos processados a partir das respostas e impressões empáticos que realimentam essa inteligência.

A consciencia não é mais um tribunal onde o eu cosnciente é um juiz ou condutor que tenta guiar e conduzir a pessoa mediante as pressões e contradições da moralidade e libido. Ele não é uma entidade passiva tentando reger forças propulsoras. Ele é o cavalo sem biga, sem

condutores ou cavalos a puxá-lo ou levá-lo para esse ou aquele campo. Ele é o cavalo a puxar e levar a si mesmo para os campos que ele mesmo abre e cria. Sua moralidade e instintos não produzem seu ego, seu ego produz e transforma sua moralidade e libido. Seus impulsos volitivos tanto egoístas quanto empáticos, não estão divididos e compartimentamentos a anular e frustrar um ao outro, eles não são mais as forças elementares constituintes dessa mente; a base epistemológica da sua concepção do eu, dos seus desejos, vontades, deveres responsabilidades. Eles são o produto psicológico e sociológico dessa mente que tomou ciência da sua própria ciência, tomou o saber e o poder sobre a episteme do próprio fenômeno da psique. E não se contenta em pensar e logo existir, mas quer existir como pensa e antes disso sente. Fez de si, o seu sujeito o objeto das suas meditações e reflexões, e passou a não se contentar não mais em ser como bem quiser, mas em bem querer exatamente como quer vir ser. E não há nada de excepcional ou santo nisso. Exceto justamente pelo fato que trabalhamos e pesado no sentido oposto.

### **Meio Ambiente**

Não é o que fazemos, mas o porque fazemos. As ações solidárias e altruístas são movidas pelo quê? Fora o fato delas sequer sub-existirem, senão como dever imposto por força maior; fora o fato delas serem reduzidas a obrigações normativas e não impulsos volitivos. Fora tudo isso, a questão é que a solidariedade e altruísmo que mal existem são entendidos como desvios padrões que beiram a loucura e até mesmo imbecilidade, num mundo dirigido para supremacia de quem detiver a força para impor suas fantasias como controle da vontade e existência alheia.

A chave da formação do livre pensamento não está só na libertação da mente das normas e repressões que impedem o ser de afirmar e o

reproduzem como com servo imbecilizado ou dominador sem consciência. Está no desenvolvimento da sensibilidade e inteligência empática completamente amputada e desfigurada para implementação dos controles que simulam o comportamento, a moralidade e ética. Simulam como reflexos condicionados justamente porque no poder da definição do que é o certo e o errado, do bem e o mal, de quem são os vilões e heróis, os inimigos e os senhores está a essência da reprodução *homo domesticus* como resultante de valores e funções culturais. Onde o desligamento dos instintos empáticos, causa o vazio e carência de pertencimento a algo maior, e inerentemente a corrupção desse sentimento gregário e necessidade de comunhão em anulação do ser autônomo para a formação das colmeias e colônias humanas e superegos e subconsciências. Não basta só portanto preservar a capacidade de respostas empáticas, porque é justamente sobre a empatia do outro que o domesticador constrói a corrompendo e manipulando toda a superestrutura mental que irá introjetar o seu controle e formar as noções de coletividade destituídas de sentido e sentimento de preservação da vida e liberdade natural, integridade tanto individual como coletiva.

Preservar as sentimentos empáticos e as práticas solidárias livres da hipocrisia e manipulação mesmo sendo tão fundamental é tão rarificado que chamamos isso que deveria ser absolutamente natural de excepcional. Restaurar tais formas de ser e comportar como hábitos e costumes tão comuns e naturais quanto é (e não deveria ser) obedecer sem se questionar signos de autoridade é absolutamente essencial, mas não o suficiente. Porque não é o mero fortalecimento desses sentimentos que constituem a mentalidade capaz de transcender a manipulação e domesticação, mas justamente a construção das estrutura mental que se vale da preservação e desenvolvimento desses instintos como forças elementares de volição e não razão consciente.

A formação da consciência como força de vontade não é produzida pela substituição dos estímulos que manipulam as vontades, pois isso ainda constituiria a mente completamente vulnerável a dominação apenas alterando-se o condicionamento pelas condições e vivências que produzem estímulos socioambientais. O desenvolvimento desses padrões mentais, não se alimentam só dos impulsos e respostas empáticas, se retroalimenta para produzir não só comportamentos, mas novos padrões e impulsos gerados nessa rede neural que se constitui como sistema.

Não é portanto a aplicação da disciplina da domesticação contra si mesmo. É ao mesmo tempo a abolição dela tanto contra o outro quanto contra a si mesmo em favor do desenvolvimento da livre vontade mediada pelo própria empatia como prática preservada como instinto e fortalecida como hábito. Não é como se tomássemos todo o processo de domesticação onde essas predisposições induzem a produções de vontades e desejos que correspondam a satisfação da vontade alheia e passássemos a controlar a produção do eu e do mundo pela apropriação das técnicas e procedimentos de domesticação uns dos outros, mas sim a aplicação das próprias estruturas mentais que evoluíram como instinto gregário para produzir novos padrões aprendidos como base de outra cultura e civilização. Uma programação mentais onde a mente evidente não para de responder aos estímulos externos mas eles não são mais a fonte geradora do seu sentir-pensar-agir, mas apenas um componente do seu processamento onde a força motriz é própria vontade religada ao mundo pelos sentimentos empáticos.

Se na educação para a servidão-dominação ou libertação-comunhão estamos ainda sim introduzindo e eliminando vivências que induzam a personalidade ao comportamento desejado. Na educação para consciência o objetivo não é condicionar e produzir os impulsos volitivos pelo controle das condições socioambiental, mas construir uma rede de

conexões, um campo de processamento de significados, capaz de produzir impulsos volitivos não como resultado das condições e condicionamentos ao ambiente e pré-existente, mas a mentalidade e condições socioambientais como produto dessa vontade cada vez mais sensível a essas condições e capaz de responder a tanto pelo eu quanto pelo mundo não como poder, mas como soberania sobre o mero querer.

Em geral concebemos a educação e aprendizado de forma similar a forma como compreendemos a inteligência, a própria capacidade enquanto processo de adaptação da psique as condições ambientais. Mas isso não é um processo, é um sistema, e a adaptação da psique não é efetuada em relação as condições ambientais, mas as fisiológicas. O ambiente é um fator de grande impacto na produção dessas impressões fisiológicas, mas não é o único, nem é o determinante. A própria psique também impacta o fisiológico. Porém o fator determinante dessa produção de impulsos é a configuração fisiológica que por sinal constitui a própria psique como fenômeno orgânico. De modo que não há método mais invasivo de intervenção sobre a psique de uma outra pessoa que literalmente abrir sua cabeça e cortar seu cérebro, ou então tentar ligar e desligar conexões neurais química ou eletricamente. Assim como é cada vez mais possível, hackear e alterar a programação original, o código genético, alterando a forma como esses padrões vão se configurar e predispor inata e instintivamente. Porém todo esse tipo de intervenção não irá produzir nem reproduzir controladamente o fenômeno que se busca manipular ou controlar. Pelo contrário, no exato momento em que se conseguir produzir mentes configuradas genética ou ambientalmente o fenômeno da mente estará morto. E se ele vier a renascer será readquirindo novamente a capacidade para se configurar através de mutação e deixando de ser uma laranja mecânica para se tornar a manifestação dessa força volitiva que vai além do material e orgânico e se efetiva além de cada corpo individual, mas dentro dessa rede, a mentalidade, essa egregora que não é uma entidade, mas um fenômeno gregário.

Quando pensamos na pisque como alma, como uma substancia que nasce quanto ela encarna, vive enquanto habita o corpo e o transcende quando o morre, estamos obviamente mitificando esse fenômeno fisiológico e cerebral. Porém mitificação e antropomorfizações fora, o fato é que a pisque não é um fenômeno que surge apenas quando o órgão cerebral toma forma. Os processos que a configuram não estão encerrados somente na mente ou sequer no corpo, e muito do que ela produz que não pode ser reduzido e compreendido pelo que é fisiológico e genético continua interferindo na produção dos fenômenos subsequentes tanto sociológicos como cosmológico, isto é, tanto aqueles que estão dentro do espectro da percepção-cognição do real e possível, quanto aqueles que estão literalmente além e portanto qualificados ou des como sobrenaturais metafísicos e transcendentais.

Na verdade não há nada de sobrenatural neles. De transcendental mesmo só o há o fato que esses fenômenos não estão ou não podem ser reduzidos ao conhecimento como ignorância do que se desconhece. Ou em outras palavras a visão da natureza ou da física e seu logos como o dogma da identidade e correspondência com a nossa capacidade sensorial-cognitiva.

No entanto não vou entrar aqui nesse campo epistemológico onde a pisque e o mundo são produzidos não só como construções e abstração mentais mas como fenômenos em que eles por definição não compreendem em sua totalidade, mas estão compreendidos totalmente. O importante é notar que a pisque é que se forma e manifesta no corpo cerebral, não é um fenômeno que se forma e processa inteiramente dentro desse corpo. De modo que a alteração desses órgão certamente produza alterações definitivas nesta pisque, mas uma paulada ou lobotomia também, e nem por isso podemos dizermos que estamos produzindo ou transformando mentes ou mentalidades. O fenômeno da

psique não é transcendental nem sobrenatural, mas ele transcende os fatores meramente biológicos, sociológicos e ambientais. É um fenômeno da mente como episteme constituinte da própria ideia de transcendência e imanência, naturalidade e sobrenaturalidade. E mais do que uma corpo ou mesmo uma alma, mais do que uma entidade é o fenômeno que constitui inclusive dentro do campo da sensível da concretude e do imaginário as concepções de entes ou fenômenos, tomados por reais ou ficções.

É portanto uma tolice crer que manipulando exclusivamente o cérebro e suas conexões vamos produzir mentes, mas é ainda mais estúpido ignorar que é principalmente nesta ambientação fisiológica que a psique se forma, transforma ou é transformada. Todas as alterações das condições ambientais afetam a psique através do fisiológica, e todo procedimento de condicionamento ambiental é rigorosamente um processo fisiológico. A mente não processa coisas mas exclusivamente ideias, informações. A distinção de tais impressões fisiológicas, se são imaginárias ou reais, corporais ou ambientais, artificiais, naturais ou sobrenaturais, são todas produzidas pela mente. Não são dadas, mas processadas. Não são dados, mas respostas. De modo que quando controlamos ambientalmente ou fisiologicamente como processamos essas respostas, com drogas ou futuramente talvez com alterações genéticas permanentes, estamos alterando os padrões de processamento mental, mas não a mentalidade a qual a mente continua a reproduzir no próprio processo de manipulação fisiológica e ambiental de si mesma, ou melhor do outro. Afinal raros são os procedimentos onde o sujeito é sua própria cobaia.

É impossível quebrar essa cadeia de causas e consequências, ou tentar controlar esses resultados sem re-produzi-los como resultante dos próprios processos e procedimentos de controle. De modo que o resultado nunca é o esperado, por uma simples razão: a resultante

fenomenológica não é produto das projeções dos resultados objetivados, mas inerentemente também dos próprios meios e métodos empregados. Quando introduzimos padrões mentais não importa qual seja o método ou procedimento é inerente e portanto inevitável que o procedimento interfira na própria produção do padrão incluso do manipulador. Rigorosamente falando todas as ações alteram a mentalidade e a psique de todos os envolvidos, não importa o grau de sensibilidade ou empatia. Aquele que manipula a mente do outro seja genética, química, social, ambiental... enfim seja da forma que for, também altera a sua. A mentalidade resultante será um produto da forma como essas mentes irão lidar com essas ações e relações, serão formadas não pelos procedimentos, mas pelas respostas autodeterminadas produzidas a partir deles- se alguma restar. A mentalidade não é um mero conjunto abstrato de psiques individuais, mas a rede de conexões entre tais psiques que se comportam fenomenologicamente com se fossem uma rede neural, que embora sem consciência, produzem os estímulos responsáveis por muitas volições enquanto inconsciente coletivo. E tentar produzir mentes sobretudo as dotadas de consciência artificial ou natural sem considerar a mentalidade que compõe esse fenômeno, a inconsciência coletiva, é como tentar criar seres marinhos sem o mar.

### **Solidariedade**

Quando portanto me refiro a uma nova consciência estou (tentando) descrever uma psique que é formada não por aquilo que ela sofre ou goza, por dores e prazeres que sente ou provoca, mas sim pela respostas egoístas e empáticas que suas próprias ações produzem como percepção sensível e inteligida das consequências dos seus atos. Uma inteligência portanto que não responde conforme seus instintos foram são recodificados e seu comportamento reprogramado pela necessidade fisiológica de adaptação ambiental, induzida alienada e artificialmente ou não. Mas uma psique capaz de reprogramar seus próprios impulsos

volitivos e padrões de comportamento e aprendizado reprocessando constantemente as consequência desses atos, como emoções e volições e re-volições como os estímulos que a realimentam essa rede tanto como mente quanto sistema ecomental. Estímulos que já não são mais produtos nem dos seus primeiros impulsos, nem da adaptação deles as possibilidades meio ambientais, mas sim respostas retroalimentadas desse processamento como novos impulsos volitivos.

A grosso modo é como se a mente fosse reconfigurada para usar como suas respostas empáticas e egoístas como os estímulos a autoprodução dos seus estímulos volitivos. Uma mente portanto que não só processa seus pensamento visando produzir ações e comportamentos, mas também as próprias forças como vontade que irão mover esse processamento. O fluxo do pensamento tem portanto duas direções e produz duas respostas simultâneas a direção da resposta comportamental e a da retroalimentada da própria vontade por sua própria resposta emocional. Um retorno de informação a origem do processamento que demanda não uma reflexão a posteriori, mas a produção de um pensamento reflexivo em tempo real, instantâneo e concomitante ao próprio processo de projeção e execução dos pensamentos e ações ligado a rede que compõe o mundo enquanto ambiente tanto concreto quanto mental. Na verdade a inteligência dos animais dotadas de uma senciência já faz isso, e o faz de forma mais elaborada quanto mais complexa é sua sensibilidade e percepção. E assim podemos dizer que a consciência não é senão uma forma mais complexa de senciência, que passa pelo desenvolvimento da inteligência. Uma inteligência que deixa de ser um mero processador e reproduzidor de estímulos e respostas reflexo-condicionadas para ser um reprocessador e produtor das próprios estímulos e respostas por reflexão e consequente reelaboração não só das condições ambientais, mas mentais e fisiológicas.

O processo de desenvolvimento dessa consciência capaz de assumir o papel de força de vontade geradora dos próprios estímulos volitivos como desejos como próprio-concepções e não mais preconcepções, é um produto da descoberta e saber da próprio eu como ele produz a ciência de si e do mundo, não como uma ideia, mas como um estado de espírito, um padrão neuro-psicológico de produção das ideações. Em termos mais simples, é o desenvolvimento de uma rede neural que ao invés de desligar os impulsos instintivos, sobretudo os empáticos, se apropria deles para construir uma superestrutura que passa como força e processo a alterar as formas como eles se conectam e consequente se constituem enquanto impulsos primários no rede neural e ambiental enquanto mentalidade compartilhada. De tal modo que essa superestrutura sistêmica deixa de ser apenas o logos, a razão que lida com a realidade que cria ou que lhe imposta modificando-se senão através dela, para ser a razão como motivação capaz de produzir pensamentos onde a mentalidade reinante em que estamos submersos não é mais determinante da vontade, mas determinada pela interação delas. Há portanto uma outra instancia entre a percepção e a intelecção das ideias sobre as coisas, entre os estímulos sensoriais e concepção do pensamento ciente, uma consciência entre a percepção e a ciência ligando empaticamente a mente ao mundo e o formando enquanto mentalidade e realidade através dessas ligações e relações compartilhadas.

Tal campo nos estados mais graves de normose está todo submerso e alienado ao plano da inconsciência, fazendo como a pessoa pensa e aja e antes disso tenha desejos e vontades que ela é incapaz de controlar ou produzir, mas que são perfeitamente manipuláveis e reproduzíveis por quem não estando submetido as mesmas condições as controle e induza seu sentir, pensar e agir inconscientemente. Condicionamento que se torna proporcionalmente mais difícil de ser produzir e operar quanto mais ciente não só de como esse processo funciona, mas de como a mente a processa seu funcionamento sensível tanto como entidade quanto

fenômeno coletivo. Um saber que é não meramente uma concepção intelectual, mas um estado mental, cognitivo-emocional, produzido pela combinação de empatia e egoísmo, que deixam se ser condições opostas como normas e libido, e passam a ser a expressão volitivas da mesma força de vontade consciente e inata de preservação. De modo que o pathos, ao invés de decair em relações patológica carente de uma ética alienada produz um ethos como manifestação da livre vontade e responsabilidade voluntária. Um modo de ser ético, não porque a pessoa se condiciona ou é condicionada pela mera repetição de padrões como seus hábitos e costumes adquirido, mas porque ela possui a fonte geradora desse padrões como nexos e conexões capazes de produzir esses hábitos e costumes como comportamento consequente da sua própria psique enquanto consciência.

Consciência, um estado mental e estrutura da inteligência de seres sencientes complexos que se desenvolve ou é amputada como vocação. Potencia autogeradora de vontades mais bem adaptadas para a preservação da existência dessa entidade autônoma tanto na sua integralidade individual quanto na sua integração com o ambiente e coletividade (e as outras forças) que se insere e tanto compõe, como por ela é composta. Um estado mental que não se produz apenas de disposições e intenções; de razões, meditações reflexões, e sentimentos ou mesmos hábitos, ritos e doutrinação autoinfligido ou alheio que os transformem, mas de ações que preservam e desenvolvem tanto a empatia quanto o egoísmo, manifestações de um mesmo instinto de preservação que não precisam e nem podem ser desligadas para se equilibrar, mas que pelo contrário se harmonizam e precisam ser harmonizar de acordo com as necessidades e circunstâncias, mas nunca jamais fixadas por elas ou memória delas. Estas sim, podem e devem ser modificadas para não obstruir ou mesmo matar nenhuma das duas possibilidades de resposta e conexão. Em outras palavras não é cerrando os dentes, nem os afiando que deixamos de reproduzir homens lobos dos

próprios homens, mas tanto preservando sua capacidade de atacar e se defender sempre que necessário, o que é sempre menos necessário quanto mais a empatia é desenvolvida e manifesta como estratégia evolutiva. Uma condição e estado que não precisa ser inventada, está presente ainda que embotada e inconsciente como um profundo vazio, desequilíbrio e transtorno existencial e co-existencial carente de um despertar. Algo que não acontece ao acaso, ou pelo simples exercício da solidariedade como sentimento ou pensamento, mas como ato que reforça esse sentir e pensar como re-volição.

A empatia precisa do hábito e costume para se manifestar e desenvolver até o nível da consciência. Precisa de atos de solidariedade, cooperação que permitem o reforço e a reelaboração desse instinto até ele sair do plano dos impulsos fisiológico-ambientais e se tornar a força de vontade capaz de manter a integridade da pessoa humana para além dos estados e condições impostas ou predispostas. Atos portanto volitivos, e não conscritos, onde até mesmo dentro da conscrição e submissão a pessoas é capaz de responder não ao que lhe é imposto como reação mas ao que sua vontade sobrepõe e reelabora como ação de diversão e inovação. Não basta querer, há que se agir. E não basta agir é preciso fazê-lo com todo o significado que dá sentido a ação evidentemente para o outro, mas antes de tudo para si mesmo. Dar a ação o signo de toda representação emotiva-cognitivo necessária não para satisfazer as demandas e expectativas alheias, mas realizar seus sentimentos empáticos e entendimentos solidários. Um altruísmo egoísta, porém verdadeiro e genuíno que não é resultado da anulação, adestramento e sacrifício do eu a nenhuma forma de alienação, e sim a manifestação desse impulso volitivo que quanto mais forte e reforçado não por padrões e estímulos externos, mas por sua próprio nexos e significação mais próximo de ser uma consciência estará.

Não foi por acaso que estudando a empatia numa experiência de dar e receber, de dádivas e gratidões que os cientistas brasileiros descobriram os mecanismos da psicopatia. É nos graus de ausência e presença dessa mentalidade que tanto as psicopatologias e em especial psicopatias se desenvolvem como perversão quanto inversamente a inteligência solidária, a senciência em seus estágios mais complexos ou simplesmente a consciência aflora como forma de vida dotada de vocação e vontade solidária. É por isso que quem dá sem esperar nada em troca, verdadeiramente de graça não precisa nem espera nada em troca. Em verdade ele não está dando mas recebendo de volta o produto de suas próprias ações, não só como concretização de seus sentimentos e laços empáticos, mas como nexos e força constituinte que preenche de sentido sua existência. Uma sensibilidade que não evolui por acaso, mas por seleção natural como instinto gregário e continuará a evoluir como formas ainda mais complexas de senciência, inteligência e consciência. Tão elaboradas quanto forem essa vontade de continuar vindo a ser.

Inteligência artificial? Não obrigado, ainda estou a procura de uma natural, e aqui na Terra e nesta vida mesmo. Ou como diria Diógenes de Sinope não quero nada, só meu lugar ao Sol... de volta. Porque o resto pode deixar que eu mesmo faço sozinho, e melhor ainda junto com quem quer ter força de vontade para fazer. Um querer que em si já é em si o primeiro passo no

**A responsabilidade solidária frente a cultura das renúncias e transferências de liberdades e responsabilidades**

Nossa sociedade ou melhor sua ausência que nos mantém nesse estado de permanente alienação é em relações de transferências de responsabilidades. Onde para tudo existente sempre uma desculpa e um culpado, e claro punição para quem foge toma qualquer iniciativa livre e independente e foge desse normalidade neurótica, degredo, prisão, repressão e até intervenção via força bruta.

Para cada necessidade há uma instituição com a função de provê-la. E a transferência da responsabilidade como obrigação passível de punição. Não existem dispositivos nem disposições onde o acesso e a provisão são um direito, mas aparelhos onde as pessoas são obrigadas a submeter ainda que sejam completamente incapazes de cumprir sua função, e procedem exatamente da mesma forma, transferindo as responsabilidades que monopolizam, inventando desculpas e culpados para sua própria incompetência e degeneração. Uma sociedade onde os parasitas prevalecem eliminando e anulando quem ousa chamar a responsabilidade, semeando a impotência e alienação como desamparo e subserviência aprendida por hábitos e costumes mantidos tanto por privação quanto repressão.

Em 2013 foram os blacblocs os culpados, em 2018 serão os grevistas, quando seus atos são evidentes reações a uma condição que se perpetua e se agrava pelo mesmo fator determinante, a presença de uma oligarquia a governar o país através da pusilanimidade criminosa de quem é colocado no poder por essa democracia fordista, onde você pode escolher quem você quiser desde que seja fabricado ou esteja vendido aos ladrões e grileiros dessa terra que não é um país como somos uma sociedade, apenas no nome e na propaganda.

Fala-se que agora a greve é política. E? Quer dizer que um população é obrigada a se manter numa condição humilhante desde que a econômica

esteja funcionando. Se o violentador pagar pelo estupro, não é estupro, e o violentado tem a obrigação de aceitar calada a curração, a sua eterna condição de coitado? Nem só de pão vive o homem, Dignidade é um liberdade como condição de vida tão ou mais fundamental. Por ela, ou mais precisamente para se livrar de quem a viola somos capazes de suportar privações e enfrentar riscos. Uma vida de joelhos, desprovida não só de dignidade, mas do direito de se levantar sem ser criminalizado, por criminosos é uma condição que se torna insuportável quanto acordamos um dia e finalmente vemos quem somos no espelho. No espelho da vida do outro.

Não adianta o eterno centro, intermediador e centralizador de tudo, constituída por crimes que não precisam estar em constituição para serem crimes, e que não deixam de ser crimes por força da canetada da lei fugir da sua irresponsabilidade e incompetência bases de sua pilhagem criminosa institucionalizada como aparelho estatal. Não é uma questão de justiça, ou da disputa ideológica do quer que isso seja entendido como, não é uma questão de preconceções e controle da percepções seja como conformação ou esperança em salvadores inventados pelos senhores para monopolizar e trair esperanças dos servos assim imbecilizados. É uma questão de causas de consequências onde o advento da punição ou impunidade institucionalizada como poder e costume não altera a realidade, não anestesia, nem permite a eterna fuga com argumentos de autoridade nem muito menos autoritários. É uma bola de neve que está a rolar. E elas não pára inventando culpados ou desculpas, nem narrativas mitológicas ou fictícias de uma responsabilidade que inexiste entre aqueles que a monopolizam e vivem de matá-la como sociedade entre o povo.

A democracia das falsas representações caiu. E ou se restitui constitui novas e verdadeiros e representativas instancias e dispositivos

democráticos e republicanos, ou o que vai prevalecer pela absoluta omissão e estupidez de todas as partes é mais tirania e ditadura, sem máscaras e disfarces nem sociais nem institucionais. A dinâmica do processo civilizatório tem leis próprias que não só vem primeiro, mas que sem as quais não existe estado de paz, o estado civil, para que que existe econômica e suas leis naturais quanto as artificiais adulteradas pela força das leis dos homens.

A dimensão da e-volução e re-volução tempo histórico, em relação ao tempo de uma vida, produz a impressão sempre foram como são e assim ficarão, até que o paradigma de rompe de vez como status quo, e o retrocesso ou progresso irrompem das ruínas desses velha ordem.

Não adiante raciocinar no plano da alienação como as coisas deveriam ser, porque entre o que deveria e o que é, só existe uma força capaz de produzir essa projeção ideal como real, a vontade transfigurada não em querer, achar, julgar e culpar, mas como assunção de responsabilidade na exata medida da capacidade como livre iniciativa. Quem não governa é governado, e quem não sabe governar o seu destino, ou os dos outros cai seja pela desgoverno, seja pela governo de quem não foge ao que considera sua responsabilidade não porque esteja obrigado ou não, mas porque simplesmente a chama para si. E isso que se chama vácuo de poder, é na verdade um vácuo de liberdade como responsabilidade antes de tudo social, onde se erguem o caos e a tiranias oportunistas ou premeditadas que se alimentam dessas carência como carestia de pão, tanto do corpo quanto da alma: dignidade. Que mais do que um sentimento é a condição que ela se ergue seja com indignação ou revolta ou como o orgulho de ser quem se é, e viver onde se vive.

Temer e sua gangue não vai renunciar, não de livre espontânea vontade, porque vermes e parasitas não tem vontade, tem apenas fome de poder e

um estômago que não se sacia estomago insaciável. Não importa que seu nome tenha se tornado um estigma, para sempre marcado na testa como um como bandido e vacilação, que seus filhos carregarão quando ele que se acha eterno finalmente cair. São viciados em poder, covardes demais para assumir qualquer responsabilidade, seu negócio, seu pacto, é o de vender o futuro das próximas gerações apenas para prorrogar seus poderes, privilégios e imunidades. As qualidades que por sinal o levaram justamente ao poder como espantalho de quem de fato manda no país, e agora pagou caro pela sua agenda sem noção que gente não é número em planilha nem mercadoria e recurso humano no seu mercado. Pagaram caro, mas ao que parece não o suficiente para renunciar a sua prepotência, assumir seus erros e corrigi-los em tempos não para fazer justiça, que isso não existe para eles, mas preservar seus ganhos e domínios sem o risco de mais uma vez simplesmente seus burros de carga pararem, ou mesmo empacarem de vez. Até porque cada dia cada vez mais gente descobre que não nasceu para ser animal doméstico ou de carga de ninguém.

O mundo não está mudando, o mundo já mudou. E os dinossauros que não se adaptarem estão fadados a desaparecer sejam eles Estados ou sociedades. Sociedades e estados que se encastelam mais e mais estão destinados a governar sobre um mundo feudalizado, imperar na miséria e ruínas de um passado glorioso que nunca existiu tão rasteiros, ricos e ignorantes quanto pode ser senhores feudais. No fundo a história do Brasil e sua ilusão que ela nunca encontrará um fim, seja ele qual for. Não só uma questão de assumir erros e corrigi-los, mas fazê-los em tempo hábil, uma noção que o vício do ócio e irresponsabilidade dos encastelados atrofiou de vez.

Notem portanto que meu discurso não está dirigido a libertação ou libertários, mas aos autoritários e autorialidades de fato, escondidas atrás

dos tronos. Aquelas autoridades que mandam as favas o teatro das representações, seja no mundo subdesenvolvido ou dito desenvolvido, e colocam seus paus mandados, tecnocratas, na expectativa de manterem o status quo, de Brasília a Roma. Até impérios caem quando o custo da sua manutenção e expansão superam os ganhos como sua rapinagem e pilhagem. E colocar a culpa nas invasões bárbaras, pode servir para controlar a narrativa da história e sustentar a alienação em momentos de normalidade, mas não substituem os fatos em tempos de crise, onde a contabilidade dos tributos dos centros do mundo não fecham mais nem mesmo com o aumento da pilhagem dos territórios ocupados, ou tributação das províncias e periferias já devidamente aculturadas. E se impérios caem quando viram dinossauros, que chega que dirá os burgos e seus muros. Quando os recursos são menores que a barriga e o mundo muda mais rápido que o tempo necessário para informação chegar a cabeça ou voltar as pernas, o corpo está morto e ainda não sabe, seja uma galinha ou dino sem cabeça. Que dirá então quando o corpo é gigante e a cabeça minúscula, e ambos cheia de vermes e as presas desse tiranossauro rex cada vez mais magras.

Ideologia é propaganda para idiotas. Porque nos momentos derradeiros não importa de as bandeiras são azuis ou vermelhas, sociedades ou Estados, quando o custo da sobrevivência mesmo a alienada supera os ganhos até da trabalho alienado, o sistema já era. Algo que tanto anarquistas quanto hierarquistas. libertários ou autoritários sabem quando não se deixam hipnotizar por suas próprias doutrinações. General ou guerrilheiro ambos sabem: tropas militares ou massas civis, onde não há provisões do básico não só a guerra e o campo estão perdidos, mas a própria moral que mantém a ordem unida. A deserção é fatal, seja como falta de solidariedade mutua e espontânea seja como obediência a autoridade estão feridas de morte. E quem quer que venha a pedir o *paredón* e a guilhotina para as cabeças, venha da direita ou esquerda ganhará o apoio dos que perderam suas alternativas. Se é canto e a prosa

do radical de direita de um Bolsonaro que encanta com suas ideias de fuzilamento dos parasitas e não mais de um Chê, isso é irrelevante como bem sabia Vargas e todos os ditadores de esquerda ou direita, até porque não jovem revolucionário, progressista ou conservador que na velhice não se converta no reacionário, ondem o progresso ou conservação não passam de versões demagógicas de uma mesmo proposito a disputa pela perpetuação no poder tomado. Uma farsa, que se mantém não só pela capacidade de vender seu espetáculo como se fosse a única realidade possível, mas por não perder a noção do que é uma farsa, e que não se mantém apenas da venda de ilusões periódicas de 4 em 4 anos, mas da provisão de fato do mínimo vital ao seu público cativo, não só para mantê-lo em tal condição, mas simplesmente para manter qualquer coisa seja um cativeiro ou território livre. Assim quando o tirano passa a crer que a cenoura no rabo ou na frente, pode manter seu burro carregando-o, sem morrer ou derrubá-lo antes, ele de um jeito ou de outro ficará literalmente a pé, ou a mercê de quem quer que domine as estradas e suas quebradas.

Tem gente que estava com medo do abastecimento chegar aos presídios. Mais medo de um salve geral do que uma greve geral. Santa tolice, quando as privações dentro de um sistema de jurisdição e regulação fazem do seus recursos vitais, o próprio presidio a seu aberto onde o condenado a pena de vida de trabalhos forçados até a morte sem descanso nem mesmo da velhice, é a pena que seu filhos inocentes estão condenado antes mesmo de nascer, o estado pré-revolucionário não é produto de doutrinadores radicais, mas da inadimplência e incompetência de quem regula esse sistema minimizando suas responsabilidades para maximizar seus privilégios. E assim como não há propaganda libertária ou autoritária que instaure esse estado onde essa pré-condições não existem, não há propaganda ou repressão do poder estabelecido que medie ou remedie esse estado, só a restauração da provisão do básico, seja para

manter o velho ou construir o novo. Seja pelo acordo e dialogo seja pela força e imposição.

E se eu um bosta um zé ninguém panarquista sei, e quem detém o poder político e econômico não sabe não quer saber e tem raiva de quem sabe, ou pior sabe mas prefere apostar que o caos e a tirania que o sucede não virá. É porque ou erra no calculo ou aposta na guerra e ditaduras como único futuro possível para a manutenção de seus vantagens em tudo, ainda que esse tudo seja o reino de miséria e ignorância governado por óbvio pelos mais ignorantes e misérias, não como condição de vida, mas como estado de espírito repugnante e desprezível. E não há lei, ou supremo tribunal, juiz que mude tal senso comum de repugnância, desprezo e revolta, porque o fedor de podre emana de seus corpos e espírito de porco e não da capacidade de sentir de quem ainda insisti apensar de tudo em continuar vivendo e querendo viver como o mínimo de dignidade concreta política e econômica que lhes foi roubada como bem comum antes mesmo de nascer.

Não há hoje no Brasil e quiça no mundo descortinado pela revolução industrial da informação quem não saiba o que deve ser feito, com quem para quem, o quê. Até mesmo o como não é nenhum grande mistério. Mesmo com toda a guerra e sabotagem da desinformação e contrainformação.

Sabemos que precisamos de mais democracia, mais direitos, dispositivos e espaços de participação popular direta, e maior controle da coisa pública e sua gestão e gestores pela sociedade. E temos tecnologia de telecomunicação e informação para isso.

Sabemos que precisamos de uma distribuição de posses e rendas, que façam dessas populações cidadão de fato, participe da sociedade e não marginais ou marginalizados ou meros adultos tutelados e mal disfarçadamente semi-escravizados. E também temos experiência e tecnologia social e financeira para isso.

Sabemos o que devemos fazer e o que podemos fazer cada um dentro do limite das suas capacidades. O que nos falta é a vontade de fazer o que podemos. E o que não podemos fazer quanto ao que deveríamos mas não fazemos hoje, é inevitavelmente o que teremos que fazer amanhã, querendo ou não, devendo ou não como a necessidade e carestia que plantamos como transferência de responsabilidade e inação.

Felizmente os militares aprenderam com seus erros, tem razão e mais juízo que muitos civis ao se negarem em intervir num problema que não é da sua competência, formação, nem responsabilidade funcional. A degeneração patológica das classes e categorias que detém o poder político e econômico e se proclamaram legalmente como castas criminosas donas da lei e da ordem já ultrapassou todos os limites do exploração parasitária, atingiu o nível da mania, fantasia e demência característica das estatopatias que acabam por matar vermes, hospedeiros e muito mais gente inocente. O charlatão não cura ele mata, principalmente quando a doença mental não é que está sendo operado por ele, mas no charlatanismo da sua falsa profissão. A doença da sociedade é sua submissão e esperancismo cego, que a impede de ver que a solução não no outro, mas em nós, enquanto sociedade civil solidária e organizada perante um mesmo mal a devorar nosso bem comum.

Não há possibilidade de sociedade democrática nem republicana sem a união das burguesias produtivas e até mesmo rentistas com a população trabalhadora contra o rei e os amigos do rei. Nem que seja para trair a

plebe depois de tomar o poder. Não é toa que a divisão entre direita e esquerda e direita veio depois das revoluções. Quando quem não detém o poder de fato, está dividido entre os mais favorecido, ou completamente desfavorecidos o poder constituído se mantém até o final, ainda que esse final seja o desgoverno e conflito generalizado. A falta de solidariedade ou sua traição antes do tempo, resulta na derrota e derrotismo que nos caracteriza como nação que perde antes ou sem nunca sequer ter a chance de entrar em campo.

As classes médias e remediadas tem inteligência ou brio para isso?

As burguesias de esquerda tem vontade para sair do discurso demagógicos e projetos de poder e ir a prática e assumir a distribuição de renda incondicional e desenvolvimento de dispositivos de democracia direta como sua responsabilidade antes de tudo pessoal e não demanda sobre o alheio que por vezes é ninguém menos que o próprio espoliador?

As burguesias de direita tem qualquer lampejo de sanidade para entender que eles não pertence a sociedade? Não a alta sociedade dos que fazem as regras para os outros obedecerem e eles burlarem? Tem qualquer noção de que o que os sustenta na medida que quanto menos vivem subsídios tributários e fiscais, mais dependem dos acordo com os trabalhadores e não com a pilhagem e insegurança deles que inevitavelmente também são as suas na exata medida dessa protecionismo e exploração?

Se em 2008 tais problemas e soluções, apresentadas como argumentos e projetos soavam como paranóia e loucura hoje é a a dissonância cognitiva a persistência nesse estado de negação frente ao que é um dado perante uma crise que não é conjuntural mas evidentemente sistêmica tanto nacional quanto mundial. De modo que ou providenciamos em caráter

emergencial essas soluções que deveriam ter sido objeto da provisão e previdência para preservar imediatamente as condições mais básicas ou nem o palco para nossas disputas mais fúteis e egoístas, promessa vazias, falsidade ideológica e representações falsetas teremos. Ou paramos com esse me engana que eu gosto, vai que eu fico. Ou largamos desse associativismo como peleguismo e federalismo como coronelismo disfarçado. Ou passamos a garantir mutuamente as bases para qualquer civilização com o que tivermos e pudermos política e economicamente, ou o que vamos disputar é as ruínas do que nunca foi, as ruínas do maior elefante branco brasileiro, sua sociedade civil. Uma nação feita de direito de papel e cartinhas para o povo e mercados. E não de contratos sociais de fato entre pessoas iguais livres de tiranos e parasitas porque estão livres da carestia. E livres da carestia porque estão livres dos parasitas e tiranos que se mantêm seus privilégios de riqueza e poder do empobrecimento e ignorância que eles mesmos plantam e cultivam nesse grande fazenda chamada Brasil, onde se você não está no palácio, então meu amigo, achando ou não muito livre e rico está pastando bem ou mal currado, alegre ou triste no seu curral. Isso é claro enquanto os senhores dessa terra e não acabarem como os pastos de vez... Uma questão não mais de se, mas agora de quando.

E já que a metáfora é o mundo animal fica a lição dos cães africanos. Reproduzo na íntegra:

*Desde que sabemos que o homem é o lobo do homem, as metáforas animais para descrever a política humana tiveram grandes marcos, como os líderes machos alfa, os enfrentamentos entre falcões e pombos ou os porcos da Revolução dos bichos. E os especialistas em [comportamento de animais](#) não deixam de oferecer oportunidades para popularizar novas. Por exemplo, ficaria bem dizer que “na Europa votam como os mabecos”? E que tal dizer*

que “esse conselho de acionistas funciona como uma reunião de cachorros selvagens”?

Os mabecos, uma espécie selvagem da família dos *cachorros* que vive na África, são animais muito sociáveis que saem em grupo para caçar. Como em bandos de outras espécies, os mabecos contam com líderes que, depois de capturarem a presa, conquistam a hierarquia que lhes permite alimentar-se antes dos demais. Mas os mabecos, considerados os canídeos mais sociáveis e os de maior êxito nas caçadas, desenvolveram um sistema muito peculiar para impedir que o poder absoluto dos membros dominantes do grupo se imponha.

Os cientistas que os estudam em Botsuana se perguntaram durante muito tempo quais seriam os mecanismos ativados nas vibrantes reuniões que congregam os mabecos antes de começarem a se movimentar em grupo ou saírem para caçar. Essas reuniões, qualificadas por eles de “energéticas” e “altamente ritualizadas”, têm uma importância social enorme, porque servem para representar a unidade como bando desses cachorros selvagens africanos. Mas havia um mistério que intrigava os pesquisadores que acompanham seu comportamento: apenas um terço das reuniões terminam com o grupo saindo, e não se sabia explicar por que isso acontecia.

Os cientistas da Botswana Predator Conservation Trust monitoraram exaustivamente 68 desses encontros, em cinco bandos diferentes, para chegar a esses sinais ocultos. E depois de revisar as gravações e cruzar dados com o resultado das reuniões, surgiu uma conclusão que, dizem, lhes pareceu inacreditável. Os mabecos se reúnem em forma de assembleia: votam se estão de acordo com partir ou se preferem ficar mais tempo ali.

*“O sistema de votação usado é o que os humanos chamam de voto aberto (não respeitam as garantias que oferece o voto secreto), mas um tanto peculiar: com uma forte exalação pelo nariz, um tipo de espirro sonoro, que serve para manifestar sua posição. De todos os gestos e circunstâncias que acontecem nessas reuniões rituais na quais se cumprimentam, correm juntos, grunhem e levantam nuvens de pó, só o número de espirros ouvidos em uma reunião era indicativo de seu resultado. Já se tinha notícia de que outros canídeos, como coiotes, [cães domésticos](#) e chacais, arfam, roncam e bufam para se comunicar.*

*Votam, sim, mas não é um sistema de sufrágio universal no qual a cédula espirrada por um valha igual para todos. Essas assembleias começam quando um membro da manada a convoca, com gestos ritualizados (cabeça baixa, boca aberta e orelhas dobradas para trás) que podem ser traduzidas como “proponho que comecemos a andar”. E não é a mesma coisa se quem sugere é alguém com alta patente na hierarquia social ou um dos mabecos que não tem direito a comer como os primeiros.*

*“Descobrimos que a probabilidade de sucesso de uma reunião aumenta conforme a hierarquia de quem a inicia, e exige-se mais espirros dos iniciadores de menor patente para que tenham sucesso”, afirmam os autores do estudo [publicado na revista científica Proceedings of the Royal Society B](#). Como dizem os cientistas políticos, os mabecos dominantes do bando têm mais poder de barganha, mas esse sistema de votação oferece um contrapeso político para que nem sempre imponham seu critério (falham um quarto das vezes) e para que a classe baixa mabeca possa ter sucesso em suas convocatórias.*

### ***Democracia animal e ciências sociais***

*“Quando o macho e a fêmea dominantes estavam envolvidos na reunião, o bando só teve de espirar algumas vezes para que se movessem”, explica a primeira autora do estudo, Reena Walker, da Brown University, em uma nota. “No entanto, se o casal dominante não estava envolvido, eram necessários mais espirros para que a manada caminhasse”, explica Walker. Na verdade, um mabeco qualquer precisava do triplo de votos favoráveis do casal alfa. Algo assim como o voto ponderado dos países da [União Europeia](#), que exige [uma maioria qualificada](#) no Conselho para tomar as decisões. Se Alemanha e França agem como casal dominante, têm grandes possibilidades de prevalecer, mas a aritmética permite que os países menores vençam pelo número.*

*“Em conjunto, esses dados sugerem que os cachorros selvagens usam uma vocalização específica (o espirro) junto com um mecanismo de quórum variável no processo de tomada de decisões”, concluem os pesquisadores. Os mabecos não são os únicos animais que votam. Os gorilas de montanha se valem de um sistema parecido, usando grunhidos, para optar por deixar o ninho. Os suricatas também precisam que haja quórum para que todo o grupo decida se mover em busca de comida, do mesmo modo que os sinais das abelhas melíferas e os trinados dos macacos-prego são necessários para que haja saídas coletivas.*

*A mesma revista científica que publica esses resultados [dedicou uma monografia há alguns anos](#) para comparar o sistema de tomada de decisões de um grupo de humanos e do resto dos animais. Em suas conclusões, afirmava que a observação que mais chama a atenção é que nessa área das ciências naturais estavam “reinventando a roda” que os cientistas sociais já conheciam há tempos. “Muitos conceitos e ferramentas matemáticas que estiveram disponíveis de forma avançada e sofisticada nas ciências sociais durante um tempo estão sendo redescobertos, às vezes de forma ligeiramente diferente, pelos naturalistas”, afirma na publicação da Royal Society,*

*propondo que os especialistas em animais se deixem ajudar por sociólogos, porque as semelhanças são importantes. -Os cachorros selvagens que votam em assembleia*

### **Os cachorros selvagens que votam em assembleia**

Desde que sabemos que o homem é o lobo do homem, as metáforas animais para descrever a política humana tiveram grandes...

[brasil.elpais.com](http://brasil.elpais.com)

E de quebra do cachorro domesticado que entendeu melhor nossa patética civilização do homem domesticado pelo homem que nós mesmos.

### **Após ver estudantes usando dinheiro para comprar comida, cachorro cria sua própria moeda**

Você com certeza já ouviu a expressão "dinheiro não nasce em árvore", mas para esse cãozinho da Colômbia, isso está...

[br.vida-estilo.yahoo.com](http://br.vida-estilo.yahoo.com)

Ricardo e Marx explicam? Não Darwin e Kropotkin mesmo.

## **2018, o ano que periga não acabar no Brasil**

Era uma vez um país...

## **Petrobras aumenta preço da gasolina em 0,74% nas refinarias**

A Petrobras voltou a aumentar o preço da gasolina, depois de cinco quedas consecutivas do valor do combustível. A...

[agenciabrasil.ebc.com.br](http://agenciabrasil.ebc.com.br)

Segue texto de Julho de 2016 mas que é mais atual ainda agora, ou melhor segue se tornando a atualidade e realidade que quem disser que não via ou estava cego, mentindo ou não queria ver.

### **O Brasil caminha para uma Revolução?**

*(...) creio que a esse “calmaria” popular perante esse mar de lama é só o prenuncio da tempestade. Não acredito que o atual grau de imobilismo do povo brasileiro deva ser confundido com nosso tradicional comodismo. Nosso atual momento me lembra mais o estado de catatonia que pode acometer uma pessoa que se vê obrigada a lidar com uma realidade insuportável que até então ele fazia renegar. Um estado que não raro antecede uma explosão de fúria, catalisado até pela menor das razões, e razão não faltam, bem maiores e claras que 20 centavos.*

*Mas esse é só uns dos ingredientes desta bomba caseira que estamos sentando em cima com gente achando até graça.*

*É preciso a combinação de outros “componentes” numa certa ordem para que esses eventos culminem numa revolução:*

## **1. Pobreza e desigualdade extremas somadas a uma economia sem perspectivas.**

*Convivemos há séculos com pobreza e desigualdades até maiores que as atuais, porém em momentos como o atual de agravamento de crises econômicas nacional e global sua percepção se torna ainda mais generalizada e insuportável.*

*A crise econômica continuada gera desesperança, mas depois de certo tempo vira desespero.*

*Primeiro já são os mais miseráveis que não tem como se sustentar. Depois são os vulneráveis que vão decaindo em pobreza sem sequer saber se virar. E assim vai até atingir caoticamente toda a sociedade. Não com todos ficando necessariamente mais pobres, mas paralisados pelo medo. de tragédias que até então compravam fácil como se fossem fatalidades sem nenhuma relação com suas causas. Ocorrências que vão desde acidentes ambientais, passando por crimes hediondos. até chegar a corrupção política e empresarial. Tudo isso começa a ser ligado mas essa compreensão já é fruto de segundo fator.*

## **2. Acesso mais universal a novas tecnologias de comunicação e fontes de informação**

*Toda quebra de monopólio sobretudo de conhecimento gera mais desenvolvimento e riqueza, mas ao mesmo tempo também deixa o regimes políticos sobretudo os que carecem de intransparência para funcionar mais vulneráveis as revoltas populares. É assim que a cadeia de fatos complexos vai perdendo a fumaça acobertadora do acaso, e finalmente a sociedade começa a entender a relação entre as causas e consequências entrópicas da sua vida desgraçada: do coitado que morre morre em um assalto, passando*

*pela criança que cresce na miséria, até chegar na política dos governantes e corporações que matam e roubam como “trabalham” — fazendo propaganda e sem botar a mão na massa.*

*A riqueza cresce com a descentralização tanto da informação quanto da produção, e na exata medida que o poder econômico e político de forma inversamente proporcional decai. Isto porque o poder econômico não se reproduz sem pobreza, ou mais precisamente, não sem o subsídio do monopólio coercitivo e controle privador dos meios materiais e informacionais. Logo, toda quebra seja da privação material seja da informacional deixa o centro do sistema, que é geopolítico completamente vulnerável e exposto em sua contradição contraprodutiva e repressiva.*

*Daí a impressão que onde a liberdade da população cresce ou o que é a mesma coisa se diminui o grau de privação ou coerção revoltas populares surgem. Não necessariamente. Não é essa a relação. Até mesmo em sociedades de informação mais avançados governos autoritários tem técnicas e ferramentas para manter certa margem de manobra de massas. Ferramentas diferentes e margem cada vez menor de tal modo que a própria censura e repressão ou manipulação da informação podem inclusive vir a potencializar ainda mais as revoltas. Mas é inegável seus erros ainda são um fator determinante.*

### ***3.Aumento da incidência de erros e imbecilização do topo do poder que rompe o corporativismo.***

*Muita gente pensa ,eu mesmo acreditava, que bastava que os dois primeiros fatores somados fossem determinantes para que um sistema injusto, explodisse.*

*Não basta.*

*Os sistemas politico-econômicos podem persistir até extinguir todos ecossistemas sociais e naturais juntos. Até mesmo os mais monstruosos governos e governantes do Planeta podem (e irão) se perpetuar enquanto conseguirem manter não só um número suficiente de gente bem armada pronta para matar e prender, mas as outras pagando para sustentá-las.*

*Todo o sistema depende não apenas de uma farsa, mas da contabilidade que a sustenta. E não vai cair só porque ela se revelou corrupta e insustentável- como se já não soubéssemos . Ele vai cair porque a falta de disponibilidade de recursos naturais e humanos que até então parecia inesgotável vai se reduzir até a margem de erro de quem governa decair a zero.*

*E isso vai ocorrer não só porque o custo a resistência a dominação estatal baixou muito, mas porque o custo da manutenção da ineficiência estatal se tornou proibitivo.*

*Pode até ser que em na idade da pedra e outras quase tão primitivas quanto pilhar preda e parasitar era mais barato que produzir. E o patriarcado e e seus afilhados prevaleceram. Mas hoje não resta dúvidas ele não é uma relação de custo benefício burra mas suicida. A história do mundo prova que a seleção natural natureza não faz entre pessoas boas e más. Mas quando o autoritarismo e a falta de solidariedade ultrapassa os níveis da desinteligência e se torna estúpida, ou os insanos e seus projetos de poder caem ou eles levam todos com eles.*

*Estados e corporações finalmente enfrentam uma resistência que afeta seu custo-benefício. Essa resistência diminui não apenas a margem de manobras, mas a margem de erros daqueles que operam o sistema. E se tempos de*

*bonança essa margem parecia infinita e portanto irrelevante a incapacidade daqueles que ocupam os governos agora, no momento de troca de estruturas, as crises é dos fatores determinantes: o derradeiro.*

### **O fator derradeiro**

*Monopólios sempre foram absurdamente caros e ineficientes, mas isso pouco importava porque o custo da exploração recursos tanto naturais quanto humanos era ínfimo perto dos lucros. Agora não é mais. E não importa nem entrar no debate se esses recursos são ou não são artificialmente escassos, ou se estão ou não sendo predados até a extinção, o fato é que a humanidade parece não estar mais predisposta entregar de graça e sem resistência nem seu meio ambiente nem seu trabalho como se fossem escravos.*

*O estadismo pode parecer potencialmente eterno, mas tende na verdade inevitavelmente a falência. Não o importa que ele depende das falhas ou defecção dos membros da sua própria corporação e conflitos internos para gerar seu próprio fim. O corporatismo estatal e privado é altamente falível, não só porque é feito (graças a deus) de seres falíveis e contraditórios, mas porque tende a aumentar a ocorrência de falhas na medida que promove a cultura da prepotência ineficiência ao mesmo tempo que vai perdendo a capacidade de absorvê-la ou encobri-las enquanto as condições primitivas que mantém suas reservas de mercado ou território vão se desaparece.*

*Muita gente supõe que governos se sustentam com o apoio da maioria ou até mesmo com a radicalização de uma minoria de fanáticos. Nunca foi nem nunca será. Ele se sustenta, sim com o apoio de um minoria, e isso até mesmo sem nenhuma tolerância dos opositores desde que tenha na esmagadora maioria da população que apenas quer levar sua vida o benefício da dúvida e omissão. O governo ou regime que diante de uma crise sistêmica, formada*

*pela conjunção de problemas históricos, com uma crise financeira global alimentada por uma revolução industrial e informacional, acrescente erros estratégicos que agravam a situação se torna intolerável gera o ambiente revolucionário de revolta e conflito social engendra as condições da sua queda.*

*Mudanças de sistema e produção e informação não significam o fim da exploração ou a derrubada dos preconceitos e hegemonia supremacistas, mas necessariamente a migração deles para um novo sistema mais novo e inteligente onde eles poderão reproduzir sua exploração mas de forma menos primitivo e brutal se não quiserem desaparecer com suas máquinas ultrapassados. Aqueles governos, empresas ou regime que pelo contrario persistirem em seu velho sistema vão decair junto com sua aparato tecno-burocrático obsoleto de forma violenta ou não.*

*Esse momento derradeiro se caracteriza por uma cegueira e infantilidade e psicopatia aparentemente absurda dos governantes mas que na verdade é a mesma de sempre. Não foi eles que ficaram mais idiotas, eles já eram o que são, foi a sociedade que mudou. E mudou de tal modo que pode se dizer os papeis estão se invertendo. (...)*

*Mas voltemos aos ingredientes da bomba brasil. A revolução industrial portanto somada aos erros estatais gera esse momento ou ambiente que chamo de Pré-revolucionário. Ou mais precisamente o primeiro fator agravada pelo segundo entra virá uma bomba social pela inabilidade do terceiro de lidar com ambos. Este é o que chamo ambiente revolucionário que depende agora só de uma faísca para explodir.*

*O primeiro fator é obvio e gritante que está dado difícil é encontrar quem ainda negue isso, nem aqueles maquiadores governamentais mais dedicados ainda insistem nisto.*

*O segundo é uma hipótese razoavelmente aceita e tem uma literatura razoável e dissertada por gente que conhece muito mais do que eu sobre o tema.*

*Preciso então explicar que condição é essa que considero o inicio de um estado de conflito pré-revolucionário. E quem são essas autoridades.*

### ***O STF e o fim da Lava Jato***

*O fim da Lava-Jato não é o fim do mundo que se apregoa-se pelos velhos motivos moralistas, mas pragmaticamente pelo quê e sobretudo quem ela vai pegar se não for parada. Por isso se tornou a batalha central de uma guerra, onde todas as autoridades envolvidas foram sendo obrigados a dobrar as apostas até colocar todas suas tropas.*

*Por isso, se confirmada a tendencia do supremo tribunal judiciário de entrar e na guerra (e em guerra ) para acabar com a Lava-Jato, inclusive contra as instancias inferiores da Justiça e Policia. Isso não será uma guerra entre grandes e pequenos poderes que não interessa a sociedade. Isso será a convulsão do sistema nervoso hierárquico que poderá levar a morte esse monstro hobbesiano já debilitado.*

*Não se deixem levar por generalizações. É claro que isso não vai deixar de ser uma luta entre vaidosos de toga e policiais com complexo de Charles Bronson, mas não será, nem de longe, só isso, ou uma mera luta corporativa. Talvez até*

*a forma mais correta de ver isso seja, seja inclusive a de uma luta entre aqueles que não se veem e não querem mais ser vistos assim. Uma luta entre velhos juízes no supremo e policiais no alto comando muito bem satisfeitos e confortáveis com seu falta de caráter e rabo bem preso e vendido e jovens que podem não ser idealistas, mas não se sentem nenhum orgulho se serem capatazes desses estado autoritário de apartheid social dado antes de tudo por está desigualdade de direitos civis e privilégios de autoridades.*

*Temos portanto uma nova geração de autoridades se negando a prestar ao papel desumano e criminoso de capatazes e feitories, verdadeiros capitães do mato e até mesmo pretos da casas de um estado reduzido e dividido em mera casa grande e senzala.(...)*

*Pois é. Nada passar m pouco de privações juntos para irmanar as pessoas, nada como sofrer um pouco da sina do resto da população para unir as burguesia ao resto da população. Nada como governos tiranos e criminosos para formar e unir nações contra si. (...)*

*Fora os pelegos e os que estão nos esquema até o pescoço, parece que a maioria dos juízes e policiais não estão dispostos a obedecer ou defender os ladroes de sua pensão, carreiras contra os direitos mais fundamentais da população. Não duvido que ainda existam muitas “vacas fardadas” no poder, mas quantos não são os outros que não vão cumprir ordens criminosas, nem aceitar a legalização inconstitucional desses crimes?*

*Pergunto melhor, quanto já não sabem que serão queimados se isso acontecer?*

*Responda-me você? Juiz, policial, ou até militar. Faço um juízo errado de quem você é? Há ou não há uma nova geração até mesmo dentro do estado que não está mais disposta a ser cúmplices destes criminosos no poder?*

*Eu não sei, mas sinto que quem se recusa a tomar parte dos roubos desses tiranos não vai aceitar as ordens para atirar ou prender quem foi roubado. Não vai querer se tornar cúmplice do assassinato ou prisão de manifestação ou da população humilde revoltada com JUSTIÇA.*

*Posso estar sendo otimista demais quanto a natureza de todo ser humano por trás dos cargos e títulos, de todo ser humano reduzido a engrenagem no sistema, mas sinto a força da liberdade renascendo como consciência até mesmo naqueles em a livre vontade parecia morta. (...)*

*Não nego portanto o contraditório. Ao contrário neste caso até prefiro estar errado no que prevejo. Mas infelizmente ao que tudo indica o STF tem o rabo preso e se acha uma casta tão inimputável quanto a própria classe política. E se isso for verdade. Se eles vão mesmo se unir (se é que já não estão definitivamente presos) corporativamente aos que deveriam ser presos então a revolução popular e constitucional não é apenas um anseio utópico mas uma necessidade urgente para quem não quer nenhuma retrocesso ou intervenção até mesmo militar.*

*Apenas imaginem que nessa guerra agora dentro do próprio poder judiciário o STJ e STF comecem a ter não um ou outro membro denunciado, o que por si só já é gravíssimo, mas a grande maioria deles? O que seria do dia seguinte? Como se reorganizaria o Estado? Como se faria restauraria a democracia? Como se findaria como o foro privilegiado sem findar essa desigualdade de direitos e autoridades? Como se acabaria como acabar com a impunidade e o foro privilegiado sem a acabar com a desigualdade de autoridades?*

*Em outras palavras como se constituiria finalmente um estado de igualdade de direitos sem findar com essa falsa democracia e justiça que permite que mandatário do poder legislativo executivo façam leis em causa própria ou se defendam corporativamente o estado como um corpo novamente totalitário?*

*A justiça que precisamos, que passa pelo fim do foro privilegiado e outros prerrogativas de mando e poder autoritários , jamais se dará sem o fim da desigualdade de autoridade e isonomia plena de direitos civis. E nem um nem outro jamais serão possíveis sem nos livrarmos da atual classe política e refundarmos via democracia direta o estado de direito que a dignidade humana exige.*

*Um estado pré-revolucionário está posto. E esta é a minha proposta e concepção de revolução. Não sei se será sequer considerada. Acho que não, mas espero de todo o coração que senão ela outras soluções de paz comessem a ser pensadas. Espero de coração que tenha mais gente na sociedade livre pensando e articulando sobre isso. Porque do resto melhor se precaver pois ao que tudo indica podemos esperar o pior.- **O Brasil caminha para uma Revolução?***

E o dilema permanece e o desfecho continua caminhando exatamente para a mesma direção de 2 anos atrás: E caso assim se mantenham na insistência no erro. Nesse desprezo a dignidade e vontade popular degenerada nessa prepotência estúpida típica de quem acha “que quem não tem pão que coma brioche”, garanto que o tempo para corrigir o final dessa rota é bem menor que dois anos.

Na verdade, eles continua a fazer apostas de alto risco: manter Temer sob o risco de 2018 não terminar. Ou entregar a cabeça dele numa bandeja a

população, e seguram sua agenda até as coisas se acalmarem. Se é com eleições de cartas marcadas que podem sequer ocorrer elas irão.

Parece no entanto que não a choque de realidade capaz de tirar o reino da fantasia de seu castelo... Pelo jeito é apenas o começo de algo maior que uma simples crise.

**247** — *O empresário Odilon Nogueira Junior, sócio de Pedro Parente, presidente da Petrobras, tem um contrato de R\$ 11 milhões, sem licitação com a estatal. A denúncia foi feita pelo jornalista [Filipe Coutinho na revista eletrônica Crusoé](#).*

*Segundo ele, Nogueira Junior firmou o contrato para prestar serviços de pesquisa e gestão em março de 2017. Cinco meses depois, ele passou a ser sócio de Pedro Parente.*

*O empresário é dono da Dana Tecnologias, cujo endereço é a casa dele. À época da assinatura do contrato da Dana com a Petrobras, Parente já presidia a estatal.*

*O mesmo repórter publicou na semana passada [outra denúncia contra Parente](#), a de que o banco JP Morgan no Brasil recebeu pagamento no valor de R\$ 2 bilhões da Petrobras. Segundo o jornalista, José Berenguer, que preside o banco no Brasil, é sócio de Parente. — **detalhe: quando blog petista(247) já está reproduzindo notícia de site antilulista (o antagonista) é que a coisa já era muito...***

# O Brasil é um apartheid econômico

Ou da “rebelião tributária”

O Brasil não é um país desigual. O Brasil é um apartheid econômico. E a crise nas estradas um pequeno compendio da história econômica do Brasil, feita de privilégios, injustiças administradas pelo punho de ferro de um governo central que nunca deixou de ser um mero administrador das pilhagens sistematizadas, institucionalizadas, evidentemente via decretos autocráticos reais e legais.

Desigualdade econômica ocorre dentro de uma mesma base de igualdade jurídica de não-intervenção nas posses de todos cidadãos supostamente iguais. Um apartheid, se efetua pelo emprego da lei e da força de fato. Desigualdade econômica ocorre pela ausência ou desequilíbrio de um pacto social, falta de acordos e leis entre as partes, setores, categorias e classes e sobretudo indivíduos que forma a rede da sociedade. Um apartheid se produz não pela ausência de leis e pactos, mas justamente pela sua imposição unilateral de uma parte que domina o aparelho estatal, o monopólio da violência contra as demais.

Os decretos e políticas aplicadas por Temer são apenas a explicitação disto. E se esse capacho, que virou um espantalho, vacilasse como sua antecessora em cumprir tal agenda e a das suas bases sociais já teria sido removido junto com ela. As verdades no Brasil, embora os fanáticos se neguem a enxergar, não são excludentes. Lula, Dilma e cia são corruptos, um não está preso e o outro não foi deposto por causa disto, mas justamente porque não cumpriram a sua parte do trato com quem de fato controla a máquina estatal. Até porque se fosse por crimes, daria para contar nos dedos da mão os políticos que restariam em seus cargos ou mesmo fora da cadeia. E praticamente nenhum partido político.

No Brasil os donos de fato do território não são os mesmos que por direito. E sem beijar a mão invisível, e prometer que não vai mexer no deles, ninguém chega ao poder, assim como sem cumprir o seu acordo espúrio anti-republicano não fica. Não é que o poder corrompa, mas sem se corromper sequer se chega ao poder.

Essa dinâmica de vassalagem, é mais antiga que a nova república, ditadura, estado novo, ou a velha. É tão antiga quanto a própria monarquia. Mudanças de governo e até mesmo sistema de governo não passam de modernizações da fachada e administração estatal para se adequar às revoluções dos sistemas produtivos. Porque revolução política, formação de uma nação com independência e soberania política, econômica e cultural, essa é a revolução que nunca ocorreu no país. A revolução que fez países livres e potências independentes, seja do tamanho de ilhas ou dimensões continentais.

Não vou nem entrar na questão da corrupção. Porque, embora sejam valores bilionários absurdos, os dez por cento que lubrifica e premia o vassalo governamental, é ainda sim só 10 por cento, de toda essa riqueza que é roubada. É a parte suja desse negócio criminoso, que consiste justamente na lavagem do roubo do patrimônio público através do próprio poder estatal. O grande montante do roubo efetuado através de propina, os contratos de concessão, subsidio, empréstimos, endividamentos não é só dez por cento maior, é infinitamente maior, porque o nativo brasileiro continua a vender a rede de dia, para chorar de noite por não ter onde dormir, ou pior ter que pagar pelo aluguel de uma rede que era sua. E pagar com trabalho, porque a propriedade pública já era.

Não, isto não é uma defesa de monopólios estatais nocivos como o da Petrobras que servem apenas para manter a vulnerabilidade política-

econômica da nossa sociedade através do controle alienado da sociedade, seja nas mãos de governos, seja nas mãos do mercado que controla esse governo. Sim, é evidente que o fornecimento deste recurso pelo qual potencializa e ainda forjam guerras, deveria estar sob o regime de concorrência, deveriam haver tantas empresas explorando e fornecendo quanto fossem capazes de fazê-lo pelo melhor preço e serviço, isso é evidente. Como também é evidente, que o controle do capital correspondente a riqueza que exploram, o petróleo, que não pertencem a eles e nem ao governo, deveria estar sob a posse de fato de que por direito pertence a população que vive e sustenta esse território. Porque como provam os grevistas, capital sem trabalhador, ao menos enquanto as máquinas não substituem de vez a mão-de-obra humana, não se reproduz sozinho. Dinheiro só faz dinheiro “sozinho” quando em última instancia há uma pistola para ser apontada a quem se recuse a trabalhar, de preferência com licença legal para matar.

A questão central, não é se essa concorrência é privada ou estatal, se quem explora esses campos são empresas de capital privado, estatal ou misto, subsidiadas pelo seu país ou não. A questão é se a população que é dona do recurso natural de fato possui direitos sobre ele, tanto de decisão política quanto de participação nos dividendos. Porque querendo, ou sobre os custos e prejuízos, o Estado se encarrega de externaliza-los ou transferi-los sem cerimonia para população, que de sociedade, não tem nada. Não é sócia de bem comum nenhum, não tem participação societária em nada, decide menos ainda. E que de social só tem mesmo a socialização dos prejuízos para que os donos de fato continuem lucrando, legal e ilegalmente.

Já disse em textos anteriores diversas vezes, mas não custa repetir, a livre concorrência é um mito quando uma parte dos que participam do contrato social não são de fato livre para tomar parte do mercado. A

questão do bem comum se é efetuada pelo estado ou por empresas privadas, é secundária, isto é, literalmente vem depois da primordial, quem é dono. A administração poderia até mesmo ser estrangeira desde que os verdadeiros sócios acionistas majoritários, o povo brasileiro, não fossem expropriados do seu direito de voto e decisão, e o mais importante, do seu direito de participação econômica por representantes e concessionados privados ou estatais. Nem o estado, nem o mercado, embora constante tende se travestir e passar pela sociedade podem fazê-lo, por uma simples razão, eles não são.

E toda vez que os cidadãos renunciam as suas posses econômicas ou direitos políticos em favor de qualquer um deles, ou pior de ambos que sustentam um ao outro nessa simbiose parasitária do capitalismo de Estado, onde a sociedade é vítima e hospedeira, o resultado é o mesmo. Crise política e econômica que termina invariavelmente em virada de mesa e direitos em favor de quem detém o poder de fato- e raramente na história é a população, e nunca ao menos até hoje isso ocorreu sem repressão violenta de quem se arroga e usa esse monopólio como a base para todos os demais.

Quem é mais novo talvez não se lembre, mas a nova república começa com uma crise de abastecimento capitaneada por outro público e notório político da mesma estirpe e partido de Temer, Sarney. E seus planos geniais de congelamento de preços, que por sinal já tinham provocado o mesmo resultado na Grécia antiga durante o ciclo das tiranias. Desabastecimento. Porém ao contrário de agora, não é um Quércia (por sinal padrinho político de Fleury, Temer e cia da pax paulista) a esconder boi em fazenda, mas caminhoneiro a parar as estradas. E logo a aplicação da força de fato contra o direito de propriedade e inclusive colocando em risco a vida de gente, que mês passado estava trabalhando para entregar o alimento nas cidades brasileiras. Também por sinal estupidamente

construídas em subsidio da industria automobilística e claro socialização, tanto desses subsídios quanto dos prejuízos do sucateamento de toda a malha ferroviária depois da ascensão dos EUA após a segunda guerra mundial. Prejuízos que ainda se refletem agora, na completa dependência das mesmas rotas, estradas e portos (ah, os portos) que mal diferem do mapa das trilhas do período das capitânias hereditárias quando falamos do escoamento do grosso da produção.

Não há problema em socializar custos, raros se é que existem, são os capitais que podem assumir os riscos de empreitadas gigantes que envolvem a construção de infraestruturas. Tais estruturas e riquezas jamais existiram sem o trabalho e financiamento de toda a sociedade. Governos não teriam orçamentos gigantescos, bancos não teriam títulos de dívidas impagáveis nem empresas subsídios e créditos de pai para filho. O problema é que é feito literalmente as custas das contribuições do que deveria ser supostamente uma sociedade, da riqueza e trabalho de uma população, também é feito a sua completa revelia, através de uma farsa chamada democracia representativa, onde não elegemos representantes, mas literalmente renunciamos ao nosso direito de tomada de decisão pública em favor deles. Prova disso é que não temos instancias para remover esses administradores da coisa pública sem a anuência deles próprios. É basicamente como alugar uma casa, e ao invés de receber pelo aluguel pagamos para o locatário viver no lugar em troca de supostas benfeitorias que nunca cobrem os custos, não são nós que decidimos e pior, se insatisfeitos não podemos rescindir o contrato ainda que ele esteja incendiando o condomínio inteiro. E se tentar leva bala. E depois tem idiota que reclama do MST, ou do protoestado que os marginais montam nas favelas. Ou pior, enche a boca para falar do coronelismo no Nordeste. Ah vá. Tira essa trave, ou melhor, a trava do olho meu irmão!

A política de preços, isto é, de acumulação de lucros e ganhos e externalização de prejuízos e custos, é e sempre será determinada pelos interesses do grupos que controlam seus capitais. Sua função social mesmo quando pública não é manter um serviço, mas manter a si, e seus donos através da prestação desse serviço. Nem uma nem outra são entidades filantrópicas, que por definição são mantidas por pessoas que não precisam nem querem embutir seus custos e ganhos naquilo que fazem, e que logo, tem o suficiente para se manter sem a si mesmo e seu trabalho de forma distinta, ou subexistem de doações, da caridade ou solidariedade alheia, tanto para manter sua vida pessoal, quanto sua vida profissional, mas sobretudo para não misturar a sua subsistência (ou lucros) ao custo do serviço prestado. Se esses preços serão subsidiados para qual setor, seja o mercado que compra políticos, seja protestando, a política de preços sempre irá refletir os interesses daqueles que de fato possuem a empresa e a máquina, seja ela estatal ou privada, social, ou um misto de todas essas. A participação nesses custos e ganhos, a tomada de decisão das empreitadas e serviços, seus preços, todas as tomadas de decisão passam em última instância a quem possui o poder político de fato, que é o da participação econômica. Ou o que é a mesma coisa, pela posse de fato do bem que produz o poder como direito de participação e tomada de decisão como sócio, como membro da sociedade, e não mero consumidor ou eleitor. As duas faces econômica e política de uma mesma alienação, não definimos de fato, porque de fato não possuímos nada.

As liberdades de escolha liberais tanto econômicas quanto políticas, são uma ilusão inocente dos seus crentes e a farsa hipócrita dos seus pregadores. Não é o consumidor, nem o eleitor que define o que estará disponível no mercado nem político, nem econômico, mas quem banca a sua produção de acordo com seus interesses, e se ele não tem capital para bancar a produção dos seus próprios bens e serviços, tudo o que ele tem como liberdade é de escolher, é de quem vai comprar e levar o nabo, porque nabo ele vai ter que levar se quiser comer, resta escolher de quem.

Membros de sociedades não são pagos pelo que eles trabalham e investem com “olha os serviços que prestamos”, são pagos com os dividendos disto. E enquanto o cidadão não tiver participação direta nessa distribuição dos lucros e dividendos, ele não terá poder constitucional nenhum para definir preços e serviços. O porão escuro onde os ratos privados e governamentais crescem juntos, é o vazio não como protesto, não como revolta, mas como posse e soberania sobre a sua riqueza que é da nação, que não é uma instituição, marca ou bandeira, mas seu povo, gente que possui o direito natural de propriedade, exatamente como o da legítima defesa e até a rebelião, o direito natural de acesso aos meios vitais sem quais simplesmente não sobrevive. Algo que a crise atual demonstrou em toda a nossa fragilidade e vulnerabilidade pela ausência histórica de um verdadeiro contrato social, e logo sociedade.

O butim que esses assaltantes institucionalizados do bem público dividem entre reis e amigos do rei, é o montante da pilhagem das posses de um povo reduzido a sua plebe, apenas com termos mais modernos e menos ofensivos. Os nomes são outros, mas a condição é a mesma. Política de preços, socialização de custos, expropriação criminosa legalizada ou não do patrimônio público e, se preciso for, do particular de quem não pertence ao pacto corrupto estado-privado, tudo isso se assenta na mesma privação e espoliação primitiva dos direitos políticos e econômicos da população que concretamente são direitos de propriedade e usufruto do que é e precisa ser um bem comum se não quisermos viver nessa guerra civil disfarçada de violência urbana e campesina, onde quem é estrangulado até as portas da marginalidade e definhamento, ou fica calado e trabalha mesmo sabendo que não vai viver, mas morrer disto, ou grita e se levanta como pode, mesmo sabendo que também irá morrer nisto.

O equilíbrio do interesse e a paz social entre quem banca, quem consome e quem trabalha, só irá ocorrer quando essas posições não forem mais definidas por estruturas de castas e classes, mas de acordo com a demanda e capacidade de cada cidadão com acesso e oportunidade jurídica e econômica para assumir esses papéis que não são só direitos nem muito menos privilégios, mas responsabilidades não só com a sociedade, mas antes de tudo com a sua subsistência e dos seus. Responsabilidades sociais e pessoais que não estão apartadas, mas que dependem uma da outra para que vivemos em paz e liberdade, mas para antes de tudo sobrevivamos como gente sem precisar viver da caça e predação de gente. Porque uma coisa está certa enquanto as regras e objetivos do jogo forem essas os parasitas sempre hão de vencer e prevalecer, nessa terra de ninguém que quem puder tomar e carregar, leva. O reino dos ladrões e paraíso dos usurpadores por decreto e vontade do rei, da lei e de deus, os deles é claro.

Só existe uma forma de reintegrar o interesse do consumidor, produtor, investidor e trabalhador é preservando os direitos políticos e econômicos sobre suas posses não só as particulares, mas as públicas. O que implica que em ultima instancia que nenhum gestor seja ele público ou privado poderá tomar qualquer decisão, nem muito menos impor contribuições ou se a apropriar do orçamento da empresa, que é também uma sociedade, sem a anuência explicita da assembléia dos sócios.

Não há independência que não passe por uma república. Nem republica sem democracia. Democratização requer republicanização da coisa pública. Não é uma questão de eleger quem controla a coisa pública, mas de manter a posse e controle da coisa pública, não só naquilo que ela tributa dos particulares, mas como poder de fato sobre os bens e orçamentos, dividendos e sobretudo dívidas públicas. Quem controla isso tem a posse de fato do território, ou seja a soberania. E se não é a

sociedade a soberana de fato, pode chamar essa terra pelo nome do que quiser, porque o que ela não é sequer uma república, que dirá então uma democracia. A assembléia dos cidadãos para decidir porra nenhuma, nem mesmo quem é que vai tiranizá-los e coitá-los, porque até isso não é objeto de livre dissertação, mas de múltipla escolha, onde a alternativa nenhuma das anteriores, nunca está disponível.

O tributário e social nunca vão se equilibrar enquanto o interesse de quem paga, recebe e gesta não for o mesmo, o do dono que consome que não vende lixo, mas banca e consome produz. Enquanto a política e econômica forem tão propositalmente desintegradas e compartimentas, não só a sociedade mas a cidadania continuará desintegrada e apartada em divisões de castas de privilegiados juridico-políticas a parasitar uma população refém e escrava de um país reduzido a gueto econômico.

Podem cortar cabeças ou manter coroadas mais múmias podres e nojentas, nada vai mudar enquanto não for a população as cabeças com tempo e direito a pensar sua condição como sociedade e nação. Enquanto não forem eles a cometer os erros e acertos que no final das contas tributárias são de qualquer forma eles, que deveria ser um nós a arcar. Essa é a revolução que não teve pais que para o bem ou mal possa se chamar propriamente como tal, não passou. E o nome disto gostemos ou não é revolução.

### ***O que ameaça a torre despencar agora?***

*A [Lava Jato](#) e o esgotamento do ciclo de expansão fiscal que começou em 1988. Naquele ano, tínhamos uma carga tributária normal para um país de renda média de 24% do PIB [Produto Interno Bruto]. De lá para cá, todos os*

*governos, sem exceção, aumentaram a carga tributária no Brasil. Hoje, ela está em torno de 34% do PIB.*

*Além disso, o Estado tem um déficit nominal de 6% do PIB. Então, estamos em um país em que 40% da renda nacional transita pelo setor público.*

### ***A população não sente que isso a beneficiou?***

*A capacidade de investimento do Estado caiu de 1988 pra cá. Metade dos domicílios não tem coleta de esgoto. Nossos indicadores de saúde, educação, segurança são deploráveis. O Bolsa Família, que é o principal programa de transferência de renda do governo, representa 0,5% do PIB. É praticamente a migalha que cai da mesa. E olha o impacto que tem para dezenas de milhões de famílias.*

*Então, realmente tem algo profundamente errado nas finanças públicas brasileiras. Esta revolta dos caminhoneiros é o embrião de rebelião tributária.*

### ***O que é uma rebelião tributária?***

*É uma insubordinação que começa quando a população não aceita mais a legitimidade do governo para tributá-la. A revolução americana começou com o lema “no taxation without representation” [não há tributação sem representação]. -’**Ato de caminhoneiros pode ser o embrião de uma rebelião tributária’, diz economista***

PS:

Curiosa condição miserável e paradoxal das elites eruditas brasileiras que pagam um pau desgraçado para a cultura, econômica e democracia norte-americana, mas cagam nas calças na hora de fazer a revolução liberal que fundou esse monstro. Por sinal já tão decadente, ultrapassado e corrompido quanto seus próprios valores, outrora, revolucionários. Mas esse não é ponto, o ponto é que para cair há que em algum momento se erguer primeiro.

Herdamos a choramingueira portuguesa pelo império perdido, só que ao contrário deles, nunca fomos um império nenhum, exceto como somos hoje uma república, no nome. E depois há quem choramingue que no Brasil nunca teve liberalismo. Claro que não! até para ser burguês egoísta e não um vassalo real pusilânime há que se ter um mínimo de revolta e coragem revolucionária. Há que se ter dignidade para poder-se indignar. Coisa que parece que os caminhoneiros ainda tem. Resta saber se conseguirão nos fazer lembrar da nossa.

Ou o quê?

Vão colocar também soldados para produzir e entregar o pão?

Pois é. A ditadura comunista do governo dos outros, é a minha democracia liberal e capitalismo, desde que o governo seja o meu e a propriedade e trabalho dos outros. Exatamente a mesma lógica do socialismo, só que como outros termos e expropriadores.

Que bom que os caminhoneiros não estão preocupados com isso, porque senão não estariam fazendo nada, fora buscar uma filiação ideológica que os sustente ou subsidie, quando enfim tomassem o poder, ou tentando se pegar carona nas costas de quem faz.

# Greve ou locaute não importa. O problema não está nas estradas, mas nos palácios.

E até as pedras sabem disso. Mas, ao que parece, os generais (ainda) não.

Até as pedras. Mas ao que parece os generais não. Em geral o brasileiro pensa sua vida de posições fixas de credos políticos e ideológicos e se divide em times segundo essas camisas que veste. Os que são a favor e contra o armamento. Contra e a favor os direitos humanos. Contra e a favor à intervenção armada. E por aí... vai. Até que a realidade simplesmente caiu na cabeça... como agora.

O desfecho mais previsível, e ao mesmo tempo mais absurdamente ignorado pela cegueira coletiva e anestesia de todo um país, bate a nossa porta, na sua forma mais clara, quer gostemos ou não. O emprego das forças de fato não é uma opção ideológica, mas um imperativo. E não estou falando contra o sintoma, com a reação dos caminhoneiros por sinal justa e legítima. Mas contra um governo não só ilegítimo mas pública e notoriamente criminoso, que conduziu e levou o país a este estado não só por sua completa falta de competência ou noção para estar onde está, mas com sua pilhagem e omissão criminosas.

A Venezuela agora é aqui. O nosso Maduro, chama-se Temer. Chegou a um ponto sem saída, onde só o emprego da força é capaz de tirar o país do estado de emergência que se encontra, mas o emprego dessa força armada não é contra a população que não causou, não causa, nem causaria, nem causará problema algum, mas sim contra os parasitas que são a doença e não estão parados nas estradas, mas nunca pararam de se

mover nos porões do palácios. A propaganda governamental não cola. Não adianta tentar vender esse pessoal como marginais ou baderneiros profissionais, quando nem sindicalistas pelegos eles são. São trabalhadores que estariam fazendo o que fizeram por toda sua vida, o que faziam ano passado, semana passada, se não houvesse uma única pecinha, uma horda de canalhas que deveria ter sido removida e enterrada junto com a sua predecessora. Mas que foi mantida para fazer um serviço sujo. Serviço sujo que nem esse, conseguiu executar.

Sim. Não há como negar. Não há como deixar as coisas como estão. Porém, não é sobre quem, com legitimidade protesta contra essa condição insuportável que a força de fato deve se voltar, mas contra quem colocou eles e a todos nós nela. Estamos fugindo do óbvio, do inevitável. A república e democracia que nunca passaram de um circo para os privilegiados acabou, ora de enterrar os mortos vivos que fazem a vida do brasileiro um filme de terror. Mas aí que está o problema e o perigo. E quem disse que os salvadores da pátria estão do nosso lado? E quem disse que se eles se remorem esses canalhas, não plantarão toda uma nova geração de tecnocratas corruptos? E quem disse que se eles derrubarem o trono, não vão se sentar nele, por mais 20 anos? Quem disse que como os políticos eles não servem nem pertencem às mesmas oligarquias nacional e internacionais que colocaram o país na condição de emergência que estamos, e de vulnerabilidade que nunca conseguimos sair?

Não ha solução, não passa pelo emprego de forças de fato, porque a força de fato só serve para uma coisa, remediar a falta de inteligencia e entendimento até que um dia surja um, isto supondo que é claro que ele vá emergir. O ideal seria que esgotadas as oportunidades que perdemos, frente ao dilema de empregar a força armada contra uma categoria de trabalhadores ou empregadores para restituir o reabastecimento da população ou não fazer nada para não cometer injustiça nem derramar

sangue, que tomasse a única saída digna a um instituição que, por suposto serve a um povo e nação, e não um governo e seus ocupantes: que dessem voz de prisão para o seu criminoso em chefe, por querer empregar a força como substituto à sua falta de capacidade, credibilidade, legitimidade para negociar um caos criado por eles e seus crimes. Crimes que o cargo não só protege de ser julgado, mas lhe confere o poder para continuar praticando impunemente.

Entre descer o porrete em caminhoneiros, sejam patrões ou empregados, ou assistir a população que ou muito me engano apoia o movimento, que desçam o porrete e eliminem o problema na causa, os donos das canetadas e propinadas. Cortem o problema pela raiz. Temer. Antes tarde do que nunca. Porém, isto é algo que evidentemente deve ser feito sem tomar o poder ou adiar as eleições, mas pelo contrário visando garanti-las, algo que pelo andar da carruagem não vai se dar, ou se vier a se dar, se dará como típica farsa latino-americana. Mas isso não parece estar sendo encarado como um problema, mas como uma solução.

Aliás, o Brasil é patético, está preocupado com um possível presidente presidiário, e se esquece, ou talvez se preocupa justamente para esquecer, que tem um bandido decrépito a continuar a jogar o país no caos no poder, agora. O que os caminhoneiros estão fazendo é só nos lembrando, que fora um pouco de coragem e dignidade, não faz mal a ninguém, que para ter ou não ter um governo em 2019, é preciso ter um país pelo menos até 2018, algo que essa gangue parece decida a dar cabo, mesmo neste curto espaço de tempo.

Se é patronal, sindical, autônoma ou tudo junto e misturado como parece ser, isso é só mais um indicativo do tamanho do isolamento da ilha da fantasia palaciana. Mas nenhum indicativo que chegamos no ponto em que não podemos mais fugir dessa realidade do que há necessidade do

emprego da força por incapacidade governamental. Deponha-se ou não o governo, por definição ele não existe mais, nem por direito que já não tinha, nem de fato. Quem governa de fato, assuma ou não, é força armada, o que restou é o espantinho de uma nova república que morreu sem nunca ter plenamente sido.

Mas o que vai acontecer? No que depender, do generalato evidentemente. O Brasil não é um país, é um grande amontoado de classes e categorias, cada qual defendendo seu osso, um grande balde de caranguejos. De modo que enquanto a caserna estiver feliz ganhando o seu, obedece. E se os caminhoneiros estão lutando por uma causa maior que a deles, temo que em breve, se estão lutando por algo chamado Brasil descobrirão que isto como sentimento de solidariedade é um mito, simplesmente não existe. Embora, ainda sonhe em estar errado sobre isto como poucas coisas. E como gostaria de estar errado.

Mas se não estiver, se ninguém estiver nem aí para eles (e qualquer coisa parecida com um nós), desde que possam encher o tanque e a pança nos supermercados. Se o exercito cumprir sua missão sem pensar duas vezes. Se Temer continuar até o fim, seja lá qual for, no poder. Se semana que vem voltarmos a bater o futebol político de quem vai ser o campeão da próxima eleição. Então, que fique a lição não para eles que ensinaram, mas para os idiotas que nunca aprendem. Os idiotas que acreditam que a solução do país passa pelas forças armadas: que constituam as suas próprias. Porque essa vai morrer como nasceu: protegendo o Estado e não a Nação. Porque o Brasil não é um Estado-Nação, mas uma Nação submetida a um Estado. E mesmo quando esse Estado está sequestrado por criminoso, desde que o bandido governamental não se meta nos interesses e valores da categoria, desde que sua pilhagem não atinja a caserna “missão dada” continua sendo “missão cumprida.”, ainda que seja contra a própria população. Levante, insubordinação, intervenção ou

voz de prisão a governantes criminosos só no caso do criminoso ocupante do palácio ser de outra filiação ideológica. E não sairá jamais dessa condição enquanto tiver forças armadas a servir como capangas de tiranos e não como a proteção do povo contra a todos tiranias, a começar pela a do seu próprio governo criminoso.

Aliás fica a lição para quem acredita em qualquer solução para o país, incluso as sociais e pacíficas. Querem construir alguma? Então esqueçam as instituições governamentais, e comecem a construir as suas próprias, comecem a tomar parte de uma verdadeira sociedade civil organizada, não só baseada em interesses de classe e categoria, mas de povo, de cidadania, porque dos salvadores da pátria só teremos o mesmo de sempre travestido de reforma e progresso, o velho disfarçado de novo, e o novo que vem para sustentar tudo que há de podre e velho: pilhagem contra quem não resiste e repressão contra quem ousar se levantar.

Pois enquanto formos uma sociedade-nação assim dividida e cooptada, em classes que mesmo quando são ricas e remediadas são ainda mais servis, estaremos condenados a ser o país que somos. Um não-país. Enquanto tudo o que fizermos como povo for rir e fugir da nossa realidade, tudo que vamos transmitir como legado será o produto de mais uma geração, será o produto da nossa omissão, tentando adiar o inevitável, a Revolução.

O Brasil não é república, não é democracia, nem sequer independente e jamais o será sem uma revolução, pacífica ou não, necessariamente revolução. Sim revolução, porque de golpes em cima de golpes, a se proclamar autocrática e arrogantemente como legítimos nossa história está cheia. De novidades, de progresso, reformas que vem para se mancomunar e preservar tudo que há de podre e velho, estamos fartos. Fartos, mas acostumados. E no que depender da nossa coragem, os

Estados-Nações falem antes do Brasil vir a ser uma coisa ou outra, quanto mais uma só.

Somos um povo gado com medo de sair do curral, mesmo sabendo que estamos sendo levados ao abate, e quando alguma parte se levanta, nunca vamos até o fim, nunca tomamos a decisão de por um fim nesses parasitas mesmo sabendo que vamos definhir sem o fazê-lo, pois por mais rico que sejamos, uma hora, a festa, vai acabar, os recursos que parecem inesgotáveis vão se exaurir, e não estaremos mais a lutar para findar a pilhagem de riquezas, mas pela sobrevivência do que restou após toda rapinagem.

Nos escondemos atrás de um falso pacifismo, quando na verdade o que somos é covardes. Prendemos bandidinhos em postes, mas basta uma medalhinha, um subsídio, um empreguinho ou um cargo, e dos criminosos de faixa, toga, ou farda entronados ou até destronados lambemos até o fiofó. “Veja bem...” Dizemos pacíficos e fraternos, mas queremos sangue. O sangue dos pequenos e os mimos dos grandes. Uma unidade feita não só da vibração com os linchamentos públicos, mas sobretudo da omissão, da completa ausência de empatia e solidariedade para como os iguais como um povo: a ausência dos privilégios como se fossem direitos. E assim como a obrigação de nos submeter às injustiças como se fosse dever cidadão.

O problema não é a obstrução das estradas, isso não é causa é consequência. O problema não é a obstrução da justiça, não a punitiva, mas a social, que essa pilhagem e repressão sustentam. O problema não são nem esses criminosos estatais, mas a nossa covardia servil de aceitar o emprego da força armada contra a população, mas abominá-la contra as figuras de autoridade e tirania.

Outros povos corrompidos pela cultura da subserviência e idolatria também cometeram o engano de adorar fascistas e demagogos, mas pelo menos tiveram a dignidade de cortar suas cabeças ou pendurá-los como porcos em praça pública. Uma violência absolutamente desnecessária contra a pessoa humana, mas não contra o figura do pátrio-poder. Não, não é preciso matar ninguém, e nem adianta, até porque quem se arroga a licença para tirar e destruir vidas impunemente são eles as autoridades e não nós, meros cidadãos. Mas matar esse monstro da submissão covarde travestida de pacifismo contra os grandes, e violência covarde contra os pequenos; condição pusilânime que mora em nossas cabeças e dentro de nossa alma, e que precisa morrer.

Essa ideia doentia que alguém tenha por alguma razão a prerrogativa de vida e morte sobre os demais, de quem pode manda e quem tem juízo obedece é fundamental para sairmos dessa eterna infância de povo tutelado, e nos fazermos enfim um país, a procura de fraternidade e não de patriarcas que tratam e tomam o bem público como se fossem seu patrimônio e o nosso povo como sua plebe, escrava e servil. Enfim uma questão de Sociedade e não de Estado e que enquanto for tratada como tal, seremos assim tratados pelo estadismo e patrimonialismo que encarna a nossa cultura de submissão sádica e masoquista.

E tudo isso que vale para as autoridades fardadas, vale para as togadas, na exata medida dos seus títulos e patente dentro da hierarquia e escalões. De modo se queremos justiça, havemos de construir a nossa, e não como tribunais e desigualdade de privilégios e autoridades, mas igualdade dentro de uma outra sociedade, dentro de um outro pacto social. Porque esse não foi corrompido, ele é corrupto, na essência da sua constituição de desigualdades sobre direitos e deveres sobre o bem comum.

Quem quer uma republica que se faça primeiro cidadão. Uma condição que não se pede, nem muito menos de toma, mas literal se dá na prática, não pagando tributos que sustentam os usurpadores e perpetuação da usurpação, mas bancando essa abolição, nem que seja pagando pela alforria dessa espécie de escravidão que antes de ser econômica é política. Literalmente pagando pela libertação dos seus irmãos dessa condição de privação que é em maior ou menor proporção a mesma de todos que não se governam mas são governados: obedecer quem detém o poder se quiser ganhar e manter seu sustento.

Bem, essa é a solução que eu proponho para o Brasil, uma solução de paz. Há quem acredite em outras. Mas uma coisa é certa, todas elas passam pela chamada e aumento da responsabilidade social-cidadã e diminuição da transferência e centralização de poderes e recursos e irresponsabilidades na mão da classe politica-estatal. Todas elas passam pela solidariedade social e desfanatização pelo governamental. Passam pelo fim da omissão mais onerosa da história da humanidade, a estatal, tão extensa enquanto cancro e pilhagem quanto for a incapacidade do povo em voluntariamente acabar com a própria miséria em seu território com responsabilidade social.

Porque enquanto houver um miserável, haverá sempre um soldado pronto a ser recrutado e executar suas ordens, em troca do seu saldo, seja de quem for e contra quem for. Enquanto a sociedade civil não compreender como se reproduz materialmente o poder e a submissão, será sempre refém do macaco líder que souber distribuir ou prometer mais bananas para o bando que controla o território, e quer ela goste ou não também faz parte do seu.

Ou aprendemos a distribuir com mais racionalidade os recursos para que a ninguém tenha a sua subsistência submetida às vontades de outrem, ou

vamos amargar as disputas de poder, onde quem detiver o monopólio da violência, o de fato, prevalece e os demais se não quiserem definir obedecem. Porque nas terras onde a vulnerabilidade social continuar existindo, a rapinagem e violência não sempre de prevalecer no lugar da paz e inteligência e não só como marginalidade, criminalidade governamental. Nosso eterno protoestado montado sobre as costas de uma população que de nação e sociedade só tem a bandeira, e a camisa, porque de brasilidade como solidariedade entre aqueles que compartilham uma mesma terra como seu patrimônio e bem comum, só há o mito e a propaganda governamental e eleitoral. Mitos tão falsos quanto o próprio cosmopolitismo, tolerância, pacifismo e miscigenação de raças e classes que fora do curral da plebe inexistem como credo e muito menos como práticas.

Um povo que exceto entre o povão, os excluídos e marginalizados pelo Estado e a sociedade não se conhece nem reconhece como igual, nem muito menos como nação. Uma nação cujas forças não sabem sequer do que são feitas. Que não são feitas de bandeira, nem de poderes, mas de um povo. Um povo que enquanto não tiver forças armadas que não apontem armas contra elas, mas contra os tiranos, jamais será um nação livre, mas a eterna colônia de quem quer se seja o canalha a pagar mais a nossas lideranças, sempre a venda e vendendo sua gente e sua terra como se fossem o seu capital.

De qualquer forma, nem a sociedade nem nenhuma classe social ou categoria é monolítica. E a tendência, mantendo-se o atual status quo, é o agravamento da crise institucional. Logo não me surpreenderia de nos próximos meses verificarmos divisões claras dentro das próprias forças armadas, assim como já ocorreu dentro do próprio poder jurídico. Aí, meu amigo, nós que não somos forças armadas nem temos poder de juiz, torçamos para eles escolham o lado certo, o que produz e não o que

parasita, o lado da sociedade e não do governo, ou essa greve será apenas o começo de algo que se alguém disser que sabe como vai terminar está mentindo. Isto, se é que já não começou...

Resumindo, todo apoio a greve. E se o emprego da força armada for mesmo inevitável, que quem a detenha de fato a aplique contra quem por justiça e necessidade se deve usá-la: contra o governo que não é governo, nem de fato, nem de direito. E não contra quem mostrou que pode parar o país, sem dar um tiro, simplesmente cruzando os braços.

## Monarquia baseada em Renda Básica?

Um amigo leu o livro “Estudo de renda básica para o Principado de Pontinha” e me enviou essa pergunta ...

**Isso é muito engraçado de imaginar: a monarquia baseada em Renda Básica. Se eu entendi corretamente o método de financiamento proposto, se resume a um imposto de renda negativo financiado por um imposto fixo (o qual você chama de taxa)?**

***Eu também acho engraçado, tanto quanto uma democracia baseada numa monarquia. Principalmente quando a ilha em questão, bem maior é verdade, foi capaz em seu tempo de se fazer um império a governar nações do tamanho de continentes... e ainda sim, uma ilha (e uma monarquia) — como diria o panfletário Tom Paine. Portanto tem razão, definitivamente o mundo e as pessoas que o habitam são seres engraçados, com ou sem coroa ornando suas pretensões.***

*Já quanto ao modelo em questão, não acho que exista uma forma correta de entender, dado que o entendimento pertence a quem lê, e se assim você entendeu é porque o escrito deu margem a tal interpretação. Que por sinal, daria uma excelente propaganda oficial “um imposto de renda negativo financiado por uma taxa única”. Talvez descrito dessa forma, a proposta tivesse até mais chances de politicamente ser digerida e quiça não levantar tanta oposição na forma de desdém de nações maiores — que no caso de Pontinha, são praticamente todas. De qualquer forma é uma leitura bem mais favorável do que aquela, por exemplo, que diria que essa proposta não passa de pura pirataria; a tentar se valer de uma zona cinzenta do direito internacional para a criação de um paraíso fiscal, porém as avessas, ou seja, com outros objetivos mais nobres e cosmopolitas que a mera evasão de divisas.*

*Nessa leitura- utópica, diga-se de passagem- a ilha deixaria de ser clube exclusivo para os ultra-ricos e seus governantes -incluso os coroados- poderem esconder o butim pessoal da própria pilhagem fiscal, e passaria a ser um lugar aberto para que qualquer um- inclusive sem sangue azul ou fortunas -pudessem usufruir das suas peculiares vantagens. Isto feito, através do uso de meios de pagamento digital não tributáveis (ao menos não ainda), combinados com sistemas de redistribuição de riquezas no caso, a renda básica. Uma forma de democratizar esses paraísos fiscais que são verdadeiros estados fantasmas que funcionam como fachada e caixa-forte de banqueiros e governantes e gangsters e sem o qual de forma inconfessável o sistema financeiro mundial já não funciona nem se sustenta sem o fluxo de capitais legais e ilegais que passam por eles.*

***Um sistema tributário competitivo também seria fundamental. No entanto como a finalidade dessa protopia é outra, ou seja, não é a mera fuga do fisco do país de origem do capital com vistas a mera acumulação primitiva, mas sim a redistribuição e pagamento da renda básica para os detentores da cidadania dessa singular micro-nação, o fator determinante da sua constituição não estaria propriamente no sistema de financiamento, mas sim o que ele ofereceria de incentivos a adesão dos contribuintes. Até porque tal proto-nação não conta nem pretende contar com nenhum poder coercitivo para se bancar. O que torna o desafio de viabilizá-la ainda mais interessante. E mais interessante ainda o novo tipo de pacto social que eventualmente resultaria disso. Bem, ao menos para mim, que tenho interesse em contratualismo, jusnaturalismo, libertarismo e principalmente no desenvolvimento de novos modelos aplicados.***

***Seria, portanto, uma protonação cuja dimensão dos territórios ocupados, sob sua jurisdição ou predomínio cultural e econômico são irrelevantes. Na verdade tão irrelevantes para ter cidadãos contribuintes, que o território não poderia ser apenas minúsculo, mas de fato absolutamente nenhum. Um estado mínimo social, e virtual constituído pela provisão de um sistema de seguridade mutual para seus cidadãos em qualquer lugar do mundo. Algo que seria impossível sem o advento da tecnologia da informação e telecomunicação aplicada as transações financeiras.***

***Um território portanto não existe nem precisa existir em lugar nenhum além do mundo virtual para prover uma cidadania real, não geolocalizada, que pode ser provida/exercida em todo e qualquer lugar via pagamentos de rendas básicas em moedas que não precisam de banco central. Um proto-estado feito para rodar***

***sua programação em qualquer território e jurisdição de outro Estado-Nação — onde não só sua coroa poderia ser para os súditos e turistas ver, mas o próprio território e suas fronteiras.***

***Pensando bem daria até um bom negócio, uma startup, já que além de não carece do subsidio da força de fato e sua cobrança coercitiva para funcionar, sua arrecadação seria escalar enquanto seus custos operacionais permaneceriam praticamente os mesmos. Mas particularmente acho que seria um desperdício de potencial desses sistemas de seguridade. Afinal seria um caso raro onde o interesse do cliente e do provedor estão perfeitamente alinhados na forma do benefício pago regularmente. O cliente, de receber em vida e continuar vivo mesmo que por ventura enfrente situações de risco e carestia. O do Estado em não perder não só um contribuinte voluntário, mas um cidadão. É como se a renda básica fosse um seguro de vida que ao invés de premiar a morte, literalmente pagasse para não arcar como o custo desse prêmio. Mas eu estou só divagando, até porque o papel aceita tudo. Incluso rascunhos de ideias e utopias.***

***No fundo não tenho ilusões; sinceramente, até acho essas utopias piratas e republicanas ainda mais engraçadas que as monarquistas. Porém, também sei por conhecimento de causa que por vezes o inesperado acontece, principalmente quando trabalhamos para tanto. E assim, o que era “o impossível” passa do dia para a noite a ser tratado- até por seus antigos detratores- como “o inevitável”. E nós, que nos divertimos e rimos tanto de uma coisa quanto da outra, podemos rir e nos divertir ainda mais. Mesmo sabendo que os contrariados, provavelmente, não irão manter o mesmo espírito esportivo e bom humor de outrora.***

*Ainda bem que o soberano real de Pontinha é um plebeu pacífico e bem humorado. Em tempos topetudos de terras cada vez mais planas e reis nus eleitos a frente de grande potenciais armadas, em tempos onde até humoristas são mortos porque resolvem fazer piada com os todo poderosos dos outros nas maiores metrópoles do mundo, manter a capacidade de enxergar a graça nas representações e performances do poder é uma virtude que vai ficando ainda mais rara do que saber tolerá-las. Por isso de todo coração lhe agradeço por olhar esse trabalho não como uma provocação e insulto, mas com a seriedade que só o bom humor podem conferir a sua leitura. And God save the King... no caso o meu... de Pontinha.*

*Abraços.*

*Respeitosamente ,*

*Marcus Brancaglione, coordenador de projetos do ReCivitas, e  
Barão (nas horas vagas)*

## *Respostas ao questionário da Ghent University sobre a Renda Básica*

*1. Qual é o seu ponto de vista sobre o BI estar relacionado com a liberdade das pessoas?*

*(...) Fundamental. Diria até mesmo que, mais do que estar relacionada, a BI sequer faz sentido, ou pode ser chamada como tal, se seu objetivo não for garantir a aquisição*

***incondicional dos meios materiais necessários para prover a libertação das pessoas das condições de privação, vulnerabilidade, submissão, servidão e exploração política-econômica, e a manutenção da liberdade assim conquistada.***

**2. Van Parijs (1995) usa a liberdade para se referir a: “A liberdade de fazer o que se pode querer fazer.” O que você acha de sua definição de liberdade?**

***Não conheço Van Parijs ou seus escritos o suficiente para advogar em favor nem de um nem de outro, mas me arrisco a dizer, com o pouco que li, que a definição dele de liberdade real, talvez, seja ligeiramente mais complexa. De qualquer forma, quanto a essa definição de liberdade especificamente em questão considerando-a na prática impossível. Ou mais precisamente, possível apenas para um número cada vez mais reduzido de pessoas, na razão diretamente proporcional de quanto maior for a liberdade dessas pessoas de fazerem o que bem quiserem, menor será a possibilidade dos demais de fazerem o que não querem, ou poderem fazer o que precisam. Pois, mesmo se os recursos materiais não fossem finitos, raros ou escassos, a tomada dos outros seres humanos como meros recursos deveria ser o limite dessa liberdade como querer- que por sinal tem outro nome popular: poder. Ou seja, é uma ideia de liberdade de outro mundo para um outro homem, o sujeito que habita os centros do mundo e toma os outros seres e formas de ser como objeto da sua vontade de poder, e não das pessoas das classes e povos periféricos as margens desse mundo- não raro literalmente do outro lado da cerca e do muro, com preocupações e entendimentos de liberdade bem mais modestos, como por exemplo, sobreviver e quem sabe conseguir fazê-lo com um mínimo de dignidade.***

*Existem coisas que são tão fundamentais e imprescritíveis que “querer” não é exatamente a palavra que se aplica ou explica essas condições, mas sim “necessitar” e “carecer”.*

*Necessidades cuja satisfação ou carestia depende não só da posse e controle sobre o próprio corpo e suas ações e funções mais básicas, mas dos meios vitais e ambientais, os recursos naturais necessários para mantê-los, como água potável, alimento, um chão para construir um teto sobre sua cabeça ou cultivar- e claro um ar respirável, que porém sequer deveria ser uma preocupação, já que em condições naturais extremamente excepcionais não deveriam faltar a ninguém.*

*Recursos que podiam ser adquiridos de forma natural e primitiva, simplesmente ocupando e tomando sua posse ou disputando-a via emprego da violência ou sua ameaça como forma de dissuasão dos concorrentes. Método que, por sinal, ainda se mantém como o corrente e usual na resolução de disputas por territórios e recursos entre os povos para além das fronteiras das suas sociedades e nações. Porém, havia outro método de sair dessa situação sem necessariamente entrar em disputas e conflitos principalmente quando era sabido que iria se perder. Fugir. Mover-se para outro lugar, tentar encontrar uma nova terra, um novo mundo onde poderiam se apropriar destes recursos, um território ainda não ocupado, ou ocupado por forças que não poderiam resistir ao emprego da sua violência. O ponto fundamental é que mesmo implicando riscos, entre submeter-se àquele que domina e se tornou dono do que ele também carece, entre o depender da sua boa ou má vontade para ter acesso ao necessário, seja pagando, servindo, pedindo autorização, ou dando seja lá o que quer que exija em troca, as pessoas nessas condições, supondo que também não tenham sido tomadas como escravos ou servos por eles, tinham uma opção que hoje*

*não temos na medida que cada palmo de terra do planeta tem dono privado ou estatal: encontrar um novo mundo para se assentar e fundar sua sociedade. Aos descendentes, os que sobraram, dos expropriados, que nascem sem posses dos meios vitais das 3 restam 2 opções: submeter-se e trabalhar não mais para si, mas para quem quer que detenha e possa prover o que ele necessita, ou enfrentar o monopólio que não é só dos meios vitais e ambientais, mas por definição da violência, roubando e eventualmente matando despolitizadamente como um bandido ou politizadamente como um revolucionário armado.*

*Considerando que expropriar, aprisionar ou matar politizadamente ou não, legal ou ilegalmente, não é uma opção legítima nem que se legitima pelo sucesso do emprego da força de fato, nem enquanto revolta contra o monopólio da violência nem enquanto tomada democrática desse monopólio. E considerando que submeter-se a toda e qualquer ordem, demanda ou serviço em troca da subsistência, isto quando ou se ela existe, não é propriamente ser livre, livre do medo e terrorismo da carestia, da vulnerabilidade a exploração oportunista ou sistematizada da privação desses meios vitais e ambientais. Na absoluta falta de opções pacíficas na busca da libertação da carestia e garantia social da dignidade humana, inventa-se uma terceira: a renda básica de pessoa para pessoa.*

*A renda básica é portanto uma forma de garantir socialmente, ou seja, pacificamente o exercício do direito natural de autopreservação. Uma forma de garantir o acesso às condições básicas de vida em liberdade no mundo como ele*

*é. É portanto sobre essa liberdade, natural e histórica que versa a renda básica. Uma liberdade que não é um querer ou poder, mas um precisar, um carecer de uma vida com um mínimo de dignidade e liberdade. É um processo de empoderamento para libertação da carestia e relações de poder, e não de constituição de forças e poderes para satisfação de desejos e manias, as quais podemos viver sem, e talvez viveríamos mais em paz sem. Uma liberdade fundamental que não é relativa, nem subjetiva, mas natural e universal. Uma condição de vida em liberdade impreterível. Liberdade que portanto tem percepção, concepção e nomes próprios, e se chama Dignidade.*

### **3. Qual sua experiência em Renda Básica e justiça?**

*Sobre a renda básica temos 10 anos de um projeto social. Sobre justiça absolutamente nenhuma. Já li ensaio a respeito, mas nunca vi em lugar nenhum do mundo, e menos ainda no território que nasci e habito. Conheço o poder judiciário, suas leis, polícias, juízes e tribunais. Conheço Estados-Nações suas jurisdições e disputas jurisdicionais sobre territórios e pessoas, mas a idéia de justiça não, ao menos não como experiência como a renda básica. A ideia que tenho de justiça é ainda mais uma utopia, do que a de renda básica, pois da sua concretude conheço mais a distopia do que é a regra, do que seus ideais que se não são a exceção. Nisto a minha experiência e temores quanto a justiça e renda básica da tese às práticas são similares. Afinal, não há nada que impeça que os conceitos e até mesmos os modelos experimentais sejam apropriados e usados indevidamente tomando os termos e práticas para contrabandear e perpetuar outras ideias e práticas diametralmente oposto ao sentido dessas teses e*

*ações, condenadas por sua vez, a ficar onde hoje são e estão (des)qualificadas: lugar nenhum.*

#### **4. O que você entende sob uma sociedade 'justa'?**

*Sociedades civis derivam de contratos sociais, pactos de paz entre pessoas vivas e livres, para manter sua vida em liberdade. Parece óbvio, mas não é. Muitos dos contratos sociais que mantemos embora tenham sido sequer “assinados”, foram celebrados por gente que já morreu faz tempo, mas que não só regem a vida de quem de fato tem o direito de viver como daqueles que vão nascer (ver Edmund Burke e Thomas Paine). É portanto, basicamente um acordo para que ao invés de nos bater e matar por algo que todos precisamos, mas não temos como dividir nem renunciar, possamos partilhar e compartilhar essa coisa tomada assim como bem comum. Na verdade é muito mais provável que a sociedade seja formada da formalização de uma comunidade, a formalização da comunhão sobre um bem comum que já se compartilha em paz, do que um acordo de paz entre pessoas ou povos beligerantes, mas isso não vem ao caso. O importante aqui é que esse pacto social que implica tanto na concórdia sobre a renúncia a violência quanto a assunção da responsabilidade de respeito e garantia mútuas de posse, defesa e provisão desses bens comuns deve (ou deveria) ser livre, voluntário e explícito, firmado por pessoas na plenitude do exercício da sua capacidade de tomada de decisão. Pessoas que não necessariamente precisam possuir as mesmas forças, capacidades, poderes ou posses, mas que necessariamente precisam estar numa condição basilar de igualdade: a nenhuma delas pode faltar os meios necessários para pleitear e decidir os termos da sua adesão. Nenhuma das partes pode estar numa condição tal que seja obrigada a aceitar os termos*

*das outras, seja porque elas negociam com armas na mesa, seja porque ele sabe, assim como os outros, que se ele não aceitar os termos vai definhando de fome. Ou seja, não importa se as condições que o impedem de tomar parte de uma sociedade onde ele tenha de fato participação política e econômica sejam causadas por suas privações provocadas por ele mesmo, pela natureza ou até mesmo pelos demais, o fato é que esse contrato social não é justo ou injusto, ele é nulo.*

*Poderia então dizer que justa seria então a sociedade que garantisse a igualdade de direitos e deveres tanto como garantia de igualdade de poderes e autoridades sobre esse bem comum enquanto deveres, quanto a garantia de liberdades fundamentais equitativas como usufruto desses bens e direitos de fato. E que considerando que esse bem comum não deve ser consumido e extinto e sim preservado, esse usufruto deveria portanto se dar sobre o seu rendimento e não sobre o capital. Mas a preservação de tais termos e condição não são necessários apenas para haver uma sociedade mais justa, mas antes disso para haver de fato uma relação que possa se chamar propriamente de social, e sua formalização de qualquer coisa parecida com uma sociedade e não um mero território de condicionamento e domesticação de homens sobre homens.*

*O problema, ou um dos vários, é que a igualdade é uma mera abstração lógica, ao contrário da liberdade que além de também ser um construto mental também corresponde a fenômenos elementares da vida, forças, volições e condições correspondentes a meios vitais e ambientais. E portanto a*

***possibilidade de paz e justiça não derivam da ideia abstrata de igualdade absoluta, mas da preservação dessas propriedades e direitos naturais, e não de valores ou instituições imaginárias.***

***De modo que a justiça e paz derivam não da igualdade, mas da distribuição ampla e irrestrita de segurança e seguridade social, como garantia que toda e qualquer desigualdade não se constituirá como superioridade de forças e autoridades adquiridas justamente pela apropriação, controle e posse de bens comuns e logo privação ou concessão dos meios vitais mediante submissão às ordens ou execução de serviços. Ou em outras palavras, que todos possuirão ou posses e rendimentos suficientes para que ninguém dentro da sociedade esteja vulnerável a ser submetido contra sua vontade e dignidade a ninguém. A garantia que nenhuma riqueza será constituída como poder, ou mais precisamente que nenhum poder será constituído do empobrecimento e carestia do alheio.***

***Logo, considero uma sociedade justa aquela que se instaura sobre o pacto social de garantia de igualdade dessas liberdades fundamentais concretas como meios vitais e ambientais que permitem tanto a renúncia a violência como a participação de fato política e econômica na vida pública e social, tanto na forma de renda básica quanto democracia direta, formas complementares de garantia de liberdades fundamentais como participação e autoridade iguais sobre o bem comum; sem o subsidio da violência e como prevenção e proteção contra tais condições de vulnerabilidade que viabilizam o emprego de tais violências e violações: a privação dos recursos vitais. E consequente desigualdade de***

***poder e relações- constituída e mantida não só de tais privações, mas jamais sem o seu controle, regulação e condicionamento.***

***5. A renda Básica ajuda a alcançar essa sociedade justa? Por quê?***

***A renda básica não é a única forma de se constituir sociedades justas ou especificamente a sociedade justa acima descrita. Porém, em sociedades capitalizadas e monetizadas, onde a propriedade tanto particular quanto a pública compreende a totalidade dos bens comuns, e logo acesso aos meios vitais, essa é a única forma de garantir o equilíbrio não só justo mais sustentável desse sistemas socioeconômicos. Dado que a parcela corresponde a partilha do usufruto do bem comum só é possível através da garantia de dividendos sociais correspondentes pelo menos ao minimamente necessário a subsistência com dignidade e renuncia a violência. E sem a possibilidade a essa garantia de subsistência e liberdade o pacto social e estado de paz perdem sua razão de ser para aqueles que estão cada vez mais a margem dele.***

***Há também outras formas de construir sociedades mas elas não são nem justas, nem propriamente sociais, e na verdade nem sequer humanas, ao menos não para quem está a margem delas, é objeto e não o sujeito dessa arquitetura. É possível, por exemplo, encarcerar as populações que diante das opções possíveis fazem as escolhas erradas, isto é, ao invés de trabalhar ou mesmo matar e pilhar legalmente para quem tem a licença de fazê-lo, trabalhar, matar e roubar delas. Mas isso fora as objeções humanitárias, além de ser monstruoso é estúpido (o que é também redundante), dado que o custo com tal “solução” além de ser maior, e sempre***

*escalar na medida que a tendência de pessoas nascendo com um ainda mais delimitado de opções do que herdadas dos pais e sociedade só aumenta com esses presos, assim como os custos da sociedade.*

*Claro que poderíamos sair de um punitivismo e eugenismo menos brando e disfarçado, e matar e aplicar penas de mortes da forma o mais ampla possível. Porém mesmo que o custo do extermínio seja menor do que encarceramento, há um problema logístico grave: se matarmos todos os burros de carga quem vai puxar a carroça? Enquanto ela não andar sozinha, as máquinas do capitalismo e o nazifascismo embora continuem se amando, vão ter que adiar o tão sonhado casamento. Claro que é perfeitamente possível matar o índio e sequestrar o negro e ainda por cima lucrar com esse comercio de mão-de-obra. Mas esse lucro é feito não só as expensas da exploração dessas pessoas, mas externalizando os custos das suas consequências para a sociedade, custos que inevitavelmente terão que ser pagos, mas que vão sendo empurrados para o futuro, como dívidas e prejuízos que assumidos ou não, são de uma forma ou outra pagos pelas próximas gerações.*

*De modo que é perfeitamente possível manter sociedades injustas ou extremante injustas por longos períodos de tempo desde que os recursos disponíveis para manter a injustiça e repressão sejam abundantes. Porém eles inevitavelmente se extinguem pela própria natureza do consumo e exploração tanto dos recursos naturais quanto humanos, ou seja, pela mesma razão que as pessoas não tem para onde fugir, os impérios também não tem como se expandir, não há mais*

***territórios e pessoas a serem simplesmente colonizadas, ao menos não na Terra. De modo que entre alterar o padrão de exploração da natureza e dos outros vivos incluso seus semelhantes, a opção mais sensata é esse homem ir colonizar Marte.***

***Assim sendo o atual pacto social para não colapsar político e economicamente pela própria tensão social que produz tem somente duas opções para ir prorrogando seu acerto de contas e derradeiro final: continuar pilhando e explorando outros povos e terras indefinidamente e nos períodos de vacas magras reintroduzindo a segregação e exploração brutal e tirânica dentro do seio das suas classes sociais da sua própria população, voltando a cagar onde come como um senhor feudal medieval ou a classe governante do mundo subdesenvolvido. Ou então equilibrar minimante suas relações de domínio e poder.***

***Assim sendo, a mesma renda básica que representa a chance de viver com mais dignidade para quem não possui sequer essa liberdade numa sociedade mais justa, é para quem não precisa de uma, muito obrigado, uma forma de salvar uma sociedade injusta transformando em algo menos monstruoso e insustentável, antes que ele novamente decaia em outra barbárie, com suas guerras comerciais, econômicas e claro se eventualmente as de fato, armadas. Duas formas de preservar seu sistema de exploração e administração de privilégios e domínios do homem sobre homem com riscos e custos distintos, e a justiça continua a ser apenas uma peça de propaganda.***

***Seja portanto, constituindo um novo pacto social e modelo de Estado-Nações ou indo a guerra uns contra os outros para preservar os velhos, duas coisas são certas: não vai haver justiça com renda básica, mas por outro lado, muita gente que se mataria e morreria, ou simplesmente morreriam pela estúpida razão de não ter como simplesmente viver. Não ter um porquê suficiente capaz de nos mover para impedir que isso ocorra. Sinceramente não importo quais seriam esses porquês, se eles são justos ou injustos ou se precisam ser ou não. Desde que saímos da inércia e coloquemos um ponto final nisso qualquer sociedade é um bom começo para a justiça.***

***6. Qual a sua opinião sobre Renda Básica relacionada ao mercado de trabalho?***

***A renda básica é condição fundamental para que o mercado de trabalho seja, de fato, um mercado de trabalho e não um tráfico de trabalhadores assalariados. Ou mais precisamente, para que possamos fazer a distinção de quais mercados se valem honesta e legitimamente do trabalho voluntário de pessoas que vendem sua força produtiva, e quais utilizam ou mesmo promovem a criação e exploração de exércitos de mão-de-obra barata incapazes de se recusar a prestar os serviços que lhes são dispostos por falta de meios de subsistência ou de como pagar as contas e dívidas com o capital que os emprega.***

***7. O que uma Renda Básica pode significar para as pessoas atualmente trabalhando?***

***“Trabalhando” é um termo propositalmente genérico e vago, que engloba pessoas que tanto desfrutam de possibilidades de escolhas quanto as que estão submetidas a condições tão próximas a servidão, escravidão e reificação, tanto a***

*primitiva das bestas quanto a automata das máquinas que outras preferiram roubar, matar ou mendigar do que se submeter à eles. Um termo tão genérico quanto “pessoas”. Já que por “pessoas” tomamos a ideia de todos nós que somos iguais, quando na prática a absoluta maioria de nós não nos consideramos iguais uns aos outros, ainda que não confesse, e diferencie a categoria de pessoas não só o gene... gene, mas por classe que deriva essencialmente do emprego e função social, ou seja trabalho.*

*Particularmente, entendo trabalho como sinônimo de trabalho livre por oposição a trabalho servil ou obrigado. De modo que, o que muitas pessoas chamam de trabalho eu chamaria de escravidão moderna ou assalariada. Na exata medida em que essa pessoa é compelida não a trabalhar para se sustentar, porque todos precisamos, mas a trabalhar para outra pessoa para poder sobreviver sem recorrer a violência, fazendo não só o que ela não quer fazer, mas obedecendo ordens e praticando ações que jamais faria se não tivesse como se sustentar sem ter que necessariamente comer da mão de outra pessoa.*

*Assim como, particularmente, entendo renda básica como prática e não teoria. De modo que esta reposta depende tanto do que se refere como trabalho assim como do que se apresenta como renda básica a quem está trabalhando em que, se a renda básica como proposta discursiva ou ato e atuação concretizada. Não só o significado varia da tese a prática, mas as posições e oposições também, bem como a forma como as pessoas passam a fazer questão de deixar mais*

***claro exatamente o que essa outra renda básica significa para elas.***

***De modo que o seu significado da renda básica varia muito pouco perante as variantes das suas teses, mas entre a renda básica como proposta discursiva e prática como ato e atuação, isso muda completamente a visão não só de renda básica mas de mundo e relações sociais, não só de quem está recebendo, mas de quem está trabalhando para que ela aconteça.***

***É por isso que renda básica não se prega, se dá. Quem precisa dela sabe porque precisa e porque concorda, tudo que precisa é ser livre para receber. Assim como quem não concorda, não precisa, duvida ou sabe exatamente porque os outros que precisam não devem receber uma, também o é. O que a renda básica significa faz referência a coisas tão basilares e evidentes, que não só não faz o menor sentido a pretensão de transmissão simbólica do seu significado sem o ato, como seu significado do próprio discurso e da própria renda básica perde todo o sentido sem os atos que constitui de fato. E é preciso ser muito egocêntrico ou ter uma audiência cativa para crer que argumentos podem produzir significados que a própria sensibilidade empática da pessoa ou sua falta não é capaz.***

***8. Você pode me dar um exemplo?***

***Posso dar 4 exemplos bem práticos de experiências vividas e bem vivas do que a renda básica significou para três pessoas distintas que tive a oportunidade de conhecer.***

***Para um político, ela significou a ameaça de seu capital e curral eleitoral, o roubo da sua peça de demagogia. A chegada do que deveria permanecer como eterna promessa.***

***Para o empresário, seu significado se resumiu numa pergunta simples: quem vai limpar minha latrina?***

***Para uma moradora de Quatinga Velho, ao menos uma vez, quando todo o dinheiro havia acabado foi a única refeição que ela teve em sua mesa.***

***Por fim para quem trabalha 40 horas de trabalho, mais 10 a 20 h de transporte público que não se carrega nem animais. Não há maior riqueza do que seu pouco tempo livre, e portanto quando você vai até ele para falar de renda básica, isto soa como uma maldita pregação de testemunha de jeová aos domingos, um maluco pregando sobre mais tempo livre, para uma pessoa que não tem tempo livre para sonhar com tempo livre na sua única desgraçada hora que ele teria algum tempo livre para ficar em paz. Mais chato e patético que isso, só mesmo tentar convencer um faminto que um banquete é algo bom.***

***9. Adversários de um BI dizem que a realidade econômica não é questionada o suficiente com um BI, o que você acha dessa crítica?***

***Se esses oponentes tivessem se lembrando de ser realistas quando da invenção do capitalismo, socialismo ou mais recentemente do derivativos durante a crise de 2008, certamente teríamos outras realidades e sobretudo um pouco mais de noção sobre ela. O problema não é o que os oponentes***

*dizem, eles são oponentes e isso já diz tudo. O problema é engolir os pressupostos da sua oposição como se fossem qualquer coisa minimante próxima a uma crítica. Para haver crítica, há de haver honestidade intelectual ou inteligência. E ou uma ou outra coisa não estão presente quando se aborda a questão da experimentação econômica sobre o prisma de um realismo, que inexistente para um campo do conhecimento que é produto da indústria e artificialidade humana.*

*A administração da raridade ou rarificação dos recursos, o objeto da econômica embora tente se vender como se fosse uma ciência feita de leis tão universais quanto a gravitação newtoniana, não são. O princípio contábil que leva e explica uma população inteira a morte não é o mesmo tipo de princípio matemático que “leva” e explica porque uma maçã cai da árvore. E talvez por isso podemos calcular com razoável certeza onde vai dar quando chutamos uma pedra, mas não onde vai dar quando chutamos outra pessoa. De modo que guardo em geral, pelo parecer da economia política, mesmo a favorável a BI, o mesmo apreço que tenho pela medicina cirúrgica... do século XIX, quando operavam grávidas com os mesmos instrumentos que dissecavam cadáveres, e continuariam o fazendo até que se provasse o contrário. Ou em outras palavras um bom economista ou uma boa crítica econômica é aquele que reconhece que a economia como ciência apenas engatinha. E logo serve e reproduz como toda ciência principalmente antes de poder se chamar propriamente como tal preconceitos culturais e interesses que a sustentam tanto cultural quanto economicamente não só como base da sua visão de mundo, mas não raro como a mão que a alimenta.*

*A comparação com o saber médico, não é gratuita. Se estabelecem procederes não raro recorrendo a força de fato como realidade dada, sem nenhum outro teste ou experimentação que não a própria prática como experiência. Depois questiona-se e demanda-se a comprovação e validação de qualquer alternativa que não se enquadre nessas preconcepções. É portanto mais do que natural que a economia de renda básica seja colocada em dúvida e desqualifica por quem tem o papel, ou melhor, emprego de justamente não colocar em dúvida e sim validar sem questionamentos da precarização do trabalho ao sucateamento da seguridade social até os tóxicos ativos e derivativos financeiros que garantam a perpetuação do mão invisível que tão bem os alimenta como única realidade possível, não porque tenha sido exaustivamente estudada e testada e questionada como hipótese antes de ser provada como verdade absoluta, mas simplesmente porque foi imposta como critério de verdade para julgar com toda a força que a persuasão que só o poder de fato político-econômico pode fornecer como subsidio a um campo de saber e seus cães de guarda.*

*Eu por exemplo, considero que indústria militar, especialmente a nuclear é, não só economicamente muito mais irrealista como perigosamente destrutiva. No entanto, minha oposição é irrelevante. Porque não interessa o que eu penso ou quero sobre a indústria ou política armamentista, mas sim quem investe, tempo, dinheiro e trabalho (principalmente dos outros) para fabricá-las. E digo isto, porque, o mesmo vale para a BI. Exceto o que implica em obstrução ou sabotagem, não me interessa o que os opositores pensam ou intendam sobre a BI. Me preocupa sim, o que*

*pensam as pessoas que querem investir tempo, dinheiro e trabalho- o delas e não os dos outros. Fora desses propósitos, contra ou a favor, as críticas não fazem crescer nem cair cabelos. É filosobol. E filosobol não vai trazer uma renda básica para ninguém que careça. No máximo consegue atrapalhar por omissão ou perda de tempo precioso quem quer fazer, já que não tem como obstruir projetos e realizações, ao menos não os que não dependem da sua autoridade, autorização, trabalho ou dinheiro.*

**10. O que BI pode significar no debate sobre o feminismo?**

*Uma ferramenta a ser apropriada como instrumento de emancipação e diminuição da vulnerabilidade perante as relações de poder. Considerando que a maioria das relação de poder sobretudo as de pátrio-poder se sustenta na relação de posse e controle das pessoas através da ameaça e privação primitiva dos meios vitais e ambientais. Sociedades onde todas as pessoas possuem os meios vitais, não se podem extrair relação de poder e posse do outro a objeto de posse, emprego, uso e consumo com chantagem e escambo pela provisão da subsistência alienada. Uma pessoa que possui sem precisar vender seu trabalho, bens ou o que quer que seja para obter o sustento, não tem o poder para fazer o que quiser, mas tem a liberdade poder se negar a fazer o que outro lhe impõe.*

*Naturalmente que essa renda básica não pode ser portanto uma concessão governamental e obrigação cidadã, mas sim uma responsabilidade mútua ou cidadã e obrigação governal, ou do contrário as relações de desigualdade de autoridade permanecem e o Estado continua sendo o que é, o corpo*

***artificial que encarna o pátrio-poder a todos que estão historicamente desde sua gênese submetidos a ele, a começar pelas mulheres.***

***11. Por que o BI ajudaria a emancipar as mulheres?***

***Porque ela reduziria um dos instrumentos usados pelas pessoas que exploram outros seres humanos e os reduzem a objetos e mercadorias a serem usados e empregados como bem quiserem. A pobreza. Pobreza não só como carestia, mas como vulnerabilidade e insegurança sobre as possibilidades de subsistência independente da submissão específica a outra pessoa ou grupo de pessoas com mais posses e poderes.***

***Emancipação das relações de poder estabelecidas por ausência de recursos básicos para a sobrevivência. Uma condição que não afeta só as mulheres, mas afeta com maior incidência todos os grupos excluídos das oportunidades iguais de acumulação de capital.***

***12. Você poderia me dar um exemplo?***

***Uma mulher que é espancada por seu marido, mas que não o deixa porque manteve ela por toda a vida como sua escrava e empregada doméstica sob o terrorismo do “enquanto eu prover você vai fazer o que eu mandar”, poderia ter um leque mais amplo de opções do que enfiar uma faca no pescoço do canalha enquanto eles está dormindo. Fugir e procurar um emprego, provavelmente como empregada em troca do equivalente a casa e comida sem espancamento- correndo o risco de não conseguir encontrar. E tantas outras opções, todas que fogem da condição digna de alguém que não está submetida a uma condição por não ter uma condição material***

***nem psicológica de segurança de como se sustentar se abandonar a anterior.***

***13. Opositores dizem que a Renda Básica confirmaria os estereótipos sobre os papéis atuais de gênero, qual é sua opinião sobre essa afirmação?***

***Com toda a sinceridade do mundo, refleti muito sobre essa questão mas não consigo imaginar como alguém conseguiria fazer isso com uma renda básica. Entendo que entre a tese da universalidade da renda básica clássica e sua aplicação de fato exista uma infinita diferença. Mas a base da discriminação tácita inerente a esses modelos de renda básica estão em geral dirigidas a formação de públicos alvos não baseados em gênero, mas em agrupamentos populacionais, isto é, territórios ou nacionalidades que em última instância remetem a questões de raça, origem e classes sociais na medida que as populações tendem a distribuir urbanisticamente suas moradias colocando a margem ou em guetos as classes mais baixas, mas não compreendo como o desenho de um projeto aplicado de uma renda básica poderia discriminar as pessoas baseadas em gênero. Há desenhos de projetos sociais de transferência de renda dirigidas a núcleos familiares onde é a mulher a responsável pelo recebimento do dinheiro, como o bolsa família brasileiro. Neste caso entendo, a crítica, que ao mesmo tempo que busca ou parece empoderar a mulher garantindo que ela tenha prevalência no controle desse recebimento, ao mesmo tempo cria uma condição onde a mulher precisa estar dentro de um núcleo familiar para recebê-lo. Mas justamente por isso, por criar tais condições tácitas, entre outras que são explícitas inclusive não só como precondições de carestia, mas também como contrapartidas a serem cumpridas para poder receber o***

***recurso, que programas como o bolsa família não são programas de renda básica, a menos que por renda básica condicional ou incondicional. O que tira toda a força e distinção libertária do conceito. De qualquer forma, como se vê eu não consigo encontrar como um modelo genuíno de renda básica, incondicional, poderia se efetuar qualquer tipo de discriminação por gênero.***

***14. Quando alguém poderia receber uma BI na sua opinião?***

***Considero esse o maior erro de todos, na abordagem dos teoricistas da BI. A questão não é quando ou quem poderia receber uma renda básica. A questão é onde, quanto e para quantas pessoas nós podemos pagar uma renda básica com o que temos ou estamos dispostos a usar. E nós não como sujeito indeterminado, mas o eu e mais tanto quanto estiverem dispostos a se juntar nessa empreitada. A abordagem ética e teórica da renda básica aplicada é outra. Como o médico ou bombeiro, o agente social da renda básica não se pergunta quem deve atender, ou se questiona se deve ou não fazê-lo. Ele faz, e o faz com o recurso que tem para fazer ao alcance da sua ação e recursos. Ele não espera nem transfere a responsabilidade, ele a assume.***

***Em geral, nos atribuímos autocraticamente a jurisdição para advogar, e a prerrogativa de definir quem, quanto, onde, como e quanto seria o valor equivalente a subsistência do outro, discriminando e segregando quem poderia ou deveria receber, mesmo quando não temos não explicitamos ou sequer temos consciência dessas condições (e condicionalidades) tácitas e implícitas. Porém, ao mesmo tempo que chamamos para nós essa prerrogativa nos omitimos, comoda e***

*convenientemente de assumir toda responsabilidade no que se refere aos deveres necessários para tirar essas propostas de garantia de direitos do papel- isto quando não transferimos explicitamente na própria proposição as responsabilidades como obrigações para um outro sujeito indeterminado, pessoas física ou jurídica mais rica ou poderosa.*

*É de se supor que quem possua mais recursos, deva assumir a responsabilidade e não há pessoa jurídica com mais recursos do que o Estado. Porém, entre dever e fazer há um abismo de interesses e propósitos distintos, que voltando ao exemplo das profissões vocacionadas, se esses profissionais esperassem a boa vontade quem pode mais ou teria o dever de, pessoas morreriam sem atendimento e edificações queimariam até o chão, com todo mundo dentro, a espera dos outros que podem ou deveriam fazer mais. Ademais, pessoas e entidades estatais ou privadas não acumulam quantidades de recursos que detém distribuindo, mas justamente retendo.*

*Logo, a resposta de quem, quando, como, onde e quanto poderia-deveria receber é uma resposta que se torna extremamente simples quando se muda a abordagem da normatização da vida alheia, para a da solidarização com a vida do próximo. É uma questão muito simples de se resolver quando saímos da vontade de predeterminar o que deveria ser feito e passamos para a vontade de fazer o que podemos. Quem, como, quanto, quando, tudo isso deixa de ser preconcebido por variáveis arbitrárias e passa a ser regido por um único e simples princípio, que não é uma resposta, mas uma pergunta:*

*Quanto EU possuo de tempo livre e dinheiro que estou disposto a compartilhar com pessoas que estes recursos podem fazer a diferença e que estão dentro do meu alcance? Quanto desse capital estou disposto a compartilhar como renda? Onde ele pode ser significado como básico? E se divido, para quantos continuaria tendo literalmente a mesma mínima importância convertida em valor monetário, não para mim, mas para eles? Quem são eles? Isso não importa, não precisamos saber absolutamente nada sobre eles, exceto que elas existem. E isso é algo que interessa a elas nos contar, e não a nós saber, porque os recursos a serem divididos continuam sendo os mesmos.*

*Essas formulações e cálculos são produto desta outra predisposição. E não o inverso. É a metis produzindo a teckne, e não o inverso e perverso. De modo que nesta busca, nesta investigação empírica para realizar a renda básica como prática, o sujeito que é responsável pela arquitetura do projeto poderá vir a descobrir que há lugares e pessoas tão pobres e carentes que com dinheiro que gastamos as vezes em um dia, famílias vivem semanas. E que portanto ninguém, ou quase ninguém é tão pobre e impotente que seus poucos recursos não possam significar a concretização da liberdade de alguém que tenha ainda menos. Descobrirá que a abordagem de Amartya Sen de liberdade como capabilities, como “estar livre de” faz mais sentido do que poder, embora este jamais tenha advogado pela renda básica. Porque a carestia, a necessidade de estar livre de algumas privações é a liberdade real que sequer temos noção da sua importância e presença por não conseguir sequer imaginar como uma pessoa pode viver sem ela. E em certos sentido estamos certos. Não podem. Estão apenas tentando, apenas adiando uma*

***morte prematura do que propriamente vivendo ou desfrutando a vida.***

***Logo, a resposta não é quem poderia receber, porque não existe por definição, mas quanto você está disposto a dar. Com base nisto, é possível calcular onde e para quantas pessoas esse recurso disponível poderia se constituir uma renda básica não importando se é significativa ou se enquadra nas predefinições de que possui recursos e tempo suficiente para julgar isso, mas se importando e ouvindo (e muito) se ela é importante para essas pessoas.***

***Não são poucos os lugares do mundo onde o custo de vida são ínfimos, e são ínfimos e não raro justamente porque as pessoas não herdam nem possuem propriedades, portanto nenhum rendimento próprio garantido. De modo que definir a garantia do mínimo vital através da reserva do possível é fácil. Difícil é querer assumir a responsabilidade de fazê-lo. Transferir renda é fácil, difícil é não querer transferir essa responsabilidade. Encontrar quem queira e precise receber não falta, ou até mesmo quem queira forçar o outro a pagar, raro é encontrar quem queira pagar. Principalmente sem discriminar quem irá receber ainda que tácita e inconfessavelmente por não pertencer a sua sociedade, territorialidade ou nacionalidade, por não se enquadrar na identidade e concepções de seu semelhante.***

***Não é uma questão de vontade política ou de definição do “público-alvo”. Há uma completa inversão da mentalidade do predefinir e ditar quais são os direitos e deveres ao outro, para o ouvir quais são as necessidades e assumir as***

***responsabilidades de acordo com as possibilidades perante o semelhante — por mais diverso que ela seja. Uma prática que demanda não só toda uma nova teoria, mas todo um novo método de produção das teses dentro de outro paradigma ético e experimental das ciências humanas. Um paradigma onde o sujeito que projeta o saber não toma o outro como objeto reificado de estudo, emprego ou experimentação dos seus projetos e projeções, mas como o sujeito da produção tanto do seu próprio eu e mundo, quanto dessa pretensão do outro em conhecê-lo e saber. Uma outra mentalidade onde este saber não se predispõe a ditar e governar a vida dessas pessoas, mas de dispor a serviço da sua vontade livre e soberana — que mesmo que não existisse, ou não mais, deveria ser recriada, revitalizada e plenamente desenvolvida em todo NOSSO potencial humano.***

***15. Qual é a sua opinião sobre BI (como sendo dada individualmente a cada pessoa) relacionada à coesão social na sociedade?***

***A renda básica, como disse, é fundamental para a manutenção da paz social em sociedades que não tem mais como extrair seus ganhos da pilhagem de outras classes ou outros povos. Porém mais do que um outro estágio necessário a civilidade da humanidade. A distribuição de recursos básicos para que ninguém estupidamente morra, defínhe ou seja obrigado a submeter a ninguém dentro do território sob jurisdição dessa sociedade, seja ele um criminoso encarcerado, seja um trabalhador desempregado, ou a criança, filha de qualquer um deles é mais do que um elemento de aumento da coesão social e logo redução da tensão, é um elemento humanizador. Viver em sociedades comunistas ou capitalistas onde quem não trabalha não come,***

*ou trabalha mas não ganha o suficiente, comer é desumanizante. E efetuar esse compromisso que antes de ser social é humanitário, é fundamental na exata medida que a preservação do próprio sentido gregário e sentimento empático não são racionalizações, mas essência formadora do ethos da nossa condição humana como pessoas e espécie, não só inteligente mas consciente.*

**16. O que você acha do BI em relação à exclusão na sociedade?**

*Prevenção da exclusão. E meio de inclusão social da população na sociedade. Há um engano em pensar em toda a população como sociedade. A sociedade é formada pelos elementos que participam política e economicamente das tomadas de decisão. Ainda que alta sociedade tenha maior influência e subsidio das classes governamentais, e as classes sociais mais baixas estejam literalmente mais a margem, na periferia dos centros de poder politico-econômico. E isso se não por categorias e classes, mas por gradações dentro dessa arquitetura piramidal, a sociedade por definição não faz parte do governo, nem o povo, a população que está na base do sistema faz parte de um ou de outro. Seus direitos iguais existem no papel, mas na prática são outros. Em tese e cartas magnas são todos iguais, na prática ainda são a plebe, que quanto mais longe da alta sociedade, mais baixa, rude, ignorante é encarada e mantida de preferência longe dos olhos e a distância.*

*Direitos político-jurídicos são ficções de muito mal gosto a quem não desfruta dos meios socioeconômicos para efetivá-los. De fato, onde os direitos político-jurídicos não são efetivos como provisões de fato, como de garantia socioeconômicos,*

***restam dele apenas as obrigações como imposições e bens e serviços como meras concessões quando não, como compensações de uma pilhagem mal disfarçada de serviço público e social.***

***Sociedades que falam em garantia de vida e liberdade, e liberdade como direitos humanos, são como cidades e nações que escrevem em suas constituições que todos devem ter acesso a água e luz elétrica. E não constroem sistemas de distribuição nem de um nem outro. Na verdade falam de provisão de luz sem sequer ter inventado ou pelo menos reproduzido a invenção da lâmpada em escala das suas pretensões ou supostas pretensões.***

***Renda básica é isso. É inclusão social, num pacto social onde a proteção e provisão de uma rede de seguridade social, onde a garantia de direitos fundamentais como escolher livremente seu ofício de acordo com sua vocação não vem depois de velho, doente ou acidentado, mas durante o momento em que essas escolhas podem e devem ser feitas. Uma das características fundamentais nasceu e desfruta da proteção de uma sociedade ou pertence a plebe predestinada a sustentá-la. Como você escolhe seu trabalho e profissão? De acordo com as oportunidades ou conforme as necessidades? A resposta, mesmo onde a educação seja gratuita define a categoria da sua cidadania, e o grau de certeza, o próprio grau de segurança social quanto a ela.***

***Logo, pode-se dizer não só a que renda básica inclui um povo aparte de uma sociedade, ela inclui toda uma sociedade como parte de um verdadeiro contrato social e de um povo, não no***

***Direito de papel, mas no Direito de fato, enquanto realidade social.***

***17. Qual é a sua opinião sobre a ideia de que certas pessoas com um BI gastariam seu dinheiro de uma forma que não é socialmente aceita?***

***Considero absolutamente correta a suposição de tal possibilidade, e completamente descabida tal possibilidade como objeção a BI. As pessoas vão eventualmente gastar o dinheiro que recebem como estas ou aquelas pessoas não gostariam. E enquanto isso não constituir um crime- como por sinal poderia ser utilizado o dinheiro adquirido por qualquer meio- não é da conta delas o que outro faz ou vai fazer com seu dinheiro. O problema é que não pensamos na renda básica como rendimento de uma propriedade que pertence como parcela de um patrimônio que também pertence ao outro, mas como caridade, seja privada ou estatizada como assistência social. E não é. Até porque mesmo se fosse assistência social, e não é, ainda sim seria um direito. E não caridade.***

***O problema é as pessoas não pensam na renda básica como um direito da pessoa sobre o que é dela, mas ainda como um direito dela como membro da sociedade ou autoridade governamental sobre a pessoa. E não é. Até porque se fosse, uma vez instituída como tributo não seria restituição do que é devido, mas roubo subsidiado pelo Estado. E de fato, se a renda básica não fosse a parte do rendimento de todo patrimônio que corresponda a parcela de cada pessoa na participação sobre o bem comum, esteja ela distribuído como propriedade privada ou estatal, se esse tributo e renda redistribuída fosse além desses valores que constituem a***

***subsistência digna, seriam um roubo. Da mesma que é o roubo, a invasão de uma casa de outra pessoa, independente do fato que contribuímos socialmente com que essa propriedade exista simplesmente por renunciarmos a violência e vivermos em sociedade.***

***Detentores de propriedades e capitais já fizeram coisas absolutamente monstruosas e criminosas com a quantidades de capital que eles detém e ninguém, em momento algum, aventou a possibilidade de se eliminar a propriedade de todos eles ou a própria propriedade privada instaurando um controle público e social das posses privadas, ninguém exceto os comunistas (autoritários) é claro. De modo que o que A faz com o que é seu, não implica no direito de B sobre o que é dela.***

***Toda a sociedade, mesmo aquelas que se assentam sobre estados mínimos de proteção patrimonial, implicam em distribuição de custos e benefícios. De modo que aqueles que não tem nenhuma posse pagam tributos também para proteger as propriedades de quem tem posses, manter e circular bens e veículos que não andam nem transportam seus bens; mas mesmo assim, querendo ou não, arcam com os custos e manutenção e proteção daquilo que não possuem, por vezes proteção onde eles como expropriados são os principais suspeitos. Assim sendo, tirando quem viva numa caverna, não há quem de alguma forma participe da relação de custo-benefício da sociedade. O que varia é o custo e benefícios para cada pessoa na medida que, quanto mais inversamente proporcional é a contribuição dada em relação a capacidade e necessidade, mais injusta será a sociedade e maior a tensão e***

***risco de ruptura do tecido social especialmente em momentos de crise sistêmica político-econômica.***

***De modo que podemos dizer que uma pessoa que não possui nenhum rendimento de propriedade e fundos particulares, nem das propriedades e fundos públicos, está bancando custos de muitos benefícios, subsídios e serviços que não recebe, ou dos que recebe nem sabe quanto lhe custa não apenas em valor monetário que varia conforme o mercado, mas em tempo de vida trabalhando. É um contrato social de leão, que não é à toa que só se manteve até hoje como o subsidio do monopólio “legítimo” da violência e sem ninguém poder assiná-lo. Porque enquanto se socializa os custos, se privatiza os lucros. Ou seja a “sociedade” novamente está fazendo as perguntas erradas em relação ao povo. A pergunta não é o que elas vão fazer com o dinheiro se receberem uma renda básica. É o que a sociedade vai fazer para se proteger da sua plebe se o monopólio da violência não for suficiente para conter quem não tem mais como sustentar, nas costas, um Estado inchado e falido? Porque quem não tem pão come brioche e quem não tem pão nem brioche come aristocracias. Pois é um erro pensar que essas pessoas que mais carecem de uma renda básica pertence a uma sociedade, eles fazem parte do povo, que por definição não compõe nem a classe governamental nem sociais. Não é portanto uma questão do que este ou aquele faz com o seus dividendos sociais, seja como renda advinda do seu patrimônio privado, do público que também é absoluta e exclusivamente seu como parcela, enquanto o uso dessa posse ou rendimento não coloca em risco e agride nem priva os demais, o direito de intervenção da sociedade é exatamente o mesmo de qualquer outra propriedade da pessoa, nenhum.***

**18. Poderia me dar um exemplo?**

***Não. São infinitas as formas e vontades que uma pessoa pode querer fazer uso dos meios que possui para determinar sua vida, e logo infinitas as formas e vontades dos demais ao invés de cuidar da sua, se dedicar a vigiar a alheia. Mas como base nesse princípio, é possível dizer que uma das formas de uso da renda básica que permitiria a intervenção dos demais, seria justamente se a pessoas sozinha ou em associações com tantas quantas utilizasse esse renda justamente para controlar e vigiar a vida e usufruto de posses e rendimentos alheia.***

***A renda básica antes de ser uma prática libertária é uma ideia e ideal libertário que, se destituído de seu espírito e princípios, não são mais libertária e nem uma renda básica. E se assim o sucedesse, antes mesmo dela vir a se difundir, não precisaríamos mais de uma renda básica, mas de inventar outra prática para dar corpo e lugar a esse ideal.***

## ***O fim da experiência da renda básica na Finlândia***

***Não importa se é na vanguarda do futuro libertário, ou nas fronteiras da resistência do humanismo, a disposição do ativista da renda básica não muda, o que muda, ou não, é o mundo. E quando ele, o mundo, se move e não quando nós, revolucionários ou conservadores, querem.***

***A Finlândia foi o primeiro país da Europa a implementar a ideia de um rendimento básico universal, que consiste em pagar aos desempregados 560 euros por mês, sem quaisquer condições. A experiência, limitada a dois anos, abrange dois mil desempregados e vai ser abandonada pelo Governo.(...)***

***O projeto abrange desempregados com idades entre os 25 e os 58 anos e, portanto, não era universal.***

***Kela, a instituição de segurança social da Finlândia, ainda pediu ao Governo um prolongamento da experiência e um financiamento extra de 40 a 70 milhões de euros, mas o executivo recusou.***

***A experiência inovadora foi aplaudida internacionalmente, mas os políticos finlandeses mostraram grandes reservas em relação a este rendimento básico universal.***

***O projeto-piloto tinha como objetivo reduzir as burocracias, a pobreza e aumentar o emprego. Mas a medida foi contestada, com o argumento de que o rendimento mensal sem nenhuma obrigação desencoraja o esforço pessoal para procurar trabalho.***

***Com esta experiência, não se conseguiu ter uma noção clara se a perspetiva de vida das pessoas mudava com este rendimento básico universal, sobretudo depois de arranjarem emprego e ainda assim manterem os 560 euros mensais do projeto.***

***Os resultados desta experiência de rendimento social da Finlândia só vão ser publicados no início do próximo ano.***

***A Finlândia não só abandonou a experiência como aprovou uma reforma dos benefícios sociais. Um novo modelo que exige aos desempregados ter no mínimo 18 horas de trabalho ou formações em três meses. Se se registar incumprimentos, os beneficiários perdem os subsídios.(...) -Finlândia abandona experiência do rendimento básico universal***

***Um dos primeiros textos que escrevi no Medium em 2015 falava sobre Liberland, o projeto de micro-nação utópica e seu título era: “Liberland: A magnífica sensação de ver quando se está errado”:***

***(...) Parecem coisas fora de lugar. Liberland e Renda Básica. Não são. Se você leu minhas propostas para o Seastanding e renda básica para refugiados na Europa vai entender exatamente a relação de Repúblicas Libertárias, terra nullis, águas internacionais e até piratas e democracias diretas. Não, não estou falando coisas sem nexos, nem fora de lugar; todas elas estão interligadas por princípios e finalidades.***

***A renda básica é a utopia da humanidade por excelência, era quando tinha sentido pejorativo, agora o é mais ainda no sentido pleno da palavra tão bem definido por Oscar Wilde: “Um mapa do mundo que não incluía a utopia não é digno de se espiar, pois ignora o único território em que a humanidade sempre atraca, partindo em seguida, para uma terra ainda melhor”. E acreditem está é uma utopia que não me contentei em descobrir nos mapas, confesso que a vivi e luto por elas desde a época em que ainda era só moinho-de-ventos.***

***Renda básica e utopias são ideias tão profundamente intrincadas, que a primeira defesa de um mínimo vital que se conhece está no livro “Utopia” de Tomas Morus. Também não por acaso a primeira proposta como política de estado de uma renda básica foi feita por outro Thomas, Paine- o revolucionário das 2 revoluções: americana e francesa- olhando para a questão da terra exatamente pelo mesmo princípio lockeano do homestead no qual se funda tanto os EUA quanto Liberland. Aliás, a proposta da renda básica de Paine entregue a assembleia revolucionária francesa não é apenas o nó desta rede de conexões que estou demonstrando aqui, mas é ainda tão atual e pertinente a tudo que estamos vivendo no Brasil e no mundo até hoje que seu nome se já não diz tudo, diz muito: “Justiça Agrária”.***

***É sobre utopias, justiça agrária, terras de ninguém, pax romana e sobre o direito natural que escreverei aqui, olhando para as utopias como elas são: necessidades não meramente emergentes, mas [que] quando renegadas e ignoradas [levam] as desastrosas privações das necessidades vitais e emergenciais, não mais [só] dos povos invisíveis, mundos e classes inferiores, mas de toda a humanidade.(...)***

***Hoje a sensação, é a extrema oposta. É a terrível sensação de ver que estava certo, quando tudo o que se queria no fundo é o oposto, é estar errado. Mas não vou cair nessa crítica boba e fácil. Não nego, o que disse. Não acredito que o caminho seja o governamental, mas não tomo a decisão do governo da Finlândia, nem como uma sentença sobre o futuro renda básica cidadã, aquela efetivada diretamente pela sociedade a revelia da falta de vontade política sua contrariedade ou poder coercitivo. Nem sequer uma sentença sobre o futuro da***

***renda básica via governamental. Muito embora, esse futuro dependa de como irá se portar quem põe fé nesse caminho. Se irá perseverar, aprender com a queda e se levantar com ou sem ajuda e aprovação. Ou pelo contrario vai se resignar.***

***No meu inglês ruim, recomendei a época de forma persistente e inconveniente até que dei minha opinião a quem não queria, mas a dei mesmo assim, que quem quisesse de fato tirar a renda básica do papel, não esperasse ninguém e sim tomasse a iniciativa e fizesse suas próprias experiencias. Porém, com o cuidado de não repetir nossos erros do princípio. Que fizessem, mas não como teste para tentar mostrar ou convencer políticos ou ricos que não tem a menor vontade política nem interesse econômico, mas para atender nossos próprios anseios sociais, solidários e humanos, com os recursos que tivessem e para tantos que pudessem. Até porque nem todas as experiencias de mundo são testes, aqueles a que não chamam utopias ninguém faz piloto, impõe a força com realidade e que os insatisfeito que lutem para provar o contrario, que outro mundo ainda é possível, se conseguirem, é claro.***

***Continuo acreditando que esse é o caminho até porque é o único que tínhamos e temos e que nos mantém de pé mesmo sendo minúsculos depois de 10 anos. Porém em hipotese alguma duvido da fé de quem acredita e trabalha de verdade, sem demagogia como me pareceu o esforço dos responsáveis da Finlândia, aos quais digo me parece e não tenho absoluta certeza, apenas porque não tive o privilégio de os conhecer pessoalmente.***

*Minha consideração por eles é a mesma, de pé ou caídos, acertando ou errando eles tiveram a coragem de sair da comodidade do discurso, e correr o risco de falhar, tiveram o coragem de tentar o que pouca gente sequer está aberto para considerar. Não sei se significa alguma coisa para eles ou não, suponho que não. Mas não me importo com o que eles pensam de mim, o que importa é o que penso deles. E isso tem muito haver com o espírito incondicional da renda básica incondicional que não deve estar manifesto só no desenho técnico do projeto, mas nas estratégias da sua viabilização política e econômica. Não devemos condicionar nossas ações ao comportamento do outro. Porque quando falamos que não devemos condicionar o recebimento da renda básica ao comportamento do beneficiário, estamos dizendo que não devemos também condicionar nossas ações aos seus comportamentos. Um princípio universal válido e útil em muito planos, incluso no lido com a política, o governo e seus representantes.*

*Nunca fiz segredo da minha aversão, desconfiança e recusa radical em pactuar com a classe política-partidária ou instituições governamentais. Fora do Brasil, ou para quem não conhece o Brasil e sua política, isso soava com uma quase como paranóia ou radicalismo ideológico. O que hoje, como até as paredes sabem, não é paranóia nem ideologia, é mais que prudência é accountability. Suponho, e só suponho porque não coloco minha mão no fogo que em outros países não seja preciso chegar ou renunciar a tanto para manter sua honestidade não só ideológica, mas a ordinária mesmo. Porém, se como brasileiro dizer para qualquer cidadão de qualquer país mesmo dos desenvolvidos, pode confiar na sua classe política que ela quer o mesmo que você, eu de certo*

*estaria sendo político, mas não estaria sendo completamente honesto.*

*Acredito na boa fé e boa vontade de quem acredita nesse tipo de coisa. E sei por experiência própria que a qualquer momento pode vir alguém do nada e realizar aquilo que acreditamos ser impossível, simplesmente pelo fato de que não contaram para ele que não era. Por isso continuo, acreditando nas pessoas que de boa fé acreditam, e sempre dando o benefício da dúvida. Mas se me perguntarem no que acredito não posso dizer que é no caminho oposto o da livre iniciativa e sociedade, até porque se dissesse o contrário aí o demagogo e hipócrita seria eu porque pratico justamente o contrário.*

*Grande parte da ordem que reina na humanidade não é efeito do governo. Tem sua origem nos princípios da sociedade e na constituição natural do homem. Existia antes do governo e continuaria existindo se a formalidade do governo fosse abolida. A dependência mútua e o interesse recíproco de cada homem com respeito aos outros e que todas as partes de uma comunidade civilizada tem umas em relações às outras criam um grande encadeamento que a mantém unida. (...) O interesse comum regula suas preocupações e forma a sua lei, e as leis ordenadas pelo uso comum tem maior influencia do que as leis do governo. Em síntese, a sociedade executa por si mesma quase tudo o que é atribuído ao governo.*

*(...)Existe uma aptidão natural no homem, e mais ainda na sociedade porque esta abrange uma maior variedade e recursos para se ajustar a qualquer situação em que se encontre. No*

*momento em que o governo formal é abolido, a sociedade começa a atuar. Uma associação geral tem lugar, e o interesse comum produz a segurança comum.*

*A afirmação de que a abolição do governo formal signifique a dissolução da sociedade está tão longe da verdade pretendida quanto a de que o governo promova um impulso contrário, produzindo uma união ainda maior da sociedade. Toda aquela parte de sua organização que a sociedade havia confiado ao governo é outra vez a ela incumbida e age por seu intermédio. Quando os homens tanto por força do instinto natural quanto pelos benefícios recíprocos, se habituem a vida social e civilizada, na prática sempre há o bastante dos princípios dessa vida para ajudá-los enquanto realizam as transformações que julgam necessárias ou convenientes fazer em seus governos. Em suma, o homem é tão naturalmente uma criatura da sociedade que é quase impossível colocá-lo fora dela.*

*(...)É dos grandes e fundamentais princípios da sociedade e da civilização — do uso comum consentido universalmente e mútua e reciprocamente preservado, do incessante fluxo do interesse que passando através de um milhão de canais, fortalece a massa total de homens civilizados — é de todas as coisas, infinitamente mais que de qualquer coisa que possa fazer mesmo o melhor dos governos instituídos, que dependem a segurança e prosperidade do indivíduo e do todo.*

*Quanto mais perfeita for a civilização, menos necessitará de governo, porque regulará melhor seus próprios assuntos e governará melhor a si mesma; mas tão contrária à razão é a prática dos governos antigos que seus gastos crescem na*

*proporção em que deveriam diminuir. São apenas umas poucas leis gerais que a vida civilizada exige, e são leis de utilidade tão comum que, quer sejam impostas pelas formas de governo quer não, o efeito será quase o mesmo. Se examinarmos quais os princípios que primeiramente concentram os homens na sociedade e quais são posteriormente os motivos que regulam suas relações mútuas, descobriremos, quando chegarmos ao que é chamado governo, que quase todo o processo é realizado pelo funcionamento natural das partes umas sobre as outras.*

*Com relação a todas estas questões, o homem é uma criatura mais consistente do que ele mesmo sabe ou do que os governos desejariam que ele acreditasse. Todas as grandes leis da sociedade são leis da natureza. As do intercambio e do comercio, das relações entre indivíduos ou nações são leis de interesses mútuos e recíprocos. São seguidas e obedecidas porque agir assim é do interesse das partes, e não porque seus governos possam impor ou interpor alguma lei formal.”*

**Thomas Paine, os Direitos do Homem 1792.- *Thomas Paine versus Edmund Burke. O direitos dos vivos contra o direitos dos mortos***

*Nestas horas o melhor mesmo é voltar aos princípios e começar de novo. Sim, tentar outra vez. Eu sei. é brega pra caralho, mas que se foda o que eles pensam, se você for fazer o que eles pensam, pensar o que eles querem, daqui a pouco vamos estar querendo amarrar bandido em poste, queimando mendigo, desligando aparelho de criança doente que teima me não morrer porque custa caro, e claro fazendo uma guerra contra alguma nação porque ninguém é de ferro e a economia tem girar. E quando menos perceber vamos estar rezando a*

***cartilha de algum tirano laico ou religioso cuja vocação é plantar pobreza para exércitos de mão-de-obra. Para qual obra? Eis a chave do poder, não importa, a que eles mandarem fazer, porque manda quem pode e obedece quem não precisa pagar suas contas.***

***Ou talvez não seja nada disso... seja eu apenas projetando... como disse, isso na qualidade do eu penso e o que menos importa... Não importa se é na vanguarda do futuro libertário, ou nas fronteiras da resistência do humanismo, a disposição do ativista da renda básica não muda, o que muda, ou não é o mundo. E quando ele, o mundo, se move; e não quando nós, revolucionários ou conservadores, querem.***

## ***BBC: Os motivos por trás da Guerra dos Chimpanzés, a única registrada entre animais”***



***A única guerra civil documentada entre chimpanzés selvagens começou com um assassinato brutal.***

***Era janeiro de 1974, e um chimpanzé chamado Godi fazia sua refeição, sozinho, nos galhos de uma árvore no Parque Nacional de Gombe, na Tanzânia.***

***Mas Godi não reparou que, enquanto comia, oito macacos o rodearam. “Ele pulou da árvore e correu, mas eles o agarraram”, disse o primatologista britânico Richard Wrangham ao documentário da BBC The Demonic Ape (O Macaco Demoníaco, em tradução livre).***

***“Um deles conseguiu agarrar um de seus pés, outro lhe prendeu pela mão. Ele foi imobilizado e surrado. O ataque durou mais de cinco minutos e, quando o deixaram, ele mal conseguia se mover.”***

***Godi nunca mais foi visto.***

***O episódio é conhecido como o início do que a famosa primatologista britânica Jane Goodall chamou de “A Guerra dos 4 Anos”, o conflito que dividiu uma comunidade de chimpanzés em Gombe e desatou uma onda de assassinatos e violência que, desde então, nunca mais foi registrada.***

***No entanto, o motivo exato e a causa da divisão são um “eterno mistério”, disse Joseph Feldblum, professor de antropologia evolutiva da Universidade de Duke, nos Estados Unidos, em um comunicado da instituição.***

***No mês passado, Feldblum liderou um estudo publicado na revista científica American Journal of Physical Anthropology que revela a***

***história de “poder, ambição e ciúmes” que deu origem à guerra entre os primatas.(...)***

### ***Amigos e inimigos***

***No novo estudo, os pesquisadores analisaram as mudanças nas alianças entre 19 chimpanzés machos durante os sete anos anteriores à guerra.***

***Para isso, elaboraram mapas detalhados das redes sociais dos primatas, nas quais os machos eram considerados amigos se fossem vistos chegando juntos à estação de alimentação com maior frequência.***

***“Sua análise sugere que, durante os primeiros anos, entre 1967 e 1970, os machos do grupo original estavam misturados”, disse Duke.***

***Foi aí que a comunidade começou a se dividir: enquanto alguns passavam mais tempo no norte, outros estavam a maior parte do tempo no sul.***

***Em 1972, a socialização entre os machos já ocorria exclusivamente dentro das facções Kasakela ou Kahama.***

***Ao ver chegar os macacos do sul, os do norte “subiam nas árvores, havia muitos gritos e demonstrações de poder”, diz um novo estudo sobre o episódio***

***Ao se encontrarem, eles começavam a atirar galhos uns nos outros, a gritar ou fazer outras demonstrações de força.***

***“Escutávamos gritos do sul e dizíamos: ‘Os machos do sul estão vindo!’”, relembra Anne Pusey, professora de antropologia evolutiva da Universidade de Duke que esteve em Gombe com Goodall e é coautora do estudo atual.***

***“Nessa hora, todos os machos do norte subiam nas árvores e ouvíamos muitos gritos e demonstrações de poder.”***

### ***Três suspeitos***

***A partir do momento que ocorreu a divisão entre os grupos, os pesquisadores acreditam que o conflito surgiu por causa de “uma luta pelo poder entre três machos de alta categoria”: Humphrey, um macho alfa recém-coroadado pelo grupo do norte, e seus rivais do sul, Charlie e Hugh.***

***Violência entre três machos líderes afetou toda a rede de vínculos sociais, sem distinguir idade nem sexo***

***“Humphrey era grande e se sabia que ele atirava pedras, o que era assustador. Ele conseguia intimidar Charlie e Hugh separadamente, mas, quando estavam juntos, ele se mantinha fora do caminho”, diz Pussey no comunicado da universidade.***

***Durante quatro anos, o grupo de Humphrey destruiu o grupo do sul, e diversos machos “rebeldes” morreram ou desapareceram. O***

**maior dos grupos invadia sistematicamente o território alheio e, se encontrasse um chimpanzé rival, o atacava cruelmente e o deixava morrer em decorrência dos ferimentos.**

**De acordo com a pesquisa, a disponibilidade de fêmeas foi mais baixa do que o normal nesse período, o que provavelmente exacerbou a luta pelo domínio do território.**

**A violência, por sua vez, não se limitou a esses três machos rivais, mas afetou toda a rede de vínculos sociais dos primatas, sem distinguir idade nem sexo.(...) -Os motivos por trás da Guerra dos Chimpanzés, a única registrada entre animais**

**Os motivos por trás da Guerra dos Chimpanzés, a única registrada entre animais**

*A única guerra civil documentada entre chimpanzés selvagens começou com um assassinato brutal. Era janeiro de 1974, e...*

[www.bbc.com](http://www.bbc.com)

### **Guerra e Paz: Das suas causas e razões**

**(...) Todos os sistemas de produção e destruição aventados são explicados por razões econômicas, materiais. As guerras atuais são por petróleo. Como todas as guerras foram pelo controle dos territórios e suas recursos incluso os humanos. Impérios, do romano ao católico, passando pelos mercantis até os capitalistas atuais se ergueram e se mantiveram enquanto foram militar, econômica e ideologicamente capazes de expandir seus domínios, mantendo seu crescimento sustentável com a pilhagem escravidão**

*e domesticação das suas colônias. Evidentemente que de forma cada vez mais desenvolvidas e eficientes, não só na arte de matar, mas também na arte de domesticar por aculturação. Também, evidente que exploramos e travamos guerras, pelo domínio de recursos. Mas isso não responde porque buscamos insaciavelmente por mais domínios e recursos.*

*O materialismo diz porque fazemos, mas não nos diz o porquê o fazemos. É a busca da felicidade? Qual felicidade? Que satisfação de sentimentos, dores ou prazeres, sonhos ou confortos moveria o homem e o mundo para as direções que tomamos? O darwinismo e o seu filho o materialismo histórico reduziu a compreensão da vida a uma luta pela sobrevivência material. Assim como a sua evolução como o resultado da capacidade adaptação ao meio ambiente. Mas o que o homem fez para o bem e para o mal foi justamente o oposto: transformou o mundo de acordo com sua vontade e potencia.*

*Não é possível entender o espírito desse homem, nem muito menos dessa civilização “ocidental” decadente que querendo ou não fazemos parte, olhando apenas para a sua materialidade, para suas razões. E não para suas paixões. Sem entender essa vontade que antes de ser de poder é de potencia. Não é possível entender onde esse homem civilizado queria chegar, sem olhar e ouvir o ápice do seu espírito manifestos nas ditas artes e obras clássicas e humanistas de um lado, e simultaneamente suas conquistas colonias genocidas.(...)*

*Se as causas da guerra fossem econômicas e as motivações econômicas fossem a mera satisfações de necessidades ou sentimentos de bem-estar ou felicidade, seria de se supor que no*

***dia em que a Economia acabasse, no dia que a tecnologia findasse a escassez de recursos, se findariam todas as disputas e privações.***

***Se findariam?***

***Seria o estado original e primitivo dos homens, uma estado de guerra por recursos raros e escassos? Da pilhagem a acumulação? Teria passado o homem da condição ecológica para a econômica por adaptação e reprodução de hábitos adquiridos durante períodos de privação? Abandonaria esse homem essas cultura e costumes se chegasse por acaso a um paraíso na terra? Se pudesse viver como bem entendesse e tivesse o que quisesse sem precisar tomar nada de ninguém, deixaria de matar e explorar outros seres vivos ou seu semelhante?***

***Se acredita nisso, sinto muito, você é mais utopista do que eu, pois desconhece a sua própria natureza.***

***Mesmo que na gênese da humanidade a escassez tenha produzido esse homem, ou que um dia através da tecnologia ele possa dispensar a escravidão, a pilhagem e a guerra para sustentar seu ócio; mesmo que ele não precise mais sequer se alimentar ou dispor de um único ser vivo, seja ele animal ou vegetal, para prover seu sustento ou riqueza, ainda assim ele irá caçar e criar outros seres vivos apenas pelo prazer, por esporte -ao menos enquanto ele for o que é: homem. Vai tomar a força o que poderia ser consentido, vai impor dor a quem não pode resistir, e assistir ele agonizar até morrer, porque isso o faz sentir vivo; o faz esquecer da sua condição natural que não consegue aceitar, a mortalidade. E ainda que fosse etéreo, imortal e invulnerável,***

*enfim um deus entre mortais, não iria se satisfazer apenas existindo, mas brincando com a vida daqueles que riem e choram, sofrem e gozam porque são efêmeros.*

*Não. As razões econômicas e materiais apenas explicam as motivações das ações humanas. Não explicam suas razões de ser. Um mundo onde todos tivessem tudo o que querem e precisam igualmente seria absolutamente insuportável ao homem que busca mais do que ser só um homem. O homem não busca riqueza e poder para fazer algo. O homem busca riqueza e poder para ser mais do que um simples homem. Uma condição de senhor que não se realiza sem escravos. Um domínio que não se satisfaz sem dominados. Um sujeito que não existe sem objeto. Um desejo obsessivo que nunca se satisfaz, nem mesmo com a posse de tudo. É preciso mais, porque é o mais que se almeja. É preciso sempre uma nova alma a ser submetida, abatida e devorada para que ele possa satisfazer o seu desejo, que não é ter ou poder, e sim ser mais. A matéria é meio, a finalidade é um ideal: a superioridade. Supremacia, superioridade, grandeza. Eis os anseios relativos, impossíveis do homem realizar em si mesmo, mas tão somente através do outro. Anseio que não conseguem se realizar nem ser satisfeitos sem que se coloque alguém de joelhos em submissão como o espelho concreto da sua majestade.*

*É nisto que a economismo e materialismo jamais compreenderão as razões sequer da posse e poder quanto mais o logos e a pique dos poderosos e possesores. Posse e poder não são feitas de razão, mas de paixões. E suas razões econômicas e materiais são meras racionalizações, meios. Assim como as própria posse e poder também o são. Meios ideias e materiais de satisfazer essas taras que vai muito além do simples desejar ter ou poder, mas desejam o*

*ser estar; ser e estar acima de tudo e todos, algo que se consegue produz nem deter só possuindo mais que os outros, mas possuindo o outro, expropriado e desempoderado, vulnerável, carente, dependente, impotente, servil e submisso. Esse desse barro que esse senhor se faz todo poderoso.*

*Porém mesmo que esse homem conseguisse completar seus anseios de grandeza e superioridade pela completa domesticação alienação e privação dos outros homens, convencendo-os enfim que a inferioridade é natureza, ceder as vontades seu destino e obedecer suas ordens o seu próprio bem. Mesmo que atingir enfim estágio final da dominação cultural onde não precisasse mais da agressão, repressão, privação ou terror para conseguir tudo o que quer, ainda sim não se satisfaria sem praticar e assistir a violação agressão e carestia aos inferiorizados, porque impor deles e suas aflições seu poder e posse são inúteis como prazer e concretização da sua superioridade. De que ainda poder dispor das pessoas como bem quiser se não se dispõe de fato delas?*

*Não basta ter ou poder mais, não basta controlar o que os demais podem ou possuem, incluso suas vontades, não basta ter e poder dispor das pessoas como se bem entende, é preciso impor para satisfazer esse pathos, afirmar a superioridade. É preciso matar a alma, a volição que compete com a sua, reduzir o ser vivente a coleção de cabeças empalhadas como troféus no museu da memória da sua supremacia.(...)*

*Não é o respeito ao que é vivo e humano que seja maior, é o desejo de grandeza e superioridade que está diminuído pela impotência. Não é só o poder que corrompe. É a potencia que desumaniza E a potencias absolutas desumanizam completamente. Não há*

***portanto maior tolice do que acreditar que existam tomadas de decisão racionais. Ou que exista qualquer espécie de ser racional. A razão é só o nome que damos para o conjunto das operações lógico mentais que processam nossas paixões. Mesmo os argumentos e ações mais racionais também são produtos da paixão, a paixão pela razão, que se de fato movesse as paixões e não fosse como tudo movida por elas, produziria consciência e não meramente inteligência e desinteligências. Produziria um o ethos que seria uma força de vontade motriz e não um mera ideologia ou filtro condutor ou repressor desse pathos. Seria mais do que uma forma completamente distinta de ver e interpretar o mundo, seria uma completamente distinta de sentir e repensar o próprio sentimento e pensamento. Um pensar consciente, e não apenas senciente.***

***O credo na racionalidade é o mais irracional de todos os credos. Porque nos torna cego e crentes fieis de que exista um espécie, ou uma espécie de homem que é governado pela razão. E não por sua anima, suas vontades e paixões. É só mais uma racionalização dessa vontade de supremacia, dessa vontade de ser uma entidade dotada de uma centelha divina. Que tecnologia e garfos de prata fora, não vai além de um delírio, delírio de tribos de macacos territorialistas ancestrais.(...)***

***O economicismo enxerga que todo bem ou mal está no capitalismo, quando os sistemas socioeconômicos não produzem vontades nem potencias, mas no máximo desejos e meios de satisfaze-los, o que faz desses sistemas instrumento dessas vontades e não sua causa ou força geradora. Não. Nem a guerra, nem mesmo o racismo desaparecia se a administração da privação e escassez deixasse de prevalecer como visão, não desaparecia nem se a própria escassez***

*e privação fossem extintas, ou sua produção fosse abolida e criminalizada. Porque eles não são meros frutos de interesses econômicos, mas sim da própria vontade de supremacia, perversão da qual tanto os interesses mais egocentrados quanto os seus piores males são produtos- e cuja produção se mantém mesmo quando tais guerras e discriminação e segregação custam mais caro do que os ganhos materiais. Em outras palavras, não importas as perdas e custas, se preciso for para prevalecer e manter a supremacia será sacrificado, porque posses e poder são meios, o ser supremo em sua forma concreta ou transcendental a finalidade existência.*

*Há portanto um erro lógico de processamento da ordem dos fatores determinantes no economicismo. Supõe-se que os males presentes nas relações de poder, seja em tempos de paz disfarçada ou de guerra declarada, sejam efeitos colaterais da busca desenfreada por riqueza. Ou que o poder seja apenas um instrumento para obtenção de mais posses e recursos, quando não só posses e recursos, mas a própria desigualdade que eles representam como poder sobre os expropriados não é um efeito colateral do desprezo pelos demais, mas do ser total e absoluta pleno em superioridade por submissão e supressão do outro.*

*O fetiche não é sobre a mercadoria, mas sobre a pessoa. Não é na posse de coisas, mas a redução dos seres a coisa. É na redução da pessoa a condição bestial de objeto, a ser usado, possuído e consumido como carne sacrificial do sujeito, que o supremacista renega a sua condição de coisa animal projetada no outro e atinge o gozo da superioridade como ser dotado de vontade sobre-natural para desnaturar e governar artificialmente as coisas como um deus ex machina.*

*A economia assim como a política não passa como um tanque ou uma clava de outro instrumento a satisfação dos objetivos, desejos, e manias desse homem. E embora a cultura e os hábitos moldem reforcem e moldem sua psique, antes da primeira ação houve a primeira ideação. E a primeira ideação não foi a das busca dos meios, a vontade de ter ou poder mais, mas a de ser mais. Algo que não se realiza sem ter alguém em função como seu inferior.*

*Se num dado momento determinadas tribos humanas descobriram que das atividades econômicas a mais eficiente e barata era primeiro matar, pilhar, e depois escravizar e colonizar outras tribos. Antes disso dentro do próprio seio dessas tribos, já havia surgido a ideia que alguns indivíduos estavam natural ou divinamente pré-selecionados a prevalecer seja pela força bruta, pela inteligência, pela gene ou gênero a se impor e dispor de quem quer que estivesse mais vulneráveis.*

*Antes mesmos de racionalizar tal sentimento de superioridade como ideologia esse homem se apaixonou com toda libido por si mesmo e seu poder absoluto, adorou o poder da força de seu braço capaz de destruir toda a beleza e complexidade de uma vida humana com um único golpe. Ele não era capaz de criar vida, nem gestá-la, mas era capaz de destruí-la. E pela morte poderia se assenhorar da vida.*

*Nossa economia, nossa política, nossas cultura é produto desse homem que nasceu em algum momento da história da humanidade. E cujas tribos se espalharam e proliferam dizimando outros homens e estuprando mulheres. Esse é o grande ancestral da humanidade, o nosso grande patriarca. E não há povo que não tenha em seu DNA em sua gene o sangue desse homem caçador e*

***canibalizador de gentes ou das mulheres dos povos que foram genocidados ou etnocidados por esses conquistadores- O homem que se previu como rei-deus-patriarca , predestinado a disseminar e insemear sua monocultura por todos os lugares da terra. O homem que se sustenta e expande sua tribo colonizando outros homens.***

***E não me surpreenderia se esse primeiro homem tivesse dizimado todas as outras espécies de homens primitivos, como o fez depois quando já se considerava civilizado com as outras raças que considera inferiores. E com as quais jamais partilharia a mesa não importa quão farta, porque o lugar dos cães é no quintal servindo o mestre, e comendo as sobras, não na sala de jantar. Como o fez?(...)***

***Seu pertencimento não existe sem exclusão. Seu prazer não existe sem o sofrimento. Sua riqueza não existe sem a pobreza. Seu poder não existe sem a privação da liberdade. Sua condição é como um clube restrito, não é especial se todos podem estar nele. Não é sagrado, não é divino, não é humano, não é civilizado, é só um animal, um bárbaro, um nativo como outro qualquer. Não está no topo, não está no centro. Logo não há sucesso. Porque não basta ser bem sucedido, a esse homem, é preciso vencer. É preciso prevalecer. Não existe win-win. Win-win é empate. E empate não é vitória. É preciso haver perdedores. E enquanto esse dinossauro caminhar sobre a terra, há de haver fracassados, submetidos, há de haver presas e predadores, nessa vida reduzida a uma enorme cadeia alimentar onde ele é o topo.***

***Se o advento da exploração e colonização permitiu a esse homem supremacista predador e monocultivador adorador da sua***

***própria imagem e semelhança como divindade dominar e se espalhar sua gene e pisque por todo o mundo. Não será senão sem o advento de uma nova gênese para a humanidade, e uma nova psique que ela irá se libertar desse monstro que habita não o outro, mas a nós mesmos.***

***Se o advento do pensamento racional um dia humanizou um pouco mais a nossa condição animal e pretensões divinas teratológicas. Hoje ela é insuficiente para o levar adiante nossa evolução humana. É preciso mais do que a potência da inteligência para dar os próximos passos, é preciso consciência. Uma capacidade hoje ainda tão abstrata e tão empiricamente pobre em ato e compreensão quanto deve ter sido o advento da razão em direção a ciência quando o homem governado ainda era completamente por seus instintos e credos e preconceções mais primitivos. Um conceito tão vazio de sentido, e carente de método e práticas quanto a ciência no seu pré-advento como pensamento racional.(...) -Guerra e Paz: Das suas causas e razões***

## Guerra e Paz: Das suas causas e razões



**Batalha dos Guararapes Victor Meirelles**

Três grandes potências “ocidentais”, EUA, Reino Unido e França- antigos aliados da Segunda Guerra Mundial- bombardearam a Síria reascendendo com a Rússia a velha guerra fria. Há quem afirme que o risco de um novo conflito que escale para proporções mundiais nunca esteve tão alto desde então. Faz sentido. Mas há que se lembrar, ou consultar, para verificar que a guerra fria, também não começou nada fria. Estava mais para uma trégua estratégica entre inimigos que assim como se viram obrigados a se aliar estrategicamente contra um mesmo inimigo comum, também se viram obrigados a recuar e levantar muros até poder se recompor e rearmar para dar o desfecho a uma guerra que não terminou com um único império vencedor.

O empecilho (até agora) é que nesse processo, mais do que nas duas primeiras grandes guerras, o desenvolvimento da tecnologia de destruição em massa, superou em muito as ambições imperiais. A corrida armamentista que não era uma corrida para lugar nenhum, mas para cada bloco conseguir a supremacia militar capaz de impor seu domínio pela dissuasão- o que traduzindo quer dizer não só a ameaça de ataque, mas o ataque se tal supremacia é desafiada passou a não ter um fim, ou pelo menos não mais o fim que eles gostariam. De modo que conforme eles aumentavam parte a parte o poder de destruição, para prevalecer, o que ficava cada vez mais patente é que não haveria vencedores entre os que tivessem menos perda, o fator que define a vitória em uma guerra, mas simplesmente haveria perdas demais para sob qualquer ótica ou narrativa um vencedor.

O momento atual, ou pior a sua compreensão é portanto mais similar com os primeiros momentos da guerra fria, logo após o pós-guerra, quando a chance de voltar a pegar fogo era concreta, do que para o final quando a conclusão acima enunciada de destruição mútua era mais do que evidente. Porém, uma das maiores diferenças entre aquele primeiro

momento da velha guerra fria para atual, seja que o mundo saído recente de mais uma guerra, não via como as atuais gerações a possibilidade de mais outro confronto como o grande impossibilidade que as gerações que não enfrentaram a guerra (não em sua casa, ou com a constrição dos seus filhos) enxergam. Os povos saibam do que os Estados e estadistas eram capazes. Não haviam como negar os cadáveres estava diante dos seus olhos. Logo, sim o momento é mais perigoso, porque não só governantes, mas os povos perderam a memória e noção do perigo. Governantes acreditam que com novas tecnologias podem voltar aos seus jogos de guerra, sem correrem o risco de escalar até a destruição mútua total. Governados que eles não são estúpidos e irracionais para acreditar e brincar com isso. São?

É claro que são. Longos períodos de paz não são a regra. São a exceção na história da humanidade. E esse um dos maiores senão o maior deles.

É natural que hiperdimensionemos nosso tempo, e projetemos (e sonhemos) nosso período de vida como se fosse a eternidade. Mas estatisticamente a relativa paz paz entre os povos, — e coloca relativa nisto- está mais para um desvio do padrão histórico, do que para o fim da história, como gostariam os vencedores.

A história dos povos é a a história de suas guerras e revoluções. Não só porque os historiadores tenham o mesmo fetiche, ou tentem satisfazer o fetiche dos seus imperadores e impérios por grandeza e poder. Mas porque quase nunca a humanidade conseguiu se transformar sem conflito entre o velho e o novo, entre as novas forças que queriam ocupar mais espaços e dominar no seu tempo, e a as velhas que não queriam sair perder seu lugar.

Mas, mais do que isso, mais do que um choque de gerações, a guerra e pilhagem e a formação de tribos, clãs e territórios sempre foi desde o gêneses e a gênese de nossa espécie uma atividade tão natural a nós quanto usar ferramentas, falar ou plantar e colher. A paz mundial, o fim das guerras demandaria um novo homem, e não as tribos territorialistas de macacos falantes que ainda somos ao menos em comportamento e enquanto espécie. Tal mudança de hábitos requeria outra mentalidade, consciência. Evolução e não revolução. Mas ainda somos os mesmos e vivemos como os pais dos pais dos nossos pais, só que sem clavas ou espadas, mas com fuzis e bombas.

O fator mais significativo nesse período de paz, duradouro não foi o advento dos direitos humanos pelo humanismo, por mais que como um defensor do de ambos gostaria que fosse. Foi o advento das armas de destruição em massa. São elas que seguram a mão, dos adoradores da grandeza e supremacia das posses poder e violência. Logo apenas circunstancialmente. Um pequeno desequilíbrio, seja pela certeza da sua queda, ou a certeza que podem derrubar o outro sem cair, ainda que ao custo de milhares de vidas, a grandeza ainda fascina esse homem que se crê predestinado a grandiosidade.

Dizem os relatos históricos que o rei Luis alguma coisa da França ao ser apresentado a um protótipo da metralhadora abominou tal invenção capaz de matar tantos em tão pouco tempo. Deve ser verdadeiro, mas não por princípios de humanitário, nem de economia de vidas humanas de soldados nem próprios nem adversários, aos quais monarquias nunca foram afeitas, mas justamente por estragar o principal jogo dessas classes de nobres governantes, antes do advento do capitalismo.

Guerras antes da introdução das armas fogo e destruição em massa nasciam e morriam em todos os lugares junto com as estações do ano.

Vinham junto com ventos do verão para apenas hibernarem nos invernos. O mesmo inverno que derrotou junto com a morte de milhões nas terras russas, a expansão de dois impérios: o de Bonaparte e Hitler. Dois eventos de proporções gigantescas que formam o inconsciente que forma o inconsciente coletivo mitificado desse povo russo, que assim como o norte-americano e outrora o europeu se considera divinamente predestinado.

Guerras que parecem distantes no tempo e espaço das eternas províncias ao sul das Américas, mas que mudaram nossa história. Não é possível quanto mais tempo o Estado Novo de Vargas permaneceria de pé, ou o Brasil uma colônia de Portugal. Mas se Napoleão não tivesse marchado sobre Lisboa, e se a cobra não tivesse fumado cachimbo, jamais as cortes reais portuguesas teriam se instalado de mala e cuia na eterna corte brasileira, o Rio de Janeiro, e os portos brasileiros abertos aos ingleses, nem havido o arranjo de pai para filho que chamamos de independência do Brasil. Nem os velhos tenentistas agora brigadeiros e generais de Vargas teriam tomado as rédeas da “redemocratização” das suas mãos, se o ditador populista (ou popular, a gosto do freguês) não tivesse sido intimado a apoiar os “aliados”.

Há séculos o Brasil e a América Latina em geral deixou de ser palco de guerras as regulares de proporções mundiais, das então ditas potências. A última do Paraguai que resultou nada menos que a proclamação da nossa (sempre velha) república. Mas como bem recorda o articulista português, desde do princípio da nossa colonização, quando portugueses, espanhóis, franceses, e holandeses disputavam a posse das riquezas dessas terras d' além mar, não assistimos de perto o que é ser palco de uma disputa direta com tropas armadas ocupando in loco o solo nativo como teatro de operações:

*Se os historiadores aceitassem os argumentos da The Economist da BBC, há muito, pois, que a Terceira Guerra Mundial já aconteceu, tendo terminado em 1945 com as bombas atômicas sobre o Japão. Mas as duas publicações britânicas, se saíssem do contexto anglo-saxónico, poderiam ter recuado à passagem do século XVI para o XVII e encontrado outro conflito fortíssimo candidato a ser, realmente, a Primeira Guerra Mundial: a chamada Guerra Luso-Holandesa. Sim, leu bem. Portugueses e holandeses andaram à luta não por meio mundo, mas sim pelo mundo todo.*

*As datas que balizam o conflito são 1595–1663. Recém-independente da Espanha, a República das Províncias Unidas ataca o Império Português, então sob domínio dos Filipes. Primeiro é um saque ao Recife, depois outro a São Tomé, e de repente uma ofensiva global contra Brasil, Angola, Moçambique, Goa, Ceilão, Malaca, Macau e uma imensidão de ilhas das especiarias, a atual Indonésia. Mesmo quando Portugal restaura a independência, e tem de combater na Europa contra Espanha para a garantir, os holandeses persistem na ofensiva, que ao acabar mostra um resultado de quase empate. Portugal conseguiu reconquistar o nordeste brasileiro e Luanda, manteve Moçambique, Goa e Macau, mas perdeu o Ceilão (hoje Sri Lanka), Malaca e quase todas as ilhas das especiarias, com exceção de Timor, mesmo assim repartido com os holandeses, que contavam com o apoio das tribos da metade ocidental.*

*No Brasil, a maioria das tribos índias combateu por Portugal. Com tantos casamentos entre os católicos portugueses e as indígenas (algo que os calvinistas evitavam), foi, no fundo, uma vitória com ajuda dos nossos sogros, cunhados e primos. A batalha decisiva foi em 1649 a de Guararapes (ver pintura que está no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro) e cinco anos depois deste combate perto do Recife a rendição foi oficial, com os holandeses a deixar o Brasil para sempre.*

*Especule-se então agora, sabendo-se destas Guerra Luso-Holandesa e Guerra dos Sete Anos, que se vier aí alguma nova guerra mundial terá de ser a Quinta.*

Pode parecer pretensioso o argumento, mas a ideia de mundo, é em si mesma pretensiosa: o mundo todo sempre foi o mundo conhecido pelo homem de então e suas narrativas, assim como a vontade de poder sempre foi a de possuir tudo, todas as terras muito além do que o horizonte dos olhos podem perder. E muito antes do advento do mercantilismo e capitalismo, de Alexandre Magno, a Roma dos César até a dos Papas, o mundo sempre foi derrubado e reerguido por essa vontade de grandeza e eternidade, essa tentativa teratológica do homem em negar sua condição animal e mortal.

Prevalece hoje a análise economicista e materialista do mundo. E logo também das guerras. Mas essa visão passa longe de enxergar as causas e origens da exploração do homem pelo homem. De explicar o assassinato, a escravidão, os holocaustos, as tiranias, a fome e a miséria. Assim como passam longe de explicar porque reis-deuses ergueram pirâmides, ou se enterravam com suas tropas e riquezas, seja no Egito, seja na China. Nem muito menos porque povos inteiros se deixam enterrar ou se jogam em precipícios como manadas seguindo seus líderes. Não explicam seus custos nem as finalidades.

Todos os sistemas de produção e destruição adventados são explicados por razões econômicas, materiais. As guerras atuais são por petróleo. Como todas as guerras foram pelo controle dos territórios e seus recursos incluso os humanos. Impérios, do romano ao católico, passando pelos mercantis até os capitalistas atuais se ergueram e se mantiveram enquanto foram militar, econômica e ideologicamente capazes de expandir seus domínios, mantendo seu crescimento sustentável com a

pilhagem escravidão e domesticação das suas colônias. Evidentemente que de forma cada vez mais desenvolvidas e eficientes, não só na arte de matar, mas também na arte de domesticar por aculturação. Também, evidente que exploramos e travamos guerras, pelo domínio de recursos. Mas isso não responde porque buscamos insaciavelmente por mais domínios e recursos.

O materialismo diz porque fazemos, mas não nos diz o porquê o fazemos. É a busca da felicidade? Qual felicidade? Que satisfação de sentimentos, dores ou prazeres, sonhos ou confortos moveria o homem e o mundo para as direções que tomamos? O darwinismo e o seu filho o materialismo histórico reduziu a compreensão da vida a uma luta pela sobrevivência material. Assim como a sua evolução como o resultado da capacidade adaptação ao meio ambiente. Mas o que o homem fez para o bem e para o mal foi justamente o oposto: transformou o mundo de acordo com sua vontade e potencia.

Não é possível entender o espírito desse homem, nem muito menos dessa civilização “ocidental” decadente que querendo ou não fazemos parte, olhando apenas para a sua materialidade, para suas razões. E não para suas paixões. Sem entender essa vontade que antes de ser de poder é de potencia. Não é possível entender onde esse homem civilizado queria chegar, sem olhar e ouvir o ápice do seu espírito manifestos nas ditas artes e obras clássicas e humanistas de um lado, e simultaneamente suas conquistas colonias genocidas.

Sem entender essa vontade de encarnar e criar o divino em si mesmo como obra, senhor do destino, do tempo e espaço, tão grandiosa quanto insana, aterrorizante. Essa vontade que produziu os maiores gênios e obras e também os maiores monstros e crimes da humanidade. Porque

não é toa que antes de ser um estadista genocida, Hitler foi antes de tudo, e toda vida, um pintor frustrado.

Se as causas da guerra fossem econômicas e as motivações econômicas fossem a mera satisfações de necessidades ou sentimentos de bem-estar ou felicidade, seria de se supor que no dia em que a Economia acabasse, no dia que a tecnologia findasse a escassez de recursos, se findariam todas as disputas e privações.

Se findariam?

Seria o estado original e primitivo dos homens, uma estado de guerra por recursos raros e escassos? Da pilhagem a acumulação? Teria passado o homem da condição ecológica para a econômica por adaptação e reprodução de hábitos adquiridos durante períodos de privação? Abandonaria esse homem essas cultura e costumes se chegasse por acaso a um paraíso na terra? Se pudesse viver como bem entendesse e tivesse o que quisesse sem precisar tomar nada de ninguém, deixaria de matar e explorar outros seres vivos ou seu semelhante?

Se acredita nisso, sinto muito, você é mais utopista do que eu, pois desconhece a sua própria natureza.

Mesmo que na gênese da humanidade a escassez tenha produzido esse homem, ou que um dia através da tecnologia ele possa dispensar a escravidão, a pilhagem e a guerra para sustentar seu ócio; mesmo que ele não precise mais sequer se alimentar ou dispor de um único ser vivo, seja ele animal ou vegetal, para prover seu sustento ou riqueza, ainda assim ele irá caçar e criar outros seres vivos apenas pelo prazer, por esporte -ao menos enquanto ele for o que é: homem. Vai tomar a força o que poderia

ser consentido, vai impor dor a quem não pode resistir, e assistir ele agonizar até morrer, porque isso o faz sentir vivo; o faz esquecer da sua condição natural que não consegue aceitar, a mortalidade. E ainda que fosse etéreo, imortal e invulnerável, enfim um deus entre mortais, não iria se satisfazer apenas existindo, mas brincando com a vida daqueles que riem e choram, sofrem e gozam porque são efêmeros.

Não. As razões econômicas e materiais apenas explicam as motivações das ações humanas. Não explicam suas razões de ser. Um mundo onde todos tivessem tudo o que querem e precisam igualmente seria absolutamente insuportável ao homem que busca mais do que ser só um homem. O homem não busca riqueza e poder para fazer algo. O homem busca riqueza e poder para ser mais do que um simples homem. Uma condição de senhor que não se realiza sem escravos. Um domínio que não se satisfaz sem dominados. Um sujeito que não existe sem objeto. Um desejo obsessivo que nunca se satisfaz, nem mesmo com a posse de tudo. É preciso mais, porque é o mais que se almeja. É preciso sempre uma nova alma a ser submetida, abatida e devorada para que ele possa satisfazer o seu desejo, que não é ter ou poder, e sim ser mais. A matéria é meio, a finalidade é um ideal: a superioridade. Supremacia, superioridade, grandeza. Eis os anseios relativos, impossíveis do homem realizar em si mesmo, mas tão somente através do outro. Anseio que não conseguem se realizar nem ser satisfeitos sem que se coloque alguém de joelhos em submissão como o espelho concreto da sua majestade.

É nisto que a economismo e materialismo jamais compreenderão as razões sequer da posse e poder quanto mais o logos e a pique dos poderosos e possesores. Posse e poder não são feitas de razão, mas de paixões. E suas razões econômicas e materiais são meras racionalizações, meios. Assim como as própria posse e poder também o são. Meios ideias e materiais de satisfazer essas taras que vai muito além do simples desejar

ter ou poder, mas desejam o ser estar; ser e estar acima de tudo e todos, algo que se consegue produz nem deter só possuindo mais que os outros, mas possuindo o outro, expropriado e desempoderado, vulnerável, carente, dependente, impotente, servil e submisso. Esse desse barro que esse senhor se faz todo poderoso.

Porém mesmo que esse homem conseguisse completar seus anseios de grandeza e superioridade pela completa domesticação alienação e privação dos outros homens, convencendo-os enfim que a inferioridade é natureza, ceder as vontades seu destino e obedecer suas ordens o seu próprio bem. Mesmo que atingir enfim estágio final da dominação cultural onde não precisasse mais da agressão, repressão, privação ou terror para conseguir tudo o que quer, ainda sim não se satisfaria sem praticar e assistir a violação agressão e carestia aos inferiorizados, porque impor deles e suas aflições seu poder e posse são inúteis como prazer e concretização da sua superioridade. De que ainda poder dispor das pessoas como bem quiser se não se dispõe de fato delas?

Não basta ter ou poder mais, não basta controlar o que os demais podem ou possuem, incluso suas vontades, não basta ter e poder dispor das pessoas como se bem entende, é preciso impor para satisfazer esse pathos, afirmar a superioridade. É preciso matar a alma, a volição que compete com a sua, reduzir o ser vivente a coleção de cabeças empalhadas como troféus no museu da memória da sua supremacia.

Estudar a disposição de corpos de um navio negreiro, as câmaras de um campo de concentração, ou as fábricas da revolução indústria, é como entrar na casa de um açougueiro que colecionador de borboletas, que ao invés de abater e colecionar borboletas coleciona gentes. É adentrar na casa de um serial killer que tece e se veste com as peles das suas vítimas suas roupas íntimas. É entrar na arquitetura das camadas mais

subterrâneas da nossa inconsciência coletiva que tentamos desesperadamente renegar para nos sentir mais gente.

Não é o respeito ao que é vivo e humano que seja maior, é o desejo de grandeza e superioridade que está diminuído pela impotência. Não é só o poder que corrompe. É a potencia que desumaniza E a potencias absolutas desumanizam completamente. Não há portanto maior tolice do que acreditar que existam tomadas de decisão racionais. Ou que exista qualquer espécie de ser racional. A razão é só o nome que damos para o conjunto das operações lógico mentais que processam nossas paixões. Mesmo os argumentos e ações mais racionais também são produtos da paixão, a paixão pela razão, que se de fato movesse as paixões e não fosse como tudo movida por elas, produziria consciência e não meramente inteligência e desinteligências. Produziria um o ethos que seria uma força de vontade motriz e não um mera ideologia ou filtro condutor ou repressor desse pathos. Seria mais do que uma forma completamente distinta de ver e interpretar o mundo, seria uma completamente distinta de sentir e repensar o próprio sentimento e pensamento. Um pensar consciente, e não apenas senciente.

O credo na racionalidade é o mais irracional de todos os credos. Porque nos torna cego e crentes fieis de que exista um espécie, ou uma espécie de homem que é governado pela razão. E não por sua anima, suas vontades e paixões. É só mais uma racionalização dessa vontade de supremacia, dessa vontade de ser uma entidade dotada de uma centelha divina. Que tecnologia e garfos de prata fora, não vai além de um delírio, delírio de tribos de macacos territorialistas ancestrais.

Não fundo não queremos ser, nos contemos em acreditar e nos convencer que que somos. Não queremos adicar nem desses desejos e prazeres mais primitivos, nem muito menos trabalhar para constituir de fato qualquer

coisa humana ou solidariamente próxima desse ideal além da mera arrogância, pretensão e prepotência de divindade e poder total. No fundo, o deus para o qual ainda rezamos, a divindade que adoramos é ainda a mesma pela que sacrificamos crianças com medo do fogo que cairá dos céus. E não é a toa que nossos homens santos tenham sua preferência sexual por crianças, ou os exércitos por suas infantarias. Nossa noção de divino ainda é literalmente a crono-lógica, a invenção de potencias mundanas e transcendentais que tenta engana a evolução do tempo e morte se perpetuando no poder a devorar seus próprios filhos.

O economicismo enxerga que todo bem ou mal está no capitalismo, quando os sistemas socioeconômicos não produzem vontades nem potencias, mas no máximo desejos e meios de satisfaze-los, o que faz desses sistemas instrumento dessas vontades e não sua causa ou força geradora. Não. Nem a guerra, nem mesmo o racismo desaparecia se a administração da privação e escassez deixasse de prevalecer como visão, não desaparecia nem se a própria escassez e privação fossem extintas, ou sua produção fosse abolida e criminalizada. Porque eles não são meros frutos de interesses econômicos, mas sim da própria vontade de supremacia, perversão da qual tanto os interesses mais egocentrados quanto os seus piores males são produtos- e cuja produção se mantém mesmo quando tais guerras e discriminação e segregação custam mais caro do que os ganhos materiais. Em outras palavras, não importas as perdas e custas, se preciso for para prevalecer e manter a supremacia será sacrificado, porque posses e poder são meios, o ser supremo em sua forma concreta ou transcendental a finalidade existência.

Há portanto um erro lógico de processamento da ordem dos fatores determinantes no economicismo. Supõe-se que os males presentes nas relações de poder, seja em tempos de paz disfarçada ou de guerra declarada, sejam efeitos colaterais da busca desenfreada por riqueza. Ou

que o poder seja apenas um ferramente para obtenção de mais posses e recursos, quando não só posses e recursos, mas a própria desigualdade que eles representam como poder sobre os expropriados não é um efeito colateral do desprezo pelos demais, mas do ser total e absoluta pleno em superioridade por submissão e supressão do outro.

O fetiche não é sobre a mercadoria, mas sobre a pessoa. Não é na posse de coisas, mas a redução dos seres a coisa. É na redução da pessoa a condição bestial de objeto, a ser usado, possuído e consumido como carne sacrificial do sujeito, que o supremacista renega a sua condição de coisa animal projetada no outro e atinge o gozo da superioridade como ser dotado de vontade sobre-natural para desnaturar e governar artificialmente as coisas como um *deus ex machina*.

A economia assim como a política não passa como um tanque ou uma clava de outro instrumento a satisfação dos objetivos, desejos, e manias desse homem. E embora a cultura e os hábitos moldem reforcem e moldem sua psique, antes da primeira ação houve a primeira ideação. E a primeira ideação não foi a das busca dos meios, a vontade de ter ou poder mais, mas a de ser mais. Algo que não se realiza sem ter alguém em função como seu inferior.

Se num dado momento determinadas tribos humanas descobriram que das atividades econômicas a mais eficiente e barata era primeiro matar, pilhar, e depois escravizar e colonizar outras tribos. Antes disso dentro do próprio seio dessas tribos, já havia surgido a ideia que alguns indivíduos estavam natural ou divinamente pré-selecionados a prevalecer seja pela força bruta, pela inteligência, pela gene ou gênero a se impor e dispor de quem quer que estivesse mais vulneráveis.

Antes mesmos de racionalizar tal sentimento de superioridade como ideologia esse homem se apaixonou com toda libido por si mesmo e seu poder absoluto, adorou o poder da força de seu braço capaz de destruir toda a beleza e complexidade de uma vida humana com um único golpe. Ele não era capaz de criar vida, nem gestá-la, mas era capaz de destruí-la. E pela morte poderia se assenhorar da vida.

Nossa economia, nossa política, nossa cultura é produto desse homem que nasceu em algum momento da história da humanidade. E cujas tribos se espalharam e proliferam dizimando outros homens e estuprando mulheres. Esse é o grande ancestral da humanidade, o nosso grande patriarca. E não há povo que não tenha em seu DNA em sua gene o sangue desse homem caçador e canibalizador de gentes ou das mulheres dos povos que foram genocidados ou etnocidados por esses conquistadores- O homem que previu como rei-deus-patriarca , predestinado a disseminar e inseminar sua monocultura por todos os lugares da terra. O homem que se sustenta e expande sua tribo colonizando outros homens.

E não me surpreenderia se esse primeiro homem tivesse dizimado todas as outras espécies de homens primitivos, como o fez depois quando já se considerava civilizado com as outras raças que considera inferiores. E com as quais jamais partilharia a mesa não importa quão farta, porque o lugar dos cães é no quintal servindo o mestre, e comendo as sobras, não na sala de jantar. Como o fez?

Não há economia política, nem política econômica, não há guerra nem paz, que modifique a vontade desse homem, porque não é a vontade gregária de ser semelhante mas ser dissemelhante é o que lhe faz o que dá sentido ao que ele entende por ser um humano. A única paz possível não é pela igualdade entre os semelhantes, mas pelo extermínio dos desiguais

e diferentes. E mesmo assim seria apenas uma trégua, porque conforme sua prole desse patriarca se reproduzisse em novas tribos. Elas voltariam a se odiar explorar e matar como superiores e inferiores. Os pais aos filhos, e os primogênitos aos demais herdeiros.

Seu pertencimento não existe sem exclusão. Seu prazer não existe sem o sofrimento. Sua riqueza não existe sem a pobreza. Seu poder não existe sem a privação da liberdade. Sua condição é como um clube restrito, não é especial se todos podem estar nele. Não é sagrado, não é divino, não é humano, não é civilizado, é só um animal, um bárbaro, um nativo como outro qualquer. Não está no topo, não está no centro. Logo não há sucesso. Porque não basta ser bem sucedido, a esse homem, é preciso vencer. É preciso prevalecer. Não existe win-win. Win-win é empate. E empate não é vitória. É preciso haver perdedores. E enquanto esse dinossauro caminhar sobre a terra, há de haver fracassados, submetidos, há de haver presas e predadores, nessa vida reduzida a uma enorme cadeia alimentar onde ele é o topo.

Se o advento da exploração e colonização permitiu a esse homem supremacista predador e monocultivador adorador da sua própria imagem e semelhança como divindade dominar e se espalhar sua gene e pisque por todo o mundo. Não será senão sem o advento de uma nova gênese para a humanidade, e uma nova psique que ela irá se libertar desse monstro que habita não o outro, mas a nós mesmos.

Se o advento do pensamento racional um dia humanizou um pouco mais a nossa condição animal e pretensões divinas teratológicas. Hoje ela é insuficiente para o levar adiante nossa evolução humana. É preciso mais do que a potência da inteligência para dar os próximos passos, é preciso consciência. Uma capacidade hoje ainda tão abstrata e tão empiricamente pobre em ato e compreensão quanto deve ter sido o advento da razão em

direção a ciência quando o homem governado ainda era completamente por seus instintos e credos e concepções mais primitivos. Um conceito tão vazio de sentido, e carente de método e práticas quanto a ciência no seu pré-advento como pensamento racional.

Entretanto, não diferente de qualquer outra forma de pensamento com a capacidade de alterar a plasticidade não só conceitual, mas mental, a consciência pode ser adquirida, reforçada e ampliada em sua força e capacidade pela mais antigas das formas de autotransformação do homem. não do homem sobre o outro o homem, mas dele por si e em si mesmo: o hábito.

A disciplina que se impõe não como senhor ao escravo, ou do mestre ao discípulo, mas da pessoa como governo do sua vontade de vir ser sobre o que se é, deseja ou quer, não só como disposição mas como hábito, é a concretização dessa transformação. Não mais como produto da vontade e concepção alheia, ou dos acidentes e condições do mundo, mas da sua livre vontade como força de vontade capaz de persistir. Hábito. Parte integrante não mais do que queremos ser, mas do que de fato somos.

O hábito que faz o monge, o atleta, o soldado, o guerreiro, o trabalhador e o homem de fé, o fundamento da arte marcial, mas também do livre pensador e artista e ator, incluso humano e social. Porque da mesma forma que o rito e culto a guerra, violência e supremacia foi introduzido por costume e aculturação, podemos nos livrar dele, nos desculturalizar e desritualizar também por força do hábito de outros costumes fundados em instintos que apesar de tudo persistem ainda que apagados, como a empatia e solidariedade e responsabilidade.

Mas isso já seria literalmente outra história, de uma outra humanidade.

# Guerra e Paz: Das suas causas e razões



**Batalha dos Guararapes** Victor Meirelles

Três grandes potências “ocidentais”, EUA, Reino Unido e França- antigos aliados da Segunda Guerra Mundial- bombardearam a Síria reascendendo com a Rússia a velha guerra fria. Há quem afirme que o risco de um novo conflito que escale para proporções mundiais nunca esteve tão alto desde então. Faz sentido. Mas há que se lembrar, ou consultar, para verificar que a guerra fria, também não começou nada fria. Estava mais para uma trégua estratégica entre inimigos que

assim como se viram obrigados a se aliar estrategicamente contra um mesmo inimigo comum, também se viram obrigados a recuar e levantar muros até poder se recompor e rearmar para dar o desfecho a uma guerra que não terminou com um único império vencedor.

O empecilho (até agora) é que nesse processo, mais do que nas duas primeiras grandes guerras, o desenvolvimento da tecnologia de destruição em massa, superou em muito as ambições imperiais. A corrida armamentista que não era uma corrida para lugar nenhum, mas para cada bloco conseguir a supremacia militar capaz de impor seu domínio pela dissuasão- o que traduzindo quer dizer não só a ameaça de ataque, mas o ataque se tal supremacia é desafiada passou a não ter um fim, ou pelo menos não mais o fim que eles gostariam. De modo que conforme eles aumentavam parte a parte o poder de destruição, para prevalecer, o que ficava cada vez mais patente é que não haveria vencedores entre os que tivessem menos perda, o fator que define a vitória em uma guerra, mas simplesmente haveria perdas demais para sob qualquer ótica ou narrativa um vencedor.

O momento atual, ou pior a sua compreensão é portanto mais similar com os primeiros momentos da guerra fria, logo após o pós-guerra, quando a chance de voltar a pegar fogo era concreta, do que para o final quando a conclusão acima enunciada de destruição mútua era mais do que evidente. Porém, uma das maiores diferenças entre aquele primeiro momento da velha guerra fria para atual, seja que o mundo saído recente de mais uma guerra, não via como as atuais gerações a possibilidade de mais outro confronto como o grande impossibilidade que as gerações que não enfrentaram a guerra (não em sua casa, ou com a constrição dos seus filhos) enxergam. Os povos saibam do que os Estados e estadistas eram capazes. Não haviam como negar os cadáveres estava diante dos seus olhos. Logo, sim o momento é mais perigoso, porque não só governantes, mas os povos perderam a memória e noção do perigo. Governantes acreditam que com novas tecnologias podem voltar aos seus jogos de guerra, sem correrem o risco de escalar até a destruição mútua total. Governados que eles não são estúpidos e irracionais para acreditar e brincar com isso. São?

É claro que são. Longos períodos de paz não são a regra. São a exceção na história da humanidade. E esse um dos maiores senão o maior deles.

É natural que hiperdimensionemos nosso tempo, e projetemos (e sonhemos) nosso período de vida como se fosse a eternidade. Mas estatisticamente a relativa paz paz entre os povos, — e coloca relativa nisto- está mais para um desvio do padrão histórico, do que para o fim da história, como gostariam os vencedores.

A história dos povos é a a história de suas guerras e revoluções. Não só porque os historiadores tenham o mesmo fetiche, ou tentem satisfazer o fetiche dos seus imperadores e impérios por grandeza e poder. Mas porque quase nunca a humanidade conseguiu se transformar sem conflito entre o velho e o novo, entre as novas forças que queriam ocupar mais espaços e dominar no seu tempo, e a as velhas que não queriam sair perder seu lugar.

Mas, mais do que isso, mais do que um choque de gerações, a guerra e pilhagem e a formação de tribos, clãs e territórios sempre foi desde o gêneses e a gênese

de nossa espécie uma atividade tão natural a nós quanto usar ferramentas, falar ou plantar e colher. A paz mundial, o fim das guerras demandaria um novo homem, e não as tribos territorialistas de macacos falantes que ainda somos ao menos em comportamento e enquanto espécie. Tal mudança de hábitos requeria outra mentalidade, consciência. Evolução e não revolução. Mas ainda somos os mesmos e vivemos como os pais dos pais dos nossos pais, só que sem clavas ou espadas, mas com fuzis e bombas.

O fator mais significativo nesse período de paz, duradouro não foi o advento dos direitos humanos pelo humanismo, por mais que como um defensor do de ambos gostaria que fosse. Foi o advento das armas de destruição em massa. São elas que seguram a mão, dos adoradores da grandeza e supremacia das posses poder e violência. Logo apenas circunstancialmente. Um pequeno desequilíbrio, seja pela certeza da sua queda, ou a certeza que podem derrubar o outro sem cair, ainda que ao custo de milhares de vidas, a grandeza ainda fascina esse homem que se crê predestinado a grandiosidade.

Dizem os relatos históricos que o rei Luis alguma coisa da França ao ser apresentado a um protótipo da metralhadora abominou tal invenção capaz de matar tantos em tão pouco tempo. Deve ser verdadeiro, mas não por princípios de humanitário, nem de economia de vidas humanas de soldados nem próprios nem adversários, aos quais monarquias nunca foram afeitas, mas justamente por estragar o principal jogo dessas classes de nobres governantes, antes do advento do capitalismo.

Guerras antes da introdução das armas fogo e destruição em massa nasciam e morriam em todos os lugares junto com as estações do ano. Vinham junto com ventos do verão para apenas hibernarem nos invernos. O mesmo inverno que derrotou junto com a morte de milhões nas terras russas, a expansão de dois impérios: o de Bonaparte e Hitler. Dois eventos de proporções gigantescas que formam o inconsciente que forma o inconsciente coletivo mitificado desse povo russo, que assim como o norte-americano e outrora o europeu se considera divinamente predestinado.

Guerras que parecem distantes no tempo e espaço das eternas províncias ao sul das Américas, mas que mudaram nossa história. Não é possível quanto mais tempo o Estado Novo de Vargas permaneceria de pé, ou o Brasil uma colônia de Portugal. Mas se Napoleão não tivesse marchado sobre Lisboa, e se a cobra não tivesse fumado cachimbo, jamais as cortes reais portuguesas teriam se instalado de mala e cuia na eterna corte brasileira, o Rio de Janeiro, e os portos brasileiros abertos aos ingleses, nem havido o arranjo de pai para filho que chamamos de independência do Brasil. Nem os velhos tenentistas agora brigadeiros e generais de Vargas teriam tomado as rédeas da “redemocratização” das suas mãos, se o ditador populista (ou popular, a gosto do freguês) não tivesse sido intimado a apoiar os “aliados”.

Há séculos o Brasil e a América Latina em geral deixou de ser palco de guerras as regulares de proporções mundiais, das então ditas potências. A última do Paraguai que resultou nada menos que a proclamação da nossa (sempre velha) república. Mas como bem recorda o articulista português, desde do princípio da nossa colonização, quando portugueses, espanhóis,

franceses, e holandeses disputavam a possessão das riquezas dessas terra d' além mar, não assistimos de perto o que é ser palco de uma disputa direta com tropas armadas ocupando in loco o solo nativo como teatro de operações:

*Se os historiadores aceitassem os argumentos da The Economist da BBC, há muito, pois, que a Terceira Guerra Mundial já aconteceu, tendo terminado em 1945 com as bombas atômicas sobre o Japão. Mas as duas publicações britânicas, se saíssem do contexto anglo-saxónico, poderiam ter recuado à passagem do século XVI para o XVII e encontrado outro conflito fortíssimo candidato a ser, realmente, a Primeira Guerra Mundial: a chamada Guerra Luso-Holandesa. Sim, leu bem. Portugueses e holandeses andaram à luta não por meio mundo, mas sim pelo mundo todo.*

*As datas que balizam o conflito são 1595–1663. Recém-independente da Espanha, a República das Províncias Unidas ataca o Império Português, então sob domínio dos Filipes. Primeiro é um saque ao Recife, depois outro a São Tomé, e de repente uma ofensiva global contra Brasil, Angola, Moçambique, Goa, Ceilão, Malaca, Macau e uma*

*imensidão de ilhas das especiarias, a atual Indonésia. Mesmo quando Portugal restaura a independência, e tem de combater na Europa contra Espanha para a garantir, os holandeses persistem na ofensiva, que ao acabar mostra um resultado de quase empate. Portugal conseguiu reconquistar o nordeste brasileiro e Luanda, manteve Moçambique, Goa e Macau, mas perdeu o Ceilão (hoje Sri Lanka), Malaca e quase todas as ilhas das especiarias, com exceção de Timor, mesmo assim repartido com os holandeses, que contavam com o apoio das tribos da metade ocidental.*

*No Brasil, a maioria das tribos índias combateu por Portugal. Com tantos casamentos entre os católicos portugueses e as indígenas (algo que os calvinistas evitavam), foi, no fundo, uma vitória com ajuda dos nossos sogros, cunhados e primos. A batalha decisiva foi em 1649 a de Guararapes (ver pintura que está no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro) e cinco anos depois deste combate perto do Recife a rendição foi oficial, com os holandeses a deixar o Brasil para sempre.*

*Especule-se então agora, sabendo-se destas Guerra Luso-Holandesa e Guerra dos Sete Anos, que se vier aí alguma nova guerra mundial terá de ser a Quinta.*

Pode parecer pretensioso o argumento, mas a ideia de mundo, é em si mesma pretensiosa: o mundo todo sempre foi o mundo conhecido pelo homem de então e suas narrativas, assim como a vontade de poder sempre foi a de possuir tudo, todas as terras muito além do que o horizonte dos olhos podem perder. E muito antes do advento do mercantilismo e capitalismo, de Alexandre Magno, a Roma dos César até a dos Papas, o mundo sempre foi derrubado e reerguido por essa vontade de grandeza e eternidade, essa tentativa teratológica do homem em negar sua condição animal e mortal.

Prevalece hoje a análise economicista e materialista do mundo. E logo também das guerras. Mas essa visão passa longe de enxergar as causas e origens da exploração do homem pelo homem. De explicar o assassinato, a escravidão, os holocausto, as tiranias, a fome e a miséria. Assim como passam longe de explicar porque reis-deuses ergueram pirâmides, ou se

enterravam com suas tropas e riquezas, seja no Egito, seja na China. Nem muito menos porque povos inteiros se deixam enterrar ou se jogam em precipícios como manadas seguindo seus líderes. Não explicam seus custos nem as finalidades.

Todos os sistemas de produção e destruição adventados são explicados por razões econômicas, materiais. As guerras atuais são por petróleo. Como todas as guerras foram pelo controle dos territórios e suas recursos incluso os humanos. Impérios, do romano ao católico, passando pelos mercantis até os capitalistas atuais se ergueram e se mantiveram enquanto foram militar, econômica e ideologicamente capazes de expandir seus domínios, mantendo seu crescimento sustentável com a pilhagem escravidão e domesticação das suas colônias. Evidentemente que de forma cada vez mais desenvolvidas e eficientes, não só na arte de matar, mas também na arte de domesticar por aculturação. Também, evidente que exploramos e travamos guerras, pelo domínio de recursos. Mas isso não responde porque buscamos insaciavelmente por mais domínios e recursos.

O materialismo diz porque fazemos, mas não nos diz o porquê o fazemos. É a busca da felicidade? Qual felicidade? Que satisfação de sentimentos, dores ou prazeres, sonhos ou confortos moveria o homem e o mundo para as direções que tomamos? O darwinismo e o seu filho o materialismo histórico reduziu a compreensão da vida a uma luta pela sobrevivência material. Assim como a sua evolução como o resultado da capacidade adaptação ao meio ambiente. Mas o que o homem fez para o bem e para o mal foi justamente o oposto: transformou o mundo de acordo com sua vontade e potencia.

Não é possível entender o espírito desse homem, nem muito menos dessa civilização “ocidental” decadente que querendo ou não fazemos parte, olhando apenas para a sua materialidade, para suas razões. E não para suas paixões. Sem entender essa vontade que antes de ser de poder é de potencia. Não é possível entender onde esse homem civilizado queria chegar, sem olhar e ouvir o ápice do seu espírito manifestos nas ditas artes e obras clássicas e humanistas de um lado, e simultaneamente suas conquistas colonias genocidas.

Sem entender essa vontade de encarnar e criar o divino em si mesmo como obra, senhor do destino, do tempo e espaço, tão grandiosa quanto insana, aterrorizante. Essa vontade que produziu os maiores gênios e obras e também os maiores monstros e crimes da humanidade. Porque não é toa que antes de ser um estadista genocida, Hitler foi antes de tudo, e toda vida, um pintor frustrado.

Se as causas da guerra fossem econômicas e as motivações econômicas fossem a mera satisfações de necessidades ou sentimentos de bem-estar ou felicidade, seria de se supor que no dia em que a Economia acabasse, no dia que a tecnologia findasse a escassez de recursos, se findariam todas as disputas e privações.

Se findariam?

Seria o estado original e primitivo dos homens, uma estado de guerra por recursos raros e escassos? Da pilhagem a acumulação? Teria passado o homem da condição ecológica para a econômica por adaptação e reprodução de hábitos adquiridos durante períodos de

privação? Abandonaria esse homem essas cultura e costumes se chegasse por acaso a um paraíso na terra? Se pudesse viver como bem entendesse e tivesse o que quisesse sem precisar tomar nada de ninguém, deixaria de matar e explorar outros seres vivos ou seu semelhante?

Se acredita nisso, sinto muito, você é mais utopista do que eu, pois desconhece a sua própria natureza.

Mesmo que na gênese da humanidade a escassez tenha produzido esse homem, ou que um dia através da tecnologia ele possa dispensar a escravidão, a pilhagem e a guerra para sustentar seu ócio; mesmo que ele não precise mais sequer se alimentar ou dispor de um único ser vivo, seja ele animal ou vegetal, para prover seu sustento ou riqueza, ainda assim ele irá caçar e criar outros seres vivos apenas pelo prazer, por esporte -ao menos enquanto ele for o que é: homem. Vai tomar a força o que poderia ser consentido, vai impor dor a quem não pode resistir, e assistir ele agonizar até morrer, porque isso o faz sentir vivo; o faz esquecer da sua condição natural que não consegue aceitar, a mortalidade. E ainda que fosse etéreo, imortal e

invulnerável, enfim um deus entre mortais, não iria se satisfazer apenas existindo, mas brincando com a vida daqueles que riem e choram, sofrem e gozam porque são efêmeros.

Não. As razões econômicas e materiais apenas explicam as motivações das ações humanas. Não explicam suas razões de ser. Um mundo onde todos tivessem tudo o que querem e precisam igualmente seria absolutamente insuportável ao homem que busca mais do que ser só um homem. O homem não busca riqueza e poder para fazer algo. O homem busca riqueza e poder para ser mais do que um simples homem. Uma condição de senhor que não se realiza sem escravos. Um domínio que não se satisfaz sem dominados. Um sujeito que não existe sem objeto. Um desejo obsessivo que nunca se satisfaz, nem mesmo com a posse de tudo. É preciso mais, porque é o mais que se almeja. É preciso sempre uma nova alma a ser submetida, abatida e devorada para que ele possa satisfazer o seu desejo, que não é ter ou poder, e sim ser mais. A matéria é meio, a finalidade é um ideal: a superioridade. Supremacia, superioridade, grandeza. Eis os anseios relativos, impossíveis do homem realizar

em si mesmo, mas tão somente através do outro. Anseio que não conseguem se realizar nem ser satisfeitos sem que se coloque alguém de joelhos em submissão como o espelho concreto da sua majestade.

É nisto que a economismo e materialismo jamais compreenderão as razões sequer da posse e poder quanto mais o logos e a pique dos poderosos e possesores. Posse e poder não são feitas de razão, mas de paixões. E suas razões econômicas e materiais são meras racionalizações, meios. Assim como as própria posse e poder também o são. Meios ideias e materiais de satisfazer essas taras que vai muito além do simples desejar ter ou poder, mas desejam o ser estar; ser e estar acima de tudo e todos, algo que se consegue produz nem deter só possuindo mais que os outros, mas possuindo o outro, expropriado e desempoderado, vulnerável, carente, dependente, impotente, servil e submisso. Esse desse barro que esse senhor se faz todo poderoso.

Porém mesmo que esse homem conseguisse completar seus anseios de grandeza e superioridade pela completa domesticação alienação e privação dos outros

homens, convencendo-os enfim que a inferioridade é natureza, ceder as vontades seu destino e obedecer suas ordens o seu próprio bem. Mesmo que atingir enfim estágio final da dominação cultural onde não precisasse mais da agressão, repressão, privação ou terror para conseguir tudo o que quer, ainda sim não se satisfaria sem praticar e assistir a violação agressão e carestia aos inferiorizados, porque impor deles e suas aflições seu poder e posse são inúteis como prazer e concretização da sua superioridade. De que ainda poder dispor das pessoas como bem quiser se não se dispõe de fato delas?

Não basta ter ou poder mais, não basta controlar o que os demais podem ou possuem, incluso suas vontades, não basta ter e poder dispor das pessoas como se bem entende, é preciso impor para satisfazer esse pathos, afirmar a superioridade. É preciso matar a alma, a volição que compete com a sua, reduzir o ser vivente a coleção de cabeças empalhadas como troféus no museu da memória da sua supremacia.

Estudar a disposição de corpos de um navio negreiro, as câmaras de um campo de concentração, ou as

fábricas da revolução indústria, é como entrar na casa de um açougueiro que colecionador de borboletas, que ao invés de abater e colecionar borboletas coleciona gentes. É adentrar na casa de um serial killer que tece e se veste com as peles das suas vítimas suas roupas íntimas. É entrar na arquitetura das camadas mais subterrâneas da nossa inconsciência coletiva que tentamos desesperadamente renegar para nos sentir mais gente.

Não é o respeito ao que é vivo e humano que seja maior, é o desejo de grandeza e superioridade que está diminuído pela impotência. Não é só o poder que corrompe. É a potencia que desumaniza E a potencias absolutas desumanizam completamente. Não há portanto maior tolice do que acreditar que existam tomadas de decisão racionais. Ou que exista qualquer espécie de ser racional. A razão é só o nome que damos para o conjunto das operações lógico mentais que processam nossas paixões. Mesmo os argumentos e ações mais racionais também são produtos da paixão, a paixão pela razão, que se de fato movesse as paixões e não fosse como tudo movida por elas, produziria consciência e não meramente inteligência e

desinteligências. Produziria um o ethos que seria uma força de vontade motriz e não um mera ideologia ou filtro condutor ou repressor desse pathos. Seria mais do que uma forma completamente distinta de ver e interpretar o mundo, seria uma completamente distinta de sentir e repensar o próprio sentimento e pensamento. Um pensar consciente, e não apenas senciente.

O credo na racionalidade é o mais irracional de todos os credos. Porque nos torna cego e crentes fieis de que exista um espécie, ou uma espécie de homem que é governado pela razão. E não por sua alma, suas vontades e paixões. É só mais uma racionalização dessa vontade de supremacia, dessa vontade de ser uma entidade dotada de uma centelha divina. Que tecnologia e garfos de prata fora, não vai além de um delírio, delírio de tribos de macacos territorialistas ancestrais.

Não fundo não queremos ser, nos contemos em acreditar e nos convencer que que somos. Não queremos adicar nem desses desejos e prazeres mais primitivos, nem muito menos trabalhar para constituir

de fato qualquer coisa humana ou solidariamente próxima desse ideal além da mera arrogância, pretensão e prepotência de divindade e poder total. No fundo, o deus para o qual ainda rezamos, a divindade que adoramos é ainda a mesma pela que sacrificamos crianças com medo do fogo que cairá dos céus. E não é a toa que nossos homens santos tenham sua preferência sexual por crianças, ou os exércitos por suas infantarias. Nossa noção de divino ainda é literalmente a crono-lógica, a invenção de potencias mundanas e transcendentais que tenta engana a evolução do tempo e morte se perpetuando no poder a devorar seus próprios filhos.

O economicismo enxerga que todo bem ou mal está no capitalismo, quando os sistemas socioeconômicos não produzem vontades nem potencias, mas no máximo desejos e meios de satisfaze-los, o que faz desses sistemas instrumento dessas vontades e não sua causa ou força geradora. Não. Nem a guerra, nem mesmo o racismo desaparecia se a administração da privação e escassez deixasse de prevalecer como visão, não desaparecia nem se a própria escassez e privação fossem extintas, ou sua produção fosse abolida e

criminalizada. Porque eles não são meros frutos de interesses econômicos, mas sim da própria vontade de supremacia, perversão da qual tanto os interesses mais egocentrados quanto os seus piores males são produtos- e cuja produção se mantém mesmo quando tais guerras e discriminação e segregação custam mais caro do que os ganhos materiais. Em outras palavras, não importas as perdas e custas, se preciso for para prevalecer e manter a supremacia será sacrificado, porque posses e poder são meios, o ser supremo em sua forma concreta ou transcendental a finalidade existência.

Há portanto um erro lógico de processamento da ordem dos fatores determinantes no economicismo. Supõe-se que os males presentes nas relações de poder, seja em tempos de paz disfarçada ou de guerra declarada, sejam efeitos colaterais da busca desenfreada por riqueza. Ou que o poder seja apenas um instrumento para obtenção de mais posses e recursos, quando não só posses e recursos, mas a própria desigualdade que eles representam como poder sobre os expropriados não é um efeito colateral do desprezo pelos demais, mas do ser total e absoluta

pleno em superioridade por submissão e supressão do outro.

O fetiche não é sobre a mercadoria, mas sobre a pessoa. Não é na posse de coisas, mas a redução dos seres a coisa. É na redução da pessoa a condição bestial de objeto, a ser usado, possuído e consumido como carne sacrificial do sujeito, que o supremacista renega a sua condição de coisa animal projetada no outro e atinge o gozo da superioridade como ser dotado de vontade sobre-natural para desnaturar e governar artificialmente as coisas como um *deus ex machina*.

A economia assim como a política não passa como um tanque ou uma clava de outro instrumento a satisfação dos objetivos, desejos, e manias desse homem. E embora a cultura e os hábitos moldem reforcem e moldem sua psique, antes da primeira ação houve a primeira ideação. E a primeira ideação não foi a das busca dos meios, a vontade de ter ou poder mais, mas a de ser mais. Algo que não se realiza sem ter alguém em função como seu inferior.

Se num dado momento determinadas tribos humanas descobriram que das atividades econômicas a mais eficiente e barata era primeiro matar, pilhar, e depois escravizar e colonizar outras tribos. Antes disso dentro do próprio seio dessas tribos, já havia surgido a ideia que alguns indivíduos estavam natural ou divinamente pré-selecionados a prevalecer seja pela força bruta, pela inteligência, pela gene ou gênero a se impor e dispor de quem quer que estivesse mais vulneráveis.

Antes mesmos de racionalizar tal sentimento de superioridade como ideologia esse homem se apaixonou com toda libido por si mesmo e seu poder absoluto, adorou o poder da força de seu braço capaz de destruir toda a beleza e complexidade de uma vida humana com um único golpe. Ele não era capaz de criar vida, nem gestá-la, mas era capaz de destruí-la. E pela morte poderia se assenhorar da vida.

Nossa economia, nossa política, nossas cultura é produto desse homem que nasceu em algum momento da história da humanidade. E cujas tribos se espalharam e proliferam dizimando outros homens e estuprando mulheres. Esse é o grande ancestral da

humanidade, o nosso grande patriarca. E não há povo que não tenha em seu DNA em sua gene o sangue desse homem caçador e canibalizador de gentes ou das mulheres dos povos que foram genocidados ou etnocidados por esses conquistadores- O homem que previu como rei-deus-patriarca , predestinado a disseminar e inseminar sua monocultura por todos os lugares da terra. O homem que se sustenta e expande sua tribo colonizando outros homens.

E não me surpreenderia se esse primeiro homem tivesse dizimado todas as outras espécies de homens primitivos, como o fez depois quando já se considerava civilizado com as outras raças que considera inferiores. E com as quais jamais partilharia a mesa não importa quão farta, porque o lugar dos cães é no quintal servindo o mestre, e comendo as sobras, não na sala de jantar. Como o fez?

Não há economia política, nem política econômica, não há guerra nem paz, que modifique a vontade desse homem, porque não é a vontade gregária de ser semelhante mas ser dissemelhante é o que lhe faz o que dá sentido ao que ele entende por ser um humano. A

única paz possível não é pela igualdade entre os semelhantes, mas pelo extermínio dos desiguais e diferentes. E mesmo assim seria apenas uma trégua, porque conforme sua prole desse patriarca se reproduzisse em novas tribos. Elas voltariam a se odiar explorar e matar como superiores e inferiores. Os pais aos filhos, e os primogênitos aos demais herdeiros.

Seu pertencimento não existe sem exclusão. Seu prazer não existe sem o sofrimento. Sua riqueza não existe sem a pobreza. Seu poder não existe sem a privação da liberdade. Sua condição é como um clube restrito, não é especial se todos podem estar nele. Não é sagrado, não é divino, não é humano, não é civilizado, é só um animal, um bárbaro, um nativo como outro qualquer. Não está no topo, não está no centro. Logo não há sucesso. Porque não basta ser bem sucedido, a esse homem, é preciso vencer. É preciso prevalecer. Não existe win-win. Win-win é empate. E empate não é vitória. É preciso haver perdedores. E enquanto esse dinossauro caminhar sobre a terra, há de haver fracassados, submetidos, há de haver presas e predadores, nessa vida reduzida a uma enorme cadeia alimentar onde ele é o topo.

Se o advento da exploração e colonização permitiu a esse homem supremacista predador e monoculturador adorador da sua própria imagem e semelhança como divindade dominar e se espalhar sua gene e pisque por todo o mundo. Não será senão sem o advento de uma nova gênese para a humanidade, e uma nova psique que ela irá se libertar desse monstro que habita não o outro, mas a nós mesmos.

Se o advento do pensamento racional um dia humanizou um pouco mais a nossa condição animal e pretensões divinas teratológicas. Hoje ela é insuficiente para o levar adiante nossa evolução humana. É preciso mais do que a potência da inteligência para dar os próximos passos, é preciso consciência. Uma capacidade hoje ainda tão abstrata e tão empiricamente pobre em ato e compreensão quanto deve ter sido o advento da razão em direção a ciência quando o homem governado ainda era completamente por seus instintos e credos e preconceções mais primitivos. Um conceito tão vazio de sentido, e carente de método e práticas quanto a ciência no seu pré-advento como pensamento racional.

Entretanto, não diferente de qualquer outra forma de pensamento com a capacidade de alterar a plasticidade não só conceitual, mas mental, a consciência pode ser adquirida, reforçada e ampliada em sua força e capacidade pela mais antigas das formas de autotransformação do homem. não do homem sobre o outro o homem, mas dele por si e em si mesmo: o hábito.

A disciplina que se impõe não como senhor ao escravo, ou do mestre ao discípulo, mas da pessoa como governo do sua vontade de vir ser sobre o que se é, deseja ou quer, não só como disposição mas como hábito, é a concretização dessa transformação. Não mais como produto da vontade e concepção alheia, ou dos acidentes e condições do mundo, mas da sua livre vontade como força de vontade capaz de persistir. Hábito. Parte integrante não mais do que queremos ser, mas do que de fato somos.

O hábito que faz o monge, o atleta, o soldado, o guerreiro, o trabalhador e o homem de fé, o fundamento da arte arte marcial, mas também do livre pensador e artista e ator, incluso humano e social.

Porque da mesma forma que o rito e culto a guerra, violência e supremacia foi introduzido por costume e aculturação, podemos nos livrar dele, nos desculturalizar e desritualizar também por força do hábito de outros costumes fundados em instintos que apesar de tudo persistem ainda que apagados, como a empatia e solidariedade e responsabilidade.

Mas isso já seria literalmente outra história, de uma outra humanidade.

## Síria: O som do silêncio e a “Guerra dos Outros”

E outros textos...

### Francisco Seixas Da Costa: A guerra dos outros

*Anteontem, ao final do dia, alguém me dizia: “Vamos ver se já há imagens do ataque à Síria”, que se presumia para essa noite. Mas a pessoa ia fazer “zapping”, para ver o resumo alargado do Real-Juve. É impressionante o modo quase indiferente como o nosso Mundo olha, nos dias de hoje, para o risco real de guerra que se perfila no Médio Oriente.*

*Leem-se as notícias, as bravatas twitadas pelo presidente americano e tudo nos parece uma realidade quase virtual, que nunca nos afetará. Ouviu-se*

*Putin anunciar, com deslumbre tecnológico, um mar de armas “inteligentes” e ficou-nos a sensação de estar a ver um documentário de conquistas científicas.*

*As gerações europeias que aí estão perderam, por completo, a memória da guerra e, por isso, nem sequer a imaginam plausível. A guerra, para os europeus contemporâneos, é sempre a guerra dos outros. O mais próximo que a sentiram, foi nos Balcãs ou no leste da Ucrânia. Banalizaram, pela televisão, os mortos alheios no Iraque ou no Afeganistão, a tragédia síria, o caos líbio. E, por terem visto os Estados Unidos e a Rússia a lançar mísseis à distância, e a enviar drones para proceder a “extrajudicial killings”, acham que tudo se passará sempre com essa “limpeza” estratégica. E, claro, com as vítimas de que nunca conhecerão os nomes.*

*E, no entanto, de há muito que uma guerra não estava tão próxima. Não sabemos que tipo de guerra, não sabemos mesmo se haverá alguma, e, se houver, o que ela poderá vir a ser. Pensamo-la sempre limitada, distante de nós, como se houvesse um escudo protetor que dela nos afastasse. E, inconscientemente, excluímos um conflito nuclear, pensamos que a dissuasão o afasta do cenário de hipóteses. Damos por adquirido que o poder militar limite está sempre em mãos responsáveis.*

*Ora, no caso americano, a guerra ou a sua ausência estão nas mãos de um megalómano desequilibrado, cada vez mais rodeado de belicistas. No terreno russo, num autocrata que tem menos fatores de controlo do que tinham os dirigentes soviéticos ao tempo da Guerra Fria. Em seu torno, para além de um assassino sanguinário que, na Síria, segue as passadas criminosas do pai, encontramos hoje um líder turco com ambições desmedidas e incontroladas e aquele que é, talvez, o mais radical dirigente na história de Israel. A isso se soma a tensão extremada entre o Irão e a Arábia Saudita.*

*O Mundo está perigoso. Com sorte, a guerra não virá. Sem ela, poderá surgir. Com grande azar, poderá envolver-nos. Em qualquer caso, não a vemos chegar.- Fonte: **Jornal de Notícias***

O texto do embaixador português é sobre as gerações europeias atuais, mas cai como luva para as brasileiras... exceto por um pequeno detalhe, enquanto Portugal contribui com um secretário das Nações Unidas lúcido a denunciar e pedir pacificação, na medida do possível de uma ONU completamente desinstrumentalização para conter a escalada de conflitos entre as potências bélicas, o Brasil contribui nesse momento onde a diplomacia se faz mais necessária que sempre, enviando os mais capacitados e ilibados servidores públicos que só a política é capaz de produzir e nomear:

#### **Michel e amigos em Lisboa, Paris e Roma em 2019 | Helena Chagas-Os Divergentes**

[Apesar de todos os esforços do Planalto, o avanço das investigações sobre Michel Temer e seu grupo expõe a...](#)

[osdivergentes.com.br](http://osdivergentes.com.br)

Quem é que precisa se asilar numa embaixada gringa quando tem a caneta na mão para se refugiar no foro privilegiado das suas próprias? Pois é.

Esse é o nível de contribuição que o Brasil tem a dar ao mundo em matéria de diplomacia resoluções pacífica de conflito. Não vou dizer que é a pior do mundo, mas sem sombra de dúvida figurará entre as mais pusilânimes.

Para quem teve um dia Rui Barbosa é um puta evolução ter um Moreira Franco no corpo diplomático... Ainda bem que o título de doutor quando é médico não garante nenhum privilégio jurídico (fora cela especial) ou teríamos a classe política se nomeando para cargo de médico cirurgião com bisturi na mão, como se já não bastasse ter a caneta.

E eis que voltamos para maior insanidade do mundo. Não damos sequer uma ou um centavo para um estranho, mas se ele virar uma autoridade terá a sua disposição trilhões em orçamento e armas para numa canetada fazer o que ninguém nem como cidadão nem sociedade tem condição de impedir, a guerra. Como bem coloca o embaixador partimos da pressuposição que não passa de lenda e propaganda que os agentes políticos e econômicos tendem a tomar decisões racionais. Não tendem, não necessariamente. Como qualquer ser humano são movidos por seus interesses e vontades, muitas inconfessáveis. E usam as razão mais para racionalizar, justificar e enrustir suas verdadeiras motivações do que para governar seus desejos. Por sinal características do habito de monges e não de governantes. Não governamos a nós mesmos, e governantes menos ainda embora fantasiemos o contrário mais pela ilusão de conforto do que por certeza de segurança.

Criamos cargos e entidades que corporifiquem e encorporem essa carestia de responsabilidade como liderança. Engendramos uma máquina estatal para frear nossa responsabilidade e impor nossas responsabilidades sociais, mas sendo a máquina feita de gente e alimentada com gentes padece o corpo dos mesmos males das células sociais, porém potencializados e hiperdimensionados.

Nem o maior déspota genocida que sonhou em imperar sobre todo o mundo conhecido da antiguidade imaginou possuir um milésimo do poder sobretudo o poder bélico de destruição em massa que possuem

hoje até os menores tiranetes que dirá então os candidatos os novos guardiões da pax romana.

Se os bancos eram grandes demais na crise de 2008 para falir. Os Estados-Nações são ainda maiores para serem detidos em sua escalada armamentista e belicista que inevitavelmente como todo negócio uma hora precisa escoar sua produção. As nações que não são os Estados e seus governantes, mas seus povos e sociedades estão impotentes frente a desigualdade de poderes e força de fato, e tudo o que podem fazer é esperar que os governantes sejam razoáveis e ajam racionalmente. Esperança sabidamente vã. Porque se há alguma racionalidade que os guia não é a humanitária, mas a economicista. Que poucas razões possuem no que concerne a humanidade. Por definição são negócios, e negócios possuem interesses e não razões nem sociais nem muito menos humanitárias.

Há questão quem vigia os vigilantes? sempre permaneceu atual, mas nunca foi tão emergencial. A ONU? Ora a ONU estava fadada a terminar na condição que hoje se encontra, completamente impotente perante as potências que formam o conselho de segurança para bloquear-se mutuamente, por uma simples razão: nunca foi uma organização de povos e nações, mas de governos e Estados e deveria se chamar Organização dos Estados Desunidos, porque é isso que vai sobrando dela quanto mais se revela o seu caráter meramente representativo conforme o relógio se aproxima da meia noite.

Esse é que nossa crendice no mito do estadismo, no mito de que um bando de governantes que cabe numa sala pode o destino de bilhões. Um passo em falso, um erro de cálculo no seus sistemas de dissuasão por ameaças armadas, inclusive cumpridas, uma reação desproporcional e a escalada para um conflito de abrangência mundial entra no ponto de não

retorno. Por sinal, o teatro de operações já está preparado, provando o uso irracional da razão. Pois embora sabendo que no atual estágio tecnológico um guerra total não significaria a destruição de ambos os lados, não se engane, ambos trabalham estrategicamente também com esse “cenário”.

Mas e agora? Agora?

Agora, fora as objeções de consciência, e quebra de hierarquia, nada. Trabalhamos séculos para estar onde estamos... Nas mãos deles, crentes da sua lucidez, racionalidade e boa vontade de quem quer que sejam os líderes mundiais. Pouco podemos fazer exatamente agora para contribuir para acabar com o que mal demos conta que está começando e ainda vamos permanecer o máximo possível em negação até acordar. Com sorte, teremos chance de protestar, e com mais sorte ainda outra oportunidade para rever nossos valores e instituições. E ver se desta vez aprender a lição tão básica que deveria ser um mandamento:

Arma, dinheiro e segredo, 3 coisas que não se coloca jamais, nem juntas mesmo separadas, na mãos de criança, maluco e chefe. Nem em pequenas quanto mais em grandes quantidades, especialmente nas mãos de quem consegue ser ao mesmo tempo: louco, infantil e tirano. E se basta um desses para fazer um grande estrago, imagine quais as chances do mundo com vários deles disputando quem pode ou fica com mais.

### **Trabalhando o Caos**

*Mas e “nóis” com isso? Com um nação e uma democracia ainda mais pobre e podre, porque deveríamos estar preocupado com a Catalunha? Fora que solidariedade não doí nada, ao contrário do que pensa e vende ainda muito*

*cientista político picareta preso a análises cartesianas lineares, o mundo geopolítico funciona como o clima; é uma rede complexa, dinâmica e caótica, onde as mais ínfimas perturbações, podem provocar alterações gigantescas em todo o sistema, alterações quase sempre imprevisíveis, mas, as vezes, nem tanto. Catalunha tem “apenas” 7,5 milhões de seres humanos mas é para o centro do sistema geopolítico mundial o que é o cerrado para o ecossistema brasileiro... não chama a atenção como o Pantanal e Amazônia, mas se sair do equilíbrio termodinâmico fode como todo o sistema, provocando uma reação em cadeia, como se fosse um terremoto.*

*Como disse a prefeita de Barcelona não é a emancipação da Catalunha é uma questão de direitos, e direitos são mais fortes que as leis do universo geopolítico, eles são suas forças elementares, suas forças constituintes.*

*Minha atenção portanto está voltada para a Catalunha, primeiro porque ela não só funciona como uma espécie de bioindicador do sistema geopolítico mundial, mas é uma espécie de grande **Campi Flegrei**, um supervulcão do mundo geopolítico, porque debaixo desta questão catalã a terra e teratoneadas de história fervente pronta para explodir de novo. E como em Nápoles vem dando todos os sinais de plena atividade há algum tempo (fumaça, gases tóxicos, pressão da caldeira)(...)*

*Porém isto não quer dizer que vai necessariamente explodir numa guerra civil, assim como não necessariamente a próxima guerra decaíra para a guerra convencional. Ademais o campo de testes da “próxima” grande guerra é outro é já explodiu: o Oriente Médio, mais especificamente a Síria. É lá que o “teatro de operações” das potências grandes potências foi armado para medirem suas forças. E por isso, não, qualquer semelhança não é mera coincidência, é genocídio mesmo.*

*Não é portanto, também coincidência nem conspiração que da ultima vez que a Catalunha entra em atividade a lava dos conservadores e reacionários fundamentalistas religiosos e autoritários brotam das tumbas, e bombas e guerras interrompem abruptamente as primaveras dos povos antes que elas cheguem para alterar o ao eterno inverno do centro do mundo.*

*Conspiracionistas pensam de forma plana, quadrada e linear enxergam nisto um grande plano dos donos do mundo para frear a... a emancipação dos povos. Não essa rede de causas e consequências é muita mais complexa (e imprevisível) do que podem imaginar a vã filosofia dos teóricos conspiracionistas ou dos próprios conspiracionistas em suas cimeiras sob holofotes ou nos porões de palácios. Uma rede de tramas tão complexa, que prende até mesmo aqueles que tramam em seus fios, fazendo com que o sistema entrópico “ganhe” comportamento ou auto-indeterminação própria.*

*É por isso que quando um povo se levanta com esperança em qualquer lugar do mundo- não necessariamente no mesmo mas em outro- alguém com bomba (um tirano ou terrorista) explode alguém que está em paz. Porque a relação de liberdade-respeito entre A e B ofende (e quebra) a relação de poder-submissão entre C e D. Porque a liberdade assim como informação enquanto força elementar viaja mais rápido que a velocidade da luz, e quando um spin se inverte em Tóquio o outro gira também em São Paulo e vice-versa. Ou mais precisamente nem a liberdade nem a informação viajam, elas mudam a forma do campo, porque a liberdade-informação enquanto força elementar são o próprio campo deste espaço-tempo . Mas isso já não é nem outra história é (meta)física.*

*Mais fácil é trabalhar sendo superstição mesmo. E quem estuda a história tende a desenvolver um comportamento supersticioso, de que basta haver levante independentistas, emancipacionistas e populares que em reação ressurgem como ervas daninas os racistas, eugenistas, fundamentalistas*

*religiosos, ultranacionalistas com suas censuras, guerras entre impérios, potenciais e pátrias. E dá-lhe gente que nunca sequer se viu na vida, se odiando e matando... uma geração inteira de moleques que não vai chegar nem aos 20 e poucos anos abortada a bala em trincheiras. Como nas periferias só que mais rápido e eficiente, funcionando como uma espécie de válvula de escape a pressão explosiva do sistema...*

*Eu particularmente tenho uma crendice minha movido por esse pensamento supersticioso muito forte: antes da Catalunha ou qualquer outro região geopoliticamente estratégica para qualquer uma das potências muitas outras válvulas de escape vão ser ou simplesmente deixar que sejam abertas. Ou seja muita gente que não é considera gente ainda vai morrer antes de vermos um Grã-Bretanha dividida, um Estados Unidos da America separado, ou Catalunha separada da Espanha. Ou mais precisamente o resto a margens do sistema explodem antes do centro implodir. Africa, Oriente Médio, Asia, América latina, as periferias do sistemas, as buchas de canhão vão ter que se arrentar primeiro, literalmente quebrar em todos os sentidos- políticos e econômicos e militar -antes deles e antes que as crises políticas econômicas e militares e humanitárias quebrem qualquer um dos países do centro sistemas no centro. Salvo esteja eu superestimando a Espanha, e a velha coroa já tenha entrado em decadência haja visto que não pertence nem ao G7, nem ao é conselho de segurança da ONU (como membro permanente). Ou o que dá no mesmo, os demais países estejam subestimando sua importância, inclusive simbólica para a propaganda da sua cultura de supremacia e poder. Mas isso já é um problema deles eles que são estadistas e que se entendam.*

*Mas como eu disse isso é um pensamento supersticioso cada vez mais ultrapassado até porque a informação viaja cada mais próximo da velocidade elementar da liberdade fundamento tanto do universo das coisas quanto do nosso conhecimento sobre elas.*

*Logo podemos não saber exatamente quando ou onde um fundamentalista religioso um estadista psicótico ou extremista político (ou alguém que combine as todas essas coisas coisas) vai jogar uma bomba em algum lugar, e e quase nunca o suficiente para para evitar. Mas sabemos que entre o bombardeio de um casamento em Cabul ou de um país inteiro e um maluco atropelando pessoas a esmo ou um fazendo testes com misseis sobre as cabeças de uma outra nação inteira há uma relação de causa e efeito que embora caótica e complexa ao contrário do clima não há dúvidas: o fator determinante de longe é o homem. O homem e não a natureza humana, porque os estúpidos e belicosos que me perdoem posso ser um filho-da-puta, mas o pathos deles não é o meu pathos nem muito menos o meu ethos.*

*Por isso quando bate a borboleta babe asas em Pequim e neva um tempestade em Nova Iorque, a causa da tempestade não é propriamente o voo da borboleta. Porque quem é brasileiro sabe caos assim não se improvisa... é preciso muita ordem e progresso em toneladas de duplipensamento, hipocrisia, ou idiotia em estado puro mesmo para conseguir -*

***DEMOKRAZIA na Catalunha e a Teoria do Caos***, Uma borboleta bate asas em Barcelona... um bomba explode na Coréia do Norte

## **DEMOKRAZIA na Catalunha e a Teoria do Caos**

Uma borboleta bate asas em Barcelona... um bomba explode na Coréia do Norte

[medium.com](https://medium.com)

**Escalada anunciada**

*Muito é propaganda e terrorismo e de estado, porque é muito cedo para dizer se esse conflito vai ou não ganhar proporções regionais ou até mesmo mundiais, mas o fato esta posto:*

*A mais fracassada das estratégias de paz está em curso: a dissuasão pela ameaça da força. Esta é a forma mais frágil e perigosa de equilíbrio internacional mundial que nem sequer pode ser chamada de paz: a ameaça reciproca de retaliação entre estados-nações belicosos, supremacistas e claro armados até os dentes.*

*Pode ser que não de merda já, mas garanto a vocês, é matemática vai dar:*

***Um macaco amarrado a um piano por um tempo infinito pode não compor uma sinfonia, mas estadistas brincando de essa roleta russa não precisa de tanto tempo assim para fazer merda... de novo.***

*Enquanto o jogo jogado assim for esse a pergunta não será “se”, mas “quando”... e da forma que estão dobrando suas apostas será mais em breve do que as pessoas mais cética realmente imaginam.*

*Nunca tive tanta vontade de estar errado em uma predição.-**Guerra Mundial? Ou terrorismo de Estado?***

**Guerra Mundial? Ou terrorismo de Estado?**

**Como era aquela história de paranoia e teoria conspiratórias mesmo?**

**[medium.com](https://medium.com)**

*Nos crimes contra a humanidade da atualidade vende-se a ideia que as potências envolvidas estão empenhadas em descobrir o que aconteceu e quem é de fato o responsável pelos massacres cometidos no curso das suas guerras. Mas vamos deixar a ladainha de lado e vamos direto ao ponto: empenhada elas estão em qualificar ou desqualificar conforme sua participação e interesses em usar esses crimes; em fazer das suas retaliações demonstrações de força e poder bélico; E o mais importante:*

***tão empenhadas tanto em se acusar mutua e publicamente, estão empenhadas em tacitamente em dar prosseguimento a guerra sem retroceder um milímetro em seus interesses geopolíticos por nenhuma razão humanitária.***

*Considerando que as partes envolvidas não são fonte de informação fidedigna deixemos a propaganda deles de lado e vamos nos ater somente aos dados concretos que temos:*

*o assassinato em massa de milhares de pessoas e a fuga de milhões de refugiados de guerra.*

*Não sabemos exatamente quantos massacres foram perpetrados, por quais das partes, com a cumplicidade ou omissão de quem. Mas uma coisa sabemos: foram perpetrados por uma ou mais partes, sempre com a cumplicidade de um ou mais potenciais de cada lado e com certeza com a omissão de todos. Alias omissão uma ova! Omito sou eu. Isto é na melhor das hipóteses uma tolerância cúmplice enquanto anuncia tácita ou falta de acordo e proatividade para findar a guerra.*

*Na verdade a “falta de um acordo de paz” é apenas a forma lógica reversa eufemista de (não) afirmar o acordo tácito para manter o estado de guerra. A*

*famosa inverdade no lugar da mentira. Que neste caso, o estado de guerra, implica na aceitação dos crimes contra humanidade inerentes a esses conflitos como meras “casualidades” até que se prove o contrário, ou mais precisamente, até que estrategicamente interesse provar o contrário.*

*Temos portanto, N suspeitos de cometer os crimes contra a humanidade, N suspeitos de cumplicidade, e N suspeitos de omissão criminosa. não sabemos qual é o papel de cada um deles em cada crimes em particular, mas sabemos uma coisa: nenhum deles é inocente. Ou pior: sabemos exatamente quem são os inocentes, mas são irrelevantes perante as “razões de Estado” e os seus defensores e advogados gratuitos e voluntários.*

*Não há uma potencia armada envolvida de alguma forma e algum grau neste crime que não seja conivente. Porque para haver conivência não é preciso exigir alianças nem conspiração, não é preciso existir acordos explícitos ou ocultos, basta que haja um único acordo, o acordo tácito da manutenção de guerra para causar, provocar e prolonga um conflito que poderia ser encerrado, pacificamente ou não, se ao menos uma, uma das partes não estivesse ali por interesses militares, econômicos e geopolíticos, e sim de fato para defender a população.*

*A participação, deflagração ou até patrocínio de guerras por interesses estratégicos e disputas geopolíticas, não é um crime de guerra é em si uma guerra criminosa dado que nenhuma destas ações é feita em legítima defesa ou como intervenção humanitária. Todas essas baixas civis inocentes, sejam elas perpetradas por terroristas rebeldes ou governamentais, ou as potencias que apoiam e também atacam não são casualidades, mas crimes. Definir quem, quanto cada parte foi omissa, cúmplices, coniventes ou a própria executara das mortes perpetradas é importante, mas não neste momento onde os nada inocentes ainda empilham cadáveres. Neste exato o que importa é frear a guerra, denunciar e condenar e frear todos os que com certeza não*

*tem as mãos limpas, e não seletivamente defender as razões ou posições deste ou aquele ou alternamente como se isso fosse sinal de imparcialidade.*

*Não há como ser imparcial perante ao menos um dos lados, o lado das vítimas humanas. Porque a imparcialidade já é se configura como omissão e cumplicidade com quem quer seja o criminoso o cúmplice ou o omissor, ou com todos eles juntos e misturados.*

*Há um lado da guerra que não tomar partido constitui sempre um crime de omissão e traição: o lado da humanidade. Não tomar partido dos inocentes que exterminados nesses jogos de guerra, é trair a própria humanidade. É servir como tolo voluntário no exército inimigo que não te considera como ser humano, mas ou alvo ou mera eventual baixa civil.*

*Mas eis a questão: quem de fato está preocupado com isso? Quem está preocupado em tomar partido não deste ou daquele lado, mas daqueles que estão a ser mortos por ambos? -Um paralelo entre os segredos da 2ª guerra mundial e os crimes na Síria*

### **Um paralelo entre os segredos da 2ª guerra mundial e os crimes na Síria**

Os aliados sabiam? E nós sabemos ou não o que está acontecendo exatamente agora?

[medium.com](https://medium.com)

### **Projetos de Poder versus Liberdade**

*Nesse choque de culturas, pude sentir o privilégio que seria se todos pudéssemos ser não turistas, mas cidadãos do mundo, mesmo longe de nossas*

*terras natais. Sem tentar se apoderar de tudo e todos com nossas armas e máquinas fotográficas.*

*Voltei para Europa nesse período por mais duas vezes 2012 e 2015, e cada vez pude sentir esse mundo se fechando e se perdendo pelo medo e aumento da carestia que batia a sua porta. Cada ano que o mundo se tornava mais desigual e incapaz de lidar com essa desigualdade, mais e mais ele ia se tornando parecido com a minha terra natal, São Paulo, Brasil. E os discursos mais parecidos com os dos nossos escravagistas e abolicionistas mal resolvidos de condomínio fechado. Um lugar sustentado por medo, ansiedade e preconceitos cada vez mais mal velados exceto é claro para os preconceituosos. Um mundo bem brasileiro onde na impossibilidade de viver distantes da mão-de-obra barata que o sustenta, levantou-se muralhas para apartar sem declarar a segregação nossas divisões de classes, trabalhos e níveis de cidadania. Cheio de burguesias reacionárias e progressistas encasteladas e se cagando da plebe marginalizada fora dos seus co-domínios.*

*Muros que aqui já estão se quebrando incapazes de conter a fracasso desse sistemas de exclusão cidadã e que claro estão dando lugar as forças armadas nas ruas. O que também vai ocorrer quando eles descobrir que medidas econômicas protecionistas e barreiras físicas não sustentam sequer sistemas autoritários de exploração do homem pelo homem quanto mais a democracia e liberdade.*

*Literalmente viajando, acordei e vi que as nuvens de tempestade começaram de fato a se espalhar por todo o Mundo. E eu que lutava para mais pessoas terem o mesmo privilégio que tive, já não sei sequer se meus filhos poderiam experimentar o pouco dessa agridoce desigualdade. Nem para servi-la por livre vontade ou se revoltar com ciência do que querem e não querem contra ela.*

*“Descobri de repente” que em breve não seria não mais só um utopista, mas um radical e subversivo a sonhar com uma humanidade livre e cosmopolita. Descobri que meus princípios libertários, humanistas me farão em breve diante da nova velha ordem autoritária, xenofóbica e supremacista desses reacionários que transformar marginalizados em marginais para poderem caçá-los ao amparo da lei como se fossem animais.*

*Por outro lado também vi muito mais gente acordar que eu jamais tinha sonhado. E neste levantar daqueles que despertaram, e a reação dos que não querem ceder absolutamente nada para acabar com esse pesadelo feito realidade sobretudo alheia. E neste choque inevitável de mentalidades começa a se desenhar claramente a luta pela liberdade da nossa geração. A luta pela paz e humanidade do nosso século. Claramente as forças começam a se agrupar novamente em dois polos opostos ideológicos que já começam a se identificar política e geopoliticamente.*

*Um eixo disposto a abdicar de todos os avanços e progressos para preservar seu poder, para não compartilhar nada e manter seus monopólios e hegemonia não importa quantas vidas sejam sacrificadas com crises recessões econômicas repressões policiais e até mesmo conflito militares. E do outro a resistência das pessoas dispostas a lutar por essa liberdade, que não vão renunciar aos direitos nem sua dignidade humana e ideal de outro mundo possível como sentido de humanidade.*

*Temos hoje claramente dois polos a se formar: o das pessoas dispostas a impor o status quo dos seus preconceitos e preceitos como falso realismo politico-econômico a força da violência se preciso como sempre. E gente buscando resistir e propor novas políticas absolutamente urgentes e necessárias tentando evitar a todo custo o conflito e transcendê-lo sem cair na armadilha das guerras ideológicas e suas consequências.*

*Temos dois grupos claramente distintos de projetos de mundo: um como poder que representa o passado e que só enxerga o mundo através das suas ideologias e guerras; e outro como liberdade que representa o futuro que concebe aberto as diferenças entre pessoas e ideais mas sobretudo assentado aos princípios universais que garantem essa paz e riqueza dessa diversidade: a igualdade de liberdades fundamentais e humanidades.*

*Um grupo que deixou de lado as sutilezas e hipocrisia para defende abertamente sua caráter autoritário e armados até os dentes seu supremacismo segregatório e que portanto insiste que a unica resolução possível dos conflitos é a da dissuasão e repressão pela violência e sua ameaça constante. Os partidários do poder do medo e terror de Estado e contra o Estado. E outro que resiste e persiste no aprimoramento da democracia como método de tomada de decisão e na universalização dos direitos de igualdade de poderes e liberdades fundamentais para preservar tanto a paz tanto nacional quanto internacional. Os partidários das garantidas de direitos universais não apenas como discurso politico e ideológico, mas como práticas de renuncia a violência e provisão da vida e liberdade sem discriminação nem segregação.*

*Temos dois polos distintos não entre esquerda e direita que terminam no mesmo lugar, a impor seu mal menor como se fosse um bem maior, como estado ultrapassado e falido tanto fiscal quanto social. Projetos de poder contraposta como luta pela liberdade, obsoletos e insustentáveis como sistemas ecológicos, sociais, econômicos e humanitários. Cegos a própria revolução industrial e evolução humana. Mas sim entre mas entre passado e futuro. Entre pessoas de viés mais autoritário e libertário de todos os espectros políticos. As primeiras procurando manter o seu jogo fundado em repressão, privilégios políticos econômicos e servidão. As novas buscando transcender essa falsa oposição, lutando por novas bases mais humanas,*

*livres e pacíficas para debater e disputar seus interesses particulares e partilhar e unir seus interesses comuns.*

*Temos portanto como programa maior desses novos direitos e políticas do futuro a renda básica universal do lado dos humanistas de viés mais libertária tanto de direita e esquerda. E o nacionalismo empreguista e entreguista protecionista do lado dos estadistas de viés autoritária de esquerda e direita.*

*Uma luta que gira essencialmente entre dois polos. O retorno a ordem mundial do século XX quiça XIX das superpotências imperialistas e armamentistas. E a nova etapa da conquista nos direitos universais da humanidade não mais apenas como declarações de papel, mas como liberdades positivas e garantias de fato como direitos universais e deveres sociais. -**Muros ou Renda Básica?***

### **Muros ou Renda Básica?**

[Novamente com ilustrações do cartunista André Dahmer](#)

[medium.com](#)

### **Estatopatia**

*Se a diferença entre o tirano do passado e presente está no poderio das suas forças armadas e armas de destruição em massa, a diferença entre sociopata e um estatopata em qualquer lugar ou tempo vai muito além das armas e forças que possui.*

*Em geral um sociopata age sozinho quase sempre sem colaboradores e recriminado pela sociedade, fazendo vítimas em série e não em massa. Por vezes ele pode reunir uma seita com muitos de fanáticos disposta a satisfazer mutuamente seus fetiches e compulsões matando ou morrendo de acordo com sua ordens, mas enquanto ele e sua seita não tiver poder de fato para impor a força sua ordem como lei e o domínio cultural para impor seus cultos ritos e comportamento como socialmente aceitos tolerados normais ou até mesmo virtuosos, ele será um sociopata e não um estatopata.*

*Um sociopata mesmo o líder de um culto é portanto um psicopata que na qualidade de cidadão comum sem licença para matar, violentar ou fazer refém nenhum outro que precisa satisfazer seus desejos e compulsões escondido sob o risco de ser preso ou linchado pelos demais. Um estatopata é um o psicopata que não só tem o poder da violência, como arroga o direito de monopólio absoluto sobre ela, pode fazer reféns, prisioneiros, torturá-los, e matá-los em pequeno ou grande número e ainda declarar criminoso que ousar resistir se revoltar ou se defender dele. Por vezes o estatopata sequer precisa se preocupar em ter ou fazer leis que legalizem suas perversões, porque já tem a aprovação cultural da sociedade.*

*O sociopata corre o risco de ser linchado, o estatopata de ser aplaudido ou mesmo adorado. A diferença entre esses dois tipos de psicopatas está no tamanho do culto e poderio das forças armadas dos seus seguidores. Se insuficientes para se impor sua perversões como ditadura da normalidade são um culto de uma seita de sociopatas. Se com força suficiente para dominar toda sociedade, incluso os não convertidos, são a Cultura de Estado-Nação.*

*A diferença entre eles não é meramente de posição, o estatopata não é um sociopata que chegou ou tomou o poder, o estatopata é o psicopata que compartilha do mesmo inconsciente coletivo da sua sociedade, que tem*

*desejos e compulsões por mais violentas ou violadoras toleradas ou até celebradas pelos membros da sua sociedade. É o psicopata que desfruta de privilégios e imunidades para realizar seus desejos de posse e poder porque eles quando compartilhados pela sociedade e executado de acordo costumes e rituais da cultura são tidos como legítimos e legais. É o psicopata que desfruta da imunidade para os seus crimes que só a própria cultura de culto a posse e poder pela violência pode conferir como sinal e fonte da legitimidade da perversão e perversos. -**Psicopatas, Estatopatas e Sociopatas***

### **Psicopatas, Estatopatas e Sociopatas**

Coreia do Norte, Russia e EUA... e o Brasil?

[medium.com](https://medium.com)

### **Pátria, patrimônio e patriarcado**

*Seria portanto exagero considerar o Brexit como parte dessa contra-reação, um evento que poderá ser inclusive considerado um marco na retomada conflitos e rivalidades jamais encerrados mas apenas adormecidos? Seria o reinício de em crises econômicas e conflitos que vão tragar-nos em mais guerras e desastres humanitários e ambientais sem precedentes?*

*Seria mesmo uma declaração de guerra das velhas gerações contra as novas que resistem a se enquadrar? E se for onde esse conflito agora aberto e declarado vai dar?*

*Estamos a assistir nossa queda em mais uma armadilha de guerra de todos contra todos promovida por nossos Estados-Nações? Ou será que a humanidade finalmente está crescida e vacinada para não cair nessa farsa*

*genocida dos poderosos? Será que vamos comprar a briga das nossas patiras e patroes ou vamos finalmente lutar a verdadeira luta, a luta pela nossa própria causa comum, lutar para não sermos manipulados nem coagidos por medo ódio a nos matar mutuamente enrolados em bandeiras nacionais e escondidos por trás de muros fronteiras e preconceitos?*

*Isto não é propriamente uma pergunta mas o desafio do nosso tempo, o desafio da nossa geração: Seremos capazes de organizar a resistência contra a reação conservadora e autoritária que já declarou guerra aberta a mais nova primavera dos povos e que não está disposta a ceder nenhum lugar ao Sol a ninguém mais nesta nova revolução industrial e informacional nem mesmos aos seus próprios filhos?*

*É impossível saber o que virá. Até porque não nos cabe saber mas lutar, porque o futuro dependerá e muito da nossa livre vontade de não nos conformar e agir (e reagir) contra tudo o que se impõe. Entretanto é impossível negar uma coisa, não sem bancar o avestruz: um conflito se aproxima no horizonte. Se ele será um guerra entre civilizações alienadas pelo estadismo ou um choque entre gerações. Isto será definido sobretudo pela vontade dos mais jovens em resistir e lutar por sua liberdade, porque dos mais velhos já sabemos o que esperar.*

*Os velhos patriarcas que estão no topo dos clãs, famílias e sociedades corporações e governos, eles que digamos para não falar dos mortos, tomaram posse de tudo porque simplesmente chegaram primeiro ao mundo . Não vão renascer nem retomar a sua alma vendida em troca de conforto, posse poder e status. Eles já se renderam e venderam faz tempo. E estão dispostos a entregar até o futuro que não lhes pertence para cumprir sua parte no velho pacto e ficar com o prometido. Eles renovaram seus votos de obediência e servidão aos seu senhor e já mostraram que estão dispostos a*

*sacrificar seus filhos aos pés dos seus velhos ídolos e bandeiras para manter seus privilégios e confortos.*

*Resta portanto saber o que os jovens e libertários e humanistas estão dispostos a fazer para defender o direito natural a vida e liberdade de todos as novas gerações e povos que querem sua independência não para se isolar da humanidade e se rebaixar servilmente aos senhores das suas terras e territórios, mas justamente para caminhar na direção contrária: se livrar da sua servidão e opressores patriarcais para abraçar a humanidade como adultos iguais em liberdade.*

*Com o Brexit pode-se dizer portanto que uma guerra que até então estava velada foi declarada. A guerra dos velhos nacionalistas contra os juventude cosmopolita.*

*Essa guerra milenar entre os fieis do estadismo, manifesta nos últimos séculos como nacionalismo (seja ele secular ou religioso) é e sempre será uma guerra fratricida contra a própria humanidade, porém quanto mais próxima do derradeiro, mais filicida irá se tornar.*

*Quando da minha segunda visita a Europa em 2012 comecei a falar sobre isso, me olhavam como se fosse um louco. Mas disse o que tinha que falar e não vou deixar de fazê-lo principalmente agora: Não pensem que isso parará aí. Não sem resistência.*

*Da segregação da irmandade entre todos os povos e pessoas o estadismo uma vez em crise vai cada vez mais tendendo ao populismo e xenofobia e se tornando cada vez mais vulnerável ao nacionalismo de viés totalitária, seja eles de direita ou esquerda. Mas isso não é o pior. O pior vem sempre quando esses regimes se instalam porque eles flertam abertamente com os crimes*

*mais hediondos contra a humanidade: o holocausto dos excluídos e o sacrifício infanticida da sua própria juventude. Tudo para defender os privilégios e posses e “estilo de vida” dos mais velhos no poder contra todos os inimigos desse Estado tomado definitivamente com se fosse o corpo da nação.*

*Os velhos patriarcas bem nascidos em eterna guerra contra seus irmãos mal nascidos não vão só precarizar e endividar o futuro dos seus filhos que mal nasceram, eles não titubearão em sacrificá-los, se preciso for para preservar seus domínios. Quando o sistema de exploração econômica entra em crise a guerra dos patriarcas, que se julgam os donos e primogênitos do mundo contra o resto da humanidade irmanada pela privação de sua parte na herança natural, tende a ir as vias de fato. Nos momentos de crise se torna uma guerra contra todo a natureza, contra tudo e todos inclusive se precisar contra seus próprios filhos e descendentes.*

*Aqueles que venderam sua alma em troca de poder, status e conforto, convocados pelas novas líderes propagadores desses velhos cultos, desenterram seus velhos preconceitos (jamais renegados apenas dissimulados) e cumprem sua parte no pacto, renovando seus votos de fidelidade e servidão no velho altar de seus ritos preconceitos supremacistas. Abraçam assim sem nenhum pudor mais uma vez abertamente seus credos e deuses, invocam seus velhos mitos e preconceitos, desenrolam suas bandeiras e apontam suas armas.*

*Fieis aos pactos que fizeram quando ainda eram jovens quando venderam sua alma e liberdade e dignidade, eles não vão exitar se tiverem que fazer muito mais do que roubar a liberdade da sua prole, eles hão de ser mais que covardes e tolos obedientes para cumprir sua parte neste pacto antisocial: eles hão de ser criminosos, vão sacrificar seus próprios filhos aos pés dos seus velhos ídolos senão em troca de favores, como crentes de que obedecem a um “propósito maior”.*

*O Patriarcalismo e a luta de uma nova consciência contro o velho inconsciente coletivo*

*O patriarcalismo não tem filhos, tem herdeiros; não tem bens, tem patrimônios. E portanto desconhece senão como hipocrisia qualquer ética ou moralidade, desconhece qualquer sentido ou sentimento que possa impedir sua vontade de poder de estende seu holocausto urbano cotidiano do proletariado para o da sua própria prole nos campos de batalha.*

*Isto não é apenas uma luta de oprimidos contra gente dispostas a matar estranhos para preservar seus domínios, uma guerra de gente xenófoba e racista que consideram outros povos culturas e classes e outras formas de vida inferiores dispensáveis e reificáveis é uma guerra do patriarcado contra o mundo.*

*Isto é uma luta não entre ocidente e oriente, imigrantes e nacionais, ricos ou pobres, é uma luta entre aqueles brancos supremacistas dispostos não só a matar todas as formas de vida para perpetuar sua existência, mas a acabar com a vida dos seus irmão e filhos para preservar suas poderes e posses.*

*Isto é uma guerra e uma guerra patriarcal. Não são só uma luta entre povos, culturas classes, e gêneros. mas uma guerra de gerações onde os velhos sacrificam gerações inteiras para preservar seus cultos e culturas e alimentar suas máquina estatais de discórdia e belicosidade. Uma guerra onde não só líderes dessa cultura mas seus seguidores mais aculturados estão dispostas a assinar qualquer pacto e seguir qualquer liderança que lhes promete conforto e privilégios, posses e poder, mesmo que ao custo do futuro ou até mesmo da vida dos seus filhos ou gene.*

*Uma luta portanto entre velhos vendidos e infantilizados sonhando com sua juventude e materialismo eternos e os povos e jovens sonhando apenas em se livrar deles para poderem viver e conviver livres e em paz seu próprio tempo de vida juntos. Uma luta entre aqueles que nascem sem nada contra aqueles que estão dispostas a acabar até mesmo com todas as outras formas de vida para ficar com tudo. Uma luta entre aqueles que sonham com um pouco mais de liberdade, um lugar ao Sol e os dispostos a fazer qualquer coisa para não ceder absolutamente nada, nem mesmo devolver o que não é seu.*

*É uma luta da humanidade contra a sua própria desumanização. Uma guerra entre supremacistas e libertários. Entre nacionalistas e cosmopolitas. E num sentido transcendental a guerra milenar entre velhos pervertidos e decaídos que insistem em manter seu matar e não deixar viver para manter seu corpo artificial e materialismo consumista, e espírito sempre renovado mais uma vez reencarnado em novas formas vidas pronto para revolucionar novamente a existência. A guerra de uma nova geração que não veio ao mundo apenas para ser escravos de suas dívidas, ou pagar com sua alma o pactos dos seus antepassados.*

*Mas não se engane estes que hoje tentam enterram o sonho de paz e liberdade de uma nova geração, também já foram jovens e estiveram cheios desta mesma vontade de viver de seus filhos. Se o que resta do jovem cheio de vida é apenas o velho frustrado e reprimido porque o jovem que ali habitava também foi sacrificado ao culto servil e repressor dos seus ancestrais.*

*Quando os Domus são ameaçados por uma nova arque libertária e libertadora, os Cratos, e suas cracia tiram sua máscara paternalista e revela a sua verdadeira arque patrimonialista e patriarcal: Cronos. E os velhos dominados por essa egregora de discórdia e conformação, se sentem mais uma vez compelidos pelo medo e ódio a sair a sair sua tumbas confortáveis e prestar seus serviços para proteger esse pacto anciente.*

*Ou em outras palavras, nós que não somos nem tão jovens para nos dar ao luxo de sermos ingênuos, nem somos tão velhos a ponto de sermos velhacos pervertidos. Nós que conseguimos envelhecer sem apodrecer não somos privilegiados, temos uma missão:*

*Proteger as novas gerações dessas velhas que tão bem conhecemos e que podem matá-las antes mesmo que elas cresçam. Ou pior podem se perpetuar como em tantos também nelas.*

*Porque a guerra está declarada.*

*De que lado você está? Dos dinossauros que tementes e crentes dos monopólio da violência, os adoradores dos velhos decadentes belicosos caros e armados até os dentes Estados-Nações que estão apostando e investindo alto numa guerra de civilizações e no entrincheiramento e genocídio dos povos excluídos, marginalizados e refugiados ?*

*Ou você está do lado do espírito do novo tempo, do lado das pessoas e povos que só querem viver livres em paz? Daqueles que querem encontrar o sentido da sua coexistência e sua própria forma de vida livres do ódio do medo da perseguição e coerção contra toda a diversidade humana e formas de vida?*

*De que lado você está dos jovens que querem se unir em paz com o mundo, dos povos obrigados a se manterem em reinos unidos, de nacionalistas que querem se fechar em seus territórios com armas até os dentes, mas com suas multinacionais extraíndo riquezas a todo vapor do resto mundo? Ou dos povos e pessoas que querem se unir como pessoas e países emancipados livres da coerção de poderes centralizadores líderes populistas e fronteiras subsidiadas pela violência? — **BREXIT: Os (novos) Cosmopolitas versus os (velhos) Nacionalistas***

# Trump e a piada pronta: “Como se fosse...”

O Estado-máfia à americana...

**Ex-diretor do FBI diz que Trump age como se fosse um 'chefe de máfia'**

O livro de memórias, do ex-diretor do FBI James Comey, retrata o atual presidente dos Estados Unidos como se fosse a um...

[veja.abril.com.br](http://veja.abril.com.br)

*Neste sentido falar de Estados Mafiosos passa a ser tão absurdo quanto falar de cleptocracias. Não há cracia que não surja ou se mantenha sem roubo e sequestro de bem e pessoas. Assim como não há máfia sem a venda compulsória de proteção contra toda forma de violência, a começar contra a sua própria.*

*Mas o que seria então um Estado Mafioso? Não podemos responder essa questão sem separar a propaganda ideológica e juízos de valor tomados como se fossem a definição do Estado daquilo que o Estado é enquanto sistema e fenômeno histórico.*

*Um Estado antes de ser um sistema é historicamente um processo. Ou um processo que se sistematiza, um procedimento institucionalização por autojustificação caracterizado não só pela posse e controle de fato de um território e sua população, mas pela prerrogativa de direito sobre tais configurando soberania e jurisdição através desse processo de legitimação de seus métodos e finalidades. Tal legitimação se opera e mantém de 2 formas distintas :*

*internamente, pela suposição de anuência tácita das populações que não mais se levantam mais contra seus domínio das suas forças armadas.*

*e externamente, pelo reconhecimento das outros Estados forças armadas quanto a tal domínio de fato sob o território e habitantes.*

*É portanto um processo de “legitimação” onde o direito de ter e fazer deriva do poder de fato para impor submissão aos nativos quanto tregua e reconhecimento (ou no mínimo silêncio) dos Estados concorrentes.*

*O método é a monopolização da coerção, ameaça e violência através da supremacia armada. E a finalidade é a expropriação e exploração de A em favor da riqueza e poder de B. Ou se preferir em uma terminologia mais favorável, a tributação e imposição de deveres e obrigações sobre A para a garantia e provisão de direitos a B.*

*Ideologicamente tal busca se justifica e legitimar conceitualmente tais métodos e finalidade através da pressuposição de que tal proceder tem por objetivo maior o bem de todos.*

*Historicamente o Estado se estabelece quando um grupo organizado hierarquicamente passa a dominar territorialmente outro através da supremacia bélica, tecnológica e claro organizacional. Este grupo dominante pode ser nativo ou estrangeiro, ou composto de uma aliança estratégica entre ambos. Conforme a organização e tecnologia para dominação a organização cresce em complexidade e alcance e as resistências dos dominados são quebradas, os procedimentos impostos são aceitos como leis, e assim conforme a resistência das população diminui e a adesão e conformação aumenta, não só menos se faz necessário o emprego da força de fato para impor a dominação, quanto se permite a tercerização de todas as funções*

*inclusive as militares, de modo que as antigas classes de conquistadores literalmente se civilizem- e velhos nomes de guerra passem a ser verdadeiros títulos nobiliários.*

*Uma vez instaurada a dominação como cultura, como fazenda de servos, as classes dominantes podem se afastam para reescrever a história do seu passado de pilhagem para desfrutar do butim e assumir comportamentos que caracterizam as ditas civilizações legitimando seus domínios como direito e não roubo. Porém tais civilizações não só continuam assentadas no capital desse roubo, sequestro e carcere dos dominados como precisam literalmente sempre estar prontos para manter a força esse condição como o real e a lei, Precisam recorrer para manter a imposição desse suposto pacto social para manter essa realidade como legalidade sempre que ameaçadas ou questionadas.*

*De modo que a arte de estabelecer dominio territoriais e populacionais, a arte de governar as pessoas extraindo dela riqueza e trabalho servil, o que diferencia uma organização criminosa ou um proto-estado de um Estado Forte e bem estabelecido é a capacidade do mesmo de obter adesão dos servos e reconhecimento dos outros senhores das outras terras e povos que não possui força de fato para simplesmente ocupar e tomar. Nesse sentido pode se dizer que um Estado é uma organização criminosa em maior escala de organização e logo de controle sobre o território-habitantes. Mas não é. A escala da dominação exige diferente métodos.*

*Uma gangue consegue roubar, e manter uma ou algumas pessoas com poucas pistolas e alguns atos de terror. Uma quadrilha pode manter uma comunidade inteira sob seu domínio das suas armas e ameaças. Mas sociedades inteiras com grandes extensões de territórios onde a população não está arrebanhada e concentradas e vigiada em grandes centros urbanos em torno dos castelos e palácios, é preciso mais do que coerção para ter*

*Estados sobre nações inteiras é preciso adesão cultural. Adesão cultural que não carece nem quer dizer consentimento tácito nem explícito, mas pode ser perfeitamente efetuada por amestramento e domesticação ou se preferir um termo menos pejorativo educação, algo que se efetua com mais sucesso quanto mais jovens tal procedimento for aplicado.*

*A uma diferença fundamental entre um ladrão sequestrador ou assassino estatal e um “comum” que não é dada apenas pela dimensão dos seus danos produzidos e privilégios adquiridos, mas de técnicas e métodos agregados de domesticação que diminuem os custos da manutenção do domus. Métodos que permitem que os dominados não só aceitem a custo zero sua dominação mas que literalmente os fazem pagar e trabalhar para sustentar não só os ganhos em posses e poderes daqueles que os dominam, mas sustentar e e até lutar pela preservação do próprio domus. Fazendo de dominados alienados e dominadores alienadores numa espécie de institucionalização e produção industrial em massa de uma síndrome de Estocolmo. É essa condição que caracteriza e permite mantém a institucionalização de toda e qualquer pilhagem ou violência como legitimidade e os chefes desse organização criminosas como a lei e ordem, ou simplesmente Estado.*

*O salto produzido de uma crime organizado a dominar um território como mafia cobrando mais regradada, regular e “civilizadamente” possível proteção contra ele para o Estado está na passagem do domínio militar para o cultural, onde os “intimidados” não apenas deixam de resistir, mas passam a concordar e até mesmo defender seus “protetores”. De modo que a principal característica que separa a espoliação ilegal da legalizada não é a prerrogativa do emprego da violência para seus fins, mas aceitação do emprego da violência por aqueles que deixam de ladrões de estradas para se tornar o dono das estradas. O poder que permite a monopolização da violência e legitimação desse monopólio não é a violência, mas a aceitação e institucionalização da sua exceção como Estado. A organização estatal difere*

*do crime organizado comum porque esse crime não é suficiente organizado para se institucionalizar suas agressões e privações , isto é, não detém os métodos e processos e sobretudo os meios para obter e manter o domínio através da manipulação das vontades e decisões alheias, mas somente para impor e coagir as vontades e decisões do alheio a força.*

*O Estado detém e precisa deter o poder cultural tanto para impor sua crimes como lei quanto criminalizar quem ouse resistir ou reagir a seu crime legalizado. O crime organizado que não detém esse poder precisa submergir e mesmo comprando e aparelhando o Estado precisa continuar nas sombras, porque se não tiver poder para legalizar suas práticas e negócios criminosos, e criminalizar as vítimas e concorrentes. Pode até conseguir se manter a par leis ou obter perdão e anistia de seus crimes, mas não consegue legalizar nem se fazer explicita e ostensivamente a lei a ordem. -O que é o Brasil? Uma “Cleptocracia”? Um “Estado-Máfia”? ou um “Estado falido”? Do Estado-Nação ao Estado-Máfia, ou vice-versa.*

**O que é o Brasil? Uma “Cleptocracia”? Um “Estado-Máfia”? ou um “Estado falido”?**

**Do Estado-Nação ao Estado-Máfia, ou vice-versa.**

**[medium.com](https://medium.com)**

*Dizem que não é o Estado que deve vigiar a sociedade, mas a sociedade que deve vigiar o Estado. Mas assim como o avento do Estado não foi capaz de eliminar o crime e a violência no seio da sociedade, a sociedade não será capaz de eliminar o crime e a violência do Estado, até porque ao contrário da sociedade, a supremacia pela violência é sua gene e origem e não corrupção.*

*Todo libertário sabe que a solução não está no Estado. pois deveria saber que , logo, ela também não pode estar simplesmente na sua eliminação (ou redução). Afinal se nele não está a solução, certamente também nele não pode estar o problema nem muito menos a causa da qual o Estado é portanto mais uma das consequências não raro maléfica mas com certeza não sua origem.*

*Tudo que vale para o crime comum organizado, que vale também vale para o crime organizado legalizado, estatal ou enrustido no Estado. De tal que mesmo se higienizasse toda a máquina estatal, geradora de privilégios e desigualdade de poderes usados como armas por esses criminosos que são ou compram autoridades, ainda estaria lá, a disposição para os criminosos que entendem que o mais perfeito de todos os crimes é aquele que é cometido no poder que se eterniza não como governo, mas como justiça e legalidade. O poder que discrimina e marginaliza cidadão comuns perante prerrogativa de autoridades muito antes se tornarem marginais comuns ou donos da lei.*

*Não adianta eliminar nem o desposta, nem implodir o trono, que ele usa e se a agarra para cometer impunemente seus crimes, cometendo ainda mais crimes para se manter no trono, e mantendo-se no trono para cometer ainda mais crimes. Não. não, adianta, acabar como o Estado, nem com seus agentes, cargos ou instituições. Porque assim como não são os povos a criar os Estados; também não são os Estados a criar as sociedades. Mas são sociedades a criar os Estados. E as criam para administrar seus interesses tanto sobre suas terras quanto os povos que por sua vez são a base de sustentação de ambos: da sociedade e Estado.*

*Podem as burguesias prender e enforcar todos os tiranos e suas cortes corruptas do mundo. Podem até mesmo as plebes se levantarem contra tudo e todos, e enforcar até o último dos ladrões legalizados nas tripas do ultimo juiz inquisidor. Poderiam burguesia e plebe juntas novamente derrubar palácios, tronos, queimar cetros, togas, quarteis e bancos que ainda sim veríamos a*

*história se repetir, e o mal renascer ainda mais forte e rejuvenescido de dentro do ventre destes que outrora lutaram contra seus antigos encarnadores.*

*E um dia que uma vanguarda eliminar todos os corruptos... no outro, começara a criar o regime a administrar de suas posses e interesses perante os demais. E essa administração se chamará governo, os demais povo e eles, a sociedade. Até porque as sociedades revolucionárias de ontem, são as conservadores de hoje. E não há vanguardas da esperança e progresso que não envelheça e morra como velha guarda, amargurada e reacionária. Minto, até há, mas em geral ela acaba assassinada jovem.*

*Não que o problema seja insolúvel ou esse mal invencível. Mas é que nada disso é a causa, e sim a consequência. — **O ciclo da tirania governamental, insolidariedade social e pobreza dos povos***

**O ciclo da tirania governamental, insolidariedade social e pobreza dos povos**

**Ou como a desigualdade de poderes, como posse de bens comuns e meios vitais fomenta a indústria da pobreza e tirania no...**

**[medium.com](https://medium.com)**

**Mané coxinha e mortadela... o buraco é muito mais em baixo, ou melhor, em cima...**

**A FRAUDE QUE WALL STREET APRENDEU COM A MÁFIA**

*Um dia, este vai ser conhecido na história como o primeiro julgamento da máfia americana moderna. É claro, você não vai ouvir referências sobre o recente caso de corrupção financeira “Estados Unidos da América contra Carollo, Goldberg e Grimm” com esses termos. Se você ouviu falar, você provavelmente está no negócio de títulos municipais ou é casado com um advogado antitruste. Mesmo assim, tudo que você provavelmente ouviu foi que um trio de coadjuvantes em Wall Street foi condenado por obscuras violações antitruste em um dos casos mais inescrutáveis, cheio de jargões técnicos e tediosos debates legais desde o processo do governo contra a Microsoft na década de noventa — não exatamente o emocionante drama de tribunal oferecido pelos famosos julgamentos de mafiosos da velha guarda, como Al Capone ou Anthony “Tony Ducks” Corallo.*

*Mas este julgamento, recém concluído em Nova Iorque contra três desconhecidos executivos financeiros, foi realmente histórico. Em elaboração por mais de 10 anos, o caso permitiu que procuradores federais tornassem públicos, pela primeira vez, os surpreendentes trabalhos do sindicato do crime americano, que já não opera a partir de Little Italy\* ou de Las Vegas, mas sim de Wall Street.*

*Os réus no caso — Dominick Carollo, Steven Goldberg e Peter Grimm — trabalharam para a GE Capital, o braço financeiro da General Electric. Junto com praticamente todos os grandes bancos e companhias de finanças em Wall Street — não apenas a GE, mas JP Morgan Chase, Bank of America, UBS, Lehman Brothers, Bear Stearns, Wachovia e outros — estes três mafiosos de Wall Street passaram a última década participando de um esquema de tirar o fôlego, que desviou bilhões de dólares dos cofres de cidades por toda a América. Os bancos realizaram esta gigantesca rapinagem atuando secretamente — e em conjunto — para fraudar as licitações públicas dos títulos municipais, um negócio avaliado em 3,7 trilhões de dólares. Ao conspirar para reduzir as taxas de juros que as cidades ganham sobre seus*

*investimentos, os bancos sistematicamente roubaram de escolas, hospitais, bibliotecas e casas de repouso — de “praticamente todos os Estados, distritos, e territórios nos Estados Unidos”, de acordo com uma sentença. E eles fizeram isso de forma tão inteligente que as vítimas sequer souberam que estavam sendo enganadas. Não houve dedões quebrados, e ninguém acabou em um aterro sanitário em New Jersey, mas dinheiro desapareceu, muito dinheiro, e a sua forma de desaparecimento tem um nome familiar: crime organizado.*

*Na verdade, apesar de toda a camuflagem com jargões financeiros, os crimes que os acusados e seus co-conspiradores cometeram são praticamente indistinguíveis da espécie de banditismo praticado por décadas pela máfia, que por muito tempo teve a manipulação de licitações públicas, como coletas de lixo ou contratos de construção, como fundamento de seu negócio. E, ainda, assim como nos julgamentos da máfia de antigamente, os segredos e maquinações de Wall Street foram revelados durante o julgamento Carollo, através da escuta de gravações e de depoimentos das testemunhas colaboradoras, que entraram no tribunal com a cabeça baixa, apontando o dedo para seus cúmplices. Os gangsters da nova era até inventaram um sofisticado código para esconder seus crimes. Como mafiosos italianos que falavam sobre “arrumar um rapaz para riscar o capô”, em diversas escutas, estes vigaristas de Wall Street soltavam frases como “tire um níquel” ou “chegar ao nível certo” ou “você está por pouco” — todas estas códigos utilizados para manipular as taxas de juros sobre os títulos municipais. A única coisa que fez este julgamento diferente de um julgamento popular qualquer foi a escala do crime.*

*EUA versus Carollo envolveu atividades clássicas de um cartel: não apenas um banco corrupto, mas muitos, todos atuando em um cuidadoso concerto contra o interesse público. Nos anos que se passaram desde o crash econômico de 2008, temos visto inúmeras pistas indicando a existência dessa orquestrada rede de corrupção. O colapso dos bancos Bear Stearns e Lehman*

*Brothers, por exemplo, indica que em ambos os casos houve ataques coordenados por poderosos bancos e fundos de hedge, determinados a acelerar o desaparecimento dessas empresas. Na falência de Jefferson County, no Alabama, aprendemos que o Goldman Sachs aceitou um suborno de US \$ 3 milhões do JP Morgan Chase para permitir que Chase fosse o único fornecedor de acordos de swap prejudiciais para os caipiras que controlavam a metropolitana Birmingham — um “caso de comportamento anticompetitivo do tipo abre e fecha”, como um regulador anterior o descreveu.*

*Mais recentemente, uma grande investigação internacional foi lançada para averiguar a manipulação da taxa Libor, o índice de empréstimos interbancários que é usado para calcular as taxas de juros globais para produtos que valem mais de US \$ 3 trilhões por ano. Se e quando esse caso for apresentado ao público durante o julgamento — há diversas grandes ações cíveis em trâmite nos EUA — ainda poderemos descobrir que os bancos mais poderosos do mundo têm, há anos, fixado os preços de quase todos os tipos de taxas ajustáveis, de hipotecas e cartões de crédito a taxas de juros, e até mesmo moedas.*

*Mas USA vs Carollo marca a primeira vez que tivemos evidências incontestáveis de que Wall Street se transformou neste tipo de cartel criminal. Também propiciou uma desagradável visão do papel cínico e permissionista que os políticos desempenharam, recebendo tíquetes para jogos de futebol e envelopes recheados com propinas para olharem para o outro lado, enquanto gangsters faziam a festa com dinheiro público. E apesar das punições que chegaram até a última instância — mera condenação de três coadjuvantes — serem sabidamente insatisfatórias, ainda assim foi um divisor de águas na história do lento despertar americano para as realidades da corrupção financeira. Numa era pós crash, onde os julgamentos de Wall Street quase nunca chegavam à corte suprema, e até as sentenças mais duras acabavam com as evidências enterradas pelo governo e os bancos acusados escapavam*

*sem admitir as práticas ilegais, neste caso finalmente foram expostas as terríveis verdades das finanças americanas — e foi um show demoníaco.*

## **1. A fraude**

*Esta não foi uma cena cinematográfica de tribunal, ou como o julgamento do Estado da Califórnia contra Orenthal James Simpson. Não havia um saguão cheio de espectadores extasiados, com ventiladores de teto para afastar o calor e a tensão, nem advogados de defesa repousando suas mãos compreensivas sob o ombro do acusado enquanto as declarações se iniciam. Não, a sentença para EUA versus Carollo reflete o bizarro universo alternativo que existe em Wall Street. Como tantos outros casos envolvendo grandes bancos, os procedimentos se pareciam mais com uma sala cheia de advogados bem remunerados negociando uma grande fusão corporativa do que uma busca pública por justiça.*

*O julgamento começou em 16 de abril em uma corte federal na parte baixa de Manhattan. O tribunal, no 23º andar, oferece uma vista panorâmica da cidade e do East River. Embora o saguão estivesse geralmente cheio ao longo das três semanas de testemunhos, os espectadores não eram os cidadãos comuns que viriam para testemunhar como eles haviam sido roubados pelos maiores bancos da América. Ao invés disto, havia fileiras e mais fileiras de engravatados — outros advogados ansiosos por observar um caso há muito aguardado, um caso que poderia influenciar o resultado de muitas ações cíveis pendentes em todo o país. Na verdade, os próprios réus, que o julgamento iria revelar serem peças facilmente substituíveis em uma enorme máquina de corrupção, mal podiam ser vistos na sala, escondidos pelo grande bate papo dos advogados de acusação e de defesa.*

*Apenas a presença majoritária de não brancos e idosos no júri, lembrando uma igreja do Harlem, serviu como um lembrete de que o caso tinha qualquer conexão com o mundo real. Até mesmo os repórteres das grandes redes de notícias não se deram ao trabalho de comparecer. O juiz do julgamento, o honorável e divertidamente inabalável Harold Baer, reconheceu que o caso não era suscetível de despertar interesse público. “É improvável, eu acho, que isso gere muita publicidade na mídia”, Baer confessou ao júri em suas instruções preliminares.*

*Iniciadas as declarações de abertura, era fácil ver por que a imprensa poderia se manter afastada. Uma das principais linhas de defesa adotadas pelas instituições corruptas de Wall Street nos últimos anos tem sido a extrema complexidade da infra-estrutura dentro da qual esses crimes são cometidos. Para que os promotores possam conseguir condenações, eles têm que trazer americanos comuns, pessoas que assistem e gostam de reality shows, até o topo dos gráficos, ensinando-os no modelo de jogo que se preocupa com obscuros veículos financeiros como swaps e CDOs e, neste caso, Contratos de Investimento Garantido.(...)*

*A “simples fraude” que Waszmer descreveu estava centrada no endividamento público. Digamos que sua cidade queira construir uma nova escola primária. Então ela vai para Wall Street, que emite um título em nome da sua cidade para levantar US\$ 100 milhões, atraindo dinheiro de investidores de todo o planeta. Uma vez que Wall Street levanta todo esse dinheiro, coloca-o numa conta isenta de impostos, que sua cidade usa para pagar os construtores, encanadores, a empresa que fornece o quadro-negro e quem mais estiver trabalhando no projeto.*

*Mas aqui está a pegadinha: A maioria das cidades, quando obtém todo esse dinheiro, não gasta tudo de uma só vez. Frequentemente os projetos de construção levam anos até serem concluídos, e o contratado acaba sendo*

*pago muito tempo depois que o título original foi emitido. Enquanto esse dinheiro não gasto está depositado na conta da cidade, políticos locais procuram por uma companhia financeira em Wall Street para investi-lo por eles.*

*Para fazer isso, representantes do governo contratam uma empresa intermediária, conhecida como corretora, para organizar um leilão público e convidar bancos para competir pelos negócios da cidade. Pelos US\$ 100 milhões que você emprestou para o título da escola primária, o banco A pode lhe oferecer 5 por cento de juros. O banco B vai além e oferece 5,25 por cento. Mas o banco C, o vencedor do leilão, oferece 5,5%.*

*Na maior parte dos casos, cidades e vilas, chamados emitentes, estão legalmente obrigados a apresentar seus títulos para um leilão com disputa de pelo menos três bancos, chamados de emissores. A fraude que Wall Street preparou para bater esse sistema de mercado justo foi desenvolver leilões falsos. Em vez de apresentar propostas competitivas e deixar a taxa mais elevada ganhar o leilão, emissores como Chase, Bank of America e GE secretamente dividiram o negócio de todas as diferentes cidades que vieram para Wall Street para pedir dinheiro emprestado. A uma das empresas seria permitido “ganhar” o lance em uma escola primária, a segunda “ganharia” um hospital, a terceira uma pista de hóquei, e assim por diante.*

*Como eles trapaceavam os leilões? Simples: subornando os leiloeiros, os corretores intermediários que eram contratados para garantir que a cidade recebesse a melhor taxa de juros que o mercado pudesse oferecer. Em vez de manter os leilões honestos, ou seja, sem que nenhuma das partes soubesse os lances das outras, o corretor dizia ao pré-estabelecido “vencedor” quais foram as outras duas propostas, permitindo que o banco baixasse a sua oferta de taxa para um valor apenas suficiente para “bater” os seus supostos concorrentes. Este truque simples, mas eficaz — dizer ao vencedor o que seus*

*rivais ofertaram — foi chamado de dar-lhes uma “última olhada”. O banco vencedor, então, premia o corretor, dando-lhe propinas disfarçadas de “taxas” por acordos de swap, acordos estes que não tiveram nenhum envolvimento por parte dos corretores.*

*O resultado final desta (no mínimo) década de conspiração foi que as cidades sistematicamente perderam, enquanto os bancos e corretoras ganharam muito. Ao cortar pequenas frações percentuais de suas ofertas vencedoras, os bancos embolsaram somas inacreditáveis ao longo desses acordos multimilionários de títulos. Baixando uma oferta em apenas um centésimo percentual, o chamado ponto base, pôde-se enganar cidades em dezenas de milhares de dolares, que elas teriam ganhado em seus depósitos de títulos.(...)*

*A corrupção em contratos está por aí desde a construção da Via Ápia [NT: mais antiga e importante estrada romana da antiga república]. A diferença aqui é o escopo quase inimaginável do crime — e o fato de que foram mafiosos de Wall Street que o colocaram na prática. Até recentemente, este tipo de atividade havia sido quase uma exclusividade dos domínios da Máfia. “Quando eu penso em manipulação de ofertas em leilões, eu penso na convergência do crime organizado e o governo”, diz Eliot Spitzer, que participou de dois casos de fraudes em leilões em sua carreira como promotor em Nova Iorque, um envolvendo coleta pública de lixo e o outro no bairro de Garment, envolvendo a família Gambino. A máfia se mudou para o negócio das fraudes em leilões, ele diz, porque percebeu ao longo dos tempos que monopolizar contratos públicos era um negócio muito mais lucrativo do que sair quebrando pernas por aí. “O crime organizado aprendeu suas lições com John D. Rockefeller”, explica Spitzer. “É muito mais eficiente controlar um mercado e incrementar seu preço em dez por cento do que gerir uma agiotagem nas ruas, onde você realmente tem que usar um taco de beisebol e coletar todas as semanas”.(...)*

## A fraude que Wall Street aprendeu com a Máfia - Revista Fórum

Como os maiores bancos norte-americanos participaram de uma conspiração de leilões fraudulentos em todo o país - até...

[www.revistaforum.com.br](http://www.revistaforum.com.br)

### ***O Brexit e o Reino Unido como paraíso fiscal***

**euronews:** *O facto de não verem o que está a acontecer é o reflexo de uma certa necessidade desse dinheiro ilegal na economia? Menciona o dinheiro que é lavado e que circula pela economia, atingindo valores astronómicos... Acha que os líderes políticos receiam que, se esse dinheiro desaparecer num período de estagnação económica, haja um colapso?*

**RS:** *Sim, é claro. Uma das razões é que implementar leis contra a lavagem de dinheiro vai bloquear também muito dinheiro não apenas do narcotráfico, mas também do Médio Oriente, da evasão fiscal. Se a legislação muda para tornar o sistema impermeável aos mafiosos, ele fica também impermeável a outros capitais necessários à economia. Deste ponto de vista, a Europa já desistiu de tentar controlar realmente o capital. O Brexit é um exemplo: foi algo que se alimentou da necessidade de tornar a Inglaterra num paraíso fiscal.*

**euronews:** *De que forma é que o Brexit pode tornar, ou tornar de novo, o Reino Unido num paraíso fiscal? Como é que vê o futuro deste país no que toca às atividades ilegais, à lavagem de dinheiro?*

**RS:** *Os grupos de defesa da transparência apresentam **dados irrefutáveis**: o Reino Unido já é, sem qualquer sombra de dúvida, o país mais corrupto do*

*mundo. Não em termos políticos ou judiciais, mas sim no que diz respeito à lavagem de dinheiro. Os britânicos não têm a sensação de viver no país mais corrupto do mundo porque não veem subornos à polícia, os políticos não são facilmente corruptíveis. Mas também não têm a noção que o seu sistema financeiro é totalmente corrupto. Corrupto em que sentido? Ninguém controla a circulação de dinheiro. E não falo de Londres, falo de Malta, Gibraltar, das Ilhas Jersey... Todos estes pontos são portas para fazer entrar dinheiro na Grã-Bretanha sem qualquer controlo. O Panamá costumava ser o centro nevrálgico da lavagem de dinheiro. Hoje em dia, é Londres. E o Panamá vingou-se com a história dos Panama Papers. Divulgar as listas de nomes foi claramente uma vingança contra o concorrente que Londres se tornou.*

**euronews:** *Um relatório recente da Europol revela como os grupos mafiosos mergulharam no mundo da tecnologia para se ocultarem e contornarem as autoridades. Está a tornar-se quase impossível apanhar estes grupos?*

**RS:** *Se houvesse uma verdadeira legislação contra a lavagem de dinheiro... Hoje em dia, é muito mais fácil seguir o percurso do dinheiro porque já não lidamos com notas, fazemos transações eletrónicas que deixam rasto na web. O problema é que há vários territórios onde essas transações podem ser efetuadas fazendo desaparecer o dinheiro. Todos os Estados europeus têm o seu próprio cofre: a Espanha tem Andorra, a Alemanha tem o Liechtenstein, a França tem o Luxemburgo e toda a gente tem a Suíça. É muito fácil esconder dinheiro na Europa. Antes, os bancos europeus tinham medo de aceitar dinheiro da Máfia, nos anos 80 e 90. Hoje em dia, são os bancos europeus que procuram o dinheiro mafioso, porque lhes falta liquidez e porque a crise económica colocou o sistema bancário de joelhos. Os bancos têm as defesas imunitárias em baixo e a Máfia consegue entrar. É um fenómeno relativamente novo, começou a meio dos anos 2000. A Máfia costumava ter dificuldades em lavar o dinheiro nos bancos europeus, recorriam a offshores*

da América do Sul ou da Ásia. Agora conseguiu integrar-se completamente na economia legal.

**euronews:** São acusações muito fortes. Costuma provocar reações a nível político ou sente que é ignorado?

**RS:** As reações são quotidianas. Nunca sou bem-vindo nos países que visito. Costumam dizer-me: ‘esse é um problema italiano, fala do teu país’. Normalmente, acusam-me de exagerar, de inventar, de repetir aquilo que já se sabe. E é aqui que isto faz curto-circuito: tudo aquilo de que temos falado não está oculto. Simplesmente, ninguém lhe presta atenção. Nos últimos tempos, mais do que nunca, a atenção concentra-se no terrorismo. Por isso, o dinheiro da Máfia tem espaço para circular por onde quiser.

### **A rentabilidade em torno dos refugiados**

**euronews:** Os relatórios mostram que o crime na Europa está [a explorar a crise dos refugiados](#). Supostamente, o tráfico de pessoas tornou-se num dos crimes mais rentáveis. É assim que vê este contexto?

**RS:** Todos os barcos que atravessam o Mediterrâneo são geridos pelos cartéis. Mas não pelos cartéis italianos, como toda a gente pensa. A Máfia não tem uma palavra a dizer neste domínio. São grupos turcos, líbios, libaneses que há muito investem no tráfico de seres humanos. E a Europa não faz a mínima ideia do que é esta dinâmica. Os cartéis que geriram a chegada dos sírios à Europa pertencem à máfia turca, a mesma que gere a heroína que vem do Afeganistão. O Daesh, por exemplo, o Estado Islâmico, possui três fontes primárias de rendimentos assentes em atividades criminosas: a extorsão, o contrabando de petróleo e o contrabando de arte. Em quarto lugar vem a droga: o Captagon, que é uma metanfetamina, ou a marijuana,

*que o Daesh cultiva na Albânia. Se quisermos não perceber realmente a situação, adotamos uma leitura superficial, que consiste em falar no choque de civilizações. Ou então reconhecemos que isto se trata de um embate entre grupos criminosos. (...) -**Roberto Saviano: “São os bancos europeus que procuram o dinheiro mafioso”***

**Roberto Saviano: “São os bancos europeus que procuram o dinheiro mafioso”**

A sua vida está irremediavelmente associada à Máfia, cuja realidade expôs ao mundo através do livro “Gomorra”, há mais...

[pt.euronews.com](http://pt.euronews.com)

Yes, eles também tem banana. Ou trocando em miúdos não há casa de ferreiro que o espeto não seja de pau...

*Na série de documentos vazada nesta quinta-feira pelo jornal britânico The Guardian está um comunicado da embaixada dos EUA em Madri. A mensagem enviada a Washington revela que, em janeiro de 2010, o promotor espanhol Jose “Pepe” Grinda González afirmou que Rússia, Bielorrússia e Chechênia haviam se tornado na prática “Estados mafiosos”, onde “não se pode diferenciar atividades do governo e de grupos de OC (sigla em inglês para crime organizado)”.*

*Grinda diz ainda ter informações de que alguns partidos políticos russos operam “de mãos dadas” com o crime organizado. Ele afirma também que o aparato do governo em Moscou — em particular serviços de segurança — tinham ligações próximas com a máfia. O promotor é conhecido por ter liderado uma longa investigação sobre o crime organizado na Espanha, que levou a mais de 60 prisões.*

## **Putin**

*Outro dos documentos vazados fala sobre “a pergunta sem resposta” sobre o quanto Putin estaria envolvido com a Máfia, e o quanto ele controlaria as ações do crime organizado russo.*

*Entre as mensagens diplomáticas vazadas está ainda um relatório do embaixador americano na Rússia John Beyrle sobre a corrupção em Moscou.*

*“Elementos criminosos se beneficiam de uma krysha (rede de proteção e extorsão) que permeia a polícia, o serviço de segurança federal, o ministério do interior e o escritório da procuradoria, assim como na burocracia do governo da cidade de Moscou”, diz Beyrle.*

*Em outra mensagem, enviada em fevereiro deste ano, o secretário de Defesa dos EUA, Robert Gates, diz que “a democracia russa desapareceu”.*

*O premiê russo respondeu a essa afirmação em entrevista à CNN na quarta-feira, dizendo que Gates estava “profundamente equivocado”.*

## **Ex-espião**

*O promotor espanhol afirma também que o ex-espião russo Alexander Litvinenko, morto por envenenamento em Londres em 2006, acreditava que o serviço de Inteligência russo controlava o crime organizado no país — hipótese que Grinda corrobora.*

*De acordo com os documentos, Washington dizia que eram grandes as possibilidade de Putin ter sido informado sobre a operação para assassinar Litvinenko em Londres. O Kremlin nega qualquer envolvimento.*

*O Wikileaks também divulgou uma mensagem enviada aos EUA pela embaixada americana em Kiev, Ucrânia, em dezembro de 2008, que revela que um empresário ucraniano com ligações com a estatal russa Gazprom afirmou ao embaixador dos EUA ter ligações com o crime organizado.*

*Ele disse que precisava de apoio de um mafioso chamado Semyon Mogilevich para abrir um negócio. Forças de segurança dos EUA e da Europa acreditam que Mogilevich seja o “chefe dos chefes” da maior parte dos grupos mafiosos russos. (...) **Rússia é chamada de ‘Estado mafioso’ em documento vazado pelo Wikileaks***

### **Rússia é chamada de 'Estado mafioso' em documento vazado pelo Wikileaks**

A Rússia se tornou praticamente um "Estado mafioso", assolado por casos de corrupção e redes de extorsão, afirmam...

[www.bbc.com](http://www.bbc.com)

### **Measuring the Mafia-State Menace**

The link between crime and the state is neither as new nor as scary as Moisés Naím depicted it, argues Peter Andreas...

[www.foreignaffairs.com](http://www.foreignaffairs.com)

Não, não foi só Sinatra

**Nota: (sobre Sinatra, mas não só ele...)**

*(...) Os biógrafos de Sinatra associam o renascimento do cantor nos anos 1950 novamente à intervenção da Máfia, que não apenas assegurou a ele um dos principais papéis no filme A Um Passo da Eternidade (1953) como teria garantido o fim das obrigações contratuais com a orquestra de Tommy Dorsey. Esse episódio, aliás, teria inspirado Mario Puzo a criar, no capítulo de abertura de O Poderoso Chefão, o cantor protegido da Máfia (Johnny Fontane), que pede ajuda a Corleone para se livrar do contrato com o bandleader Halley. O “padrinho” manda seus homens atrás do maestro Halley (leia-se Dorsey, segundo recomendam os biógrafos) e tudo se resolve com uma ameaça de morte.*

*Surpreende, portanto, que um homem assim tão ligado a contraventores tenha se unido à cruzada de Martin Luther King, nos anos 1960, cantando e levantando dinheiro para a causa dos direitos civis dos negros. Ou que, militando na frente popular da esquerda americana nos anos 1930 e perseguido pelo poderoso Hoover (o chefão do FBI), tenha dado uma guinada à direita e apoiado depois presidentes desonestos como Nixon. (...) -*

***Biografia de Frank Sinatra associa cantor à máfia***

Surpreende?

**E outras notas:**

**JPMorgan é processado por cobrar taxas muito altas na compra de criptomoedas - Studio Bitcoin**

O JPMorgan Chase & Co. foi processado por cobrar impostos e taxas de juros "altíssimas" para clientes que usaram seus...

[www.studiobitcoin.com](http://www.studiobitcoin.com)

### **Ação gera o maior honorário da história**

O pagamento da primeira ação da Copersucar em relação ao crédito com o Instituto de Açúcar e Alcool (IAA), como...

[www.valor.com.br](http://www.valor.com.br)

### **Pesquisa identifica doenças mentais em atingidos pelo rompimento da barragem da Samarco em Mariana**

Uma pesquisa sobre saúde mental que entrevistou 271 atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, da Samarco, em...

[g1.globo.com](http://g1.globo.com)

### **Os onipresentes barões ladrões: olha o JP Morgan aí...**

Para quem achou que a imagem acima dos velhos barões ladrões norte-americanos, os clássicos, no artigo URGENTE: O MAIOR...

[medium.com](http://medium.com)

## **Renda Básica como vocação**

Em Outubro de 2018 vai completar 10 anos que nós fizemos o primeiro pagamento de uma renda básica em Quatinga Velho. Nós quem? Institucionalmente o ReCivitas. Mas na prática, naquele dia, naquele primeiro momento, “nós” não éramos sequer ainda a pequena rede de pessoas espalhada pelo mundo inteiro que nem se conhecem e tem contribuído com doações desde então. “Nós” naquele dia eramos apenas dois, um casal, Bruna e Marcus. E para não ser ingrato digo 3, pois sem o

Pedro, que não por acaso é meu pai, na contabilidade jamais conseguiríamos ter prestados as infinitas contas a burocracia que com certeza teria cumprido sua missão tácita e posto fim a essa iniciativa.

Na verdade muitos continuaram apostando nisso: Não vai durar. Como tantos outros projetos não só de renda básica, mas sociais ele não poderia, não tinha como durar, afinal contrariava uma das leis fundamentais das sociedades atuais: não existe lanche de graça e logo ninguém faz nada de graça por ninguém, e quando o faz, o faz por impulso. Um impulso juvenil que tende a cair de podre e com ele junto os sonhos conforme a pessoa “amadurece”. “É a vida...” eles dizem, e nós também a nós mesmo tentando nos convencer... com essa e outras frases feitas: “já fizemos nossa parte...”, “tentamos...”, “é hora de cuidar da nossa vida...” etc..., etc...

Então porque teimamos?

Após 10 anos poderia falar de muitas outras coisas que realizamos ou que se transformaram a partir disso. Poderia construir uma narrativa de forma impessoal e institucional focada em conquistas, resultados e transformações sociais. Após 10 anos não precisaria construir essa narrativa dando tanta importância para o pessoal e individual. Mas seria não só uma narrativa vazia e estéril, mas falsa. Não foi nas costas e braços de “vontades” institucionais que esse projeto se ergueu nem se manteve. Nem elas explicariam como o impulso a vontade de fazer, se tornou um compromisso. A força que mantém e mantém esse iniciativa ainda de pé, quando já não temos mais esperança de que vá crescer mais que isso... Não explicaria como esse impulso se tornou um compromisso com o que foi construído e não mais com um sonho. Teimosia? Mas também gratidão.

Se houvesse uma palavra que pudesse resumir meu sentimento por Quatinga Velho, essa palavra é gratidão. Sim foi só uma decisão, mas poderia ter tomado outras... poderíamos ter casado ou comprado uma casa, mas o que recebemos sem esperar nada em troca, como diz o comercial não tem preço. Só que não é um comercial. Me sinto um privilegiado. Sei o quanto soa ridículo isso que estou dizendo. Dizer que me sinto um privilegiado... chega a ser engraçado principalmente para quem olha para as pessoas com mais riqueza e poder, e o quanto mais elas em suas posições privilegiadas poderiam fazer algo, mas essa posição é a delas e não a minha. Não é como elas que posso contar, ou deve esperar, até porque isso é da conta delas, não da minha.

Posso não ter dito todas as oportunidades do mundo, mas tive as que precisei para poder agir naquele momento, e sei o quanto isso é um privilégio... num mundo onde tão poucas pessoas tem condições de fazer o que podem, querem, mesmo tendo forças, vontade e saber para fazer. E como não saberia disso se é pelo que eu luto na forma de uma renda básica?

Nós acostumamos a olhar para o dito 1 por cento, mas nos esquecemos comodamente (de lembrar) que [mais da metade da população mundial não tem acesso a saneamento básico](#). E para eles, nós somos os privilegiados do mundo, a obrar e andar, e não somos só 1 por cento.

Mas não é só nesta condição básica que constitui minha posição privilegiada para fazer algo por quem não tem sequer isto. Não é uma questão de posses e poderes, mas de liberdades e vontade. E se fazer algo depende das condições como meios que se possui, não depende só disso, mas antes e muito mais ainda da quantidade de vontade livre que se possui como força e liberdade para usar o que se tem para fazer. Uma condição que portanto não é condição de poder, mas de liberdade. E se há

uma coisa que a renda básica ensina é que não há maior engano do que confundir liberdade com poder.

Não tenho posses e poder, mas tenho liberdade. Ou mais precisamente minha liberdade diametralmente oposta a quantidade de tempo e energia, ou se preferir simplesmente de vida que não perco lutando para perder ou não ganhar posses, poderes e posições que não tenho nem almejo. Não é a toa que quem tem menos é justamente quem mais faz inclusive em termos absolutos, as possibilidade de ação não deriva dos poderes e posses que se detém, mas da liberdade que não é detida, incluso pela preconcepção de que o sentido da vida se resume a isso, ter, poder e ser feliz com isso.

É um erro brutal confundir liberdade como poder. Um erro que não é só ético, mas matemático. A liberdade é um condição, mas uma condição que não se mede não pela quantidade de posses, mas pela quantidade de tempo e espaço livre. E nem sempre posses, poderes e posições social garante mais tempo e espaço livre para fazer o que realmente queremos fazer, ou sequer buscar e vir descobrir isso, mas determinam sempre o que temos que fazer em função deles.

Tempo livre é o fator determinante da liberdade. Algo que se não descobrimos em vida, descobrimos em morte quando o tempo de verdadeira liberdade, a liberdade como fenômeno, a vida decai a zero. Meios podem ser ganhos e perdidos. A liberdade como fenômeno vital, não. Entre propriedade e trabalho, há uma força elementar que constitui e move todo o sistema, a liberdade tanto como vida quanto como o sentido que lhe dá forma a si e aos meios como tais.

Sabemos que algumas pessoas mais privilegiadas que as outras não precisam trabalhar, ou escolher quando e onde e no querem empregar seu tempo livre, trabalhando ou não, para si ou para outros. São mais ou menos livres para escolher o que querer fazer ou não, e o tempo que dispõe para tanto é a medida dessa condição chamada liberdade. Há famílias cujos membros dispõem apenas de algumas horas livres no dia, ou só na velhice, outras onde os membros dispõem o suficiente para fazer o que quiserem o que quiserem por toda sua vida, inclusive nada, por gerações e mais gerações. Essa diferença de liberdade, mensurável no tempo livre ao longo das nossas vidas para poder empregar nossas forças e capacidades em seu ápice ou descansar, como todos sabem está ligada aquilo que ganhamos e possuímos seja através do emprego dessas forças ou de outras, ou simplesmente herdando de quem amealhou essas posses.

A liberdade como condição é sempre um privilégio seja ele natural do nativo que colhe da natureza aquilo que ela dá de graça, seja o artificial do explorador que colhe o plantou ou que outros plantaram, ela é sempre quantitativamente proporcional ao tempo livre, o tempo que não precisa ser ocupado simplesmente tentando sobreviver, e inversamente proporcional a miséria, o tempo que é preciso se gastar simplesmente tentando não morrer de carestia. Nesse sentido a riqueza não está propriamente naquilo que se possui, mas no custo e benefício da liberdade e literalmente vida que se gasta e ele está sempre sendo gasta, porque o tempo não parará, para amealhar tais posses que o nome já diz para que server, possuir, poder. Ter para poder fazer, liberdade.

Essa é a equação material da liberdade que todos nós que vivemos com posses e tempo livre contados conhecemos muito bem e sabemos calcular instintivamente ainda que sem saber somar ou ler. Quem possui tem como usufruir e quem usufrui, tem tempo livre na exata medida da sua usufruição. Ou em termo mais econômicos tem propriedades auferir

renda e quem tem renda suficiente pode trabalhar para enriquecer, que não a possui, tem que trabalhar ou não o suficiente tem que trabalhar para quem possui para se sobreviver e se sobrar algo comprar sua alforria com propriedades que lhe garantam alguma renda para que senão ele, seus filhos possam escolher o que farão da sua vida, e não ser obrigados a fazer o que tiver para fazer, se ou quando tiver, se quiserem sobreviver. É disso que a renda básica trata quando falamos em liberdades fundamentais. Contudo como a equação demonstra você pode obter sua liberdade não só aumentando suas posses, mas diminuindo literalmente seu custo vida, claro que não só ao limite da sua tolerância a pobreza, mas ao limite da sobrevivência, a menos que aprenda a fazer fotossíntese. Ou inversamente implodir toda liberdade possível não importa o quanto você possui ou em que taxa aumente a suas posses, se não o que lhe move não é uma determinada condição ou qualidade de vida considerada ideal, mas sim a própria maximização dos ganhos ou posses. Neste caso não importa, o quanto você ganhe ou tenha, matematicamente você não só precisa de uma quantidade material infinita para satisfazer seu anseio insaciável, precisa de uma quantidade de tempo igualmente infinita que nem mesmo a conquista da imortalidade pode prover, porque seria ainda sim apenas uma vida eterna de mais do mesmo: maximização do ganhos ao custo da redução a zero do tempo livre para significar a vida para além da sua preservação ou maximização das suas chances de sobrevivência.

É por isso que em geral que quem busca a maximização de ganhos quando sábio- o que não quer dizer que não seja um canalha -não sacrifica o seu tempo livre para maximizar o seus ganhos, mas o do alheio especialmente de quem é obrigado a vender o seu para subsistir. Matematicamente, a quantidade de tempo livre deriva portanto do quanto literalmente suas posses trabalham para você, e não você para elas. Quanto menor o tempo que você precisa gastar para que as coisas produzam o necessário para manter seu padrão de vida, mais tempo você tem para se dedicar a outras coisas, inclusive a criação de novas.

O “problema” contido das propriedades é que quanto maior o seu nível autonomia, sejam naturais ou máquinas, menor é a probabilidade delas não se comportarem como propriedades, e agirem de acordo com seu potencial, isto é como seres independentes que não obedecem ordens, ou responde de forma predeterminada e automática por reação a ação, mas sim imprevisivelmente de acordo com sua capacidade de tomada de decisão. De modo que tempo livre a energia que poderia ser empregada em outras atividades, ainda sim, demanda mais tempo e energia para a vigilância e manutenção do sistema de produção.

É o paradoxo dos donos de escravos, ele evidente é mais livre do que o pobre escravo que possui e explora, não precisa viver e morrer desgraçadamente na corrente e chibata. Mas não está livre de uma vida miserável de vigilância sobre quem ele depende para subsistir. Uma vida vivida de constante preocupação e em função do que se possui. Bem, há quem goste e ou até tenha tara por esse tipo de relação de poder, mas não se pode dizer que essa é uma vida saudável ou livre de dessas compulsão que domina e governa os homens que precisam dominar e governar outros homens não só para viver mas para se satisfazer. Porém, mesmo aquelas pessoas que não tem esse tipo de tara, nem posses ou relações de poder ilegítimas, não estão livres desse paradoxo das propriedades e suas responsabilidades seja para o bem ou para o mal. Ao mesmo tempo que as posses aumentam as condições de vida, a manutenção desse padrão de vida, exige sempre mais tempo, energia e senão ocupação, preocupação para mantê-lo na exata medida que esse padrão e custo não só de recursos mas de tempo não para de crescer. E por mais que se otimize e acelere a produção com a automação dos processos, isto de nada adianta se o objetivo não é propriamente ganhar mais tempo livre, mas acumular mais posses. Pois cada ganho de tempo em otimização e velocidade de produção é usado para produzir ainda mais e aumentando nossas posses e acelerando o mundo, demandando mais tempo e energia para podermos acompanhá-lo.

É uma curiosa armadilha psicológica onde se trabalha e ganha cada vez mais para poder ter mais tempo livre e fazer o que queremos, porém quanto mais trabalhamos, produzimos e possuímos, mais aumenta a demanda para que produzamos mais para manter o padrão de vida de modo que o objetivo do tempo livre e realização dos sonhos de quem não sonhou apenas em viver para acumular, vai se adiando até o fim dos seus dias, quando já velho e sem a mesma força decide se aposentar. E aí o que lhe sobra de tempo falta-lhe em vitalidade e energia, isto é claro supondo que ele seja ainda o mesmo, e que ao longo da estrada não tenha se esquecido do sentia e pensava e queria para sua vida quando ainda era jovem.

No ativismo social como em qualquer outra atividade não é diferente. Quantas pessoas não conheci que esperaram ou mesmo buscaram a vida inteira amealhar um patrimônio para poder então as transformações e inovações e envelheceram para se tornar a imagem do que juraram para eles nunca ser e transformar. Ou então morreram como o “primeiro” utopista, Fourier, se penteando para estar apresentável quando enfim encontrasse o financiador da sua utopia perfeita, o falanstério. Não preciso dizer que morreu penteado sem ver seu falanstério construído. Embora, como consolo possa dizer que a partir de suas ideias deixadas que muitas comunidades e experiências autônomas seriam criadas no futuro.

Claro que a quantidade de posses e recursos afeta a produção e sua escala. Mas a menos que a pessoa seja um completo escravo da privação primitiva ou dos mais altos padrões de vida, que não tenha nenhum tempo livre ou recursos, ninguém é completamente desprovido por mais precária que sejam suas condições não só de mudar sua vida e o mundo, principalmente se não for um megalomaniaco que acredite que o mundo não é nada menos que a totalidade de todas as pessoas (e coisas) que

existem, nem um prepotente que anseia por determinar ou controlar o destino delas. Na verdade, não só pode transformá-los com seu potencial, como aumentar esse potencial enquanto tempo livre e capital, invertendo a razão ou finalidade do seu viver, mesmo que permanece como uma demanda materialmente impositiva literalmente reduzindo o custo da sua vida, não só em recursos mas em tempo e energia vital que se gasta da mesma.

As posses e poder são como o conhecimento, pode parecer que ter uma quantidade infinita de saberes na sua cabeça aumenta as suas possibilidades, porém bens móveis e imóveis só multiplicam a sua liberdade se você não puder nem mais se mover. E não adianta construir uma casa cada vez maior para colocar tudo que puder dentro, porque ainda o importa é a facilidade e o tempo que você gasta para conseguir fazer as coisas mais simples que você continua precisando fazer, ao menos enquanto não tiver um escravo ou rei, feito de carne ou engrenagens para fazer ou pensar por você. Mas no dia que ele fizer tudo isso, não importa se ele é o rei ou escravo, quando ele tiver todos o controle de todos os meios, ele será o proprietário e você a propriedade e os cachorros estarão levando os donos para passear... estarão?

Não entendam isso como um elogio a pobreza. Quem gosta de pobreza ou melhor de fazer apologia a pobreza, é burguesia de esquerda, que por sinal nisto discurso fora não difere em nada da direita moderada, gosta dela não para si mas para o outro devidamente posto em lugar, nas periferias. Exceto é claro que precisem de uma empregada ou pedreiro... A pobreza é uma merda, e só não digo que é pior do ser rico ou podre de, porque não sei o que ser isso, senão por observação. Mas por experiência própria sei que é melhor viver livre num lugar sem miséria, mesmo como pobre e estrangeiro, do rico em gaiolas de ouro dentro da sua própria casa. Embora do ponto vista global essas metrópoles não sejam muito

diferente dos nossos condomínios fechados, coloque gente “indesejável” a porta querendo entrar e as barreiras e impedimentos se tornarão tão concretas quanto podem ser os muros e a discriminação.

A pobreza é a pior condição de privação que uma pessoa pode estar, porque é estar acorrentado sem correntes, preso sem necessariamente ver seu carcereiro, ou quando não é artificial, mas natural sequer há um carcereiro, mas só a prisão, um enorme buraco onde não importa o que a poderia poderia ter feito da sua vida, vai morrer dentro dele sem jamais fazer nada, porque não pode escapar sem que alguém que esteja fora estenda a mão e ajude a sair dela, ou hajam tantos presos no mesmo buraco que passam subir uns nas costas dos outros. O problema é que quanto mais desesperadora for a carestia, mais é como as pessoas estivessem se afogando, e a puxar uns aos outros para o mesmo buraco. Vira balde de caranguejos que não precisa de tampa, porque todos tentando escapar puxam uns dos pernas uns dos outros.

A questão não é condição ou quantidade de posses que se possui, mas a capacidade de transformar essa ter e poder em capacidade em tempo e ação livres. Rico ou pobre que não consegue materializar suas propriedades e rendas ínfimas ou gigantescas na possibilidade concreta da suas vontades e vocação para produzir, criar e agir são escravos da mesma impotência e inação. Podem estar trabalhando para manter ou sair da sua condição de vida, mas não estão colocando sua condição para trabalhar para sua vida, não naquilo que ela é mais essencial, a realização, a sua realização. O tempo livre como potencial é uma abstração, completamente vazio de sentido e proposito sem essa vontade de simplesmente ser e fazer. Uma abstração como a posse e o poder quando não podemos determinar qual o seu sentido, razão e função. Abstrações tão grandes, preconceitos tão predeterminados quanto a nossa própria identidade onde não podemos afirmá-la não como uma forma de ser.

Há quem se pergunte se o que seria do mundo se quem é mais pobre passassem também pudesse viver de renda, quem é que trabalharia? O que faria com seu tempo livre. Será que sabem que quem desfruta de mais tempo livre graças a seu trabalho, também se pergunta a mesma coisa sobre ele? O que ele faria da vida e seria do meu mundo se ele pudesse trabalhar mais por vontade dele e menos a minha, mais por suas necessidades e menos por meus desejos?

Isso é mais uma confissão de parasitismo do que uma pergunta. Pois, rico ou pobre nem todo mundo que vive das propriedades que possui não trabalha para produzir com o tempo que não gasta tentando sobreviver ou não vive necessariamente da exploração de quem precisa se vender para ganhar seu sustento. Sim acaba-se o negócio de muita gente que ainda vive da privado e estatal de quem se sustenta graças a exploração da privação primitiva e escravidão disfarçada, mas não só os as pessoas que são hoje exploradas passam a ser livres até para produzir, como os negócios produtivos que não sustentados pela exploração da carestia não sofrem mais a concorrência criminosa desses trafico criminoso de pessoas e trabalho.

É perfeitamente possível qualquer pessoa que não esteja submetida a extrema privação viver de renda. Qualquer pessoa. Mesmo as pobres, tudo depende da relação entre as posses que se possui e o padrão de vida que se pretende manter versus a quantidade do se produz e se contribui para o sustento de todos através do trabalho livre, isto é sem o uso justamente do trabalho subsidiado por esse tipo de exploração privação primitiva. Quanto mais gente livre da carestia pode se dedicar livremente a produção, maior a quantidade de riqueza disponível e distribuída para sustentar rendas bens e serviços fundamentais para todos, e menor a massa de manobra e exército formado pelos obrigados a se vender em troca de pão a tiranos criminosos, seja no mercado escravagistas

econômico ou político. A ideia de que não é possível as pessoas viverem de renda, e que estão condenadas a trabalhar não produzir sua própria riqueza, mas a de quem já a possui, não é uma ideia de gente que paga pelo trabalho de pessoas trabalhar para ele, mas de escravagistas modernos, parasitas políticos-econômicos que carecem de gente que não tem como recusar a fazer seu serviço sujo em troca de pão. Ou seja não é uma riqueza que se acumula do que é produzido pelo trabalho livre de pessoas livres, mas sim produto da exploração de quem não possui liberdade para trabalhar livremente, o produto subtraído do trabalho e posses de quem não tem como sobreviver sem se render e vender a quem detém o monopólio político-econômico dos meios necessários a subsistência. E monopólios não se formam nem se sustentam em livre negociações entre partes igualmente livres, mas pelo primeiro de todos os subsídios a exploração a violência: tanto como agressão quanto privação, ou simplesmente a sua ameaça tácita e normalizada embora criminosa simplesmente pela força dos hábitos, costumes e se preciso for ritos e leis.

Quem tem um bom negócio ou um bom governo não precisa de um exercito de famintos para sustentá-lo, pelo contrário precisa de gente livre e capaz de se opor e resistir a eles, que não caem por falta de confrontação, mas literalmente falem por falta de mão-de-obra alienada. Mas eis que voltamos ao balde de carangueijos, onde as pessoas vivem sobre a ameaça constante de governos populistas e autoritários trancadas em seus cofres de ouro, se cagando de medo do próprio lugar em que vivem e sustentando a preço desse ouro os parasitas que bancam sua desgraça do que investir na emancipação política e econômica da sua própria população. Dá para entender por que se diz que cada povo tem o governo que merece. Povo, não... correção: sociedade. Porque nem todo mundo que pertence ao povo tem de fato os mesmos direitos nem muito menos condição sobretudo como tempo livre para tomar parte da sociedade, incluso como dever e responsabilidade correspondente ao direito socialmente garantido.

De nada adianta portanto somente a redistribuição. É preciso que ela se efetue sem o uso da exploração primitiva ou coerção de qualquer tipo de violência, incluso a estatal. Se esses roubo e escravidão são renomeados e legalizados isso não os torna mais legítimos nem menos criminosos. Mas pelo contrário torna os Estados e sociedades que dele se valem seja contra seu povo, outros, ou classes ou minorias que não são consideradas cidadão ou gente com direitos naturais plenos ainda mais criminosos, por arrogar-se a prerrogativa de impor como lei o crime contra liberdade, propriedades e direitos naturais.

De nada adianta a redistribuição se ela é fundamentada na trabalho forçado pela privação ou no confisco do que é produzido, seja com ou sem exploração destas privações. Primeiro porque o que é produzido diretamente ou subsidiadamente pela exploração das privações é produto de roubo, tráfico, interceptação ou trabalho escravo legalizados, e portanto não cabem tributação mas restituição e compensação. E segundo porque o que é produzido sem recorrer e até mesmo concorrendo ou se contrapondo a tais artifícios e subsídios criminosos, legais ou não, não pode ser coercitivamente expropriado, nem no todo (confisco) nem parcialmente (tributos) porque isto é o próprio roubo legalizado com o qual se produziu e reproduz a massa de expropriados a partir das formas mais primitivas de privação.

Não importa o quão rico é um indivíduo ou grupo, se a riqueza que ele adquiriu foi produzida pelo trabalho livre dele ou de outros que venderam sua força, sem o uso da coerção, exploração ou indiretamente subsidiada por quem se vale desses artifícios para obter vantagens, qualquer forma de tributação não consentida sobre tais ganhos é roubo, ou até mesmo escravidão. Roubo se aquilo que se toma foi obtido por apropria pacífica, e escravidão se aquilo que se toma é produto do trabalho de quem não tem meios nem sequer de parar de produzir, não detém os meios

econômicos nem as liberdades políticas fundamentais para poder parar sem colocar em risco a vida ou sobrevivência, sua, dos seus, ou até de outros. Situação que o direito a greve e locaute mitigam mas não resolvem, porque simplesmente servem para renegociar os termos do sequestro de bens, produção ou do próprio corpo da pessoa reduzida a mão-de-obra por não ter como adquirir ou manter os dos primeiros sem vender o tempo livre do terceiro. Não servem como meios para negociar novos contratos sociais a medida que os insatisfeitos não podem trocar nem fundar outro serviço público ou social, mas tão somente demandar benefícios ou redução de malefícios, tanto o quanto isso é possível, frente a um monopólio jurídico-legislativo-executivo armado do território, ou as personas físicas e jurídicas, privadas ou estatais por ele mais “igualmente” protegidas.

Em outras palavras não pode tributar o que é produto de roubo, porque o que é produto de roubo não é objeto de tributação, distribuição, nem redistribuição mas de recuperação, restituição e compensação ao legítimo dono. Essa idéia de Estados Robin Roods, de ladrões que roubam ladrões é além de um roubo duplo é uma fraude. Não roubam de quem rouba e explora, nem muito menos restitui quem foi roubado. Roubam a todos, vítimas e ladrões, roubam quem produz sem explorar o trabalho e não deve nada a ninguém, assim como roubam até mesmo quem já é roubado em trabalho como explorado. Roubam e não restituem nem compensam nada, porque o roubo não pode ser restituído senão integralmente no que resta e compensado no que foi perdido, na medida do que é possível compensar o que foi tomado, porque bens materiais podem ser recuperados, restituídos e compensados, mas tempo de vida produtiva e em liberdade não, ainda mais quando se estendem por gerações e mais gerações. O que não quer dizer que o crime esteja prescrito, porque ele se reitera e amplifica a cada pessoa que nasce privada da sua herança comum.

O Estado não só obriga quem não deve nada a pagar pelo sustento de quem ele não expropriou, o estado obriga o próprio expropriado a pagar pelo sustentação da sua perpetua e progressiva expropriação até a extinção de sua raça. Um campo de concentração de longo prazo onde os expropriados mais rebeldes são mortos a bala, os mais obedientes morrem com o peso do trabalho forçado. A redistribuição serve apenas para que a mão-de-obra produza e se reproduza na medida certa para manter o campo de concentração funcionando enquanto houver o que tirar dele, ou enquanto não houver mão de obra, animal ou maquinal que subsistiu os concentrados.

Hoje não se compram trabalhadores, alugam-se. O comercio e regime de trabalho é o de locação por tempo de serviço ou emprego. No feudalismo, o trabalhador era um servo que fazia parte da terra, não podia ser vendido separadamente, no mercantilismo, era um escravo do dono que podia ser vendido para quem ele bem entende-se. No capitalismo é uma empregado durante determinado período do dia e duração do emprego. Os termos e as condição de trabalho e posse da mão-da-obra são distintas e mudaram, não só de regime para regime, mas dentro dos próprios períodos, havendo uma série de leis de proteção que para que o proprietário não dispusesse da mão de obra como bem quisesse, que variaram de tempo e espaço, mas a condição fundamental e diferença fundamente permanece a mesma: um manda por que detém os meios legais, armados e materiais ou sua proteção, o outro obedece querendo ou não justamente porque não tem como viver nem fugir.

Não é a toa que o Estado não nasceu como Estados-nação mas como cidade. Cidades-Estados. E a urbanidade, a concentração da mão-de-obra disponível em torno dos centros políticos-econômicos, como panóptico de sedentários. E a tensão entre civilidade progresso e barbárie e ruralidade encarne a pisque desesperada dos servos-autômatos neofeudais que

desesperadamente fogem para as praias e campos entupindo estradas como formigas nas férias e finais de semana. A fuga dos escravos de alugueis, também é agendada programada nos calendários, e tem prazo de vencimento e validade como sua vida produtiva. Não é o tempo que é liquido é a vida que derreteu, e faz tempo...

Quando o Estado tributa quem produz sem explorar a privação primitiva, e o próprio privado primitivamente ele reproduz e reitera “civilizadamente” sua origem primitiva de pilhagem tributação escravidão e violência da população de um território por quem o domina pelo império das força armada. E é por isso que toda vez que esses estados e suas instituições civis entra em crise voltam a sua origens e pilares fundacionais, o monopólio da violência contra povos vizinhos ou seu próprio. Uma casa pode ser reformada, pintada, mas por mais fundo que se enterre suas fundações são elas que a sustentam enquanto ela existir. Não existem Estados Sociais nem Ecológicos. O que existem é Estados que devoram seu próprio povo e cagam na sua própria casa, e os que devoram os outros e cagam no vizinho. **Vide os social e ecologicamente estatais mineradoras do reino da noruega na Amazônia.** Por sinal, escândalo que explodiu apenas depois da tomada discreta do Planalto pelos militares brasileiros. Moral da história: quem devora e caga nesse território somos nozes (quer dizer eles) e não o rei da Noruega. **Que o diga o general Villas-Boas.**

Há 3 modos de se amealhar bens, se apropriando pacificamente do que não é reivindicado por mais ninguém. Tomando a revelia dos demais a posse do que é disputado, violentamente ou não. E produzindo coisas novas em cima disto. As possibilidades de agregar valor através da criatividade e inventividade humana se não são ilimitadas são indeterminadas, os recursos naturais com os quais se cria não. Não enquanto a industria humana não for capaz de produzir e reproduzir

recursos vitais e ambientais ilimitados. Não basta fontes de energia ilimitada é preciso matérias-primas, espaços ilimitados. De modo que a espécie humana ou adventa tal materialidade a tempo de evitar que nos consumamos uns aos outros juntos com o meio e seus recursos- supondo que isso é possível. Ou aprende a compartilhar o que por necessidade é comum a todos tanto para sobrevir quanto co-existir em paz e produzir mais liberdade e riquezas e não relações de poder e pobreza e logo em última instancia extermínio lento dos mais vulneráveis em tempos de normalidade e acelerado em tempo de crise e guerras. Ou aprendemos a transmutar energia em matéria para vivermos em paz. Ou apreendemos a conviver no mundo material que temos, antes que a matéria ou o que é mais provável o nosso tempo se esgote.

Um dos grandes saltos recente da humanidade foi a noção que a tirania e os monopólios são algumas das piores formas de crime e violência. Na verdade termos similares para um mesmo tipo de relação com o mundo dado que Monopólio é uma tirania economia , e a tirania é monopólio político. Duas formas de poder que se alimentam e não sobrevivem simbioticamente uma sem a outra. Se no plano intelectual da industria humana os monopólios e tiranias sempre podem ser quebrados, pela inventividade, no plano material o limite do advento dos novos mundos termina nos campos e fronteiras dos espaços já descobertos e conquistados, ou na capacidade de primeiro enxergar e depois alcançar os inexplorados.

De repente o mundo ficou pequeno. Pequeno demais para todos nós. Quem chegou primeiro, fica mais tempo, e já sonha em ficar para semente. E já olha para as novas gerações como olha para o estranho e estrangeiro como invasor da Terra e terras. Alguém que não veio para perpetuar a efemeridade da sua existência mas roubar seu tempo, espaço e comodidade da sua existência. O inimigo não é mais o próximo na

relação espacial, esgotada, é o próximo na relação temporal, geracional. É o ser que irá nascer, visto não mais como a continuidade da vida, mas como uma excedente populacional. Uma boca a mais num mundo, onde a função de besta de carga dos povos, perde valor de produção para a das máquinas.

Se no passado os miseráveis olhavam miseravelmente para seus filhos como a seguridade social para uma eventual velhice. Hoje olham para eles como reis para os príncipes, o troféu do seu sucesso familiar quando criança e o inimigo ou peso social quando adulto que se não irá o patético trono do seu cargo, irá pesar até o final da vida como um encargo. Triste dilema do fim de vida dos burros de carga a temem ter que carregar até a morte sua prole, ou ser substituído e tratado como lixo descartável por ela. Mas não triste e miserável quanto os mortos-vivos que a imagem e representação do mito do deus tirano Cronos lutar contra a inevitabilidade devorando as novas gerações.

O que fazer? Não sei, sei o que nós fizemos com o que temos e podemos. E não tínhamos (e nunca teremos) o suficiente para fazer o que queiramos, então reelaboramos a escala do que pretendíamos fazer e arrumamos tempo e recursos para fazê-lo diminuindo nossos custos e gastos para ganhar o mais importante dos capitais tempo livre. Literalmente trabalhamos potencializando ao máximo a eficiência do pouco que tínhamos para aumentar nosso tempo, capital e impacto social empregando-os não no convencer outras pessoas a fazer, mas fazendo, o que no caso da renda básica quer dizer pagando diretamente a renda básica para as pessoas. Ou seja decidimos ao invés de trabalhar em outra coisa para manter um padrão mais alto de vida, usamos nosso capital e tudo para quem e onde ele faria a diferença.

Portanto sei o quanto o uma renda razoavelmente garantida pode fazer para empoderar e libertar uma pessoa e não só por observação. E o quanto ela poderia fazer muito mais se não fosses os miseráveis 40 reais que pagamos, mas 400 por exemplo, principalmente a quem carece e perece por tão pouco. Claro que há que pessoas que não conseguem viver com menos de 4.000 ou mesmo 40 mil reais, para não falar de mais duvidem que as pessoas possam viver com tão pouco. E elas estão certas.

Relativamente a elas, estas pessoas não vivem, mas morrem. E isso se reflete na disparidade gritante da expectativa de vida entre pobres e ricos, negros e brancos, moradores de periferias e centros abastados. Uma expectativa de vida, que se dependesse apenas altas taxas de mortalidade e não da natalidade, já teria tendido a zero faz tempo, para alegria do capitalismo eugenistas que querem “esse tipo de gente” se reproduzindo somente a razão estritamente necessária para a manutenção dos trabalhos e serviços que eles não querem fazer. Um inconveniente que as máquinas poderão resolver em breve... quando o custo de toda e qualquer máquina for mais barato do que a carne humana até do mais carente e desesperado desempregado.

Não é só a obsolência das máquinas que é programada, a impotência humana sobre o seu destino também. Perdido a olhar para o gigantismo das instituições e seus números, perdemos a noção de quanto os mais ínfimos movimentos nos mais diferentes e inusitados lugares podem difusamente dar inicio as ondas mais gigantescas ainda. Libertar-se não é livrar-se só de uma condição. Mas antes de qualquer coisa livrar-se de uma arcabouço de pensamento que mata e amputa toda a força das nossas vontades e vocações antes mesmo de precisar mover qualquer ação ou reação. E o que nos tira desse estado inercia e impotência, não é a esperança. Mas a justamente a revolta dessa condição de autocomiseração eterna em favor do levantar e andar, e estender a mão a quem não pode esperar pelo despertar da boa vontade de uma.

Ficar contemplando e esperando, reclamando ou protestando ou lutando para que quem pode ou deveria fazer o faça, mas olhar para si mesmo, para sua própria força de vontade, para sua própria potencia, por mais que ela seja ínfima, ela se agiganta quando tomamos ciência do quanto aquilo que desprezam e desprezamos em nós pode ser a riqueza para alguém ao nosso lado que precisa de tanto e ao mesmo tempo de tão pouco para se levantar.

Reconhecer que todo ser humano tem o direito natural à vida e liberdade; que ninguém deveria morrer ou se vender pela absurda razão de não ter nada como sobreviver; tudo isso é só metade da consciência do que é uma renda básica; É só metade do caminho. E que portanto não chega a lugar nenhum. Reconhecer o direito é importante, mas não é suficiente. A outra metade mais importante é assumir o dever, chamar a responsabilidade de prover isto que se reconhece como direito do outro de acordo com a capacidade e possibilidades. Apontar responsáveis, impor, delegar ou transferir essas responsabilidades ou condicionar a assunção desse compromisso a adesão de outros ou demais, pode não ser a mesma coisa que renegar o direito a provisão do mínimo vital para todos, mas na prática o ato e logo o resultado é o mesmo: nenhum para ninguém.

Concordo que isso que estou dizendo vai muito além da renda básica. Não só do que as pessoas compreendem hoje como renda básica. Mas mesmo antes. Mas essa é justamente a questão. Pensa-se na renda básica como uma proposta política e econômica de transformação social. Eu penso nela como um compromisso ético, uma responsabilidade social, capaz de transformar as relações políticas e econômicas. Ou melhor eu penso na renda básica como instrumento de realização desses princípios, que antes de ter a pretensão de transformar o mundo ou a sociedade, mudam as pessoas para que elas possam se apropriar e transformar o mundo como sujeito, e não mais como objeto incluso de emprego alheio. E essa

transformação antes de ocorrer com quem recebe uma renda básica, ocorre com aquele que consegue assumir esse compromisso ético de pagá-la livre, voluntária e conscientemente. Um compromisso que portanto antes de ser com outros seres humanos que recebem ou também pagam, é um compromisso consigo mesmo, com a sua própria humanidade que antes de ser o conjunto de todos os seres humano é a sua natureza para além do que se é, é a sua natureza como vocação transmutada em vontade de vir a ser.

Uma vez despertados, e em movimento podemos inclusive ver e assumir o mesmo princípio de defesa e provisão de todas as formas de vida, não só as humanas. A consciência de que todo ser vivo tem direito a um espaço e recursos vitais, meio ambiente e vitais suficientes para viver não como num zoológico, mas livre de acordo com a vocação e potencia inerente a sua forma de vida é uma noção que não se restringe nem se compreende somente pela provisão de recursos monetários e econômicos. Mas não é uma responsabilidade que se pode impor para os outros, não só por uma questão de respeito a liberdade, mas porque essa responsabilidade é produto dessa consciência- e se há algo que não nasce sem liberdade é o estado de consciência.

Pode-se dizer que a renda básica é a provisão material das liberdades como direito. E propõe-se que essa garantia seja feita por Estados ou Sociedades, mas de que são feitos Sociedades e até Estados senão das disposições de pessoas para com pessoas?

Estamos institucionalizados demais. Somos prisioneiros. Perdemos a noção que as instituições são formadas por pessoas, e não as pessoas formadas por instituições, ma gênese das novas sociedades, estados e compromissos que os constituem. Compromissos que antes de serem produto de concepções ou imposições, sejam elas mutuas ou

autoritárias, são fruto da nossa vontade de se manifestar e agir em afirmação da nossa identidade e consciência. Um agir que assim como a própria renda básica não está condicionado aquilo que outros fazem, ou deixam de fazer, nem muito menos tentam impor ou impedem que se faça. Atos que praticamos não apenas porque esta é nossa vontade, mas porque concebemos que é a nossa vocação. Atos que praticamos, e que dão significado a nossa existência ao afirmar aquilo que acreditamos que somos, não importa o credo a ideologia interesse ou sonhos por trás deles.

Estados, sociedades, leis, deveres assim como o reconhecimento do outro e seus direitos não nascem nem se sustentam daqueles que se movem por preconceções e imposições. Há aqueles que matam, aqueles que roubam, corrompem, exploram ou simplesmente se omitem perante a pobreza e carestias que tudo isso traz, assim como há aqueles que só não fazem nada disso, porque são obrigados ou porque é o que todo mundo faz. Mas não são estas pessoas que fundam nem sustentam os estados de paz e justiça. Não foram elas que deram os passos que nos retiram dessa condição brutal primitiva, nem são elas que darão qualquer outro passo em direção ao que ainda nos falta como humanidade. O direito a vida e liberdade é igual para todos, a consciência suficiente para respeitá-lo e resguardá-lo não. E nunca será completamente. Sempre existirão aqueles a apenas esperar; aqueles a reclamar; aqueles a usar os outros; a pregar sem fazer nada ou o oposto; a impor que os outros façam; e a tentar destruir o que está sendo feito; sempre haverá tanto gente a renegar e violar direitos quanto a omitir e transferir responsabilidades impondo-as como obrigações para com as vontades deles. Mas também haverá pela mesma razão, pessoas a fazer sem esperar ou cobrar nada de ninguém, apenas porque esse é o que ele é ou quer ser. Essa é sua vontade como profissão da sua vocação. Não meramente como função social ou produtiva, mas antes da profissão da sua vocação humana como razão social e produtiva.

Não, não são pessoas especiais, todos somos assim. Todos temos talvez não condição mas o potencial de professar nossa vocação em atos . E assim muitos o fazemos e sem sequer precisar nos dar conta disso. Se não desnaturados, não matamos, não roubamos e não violamos ou violentamos os outros simplesmente porque podemos, não a maioria de nós, não só não busca causar esses males, não encontra prazer nisso, nem é incapaz de compadecer, como cremos que podemos e precisamos fazer algo quando está ao alcance de da força de nossas mãos. E não porque somos obrigados, adestrados, mas porque esse é a nossa instinto gregário, tão ou mais forte que o assassino, nossa natureza, nossa vocação, manifesta exatamente no grau do estado da nossa consciência. Logo condições e possibilidades fora, dentro de nós é o tamanho dessa consciência. Uma consciência que é produto não só da nossa sensibilidade e inteligência solidárias que podem estar narcotizadas e adormecidas, mas jamais completamente degenerada ou completamente amputada, não enquanto formos e quisermos ser o que somos: seres domesticáveis como como qualquer outro animal, mas também humanos, seres com vontade (e vocação) para comandar não os outros ou o mundo mas nossa própria vontade, nós mesmos e tão somente a nós mesmos de modo que não evoluímos sozinhos, mas como espécie, olhando uns para e pelos os outros.

Muitos não se importam de matar ou deixar morrer outros seres humanos ou outros seres vivos. Muitos não se importam em tomar ou destruir o que os demais também precisam para viver. E outros tantos a obedecê-los sem pensar ou por medo. Mas não é olhando ou esperando por eles que vamos chegar onde queremos e fazer o que tanto precisamos e clamamos. Não é seguindo ou esperando que quem se perdeu do caminho se reencontre que vamos chegar aonde queremos, mas sim olhando para nossas próprias mãos e abrindo nossos próprios caminhos com nossa força de vontade, juntos ou sozinhos, como tiver que ser. Caindo ou não no meio do caminho.

Não nunca existirá força de vontade nem poderes do tamanho do que é preciso fazer, e nossa existências e realizações sempre serão pequenas perto dos ideais, mas não é onde tombamos, a extensão que percorremos que determina a grandeza da ação mas o compromisso que pode ser infinito se nossa resistência e persistência não tiver limites nem prazo de validade. Não basta agir é viver é teimar, persistir, importunar.

Servo e senhores só fazem o que fazem porque um obriga e outro é obrigado a fazer, de modo que o senhorio e escravidão são estados completamente dependentes, inúteis e perniciosos. O servo sem ter quem assenhere dele, o senhor sem quem o sirva. Contudo aquele que é senhor de si e não dos outros, mesmo que seja obrigado a servir pode estar privado de fazer muito do que poderia, ou obrigado a fazer outras coisas que jamais faria, mas ainda sim é um homem livre que não precisa que senhores ou escravos façam o que ele acredita que deve ser feito. Ele não aguarda por salvadores, senhores, nem servos e fieis, não aguarda sequer as oportunidades, pega suas privações e grilhões, pega todo o arcabouço que o prende e transforma na chave da libertação da sua liberdade que não precisa ser dada nem conquistada, mas que já foi retomada ainda em cativeiro na sua forma mais fundamental: a dignidade. A consciência da sua natureza, sentido de vida e identidade como nenhum outro senão aquele que ele o dará para ela, ou seja, liberdade.

É por isso que quando digo que a renda básica é a realização de um princípio libertário, não estou fazendo um jogo de palavras, ou tentando aderir ou enquadrá-la em credo ou ideologias políticas e econômicas ou morais. Estou falando de ideal libertário como a ideia ou ideal de liberdade que se concretiza como fenômeno em práticas libertadoras. E práticas libertadoras antes de serem libertadoras dos outros, de quem as recebe são práticas emancipatórias de quem tomou consciência do seu

próprio potencial, são práticas empoderadoras antes de tudo de quem estende a mão para quem assim o quiser.

É por isso que a renda básica ou qualquer outro ato de provisão ou garantia de direitos e liberdades fundamentais precisa antes de sociedades que os instituem antes de querer que as instituições os façam, porque as instituições são o produto da normatização desses hábitos e costumes enquanto ethos e não o contrário. Precisa de pessoas que simplesmente façam o que devem, não porque são pagadores de impostos, seus empregados ou governantes, mas porque chamam essa responsabilidade para si porque é preciso fazê-lo com compromisso, como o médico pelo doente, o bombeiro pelo acidentado, ou simplesmente o comum por sua comunidade cidade.

O que faz do médico um médico, não é meramente o saber da anatomia, fisiologia, e toda ciência que compõe a medicina. Mas o compromisso, o juramento que eles fazem sobretudo para eles mesmos, de que não se negarão atender quem quer precise dele. Se o compromisso de estudar e apreender para poder fazer, os diferencia dos charlatões, o que os faz dele profissionais e não mercenários é a sua ética, o compromisso com a sua vocação construída e constantemente reafirmada não apenas com o estudo e trabalho, mas consigo mesmo afirmo não para com outro. Não foram os serviços, leis ou programas de saúde nem os títulos ou mesmo as escolas que fizeram desses homens, quem eles se fizeram, foi seu compromisso, sua vocação concretizada numa razão muito mais do que social ou governamental de ser, sua razão antes de tudo humana, ou o que é a mesma coisa: vocação. Não, não foram suas escolas, hospitais, sistemas de saúde, códigos e sociedades que fizeram deles quem são, foram eles com sua consciência e responsabilidade manifesta como força de vontade e vocação realizada que os fizeram profissionais e professores do seu saber em ato. Foi este estado que é antes de tudo de espírito em si

e para com os demais que constituem as escolas, hospitais, sistemas de saúde, código de ética, cidades, polis e nações, e antes de tudo isso constituem o advento da própria profissão como fé professada. Porque antes do advento da medicina, surgiram os primeiros homens e mulheres que antes do crença que poderiam curar usando a razão e depois o saber, tinham a vontade e o credo que é a gênese de toda profissão de saber e fazer: o credo que algo precisa ser feito, pode ser feito e ele pode fazê-lo. Uma vontade que renasce, se redescobre e se reinventa a cada nova geração, quando uma criança descobre sua vocação, não só de ser médico, mas de todas as profissões que não são impostas a nós a força pelas privações “da vida” em troca da sobrevivência, riqueza ou status, mas por despertar dessa enquanto vontade de ser, vocação.

Por isso não encaro a renda básica como experiência, proposta ou assistência, nem minha atividade ou ativismo social como caridade, ou mesmo encargo (ou desencargo) de consciência, mas vocação. Não é nem deve ser compensação social ou governamental pelos males que causamos, ou bem comum que privamos uns aos outros. Mas a manifestação do que queremos ser em sociedade pelo reconhecimento do outro no seu igual direito de buscar concretizar todo seu potencial e dar sentido livre e próprio a sua existência humana que não é só semelhante ou só igual a minha, é a própria realização dela a humanidade pela construção do nós.

A boa vida não se resume a viver e deixam viver. Há que se proteger a vida e a diversidade de sentidos e vocações e possibilidades que constituem a própria vida como liberdade. Além daqueles que matam e destroem formas de vidas. Violam e violentam seres e liberdades, dignidades, Impõe desejos e vontades a força matando vida em sua liberdade, dignidade, sentido e vocação, e aqueles que dedicam sua vida a salvar vidas, libertar pessoas, findar com privações, e aqueles que buscam

e seguem uma vocação. A minha é basicamente buscar que todos tenham a chance de buscar e seguir sua vocação não só profissional ou social, mas antes de tudo natural e humana. Sua vocação de ter vocação. Liberdade como dignidade ou simplesmente o direito social a ter seus direitos naturais garantidos. Algo que tenho plena consciência que embora seja dever de todos, não só é uma responsabilidade que exige poderes ou possibilidades extraordinárias, exige apenas a consciência e livre e espontânea força de vontade, dos comuns. Sem esse estado de consciência, por mais instintivo que sejam as vontades não fazemos nada, sequer nos levantamos da cama. Sem essa consciência de que precisamos nos levantar, sem essa alma simplesmente não nos levantamos, nem movimentamos não por vontade plenamente livre e própria. Na verdade sem esse estado de consciência de fato sequer acordamos. Não trabalhamos, não pensamos, podemos viver rolando e comendo bosta, ou passar por corpos de outras pessoas caídas na rua sem sequer nos darmos mais nos darmos conta. Não movemos sequer pedras, quanto mais montanhas, rolamos como bosta, para onde quer que nos empurrem e empurremos os outros.

Por isso nesses dez anos de pagamento da renda básica, paradoxalmente o menos importante de tudo é a renda básica. Se não fosse através dela, se ela não funcionasse, faria o que faço através de outros meios. O que não faria, como qualquer outro que escolheu seguir sua vocação é deixar de praticar o que escolhi como profissão, ainda que como amador, porque não é pago, porque não é reconhecido ou porque já foi até mesmo perseguido. Não deixaria de exercer minha atividade como posso e com o que tenho. Porque as autoridades autoproclamadas não querem. Por quê? Pela mesma e simples razão que não cuspo na comida dos outros, estupro, violento, roubo ou mato, ou nem ganho meu sustento privando os demais do seu e prefiro viver de caridade do que apelar para isso. Nem achamos isso normal, nem consigo permanecer impassível por mais que queira.

Quando a ilusão da impotência e dependência absoluta desaparece, passamos a dar valor não só ao que temos ao tudo que podemos fazer com isso. E fazer esse tudo isso que está ao nosso alcance é muito mais do que brincar de mudar o mundo como criança mimada e crescida, é tomar seu lugar nele como adulto emancipado sem roubar o espaço de ninguém mas com certeza a revelia daqueles das correntes e amarras do que pregam impossível e pregavam dar em lugar nenhum.

Não somos fechados em nós mesmos. E isso não é senão uma abstração, de fato apenas o produto da nossa imaginação que, irrealizada não passa de uma fantasia. E continua o sendo quando lidamos com o mundo, e outros seres como se fossem seres inanimados, meros produtos da nossa abstração, ou mais precisamente da redução das formas de vida a coisas, meros abstrações da nossa mentalidade. O que somos se define não apenas na ação, mas na relação, na interação entre seres como seres e não entre seres que tratados os como coisas, frutos de ideias sem nexo se coisificam. No entanto é um erro pensar que o nexo está na conexão. O nexo, o sentido dos seres, não estão nas relações, mas nas disposições de cada ser para constituí-las. Em outras palavras, o que somos não se gera, se concretiza nas formas como nos relacionamos. O que somos e o que concretiza nas relações, se gera das nossas concepções que se não são fantasias e abstrações produzem essa relação que se concretiza como conhecimento e reconhecimento da existência do outro. Se essa relação é recíproca há comunhão, mas mesmo onde não há nenhuma reciprocidade, mesmo que o outro não reconheça quem você é, o que você precisa, seus direitos nem assuma nem respeite nada que você concebe e assume como ser e dever. Ainda sim, nada impede que você o faça por você e e ele.

Logo, não é necessário reconhecimento universal de direitos e liberdades fundamentais ou assunção universal de deveres para concretizar direitos

e liberdades. Necessário é no mínimo uma pessoa que seja dispostas a respeitar, defender, tais direitos. E quanto maior a capacidade e o número dessa pessoa, ou delas mais universalmente serão garantidos esses direitos e liberdades. Porém se as pessoas vão gastar seu tempo impondo a defesa ou provisão como obrigações a outros. Ainda sim, estarão a gastar seu tempo e forças para impor tal responsabilidade como obrigação de outros, e necessariamente se obrigando a obrigá-los. Um desperdício de tempo e forças com resultados inferiores e degeneradores não só para quem é obrigado mas para quem obriga. Pois, uma coisa é ser obrigado a se defender. Disto quando não temos como fugir quando cercados. Outra é não violar e violentar, que demanda apenas um não agir. Mas uma terceira é defender e prover, as duas demanda ação. E impor que uns provejam ou defendam outros pela ameaça da violência ou privação é justamente constituir o estado e mentalidade do qual buscamos nos livrar e libertar quando reconhecemos direitos fundamentais e concebemos seus respectivos deveres para protegê-los e prover sua garantia. Em suma, aquilo que somos capazes ou temos condições de fazer voluntariamente não é só tudo o podemos fazer, mas o que devemos fazer e não impor, quando nosso propósito não é poder e dominação, mas justamente o oposto a liberdade e libertação.

A renda básica — assim como a democracia direta, a expressão política da liberdade que ela significa economicamente- não são propósitos, nem princípios são apenas meios, formas, adequadas ao nosso tempo, para realização desses princípios que encerram em si sua própria finalidade: vida em paz e liberdade. Mas que não existem senão como abstrações sem esse atos que concretizam tais ideais dentro das condições e necessidades.

Criados nos efêmeros estados de paz entre guerras e na liberdade como autorização dos senhores desses estados de guerra e paz, já não somos capazes de ver que a paz e a liberdade não são estados nem produtos de

Estados, não são relações sociais, nem produto de sociedades. Mas o produto da nossa consciência, isto é da nossa mentalidade como ato, atitude e hábito. Natural que as correntes da privação, impotência, imposições, violações, violência destruam nossa fé e confiança em nós mesmos e no poder transformador das nossas próprias ações esmagadas e apequenadas por poderes supremos e totais. Mas o que constitui o universo, seja o natural ou artificial, não são os poderes ou códigos, mas as forças elementares que os constituem e os escrevem. Não somos nós e nossas ações que são um produto do mundo, mas o mundo o produto da vontade manifesta em ações; o produto dessa força elementar, dessa anima que não constitui apenas o fenômeno da liberdade, mas da vida, de modo que o ser presente nada mais é do que a manifestação concreta da vontade de vir a ser do instante anterior, e cada instante de existência um constante vir a ser mantido por essa vontade que se perdida se desfaz.

Porque ao contrário que a doutrinação da impotência e servidão prega, o que somos e fazemos não é dado nem imposto, nem está alienado ou desintegrado nem sob os piores estados de violência, privação e insegurança. Ser e fazer são o produto da mesma força elementar constituinte de cada célula, que é em si um universo enquanto movido pela força autocriativa e criadora que gera, sustenta, transforma e reinventa a si mesmo, alguns chamam isso de caos, outros de entropia, outros ainda de mera aleatoriedade, eu chamo de vontade pura, liberdade como fenômeno, o motor que não apenas movimenta, mas da anima, forma e concretude a tudo àquilo que se tem autonomia identidade e existência própria em relação ao todo que faz parte não por discriminação de outros seres capazes de dar nexos às coisas, mas porque ele possui em si a força elementar para produzir todo o nexo e conexão necessária para fazer parte e constituir o todo como a rede da vida, a anima, o espírito das coisas, a livre vontade ou simplesmente a liberdade.

Não é preciso acreditar ou ter consciência disso para reconhecer e respeitar o direito dos outros seres vivos aos meios necessários a vida, mas para assumir que tal liberdade como sentido de vida e responsabilidade sim. Tomar a responsabilidade sobre a provisão de todas as formas de vida de acordo com o que nos apropriamos ou possuímos desses meios ambientais e vitais na medida da nossa capacidade contributiva adquirida pelo que possuímos requer mais que respeito requer responsabilidade, e não há responsabilidade onde a inteligência não atinge o nível da consciência. Saber que precisamos contribuir como podemos com os demais não porque podemos, mas porque temos e detemos as coisas que todos os demais precisam para subsistir não é algo que se consiga colocar na cabeça das pessoas como obrigação. A menos que se acredita que as obrigações não passam daquilo que se consegue impor a força da ameaça ou manipulação os demais. Todo ser vivo tem o direito natural de lutar com todas as forças para não ser privado delas ou contra quem as priva. Homem ou animal, nenhum ser dotado de alma é obrigado a aceitar nenhuma condição que seja uma sentença senão de morte da sua vida e liberdade. Seria portanto no mínimo uma contradição impor privações para livrar pessoas de privações e imposições. E se realmente o ser humano precisasse disto, já estaria extinto ao menos como gente.

Se a evolução da humanidade carecesse da tomada de consciência ou racionalização dessa solidariedade que o instinto gregário e solidário provê desde o nascimento já estaríamos extintos faz tempo na qualidade daquilo que estamos nos tornando ao perder essa inteligência instintiva, ou seja, vírus predadores de nós mesmos e do Planeta reduzido a mero hospedeiro que nos sustenta.

A própria necessidade de precisar racionalizar o que deveria ser pressuposição mais do que evidente, não demonstra uma evolução da

nossa razão, mas uma perda patológica grave dessa sensibilidade que compõe a inteligência. O que faz de certa forma todo discurso sobre renda básica ou direitos humanos aplicados em geral, uma pregação ou para convertidos ou para surdos. Pois aquele que reconhece esses direitos por sua qualidade de direitos não só não precisa ser convencido. E aquele que não consegue ver o contrário, que ninguém pode morrer por privação de acesso a recursos naturais, não tem senso nem sensibilidade para ser desconvenido.

Quem está disposto a colocar em discussão se uma criança deve ou não viver, ou morrer de fome, se este ou aquele inocente deve ser sacrificado em favor de muitos, e outros absurdos do gênero, não é uma pessoa aberta a pensar e discutir qualquer assunto, é pelo contrário uma pessoa pressupõe que qualquer assunto está sob o julgamento e sentença da sua persona autoritária e fundamentalista que toma tudo e todos como objetos submissíveis a sua razão e jurisdição. Está disposto a questionar a legitimidade de tudo e emitir sentenças sobre todos, exceto a legitimidade dele mesmo para julgar e emitir sentenças sobre o que não lhe pertence nem como juiz nem senhor para qualificar ou desqualificar e tanto menos para determinar ou intervir no destino a revelia do consentimento de quem é o verdadeiro soberano ou co-soberano do seu destino.

Afirmar portanto que outros pessoas ou seres dotados de vida e liberdade enquanto direito natural, fundamental ou universal, não é emitir um juízo como se tivesse autoridade para renegar ou decretar o contrário. Não é colocar sobre julgamento a vida e liberdade alheia, mas é colocar o seu próprio poder de dispor e julgar a vida e liberdade alheia. É tomar consciência não só que todos têm direito a vida a liberdade, mas sim que ninguém tem direito algum sobre a vida e liberdade dos outros. Não temos direito, legitimidade ou jurisdição nem para renegar, nem afirmar, mas tão somente reconhecer os limites da nossa própria vida e liberdade

inclusive como justiça e igualdade sobre o que pertence aos outros e logo está submetido a seu consentimento absoluto, assim como reconhecer que a necessidade de permanente negociação e acordo mutuo naquilo que sendo comum, vital e indivisível precisa ser e estar compartilhado no mínimo como poder de decisão e usufruto por todos. Isto é claro se não queremos ser apenas bandidos e tiranos travestidos de justiceiros e vigilantes em permanente pé de guerra disfarçado de estado de paz.

É por isso que a consciência sobre o respeito aos direitos que se busca garantir positivamente se constitui não naquilo que nos arrogamos como juízes para impor ou prover ao outro como obrigação ou transferência de responsabilidades, mas pelo exercício da nossa própria liberdade como responsabilidade e ação direta. A única ação e obrigação que com legitimidade e justiça temos numa relação consensual. Logo, quando assumo o compromisso, antes de tudo comigo mesmo de pagar uma renda básica para alguém que concorde em receber, não posso exigir nada em troca porque o que estão lhe pagando embora não seja algo que eu deva especificamente a essa pessoa em particular, é algo que reconheço como meu dever para com todas as pessoas que posso pagar não só na exata medida do que posso pagar, mas no limite do que concordamos ser a necessidade não só dela, mas de toda e qualquer pessoa nas mesmas condições.

Se fosse o único proprietário e tirano de todo o planeta Terra de certo, sobre as minhas posses estariam tudo o que todos também precisam, e logo também a obrigação de pagar sobre essa posse, não sobre tudo o que o que ganho sobre ela mas sobre tudo o que privo todos os demais seres viventes do que necessitam para sobreviver. Isso é claro se além de ladrão e tirano, não quiser me tornar um escravista que usa daquilo que toma para obrigar que eles me façam o que eu mando, ou um assassino,

matando de fome quem se recusa a servir e a bala quem ousa se levantar contra meus domínios.

Porém se não sou um tirano, ladrão, escravagista nem muito menos assassino, tudo o que ganho sobre tais posses seja naturalmente dado por ela, ou produzido por mim pertence a mim em toda extensão do que consigo manter sem ameaçar com violência ou privação a vida de absolutamente ninguém. É portanto não sobre aquilo que produzo, sobre a riqueza que ganho ou produzo que reside a consciência do meu dever humanitário ou social de contribuir, mas sobre aquilo possuo e usufruo do que naturalmente se produz e reproduz e é vital para a subsistência dos demais, e estaria a sua disposição para sua subsistência se não acumulasse como excedente para minha. O acumulação de excedentes é perfeitamente válida e aceitável inclusive sobre coisas que não carecem do trabalho para serem produzidas e acumuladas, mas tão somente quando essas acumulação de meios vitais não implica em privação e imposição de carestia aos demais. Ou em outras palavras, a propriedade comum se torna passível de apropriação privada, na exata medida que não priva nem coloca ninguém em risco de vida por falta ou escassez de meios vitais e ambientais. Essa apropriação que priva e subtrai o bem comum necessário, é um roubo, e não raro por colocar a vida e liberdade das vítimas em risco, nunca se instaura ou é mantida sem o subsidio da violência.

Mas não sou, nem a maioria de nós é esse tirano dono do mundo e terras e recursos. Mal temos posses para cobrir a nossa própria subsistência com liberdade e dignidade, ou impor obrigações a quem tem menos que dirá para livrar todas as pessoas dessas privações. Mas isso não elimina nossa consciência nem responsabilidade. Pois não é porque não capacidade para atender a todos, ou outros detém mais posses e poder para fazer algo, ou até mesmo parar de fazer o que não devem que não

podemos e devemos assumir a responsabilidade de contribuir com tantos e o quanto pudermos.

Uma obrigação que nos estabelecemos por cobrança ou imposição aos outros, ou sequer sobre nós mesmos, mas por livre iniciativa e consciência duas força absolutamente distante e opostas que conduzem a compreensão de que ainda que seja ínfimo o que temos, uma parte ainda que mais ínfima ainda pertence por direito a vida a todos. E todos é sempre um coletivo tão vazio quanto ninguém, se não buscamos ao menos uma pessoa de carne-e-osso para começar a dar concretude a esse universo e universalidade. Quem são ou quantas serão essas pessoas isso é algo que não deve escolher senão por nossa capacidade de agir a quem quer receber porque carece de ação.

Quando a renda básica sai do plano da conjectura, e vai para ação. Paramos imediatamente de levantar hipóteses e empecilhos e olhamos para o problema da carestia, porque a solução da renda básica não faz sequer o menor sentido, onde não existe a carestia do básico como renda. Não olhamos mais para esse crime ou desastre humanitário mais como as vítimas embora também sejamos mas como voluntários. Voluntário diante de uma emergência, um desastre criminoso ou não. O voluntário não escolhe, ou não deveria, as pessoas por sua raça, idade, nacionalidade ou cidadania. Mas tira quem está ao seu alcance de acordo como pode, com as forças e meios que tem. Esse é o critério da elegibilidade de quem vai para a prática imbuído de valores universais e despedido de toda e qualquer forma de discriminação ainda que implícita.

E por isso ,repito, quando modificamos nossa mentalidade, nossa concepção de qual nosso papel no mundo, imediatamente verificamos que aquilo que parecia impotência se torna o própria manifestação do empoderamento e libertação, a começar de si mesmo quando mudamos a

nossa disposição de “não tenho o que e como fazer”, para “vou fazer o que puder com o que tenho”. Essa é para mim a verdadeira definição da renda básica, que não se concentra sobre quantos ou para quantos vamos receber, mas sobre o quanto e para quanto estamos dispostos a dar. O espírito do voluntarismo, ativismo e solidariedade que uma vez disseminado forma pactos sociais: garantia de direitos universais via assunção de deveres mútuos.

Reconhecer um direito sem assumir um dever é jogar com palavras. E assumir esse direito e imputar ou impor essa responsabilidade a outros, pode não ser tão criminoso quanto roubar esses direitos e impor a obrigação de manter esse roubo como dever das vítimas. Mas é tão nulo quanto não reconhecer direito sem obrigação nenhuma. É dizer que há um incêndio e que nós devemos apagá-lo. Nós quem? Por isso só há algo mais intangível do que o conjunto universo da renda básica para todos, é o conjunto universo de uma renda básica paga por todos nós. Não é, nem nunca será. Porque se um dia a renda básica chegar de fato a todos, não serão todos a contribuir com ela, nem muito menos deixarão de existir quem continue a investir na privar dos demais para tirar proveito das privações mais primitivas. E se vamos esperar o despertar da consciência deles então melhor esperar sentado, e investir em funerárias porque muita gente ainda vai morrer das causas mais evitáveis. deixar de trabalhar contra a privação.

Se um dia que de fato todas as pessoas e seres vivos deixarem de ser exterminados pela subtração e privação dos seus meios ambientais e vitais não serão nem os exterminadores, nem os omissos que por ventura terão freado esse crime contra a natureza e humanidade, nem os protetores e juízes nomeados por eles, mas os que se levantaram como puderam para defender e prover quem podia menos ainda. Essa é a força de vontade que tira a renda básica das utopias sobretudo as totalitárias.

Uma força que não está presente naqueles que detém posses e poderes, mas ao contrário naqueles que independente do quão pouco possuem ainda sim não renunciam nem a sua liberdade nem responsabilidade, no fundo apenas resistentes porque para elas não essa busca não é um ideal nobre, extraordinário e abstrato mas completamente real, popular e cotidiano: tão evidente quanto a necessidade de luta pelas suas vidas.

A renda básica antes de ser um cálculo, uma formula, uma definição, um programa ou serviço público social, um preceito da sociedade ou de um estado, é um ética, que não é nem religiosa, moral nem legal, mas factual. Não é fruto das prescrições de sagradas escrituras, revelações, ou investigações racionais. Mas uma principio voluntário e volitivo que uma vez manifesto como ato de consciência é ato constituinte de credos e razões, fundamentos, mandamentos, costumes, culturas, sociedades e estados como disposição e dispositivos humanitários, ou simplesmente direitos em ato. Sem ele, não só a renda básica, mas todos os princípios humanitários não só não nascem e se materializam, mas se esvaziam de sentido prático e teórico, ficando a mercê para serem ocupados como uma casa abandonada por qualquer ideologia que os tomem e usem até mesmo para transformá-la no oposto do propósito verdadeiro e original.

Estados de consciência produzem credos e razões mas sobretudo atos e atitudes que independe dos credos e razões dos para serem consumados por seus praticantes. De modo que mesmo aquele que não conhece e não prega porém pratica, é de fato e em ato verdadeiramente mais consciente do que aquele que se arroga a ciência e conhecimento do prega mas não professa. E até mesmo não raro impõe como fundamentalista, aos demais mas não se preocupa ou tem a menor intenção de praticar, pois seus valores e prioridade não estão na realização, mas sim na imposição da seus valores como prioridades.

Assim sendo, esse testemunho não escrito para aqueles que querem e não querem ser convencidos, mas para aqueles que não precisam ser vencidos nem convencidos para tomar uma atitude. Não estão preocupados em vencer ou perder. Não estão ocupados em agir de acordo não com credos ou mandamentos, mas sim de acordo com sua liberdade e consciência, esta sim tão sagradas quanto a vida, esteja escrito ou não.

A renda básica é para todos, mas sua responsabilidade não. Não porque esteja fechada a poucos escolhidos. Mas porque as pessoas são livres para fazer suas escolhas. O progresso da tomada dessa consciência e responsabilidade se dá na mesma progressão da própria universalização da provisão da renda básica e garantia dos direitos universais de fato. Ou mais precisamente na exata medida, que uma e outra coisa estão ligadas como um convite a ação tão independente e incondicional quanto é a própria da natureza do direito que se reconhece.

No fundo utopia é esperar o momento em todos os alienados ou seus alienadores despertem desse distopia para sermos e agirmos de acordo com nossa consciência. Pois o progresso dessa humanização dessa garantia de condições universais não se produz por coletivos ou todos abstratos para coletivos e todos abstratos, mas de indivíduos para indivíduos e é isso que forma os coletivos e a ação aberta e voltadas para todos, concretamente. E agir mesmo que não exista um estado, sociedade ou associação que permita ou facilite sua ação. Pelo contrário, é justamente as ações que desafiam a inercia e impedimentos seja o da omissão desprezo ou até mesmo a repressão aquelas que transformar o mundo, e essas ações não podemos nos enganar antes de serem sociais, são sobretudo pessoais.

A matemática que constitui a libertação e garantia de liberdades como condições concretas seja como renda básica ou não, mas ainda sim

sempre como ações concretas que livram as pessoas das violência da privações e dominação, é uma progressão que se dá não pela quantidade de pessoas partilhando dos mesmo mitos, ou credos ritos ou costumes ou regras, mas simplesmente pela tamanho da disposição daquelas que agem de acordo com sua consciência, ainda que sejam poucas. Uma progressão mais da realização de pessoas que sequer precisam conhecer uma as outras, quanto mais se associar para pertencer a humanidade ou colocar esse potencial em prática.

Um único homem com bilhões em capitais, ou bilhões de homens não são a solução mas o produto de uma solução. Não é causa, mas a consequência. Produto antes da vontade de realizar o ideal, do que se associar ou acumular para depois agir. Quando nos importamos com alguma coisa ou mais ainda com alguma vida, não esperamos o mundo se unir ou aprovar. Não precisa de desculpas para fazer ou não fazer, nem para si nem para os outros. A força que o move não precisa de nada que não seja. O sentido e significado não é dado pela atribuição dele ou de outros. Ele está em si no próprio fenômeno constituído por nada menos que seu ato.

Muitos acreditam que o que une e define os seres humanos são os mitos, as fantasias que ele inventa para formar se comportar seja como grupo ou manada, para nos empurrar ao que não temos vontade ou força de vontade suficiente para fazer. Não é. A força elementar que constitui a nossa forma de vida, é anterior e primordial a formação dos grupos e credos. Não precisamos acreditar no mesmo deus, ou sequer vir a conceber um, ter as mesmo culto ou cultura, ou sequer pertencer a uma para termos uma consciência e tomar atitudes através dela. Não precisamos de mitos e inconscientes coletivos para nem para agir, nem muito menos para pensar por conta própria, juntos ou sozinhos, com todos ou contra todos. Pois o mesmo principio que constitui o erro,

constitui também o acertos. Pensar e agir não estão acorrentados por amarras, não precisam de forças nem de sinais, ídolos que os guiem ou criem.

A liberdade que gera os males é o mesmo e único poder para realizar o bem. O problema é que ao contrário das pessoas patologicamente insolidárias as pessoas que querem fazer algo de bom estão presas a concepção de que precisam de um credo, um poder, uma autoridade, uma autorização, um sinal, que precisam sempre de algo que ainda não tem ou lhe foi tomado, quando tudo o que precisam para fazer qualquer coisa boa não é diferente daquilo que os canalhas, violentos e psicopatas precisam para fazer tudo o que é de ruim: Vontade.

É por isso que aqueles homens que não se importam com a vida alheia, com o bem comum conseguem mais e governar o mundo. Suas ações não estão presas no arcabouço dos mitos, sua mente e sua vontade não é prisioneira da aprovação ou permissão alheia. Eles querem... eles não rezam, eles fazem e tomam. Não se importam com os mitos e medos tolos, eles os criam e vendem. Usam e abusam do poder gerador do bem e do mal, para obter seus bens a custa dos males de quem quer que seja. Monopolizam o poder dos poderes, a liberdade, não só pela força, mas sobretudo pela forma servil e temerosa que levam os submetem e renunciam a seu próprio poder, essa liberdade.

Não é que seja mais fácil ser egoísta ou fazer o mal aos outros, o problema é quando o assunto é o bem, as pessoas se contentam apenas em apregoá-lo, ou esperá-lo, não correm atrás como se pelo simples fato de desejar querer o bem fizessem muito, ou qualquer coisa suficiente para realizá-lo. Esse é a razão porque a humanidade consegue o extremo de racionalizar e sistematizar o extermínio em massa de seres humanos, o holocausto, mas ainda não saiu não desenhou nem colocou em prática nenhum programa

de extinção da carestia com o mesmo empenho e pragmatismo. Se exitássemos e só orássemos na hora de construir armas e bombas o tanto que fazemos quando o assunto é a carestia, não teríamos meios nem fundos para fazer guerras, da mesma forma que se pagássemos sem exitar nem pensar como fazemos para sustentar os estados e forças armados não teríamos fome nem violência. Se nós que nos julgamos tão bons não nos maravilhássemos tanto com nossas boas intenções e tivéssemos um cêntimo da aplicação pragmatismo e impassividade daqueles que cometem as piores atrocidades, o mundo seria um lugar com diferente, talvez com bem mais gente ruim a fazer coisas que boas, do que gente boa a fazer tudo que não presta. Essa é que o problema, enquanto os que se dizem virtuosos se contentam em apenas dizê-lo, canalhas não ganham fazendo propaganda, não querem falar, mas fazer, e não ganham falando mas tão somente fazendo.

É por isso que nada a renda básica ou outras formas de garantia de direito a vida não saem do plano dos ideais de uma humanidade. O problema não é a humanidade que nos falta. Mas a humanidade, a nossa natureza que trocamos por mitos que não capazes de dar o sentido próprio a existência que o só o exercício da própria livre vontade é capaz de dar. Não é uma questão de ensinar ninguém a ser solidário ou ser “mais” gente. Não há nada mais autoritário preconceituoso e supremacista do que acreditar que alguém precise apreender a ser isso. Porque não é uma questão de construir algo que não temos, mas sim de nos livrar de correntes que são antes de tudo conceituais que nos tornam impotentes e absolutamente crentes da nossa ou da nossa impotência e dependência, ou deslumbrados da ideia que fazemos de nós mesmos independente do que somos ou fazemos, simplesmente por querer o bem dos outros. Foda-se o querer o bem. Querer o bem e 50 centavos não limpam a bunda nem compram um pingado.

Não é só dar sem esperar nada em troca, é fazer sem esperar nada de ninguém. Nem muito menos cobrar. É antes de tudo uma atitude. Se isso não é a definição da renda básica então não é renda básica o que fazemos, nem queremos fazer. Não como a prática dessa ética. e sim como quem tiver mais que se sustente. Renda básica não é um pedido ou reclamação nem muito menos uma imposição ou transferência de responsabilidade, ela é o chamar dessa responsabilidade. De fato não só uma abordagem completamente distinta, mas uma concepção. Porque não é uma demanda. É uma oferta. Não é de fato a mesma coisa na tese e na prática. Porque a ordem das coisas altera completa o resultado, de modo que sem inverter o que se produz o que temos de concreto até hoje, nada em lugar nenhum. Uma coisa é dizer que se tem um direito e exigir que outros o garantam a você, outra completamente distinta é reconhecer esse direito assumir a responsabilidade de cumpri-lo independente de qualquer outra condição, imposição, ou esperança. Numa a renda básica é uma demanda que o outro proveja seus sustento, na outra é a realização dessa provisão para o outro por si mesmo.

Isto é renda básica. Não é o direito sem o dever, o direito como obrigação reclamação e imposição sobre o outro. Mas sim o dever que a pessoa demanda da única pessoa que ela tem o direito de exigir e impor: a si mesmo, por reconhecimento não só do seu direito mas da sua responsabilidade para com o outro. É nessa ordem de fatores que a renda básica se realiza, e não a inversa. Um ato de responsabilidade e consciência perante os direitos, e não de alienação, transferência ou imposição de responsabilidade sobre outros. Um ato de libertação antes de tudo da nosso direito de transformar o mundo, na exata medida e legitimidade em que ele não é uma violência , mas empoderamento de ambos de quem paga e quem recebe voluntariamente.

Infelizmente o foco teórico da renda básica ainda que implícito ou enrustido está em quem deve ou não receber e quem deve se impor isso como carga e imposto. Quando na verdade enquanto não reconhecermos que ninguém tem direito jurisdição nem legitimidade para isso, nem discriminar quem recebe, nem quem impor quem deve pagá-la não teremos jamais a consciência necessária para realização da renda básica. Porque a renda básica antes de ser concretizada há que ser praticada. Há que ser conjugada com o verbo praticar antes do concretizar, pensado como o pagar como posso antes do receber o que eu quero.

Esse é o ponto. Prega-se a renda básica como redistribuição de riquezas, mas essa distribuição se não é um roubo, ou demagogia se faz, praticando a distribuição da riqueza alheia, quando se ela é adquirida com justiça não pode ser tomada, e se é adquirida como roubo não cabe redistribuição nem compensação, mas restituição ao verdadeiro dono seja ele alguém em particular ou o bem de todos os comuns. Debater o quanto é necessário, qual é o ideal, para quem, onde, é masturbação intelectual se antes não houver uma disposição clara não de quem e o que deve-se restituir, se é que temos meios de fazê-lo, ou quanto estamos dispostos a dispor do nosso tempo, dinheiro e trabalho para realizá-la sem esperar o milagre do arrependimento quem rouba ou pilha incluso o legalizado vá se Não é uma questão de dar o exemplo pela prática. Mas de fato tomar a atitude necessária para fazê-la da única forma que essa renda se constitui de fato como uma responsabilidade humanitária e não uma pilhagem.

É evidente que muito do bem comum que as pessoas carecem, não estão nas mãos de quem querem e fariam algo se pudessem, mas sim dos podem e não querem. Mas o crime deles não elimina a nossa própria responsabilidade social nem muito menos a humanitária. Pelo contrário se eximir dela, usando os expropriadores e omissos como argumento é se juntar a eles, para expropriar e se omitir, talvez não nos montantes que

eles pilham e exploram mas ganhando ainda que uma miséria com o mesmo expediente. De modo que não é o quanto se possui ou não que determina ou exime as pessoas das suas responsabilidades humanitárias ou criminosas. Mas a atitude. Ou melhor o quanto determina o grau dessa responsabilidade que só praticamente nula para quem não possui nem pode na prática nada. Ou seja mais do que pobre é um há que ser um completo escravo.

Nossa obrigação não é bancar o escravagista nem o ladrão institucionalizado conforme a sua demanda interminável, mas sim restituir a parte que pertence também aos demais na medida da sua subsistência. Podemos contribuir mais do que isso se assim o quisermos, se assim entendemos como o melhor para a paz ou libertação das pessoas, mas isso é doação. E ninguém é obrigado a doar seus viveres ou riqueza a quem tem fome, mas não pode cercar o única fonte de água e achar que tem o direito de negar ou reprimir com violência quem queira saciar sua sede, fazendo da pobreza do outro a sua fonte de riqueza e sobretudo poder. Sobre o que possuímos do que os outros carecem, sobre o que reconhecemos possuir ainda que infimamente e não monopolisticamente do que é vital para todos, é o que consiste a parcela de nossa responsabilidade sobre a garantia do mínimo vital aos demais.

Ninguém se conforma quando perde uma vida que lhe importa, dizendo a si mesmo que é um bom pagador de impostos. Ninguém se conforma fazendo menos do que realmente acredita pode fazer, e não raro se questiona por não ter conseguido fazer mais. É um profundo engano, para não dizer enganação, dizer que a renda básica é um produto da imposição de distribuição ou redistribuição de propriedades e rendas. Porque tal redistribuição se não é feita pelas próprios proprietários é roubo, a começar do bem comum. É por isso que quem busca apenas se livrar ou transferir responsabilidades, não quer saber de renda básica, ao

menos não da sua prática. Não quer saber dela enquanto responsabilidade assumida com alguém real, mas sempre dividida entre todos para chegar de fato a ninguém. Não. Renda básica não é o direito imposto ao mínimo vital. Nem o dever imposto aos que possuem mais de sustentar os que tem menos. A Renda básica é do dever humanitário de não privar ninguém do mínimo vital. Um dever que se torna dever social positivo a mediada que uma sociedade ocupa todo o território e controla o bem comum como seus recursos, estejam eles alocados como bem público ou particulares.

De fato ninguém tem obrigação de renunciar a nada do que é seu para dar a ninguém que carece nem muito menos que exija. Ninguém é obrigado a renunciar ao que possui nem como propriedade, tempo livre, para dar a ninguém; Ninguém tem obrigação de ser uma ativista social porque vive sob a proteção dos direitos de uma sociedade, mas tem o dever não só social, mas antes de tudo natural de não privar ninguém do que lhe é vital, seja não impedindo o seu usufruto seja compartilhando o necessário.

Responsabilidade social é aquele dever que todos possuem tanto em não tomar o que é do outro, quanto dar o que lhe é devido a cada um de acordo com seu poder e posse. É o próprio cada um a parte que também lhes pertence,. O que significa em obrigação de dar apenas a parte que pertence como usufruto aos demais do que possuímos. Isso é responsabilidade social e compete a todos que querem viver em paz em sociedade. O que o ativismo social faz é chamar essa responsabilidade quando não é cumprida. Ou ainda assumir como compromissos ações sociais que não correspondem a nenhuma obrigação ou responsabilidade natural de ninguém para com ninguém, mas são assumidas porque constituem a necessidade do outro.

De fato o progresso da universalização dos direitos se dá não pela força dos seus impositores ou impostores ou reclamantes. Mas justamente pelo princípio justaposto pela progressão daqueles que renunciam a essas condições e se proclamam não em palavra mas em ato como os próprios responsáveis pela efetivação desses direitos como seus deveres. A universalização dos direitos dá portanto não idealização teorização ou mandamento, mas por progressão da consciência mentalidade manifesta em atitude, concretizada em ato. Se dá pela disseminação desse compromisso ético independente de credo, raça. Se dá pela própria universalização da consciência que se constitui e manifesta não como ideologia mas simplesmente prática.

Foi assim que muitos seres humanos decidiram que não deveriam matar-se uns aos outros. E é assim que um dia, novamente não todos, mas aqueles que assim decidirem irão constituir essa nova forma de ser e agir. Se um dia teremos a vida protegida pela provisão de uma renda básica, não será portanto porque nenhuma força mítica ou poder supremo o garantiu ou prescreveu, mas porque em algum lugar, alguma pessoa decidiu por fazê-lo. Não é o superpoder que essa pessoa natural ou artificial tenha ou acumule que vai determinar quanto serão libertados de suas privações, mas quantos tomarem essa mesma decisão. Essa será o tamanho da concretização de uma renda básica, ou de qualquer outro ideal de humanização, a disposição e quantidade desses praticantes em agir, viver em conformidade com o que acreditam e não só em pregar. Eis a única coisa necessária para colocar a renda básica em prática como princípio universal: agir. Prover onde e como puder a garantia desse mínimo vital sem se preocupar com fronteiras, credos, sem discriminar quem ou onde. Um direito é tão universal quanto somos capazes de conceber cada pessoa como um universo em si, mas nossa força de vontade como força elementar de um universo tão infinito quanto a nossa vontade de constituí-lo sem limites. Ninguém precisa estabelecer de antemão esses limites, a realidade da vida já faz isso por nós, já nos poda

mais, sem precisarmos nos mesmos nos amputarmos, sobretudo nisso, a vontade solidária.

São dez anos, o projeto hoje anda com as próprias pernas, O capital doado já paga a renda básica. Cada nova doação ou contribuição que a pessoa faça constituirá a partir de agora um novo fundo para uma nova pessoa. Se isso vai ou não ocorrer não é algo que cabe a mim determinar. Pois no final das contas ele é só uma forma de colocar em prática em um lugar. Qualquer um pode contribuir, pode copiar, pode modificar e replicar em outro lugar para outras pessoas que ele não alcance. O projeto não é solução. É um produto dela. É meio, não força geradora. O importante é que estará lá mesmo, que ninguém o aprove ou abrace, foi desenhado para isso. Não para ser um exemplo do que podemos fazer ou como podemos fazer... ninguém precisa disso. Mas para ser o que ele é. A concretização desse princípio.

Não precisamos de santos, não precisamos de salvadores, nem de generais, precisamos só de soldados que não abandonam seu irmão no campo de batalha quando ele cai. Podemos continuar sendo os filhos da puta que somos não precisamos de nenhum espírito ou inspiração especial, para fazer o que precisamos fazer. Ninguém pode carregar o fardo do mundo em suas costas, não tem, nem precisa... não precisamos ser perfeitos, nem melhores, não precisamos de um razão, nem de mitos, só precisamos ser mais vezes o que somos, gente. Quem sabe isso não vire até um hábito. Toda a potencia que precisamos está dentro de nós, não importa o quão podre sejamos ou estejamos. Essa é a beleza da coisa. em toda sua monstruosidade, a mesma força que temos para colocar tudo a perder e estragar tudo, é aquela que a qualquer momento, sem nenhum razão, do nada, também nos permite fazer alguma coisa que preste, pegar um fardo que ninguém nos obriga, e carregá-lo como se também fosse nosso.

Então a renda básica é só isso? Não, mas sem isso sem esse espírito ela não é nada, nem jamais vai chegar em lugar nenhum.

## O ciclo da tirania governamental, insolidariedade social e pobreza dos povos

Ou como a desigualdade de poderes, como posse de bens comuns e meios vitais fomenta a indústria da pobreza e tirania no vácuo da solidariedade social.

Só há uma esperança mais ingênua do que acreditar que tiranos e demagogos são a salvação: é crer que o carcere desses criminosos “políticos” seja a solução do problema. Não, não é. Não funciona com os comuns não funciona com os políticos. A sociedade brasileira quer desesperadamente acreditar nisto, que o combate a corrupção e criminalidade irá colocar um fim nas mazelas do Brasil. Sinto muito, não vai. Porque assim como por definição mitos não reais, balas mágicas também não o são.

Mesmo se a repressão e detenção não fosse seletiva, mas completa de todos os parasitas e oportunistas políticos e econômicos, mesmo assim não se conseguiria quebrar esse ciclo de crime e miséria. Poderia até curar a bicheira do caboclo, mas só para ele pegar outra nova quanto voltasse para seu casebre insalubre. Poderia até tirar as atuais quadrilhas e traficantes de poder e privilégios de circulação, mas não acaba com o vício, nem muito menos com a demanda.

Pode ser reconfortante para alguns acreditar que as coisas poderiam se resolver assim, reprimindo e encarcerando, mas se há um fato que a história prova, incluso a recentíssima, é que isso não funciona. E não só no Brasil. No mundo. Porém, ainda sim, enquanto uma boa parte da sociedade mundo afora prefere continuar acreditando em mitos, outra acredita que basta derrubar e encarcerar essas lideranças mitomaníacas para colocar um ponto final na crise da democracia e econômica liberal; para enfim, as coisas voltarem a ser como eram. Não, não vão. Isso não é o fim. Está longe de ser. É só o começo.

Mas o começo de quê? Conflitos cada vez mais concretos entre povos, sociedades e Estados, uns contra outros, dentro de um mesma região ou território geopolítico, e além de suas fronteiras pela hegemonia deles. O quanto tempo essas disputas vão demorar, e até onde isso vai escalar, é a grande questão que vai depender de até onde cada parte está disposta a ir com suas crenças e fantasias, que desatinos estão dispostos a cometer em nome dos seus credos como projetos de poder.

No Brasil destes grupos em disputa, o que mais preocupa não é o que acredita que seus mitos estão acima do bem e do mal. Mas sim o que acredita que seus credo e juízos não são mitos, mas a verdade, encarnação do bem contra esse mal e falsidade. Os ideólogos do grupo time são desonestos e sabem que o são. Sabem que como falsificadores ideológicos da realidade por profissão, não tem como mais como vender seu projeto de poder sem mitificações. O do segundo, são honestos, e nisto perigosamente tolos, acreditam que seus sistema de valores e julgamento, não são também uma ideologia. E o que é pior que esses sistema não é feito da mesma corrupção e mentira. E que portanto pode se livrar desta credence e seus representações sem ruir junto. Logo não são os idiocratas, mas os idiotas uteis, a pergunta é portanto a serviço de quem e do quê.

Não que se livrar desses dois males seja ruim, que essas crenças caiam e desapareçam, mas a pergunta é: o que se pretende construir de novo agora? E quem irá fazê-lo a partir desse vácuo. Nada? Ninguém? Tolice, não adianta fantasiar, as coisas não vão ficar como estão, nem volta a ser como eram com mais do mesmo placebo. Ou o Brasil evolui e se re-evoluciona ou vai ruir até que os mais arcaicos e primitivos regimes e formas de governo retornem de vez para ficar o tempo que julgarem necessário- quase nunca menor do que o suficiente para matar uma geração.

Não é só o poder que não existe vácuo, todos os espaços vazios ão de ser ocupados, também na história. Logo, ou se ocupa esse espaço aberto na história com mais e melhores democracias, ou se deixando tudo como esta, fingindo e pretendo que o velho que ainda insiste em permanecer pode continuar a ocupar eternamente o lugar do novo, o que teremos no final das contas é o retorno do que há de mais primitivo: o autoritarismo, um grupo ditando porque pode, e outro obedecendo não porque tem juízo, mas porque não pode fazer seus próprios juízos e ditar sua própria vida, primeiro a comum, depois a particular.

A eliminação dos representantes mais descarados e desalinhados com o teatro da democracia e economia liberal pode dar alguma sobrevida ao sistema, mas se nesse meio tempo se a democracia e sua econômica política não se reinventar, não encontrar um novo regime que seja capaz de se adaptar e resistir a alta exposição pública e demanda por transparência característica da nova sociedade da informação, a desinformação não vai segurar eternamente o avanço do espírito do tempo. Porém, o problema é que quem detém a posse e controle do sistema para reinventá-lo, está, tentando salvar os velhos privilégios com reformas. E isso talvez não seja possível no tempo que possuem, como

talvez não seja possível nem se tivessem todo o tempo do mundo. É difícil salvar a profissão de carteiro, quando você tem você inventa os e-mail.

Basta se perguntar onde vai dar esse mutirão internacional para encarcerar as lideranças políticas corruptas se ele não parar? Quem sobraria? O sistema não tem como se higienizar porque para se livrar de toda corrupção, teria que devorar-se por inteiro, como a cobra a comer seu próprio rabo até desaparecer. E ela não vai desaparecer.

Deter agentes políticos corruptos, é no mínimo um pleonasmo. A democracia representativa não está corrompida, ela é corrupta. E está derretendo não porque foi contaminada, mas porque suas entranhas estão abertas e expostas sangrando no chão. Ou parafraseando o estadista inglês- logo alguém que fala com a propriedade de quem tem muitos esqueletos no armário- a democracia dos regimes criminosos é só o menos ladrão e criminoso. Investigar os crimes dentro dos políticos governantes é sem sombra de dúvida um dos maiores avanço da humanidade, mas não sejamos ingênuos, por favor, isso é uma caixa de pandora. [Se cavar fundo não vai parar nos chefes de Estados, mas quem literalmente os banca ambos- e ganha muito com isso.](#) E aí, não tem prisão nem punição, tem anistia e leniência, senão a casa cai, principalmente se a banca não da província, mas das metrópoles.

Se num dado momento, os paladinos não se corromperem e fingirem que não estão vendo o que estão vendo, vai acabar com acabar com a própria noção da dominação do homem pelo homem, irão se defrontar com o monopólio legal da violência e expropriação, que não senão a licença legal para matar e roubar auto-outorgada por ladrões a si mesmo como reis.

De modo que ou a higienização da democracia se detém como querem os corruptos, ou levará esse falso regime popular a morte. E a pergunta que é : isso não é bom? Não, se não tivermos ciência disto e portanto que uma democracia mais direta precisa estar pronta para ocupar o lugar. Do contrário o que vai emergir é um regime ainda mais autoritário e oligárquico ainda que menos enrustido como liberal e democrático.

Há portanto dois caminhos distintos: Ou se reconcilia a democracia com os anseios populares despertados por uma nova revolução industrial da era da informação. Ou dobra-se a aposta nas tiranias de democracia, se invade o ambiente das redes de telecomunicação para impor a ditadura da vigilância e monopólio sobre o novo capital: a informação.

Não é preciso nem dizer que os estados e seus donos não estão titubeando em aderir a segunda estratégia. Andando na beira da navalha de um nova guerra global, com suas guerra cibernéticas, comerciais e híbridas, tentando reverter os efeitos colaterais da globalização com um neofeudalismo em rede, onde cada Estado-Nação é o seu território feudal e ninguém tasca. E quanto a outra alternativa a democracia direta, digital e popular? “Nunca!”. Não pela de livre e espontânea vontade dos atuais landlords. Enquanto a máquina não substituir completamente o homem, hão de haver servos, cada qual dentro do seu território a cumprir sua vocação na divisão internacional do capital e trabalho, ou seja, sustentar o ócio daqueles que parlamentam os destinos da polis, seja nas praças ou alcovas dos palácios.

A plebe pode até decidir, desde que eles decidam antes sobre o que ela pode decidir. Isto é toda a democracia que existira enquanto a principal desintegração do pensamento e logo existência humana persistir: a desintegração do pensar político e a econômico. Como se houvesse alguma possibilidade liberdade sem posses. E posses não sejam o poder

sobre quem não tem posses. Igualdade de poderes não se faz por igualdade de posses, mas igualdade de liberdade que não uma mera relação, mas um uma propriedade tanto do seu corpo quanto dos meios absolutamente necessário para a mantê-lo vivo sem ter que se vender ou vender sua força a ninguém, seja ele uma pátria ou patrão fingindo ser o pai quando é o senhor.

Sim, há muito mais em jogo, na deposição e encarceramento da lideranças populistas do que sua pornográfica corrupção e falsidade ideológica. Há a sobrevivência de toda uma oligarquia transnacionais, nativas e gringas, tão ou mais bandida escondidas por trás da fachada de democracias liberais, uma cleptocracia tentando preservar a discrição não só sobre seus próprios crimes, alguns legais outros nem tanto, mas também alguns espantalhos um pouco mais discretos em seus escrúpulos precários para continuar cuidando dos seus rebanhos e fazendas de gentes.

Então corrupção e impunidade não são a raiz dos problema? Não, senhores, não são.

Depor e deter criminosos tiranos, tirar deles o poder, e o poder deles para não causar que usam para causar o mal, é parte fundamental mas não é toda. E se que acha perseguir e prender é a parte que falta erra feio. Repressão e encarceramento é enxugar gelo. Seu combate é pior que uma guerra perdida; é uma guerra sem fim, onde nunca matamos a matriz do problema, mas apenas seus vetores. E o que não mata, fortalece. Estamos combatendo criminosos, não o crime. Estamos lutando contra os tentáculos e cabeça de um corpo monstruoso, ao invés de enfrentar o espírito que o gera, alimenta e o faz renascer por mais cabeças que cortemos ou filhotes que queimemos emprenhando a própria sociedade.

Dizem que não é o Estado que deve vigiar a sociedade, mas a sociedade que deve vigiar o Estado. Mas assim como o advento do Estado não foi capaz de eliminar o crime e a violência no seio da sociedade, a sociedade não será capaz de eliminar o crime e a violência do Estado, até porque ao contrário da sociedade, a supremacia pela violência é sua gene e origem e não corrupção.

Todo libertário sabe que a solução não está no Estado. pois deveria saber que , logo, ela também não pode estar simplesmente na sua eliminação (ou redução). Afinal se nele não está a solução, certamente também nele não pode estar o problema nem muito menos a causa da qual o Estado é portanto mais uma das consequências não raro maléfica mas com certeza não sua origem.

Tudo que vale para o crime comum organizado, que vale também vale para o crime organizado legalizado, estatal ou enrustido no Estado. De tal que mesmo se higienizasse toda a máquina estatal, geradora de privilégios e desigualdade de poderes usados como armas por esses criminosos que são ou compram autoridades, ainda estaria lá, a disposição para os criminosos que entendem que o mais perfeito de todos os crimes é aquele que é cometido no poder que se eterniza não como governo, mas como justiça e legalidade. O poder que discrimina e marginaliza cidadão comuns perante prerrogativa de autoridades muito antes se tornarem marginais comuns ou donos da lei.

Não adianta eliminar nem o desposta, nem implodir o trono, que ele usa e se a agarra para cometer impunemente seus crimes, cometendo ainda mais crimes para se manter no trono, e mantendo-se no trono para cometer ainda mais crimes. Não. não, adianta, acabar como o Estado, nem com seus agentes, cargos ou instituições. Porque assim como não são os povos a criar os Estados; também não são os Estados a criar as

sociedades. Mas são sociedades a criar os Estados. E as criam para administrar seus interesses tanto sobre suas terras quanto os povos que por sua vez são a base de sustentação de ambos: da sociedade e Estado.

Podem as burguesias prender e enforcar todos os tiranos e suas cortes corruptas do mundo. Podem até mesmo as plebes se levantarem contra tudo e todos, e enforcar até o último dos ladrões legalizados nas tripas do último juiz inquisidor. Poderiam burguesia e plebe juntas novamente derrubar palácios, tronos, queimar cetros, togas, quarteis e bancos que ainda sim veríamos a história se repetir, e o mal renascer ainda mais forte e rejuvenescido de dentro do ventre destes que outrora lutaram contra seus antigos encarnadores.

E um dia que uma vanguarda eliminar todos os corruptos... no outro, começara a criar o regime a administrar de suas posses e interesses perante os demais. E essa administração se chamará governo, os demais povo e eles, a sociedade. Até porque as sociedades revolucionárias de ontem, são as conservadores de hoje. E não há vanguardas da esperança e progresso que não envelheça e morra como velha guarda, amargurada e reacionária. Minto, até há, mas em geral ela acaba assassinada jovem.

Não que o problema seja insolúvel ou esse mal invencível. Mas é que nada disso é a causa, e sim a consequência.

E isso não é uma defesa de lideranças populistas presas ou pior impopulares ainda soltas. Não advogo em favor de criminosos e seus crimes contra a pessoa humana e humanidade como se fossem a defesa dos direitos da pessoa humana e dos povos. Nem coloco em questão em hipótese alguma o direito a legítima defesa, seja de se levantar, enfrentar e deter criminosos nem tiranos, desde que sem decair por óbvio no

mesmo crime e tirania, matando, ferindo inocentes. Para ser sincero, não só não dou a mínima para o status delas, e se fosse deixar o desprezo e ojeriza que tenho por quem usa gente como massa de manobra, bucha de canhão e escudo humano, estaria também pedindo a cabeça deles numa bandeja. Estaria gritando para que enforcassem o ultimo falso messias nas tripas do ultimo doutor da lei. Ou vice-versa, do último carrasco nas dos último tirano. Mas não sou um hipócrita, afinal sei que isso não é justiça. É vingança e medo. Medo do poder que ainda possuem. E vingança por todos os males que fizeram por ousarmos contrariar seus interesses.

Não é paz nem justiça, e por não sê-lo não funciona. O que denota um problema o do quanto são débeis nossas noções de ambas.

Dizem que prisão e punição exemplar são o melhor remédio pra tudo, tanto para corrigir os malfeitos e malfeitores quanto para prevenir mais malfeitos e malfeitores. Mas a prisão não freia, não intimida, não detém, não corrige a criminalidade nem dentro da prisão, nem fora dela. Não serve de punição ao prisioneiro, nem de exemplo para a sociedade. E o pior não produz justiça nenhuma na medida que não restitui nem compensação, nem o indivíduo nem a sociedade pelo dano. Não restitui o que foi perdido, nem quando pode, no caso quando a perda é material e o pior ainda por cima custa caro.

Se funcionasse ao invés de alimentar o controle de “pragas” que vendem, Estados Policiais-Prisionais já teriam extinguido o crime e a guerra há muito tempo, tanto lideres de organizações criminosas não formariam nem as comandariam suas quadrilhas das prisões, nem tiranos provincianos dos palácios dos governos. Nem um nem outro seriam bancados nem re-bancariam o crime e guerras, a pilhagem e extermínio dos seus próprios povos com o produto desses crimes. Até porque a

natureza do mandante de um crime o comandante e chefe salvo erro ou capricho nunca usa das suas próprias mãos, mas sim das suas posses e poderes. Ou melhor das posses expropriadas dos outros como o poder contra eles mesmos.

No que concerne a segurança o importante crimes especialmente contra o patrimônio, e mais especial ainda é retirar do criminoso os meios que usam como armas para praticar seus atos, ou seja riqueza e cargos, ou o que é a mesma coisa se não for roubo de quem rouba, restituir a propriedade pilhada particular ou pública aos seus legítimos donos. E no que que a justiça e não a vingança mais importante do que encarcerar é recuperar e restituir o que foi roubado, assim como compensar os danos e prejuízos causados, e compensar financeiramente os danos. Pois, mesmo que tais compensação jamais cubram ou desfaçam completamente os prejuízos causados, não deixam por isso de ser devidas no máximo valor do possível. Isso é justiça, a justiça que interessa a quem foi roubado, o cidadão e sociedade. Porém não é a “justiça” de quem vive de monopolizar a pilhagem, o Estado.

Acabar com isso, é acabar com a contabilidade do seu monopólio multibilionário de pilhagem para a proteção contra as pilhagem. A guerra a criminalidade é o combate ao caixa 3, a corrupção do caixa 2, os dois caixas que sustentam a maior parte do caixa do 1 de um Estado-Nação sem potência para se manter permanente em guerra em algum outro território, bancando conflitos para ganhar traficando armas, de preferencia para os dois lados. Isso sem falar é claro de ganhos posteriores com a pilhagem dos escombros e dívidas para a reconstrução. Mas deixando a economia política dos impérios e voltando para a das províncias. De nada serve prender tiranos depois de velhos, quando preciso era depô-los e detê-los quando eram, estavam, e tinham o poder, os meios legais para cometer crimes. Preciso era deter o depor o

criminoso estatal no ato para recuperar imediatamente todo o patrimônio roubado, que com certeza não ficou todo nem sequer a maior parte na mãos deles, mas sim de quem os comprou e ganhou com o prejuízo de todos. Mas isso é tudo o que não se quer, ao menos não a alta sociedade, nativa e global, que vive de socializar custos privados para capitalizar ganhos do que deveria ser público, um meio de vida por definição criminoso, mas devidamente legalizado.

Nisto seguro e seguradoras produzem mais justiça e segurança que o Estado e sua Justiça, aos segurados é claro. Primeiro porque restituem e compensam as perdas, na medida do possível. E como não querem fazer isso por que seu objetivo é não se descapitalizar, exigem procedimentos que reduzam os riscos das suas perdas, em um caso raro de confluência de interesses no capitalismo: onde a perda do cliente não é seu ganho, mas a perda de ambos. Evidente que se essas instituições de seguridade pertencessem aos próprios clientes como sócios, ou seja, fossem sociedades mutuais, não haveria confluência nas perdas, mas também nos ganhos e interesses, de modo que seriam muito mais capazes de produzir segurança e justiça do que o Estado, que iria a falência se fosse bem sucedido em eliminar a praga que é o seu “ganha pão”. Não sei quanto a você, mas eu prefiro pagar um Estado-seguridade que perde dinheiro com cada cliente morre ou é roubado, do que um Estado-policia que assim como as funerárias tem sua demanda e ganhos aumentada quanto mais pessoas morrem nas mãos do crime- desde que é claro sobrem sempre um bom número das que podem e são obrigadas pagar, das que vão morrer, e das que podem sem mortas, sem prejudicar os negócios. *(Nota utópica: essa proposta de estado como seguradora social será trabalhada melhor em outro texto).*

Então porque não matamos ao invés de prender? Fora o fato disso de não restituir nada e degenerar, o fato de ser a essência da perversão que gera e

dissemina o que tentamos combater ou pelo menos deveríamos combater a saber: Essas ideias e juízos que existem numa categoria de ideologia diferente das demais que tem o direito de impor jurisdições e cultos à força, e que é sempre a nossa e nunca a do outro, evidente- o mal que move e racionaliza a prepotência dos sociopatas e estatopatas, como desprezo e pela vida e liberdade como recursos perante a adoração dos seus desejos, mitos e fantasias de posse e poder. Enfim, fora tudo isso que deveria bastar, temos ainda por cima suas consequências: Prender e matar, pessoas detidas e rendidas não importa qual a justificativa que usamos, só faz abrir uma guerra para ver qual quadrilha irá ocupar o vácuo de poder e tomar cargo, os territórios e as posses. E assim mesmo que todos os membros, posses, produtos, fábricas e distribuidores fossem apreendidos ou eliminados, novas quadrilhas se formariam, pelo simples fato que tanto a demanda pelos seus produtos e serviços que permite que esses impérios se reconstruam permaneceriam quanto a mão-de-obra continua barata, carente e disponível para o aliciamento e reposição desde a mais tenra idade.

Não é portanto uma questão de criticar o enfrentamento, deposição e detenção do crime comum ou de Estado, é uma crítica na crença de que o cárcere como punição é ser tanto a solução definitiva do velho problema, quanto a profilaxia.

Mas os corruptos e corrompedores, as quadrilhas formadas entre a alta burguesia e os partidos políticos a se alternar no poder para manter esses governos submissos às oligarquias cleptocratas não seriam um problema? Evidente que são, e grave. Como é a miséria e ignorância ou nos termos usuais a falta de educação da população cuidadosamente plantada e cultivada para a colheita tanto de eleitores bovinos quanto mão-de-obra igualmente servil. Ambos são problemas gravíssimos, que levam a questão o que veio primeiro o ovo ou a serpente?

Dependendo da abordagem ideológica uns dirão que é a serpente outros que a serpente. Vou só levar em conta as lúcidas.

Os críticos das serpentes, dizem que a corrupção ao roubar não só prejudica a prestação de serviços públicos essenciais, como ao fazê-lo alimenta na população miséria e ignorância essenciais para manter a vende deles como a solução do problema que eles causam. Logo elimine as serpentes ou seus ninhos que a miséria que elas causam desaparece. Faz sentido, basta pensar em quais seriam os índices de desenvolvimento do Maranhão e até do Brasil se nunca tivesse existido ou fosse expurgada em definitivo a dinastia Sarney.

Os críticos do ovos, até concedem que eliminar serpentes ajuda, mas dizem que sem eliminar a miséria onde elas usam para se alimentar e reproduzir, novas serpentes nascerão, de dentro da miséria ou da própria da indústria da sua exploração. Também faz sentido, afinal não corruptos não são serpentes, uma outra espécie de seres humanos, mas seres humanos e estão mais para uma espécie canibal do que predadora de outras espécies, de modo que assim como Sarney, um dia foi um Lula nos anos 50 aos olhos da população, e Collor um caçador de Marajás, nada impede que se crie novas serpentes alimentando qualquer cobra, incluso quem aquelas que não estavam livres de viver comida das velhas.

E então qual é a solução? As duas e nenhuma. Está faltado convenientemente um elemento nessa equação que quando a formula se coloca como mero observador e comentador, fora tanto da responsabilidade sobre o problema quanto da sua solução. A dita sociedade.

Alguns dirão que esse problema a miséria e ignorância da população, ou a corrupção e autoritarismo do governo, é o mesmo que dizer que somos tão impotentes quanto inocentes perante essa mal enquanto sociedade quanto inocentes. Mas não somos como sociedade nem tão inocentes quanto gostaríamos de acreditar e governos e seus donos gostariam que acreditássemos, nem tão impotentes quanto a preservação da nossa comodidade exige que sejamos.

Falta portanto um elemento nessa equação, sem a qual ela nunca será solucionada, ao menos não na prática. Falta a sociedade e seu papel tanto no problema presente quanto na solução futura. Claro que não a alta sociedade que compõe a corte do governamental dos privilegiados e subsidiados, mas a baixa feita dos ditos cidadão comuns. Pois nós que como sociedade civil nos levamos em tal alta conta como a fonte de todas possíveis futuras soluções da nação, ao menos as que passam longe das ditaduras e regimes autoritários, por lógica, somos obrigados a admitir que fazemos parte do problema senão como cúmplices a alta sociedade e o governo como omissos de nossos deveres e obrigações uns para com os outros como iguais em direitos e oportunidades.

Ou em outras palavras mais sinceras, inocente mesmo é a criança que morre com uma bala “perdida” de fome, ou falta de cuidados mais simples baratos e básicos. Nós que somos adultos e velhos, não podemos fingir que nascemos ontem, pois, ok, não somos nós a provocar tais crimes e desgraças, mas quem então senão nós pode fazer algo? O povo que está dentro do buraco? O governantes que os jogam dentro? Estamos a espera do quê? De um milagre? Rezando para que deus tire as pessoas do buraco? Que de asas que o povo vire anjo e saiam sozinhas? Ou iluminem políticos para deixarem de ser servo ou encarnação do capeta? Pois, bem até acredito em milagre, mas esse milagre vai ser se a sociedade, aquele estrato médio que se define justamente por não viver as

custas de jogar ninguém em buracos, nem viver sair ou pelo menos tentando sobreviver dentro de um resolver usar da sua posição tanto para estender a mão ao povo que está no buraco, quando não estendê-la há governos e alta sociedade cujo negócio consiste basicamente em cavar e manter as pessoas dentro dele.

Talvez o mais antigo e até mesmo pré-história das noções libertárias, seja que Não há servos sem tiranos, nem escravos sem senhores. Mas não existe tal relação sem um classe média a intermediar esses polos extremos, que já teriam se livrado um do outro ou se matado faz tempo. As cartas magnas modernas dizem que o povo é soberano sobre Estado-Nação enquanto a sociedade que o constitui. Mas não só a sociedade não é soberana sobre o Estado-Nação como o povo sequer faz parte ou tem meios para fazer minimamente parte da sociedade, que dirá ser a fonte da soberania.

Se demandamos o empoderamento da sociedade e a diminuição ou mesmo abolição da desigualdade de poderes entre o cidadão comum e as classes governantes porque acreditamos que temos o direito soberano e o poder de fato para exigir o fim desses privilégios e a instituição de fato da igualdade desses direitos e deveres para todos, o que nos impede hoje de exercer essa soberania que temos direito e poder para fazê-lo? Ora ou somos ignorantes, alienados por não exercer a direito que temos poder e legitimidade para fazê-lo, ou somos cúmplices no mínimo por omissão de quem subtrai como roubo de privilégio de nós enquanto sociedade, mas ainda mais do povo como excluídos delas.

Estou expressando essas diferenças dentro da própria sociedade categoricamente por classes: povo, alta e baixa sociedade, mas tais diferenças se dão de fato em gradações de privilégios que se desfruta quanto mais alto e ao centro do poder, e das obrigações que são impostas

por estes aos demais quanto mais abaixo e a margem, na periferia desses centros até o limite da completa exclusão e marginalização social. De modo que todos ou quase todos nos beneficiamos de certas vantagens e arcamos com certos custos para financiá-las, alguns mais outros menos, alguns só com custos outros só com privilégios. A diferença que estabelece essas diferentes de classes antes de pobreza e riqueza e pobreza, poder e alienação é uma contabilidade de privilégios que produz tais desigualdades que antes de tudo são de chances e oportunidades. Se nos extremos, entre o povo, e as classes governantes essa distancia de riqueza e poder é explícita e gritante, no meio, na sociedade ela não só é mais cinza, como há quem possuas e construa suas poucas posses até menos riquezas sem necessariamente se prestar a explorar a pobreza ou servir a tiranos como corte, como gente que se presta e serve mas ainda não chegou lá. De modo que alta sociedade, é a corte que vive dos favores do Estado seja vendendo sua vassalagem ou comprando a dos governantes e suas leis. Enquanto a sociedade a baixa sociedade, ou a sociedade propriamente dita é aquela que está fora desse arranjo que compõe a classe governamental dentro e fora do aparelho estatal com alta sociedade.

Logo quando me refiro a sociedade não estou falando daquela parcela da população que mesmo não governante pode comprar governos, governantes, leis e legisladores, advogados e as melhores sentenças quando menos sutilmente os próprios tribunais, embora necessário não sejam já que são indicados por seus governantes. Me refiro aquela parcela da sociedade que está excluída de todos esses privilégios, mas ainda possui o mínimo de dignidade de poderem ou não se vender a essa gente por ambição e não por que necessidade. Estou falando da baixa sociedade, que pertencemos quando estarmos suficientemente alimentados, funcionalmente alfabetizados para ler (e entender) o que está escrito por exemplo exatamente agora nessas linhas, e embora não tenhamos todo tempo e dinheiro do mundo para fazer tudo o que

queremos nem comprar quem faça, temos posses, liberdades para termos algum tempo livre para nós. Nós portanto que nos consideramos cidadão, pessoas livres porque possuímos o mínimo de liberdades e propriedades para manter o mínimo de dignidade humana se não o suficiente para nos livrar de patrões e governantes bandidos ao menos o suficiente para não ter servi-los ou elegê-los em troca do pão ou sua promessa.

Porque o povo se define justamente por essa dupla negação: não é livre para governar, nem para dizer não a quem quer governá-la. Não tem posses e poderes para mandar, nem posses e poderes, nem renda, para mandar a puta que os pariu quem tentar comprá-los ou usá-los para se prestar a serviços que não quer fazer. E se você tem posses e renda e se sente assim, sente que é obrigado a fazer coisas que jamais faria se pudesse dizer não para quem paga você para você pagar as suas contas, possivelmente de uma empresa da qual ele também é sócio. É porque você está na linha na campo de intersecção entre da condição do povo e sociedade, a dita baixa sociedade. Não está completamente rendido ao ponto de aceitar qualquer emprego ou capacitação inclusive ilegal na falta de outro, mas também não tem capital para trabalhar no que bem entender, a começar para si próprio, ou gratuitamente para quem você gostaria, mas não pode pagar.

Dizem que riqueza é poder, porque com riqueza você não só pode comprar empregados, mas governantes. Mas isso não é riqueza. Isso é roubo e corrupção. Porque há duas formas de acumular posses, uma é produzindo outra é pilhando quem produz. A primeira produz riqueza, mas não necessariamente poder nem servidão. A segunda ao contrário não só não produz nada, como ao constituir a posse de A pela privação de B, produz não só empobrecimento, mas poder servidão, na exata medida que o monopólio de A se constitui na privação dos recursos vitais expropriados de B. De modo que as liberdades fundamentais aquelas que

precisam ser universalmente garantidas não se tratam de posses para as pessoas fazerem tudo que querem ou poderiam, mas sim daquelas posses que não podem faltar a ninguém como meios justamente para não serem obrigadas a fazer o que não querem, ou não deveria para poderem ganhar seu sustento.

Assim dos roubo, o mais bem organizado não é o que pilha as escondidas, mas sim as claras, de preferencia legalmente, expropriando e monopolizando os bens comuns as posses que as pessoas precisam minimamente para vender tanto a sobrevivência aos expropriados quanto títulos de posse que dão direito a expropriação, em troca nos dois casos da mesma servidão política e econômica, tributos e vassalagem, um como plebe outro como corte. E de todos os roubos e golpes sustentados por falsificações da realidade ou falsidade ideológica na história da humanidade, nenhum supera a própria desintegração do social, em esferas distintas da políticas e econômica. Como se existisse algum posse de fato sobre aquilo que não se tem poder, ou poder sobre qualquer coisa que não se tem a posse de fato. Dai o patético dessa fantasia onde temos direito a muita coisa, mas não podemos fazer nada porque não temos como. Enquanto não se deveria fazer muita coisa mas se faz de qualquer forma, mesmo sem ter direito, simplesmente porque se possui como. Direito e deveres legítimos no papel, mas cheios obrigações e privilégios indevidos na prática. Porque poder, liberdade, direitos políticos sem materialidade, direitos e poderes sem controle das posses ou sequer sem posses é isso uma ficção para plebe famintas não só por direitos, empoderamento e propriedades como privilégios, mas bens comuns e liberdades fundamentais.

Gostaríamos de crer que a corrupção gera a pobreza, ignorância e alienação, assim como ciclicamente a pobreza gera retroalimenta a demagogia, tirania e corrupção. Como membros da sociedade

gostaríamos de crer que o problema de nossa terra é a crime, corrupção e ignorância tanto dos que nos governam quanto da população muitas vezes de radicais que os seguem a esquerda e direita sempre buscando tomar o centro do poder. Como pessoas que se consideram plenamente cidadãos, queremos crer que o problema se resume no roubo e tirania que alimenta a miséria material e cultural da população carente. Como pessoas que se consideram livres e esclarecidas queremos crer é fabrica de pobreza da corrupção que sustenta todo esse sistema injusto, criminoso que mantém nossa nação miserável e retrograda. Mas por lógica se não somos alienados nem alienadores, nem somos marginais nem estrangeiros ou degradados no nosso próprio país, onde como cidadãos estamos nessa história, qual é nosso papel desse sistema?

Pagar impostos? E desde quando pagar ou não pagar impostos resolve o problema se tudo que é pago vai para um saco sem fundo de burocracia e corrupção, onde está a solução? Há quem pague, impostos como quem lavas-mãos. “Eu fiz minha parte, agora a responsabilidade é deles...”. Onde isso leva? Ou melhor onde pretendemos chegar pensando assim? A culpa e a desculpa são apenas a outra face do punitivismo e impunidade que não leva a lugar nenhum. Não é uma questão de se livrar de culpa, arrumar desculpas, ou punir culpados, é uma questão de resolver o problema. Se uma escola está pegando fogo, não cruzamos os braços porque pagamos nossos impostos, porque não fomos nós que roubamos o dinheiro, ou não usamos direito. Simplesmente não cruzamos os braços, trabalhamos e pagamos o quanto for preciso para acabar com incêndio e claro se livrar tanto dos incendiários quanto quem deveria apagar o fogo e não o fez, nem está disposto a fazer.

Certo seria se pudéssemos pagar de pagar o ladrão e pegar esse recurso que se perde na pilhagem e redistribui-lo a quem carece para que ele pudesse ele mesmo como nós definir o que precisa ou não que se produza

e que pessoas possam ganhar a vida atendendo essa demanda, e não vendendo promessas de fazê-lo e cobrando de terceiros por isso. Mas, se não temos como nos livrar deles tão pouco somos obrigados a nos render ou juntar a eles. Podemos e devemos assumir a nossa responsabilidade diretamente de pessoas para pessoa se quisermos um dia se livrar dos atravessadores.

O quanto podemos fazer ou não é uma outra história? A grande questão é se nossa sociedade está disposta a sair da cultura da esperança na salvação e salvadores, e da reclamação aos papas e bispos, para tomar as rédeas do desenvolvimento, produção e distribuição dos bens e serviços que interessam a sociedade, os sociais. Senão por sentimento solidariedade, enfim por inteligência solidária. Porque sinto muito, não adiana colocar a culpa em governos populistas, tiranos, corruptos bandidos e demagogos, nem muito menos na ignorância, passividade e subserviência do nosso povo miserável quando o negócio dos primeiros é a sina dos demais.

O populismo e corrupção, a credice, a criminalidade, estadismo não crescem só na miséria e sua cultura. Crescem antes de tudo da insolidariedade de quem fazendo da sociedade que prefere ser cooptada a esquerda ou direita dos projetos de poder, do que ajudar o povo a sair da privação primitiva que sustenta todo esse ciclo vicioso da indústria do empobrecimento demagogia, corrupção e autoritarismo. Não, não é a miséria nem a corrupção o fator determinante dessa condição, nem portanto só o combate de uma ou outra, a solução da equação. É preciso a resolução simultânea de ambas, através portanto do único campo que se é a solução possível, também é o problema persistente. Não porque seja a vítima ou algo, mas porque é a quem poderia fazer algo e não faz. Se é na omissão da sociedade e falta de solidariedade e responsabilidade social, que cresce e se reproduz a miséria e sua exploração política-econômica,

também é na solidariedade e responsabilidade social como livre iniciativa a solução, senão toda que falta, todo que nos falta e cabe como sociedade.

Há também a hipótese de continuarmos pagando imposto votando e reclamando por mais educação saúde etc... para toda população. Acreditando, esperando, assistindo e literalmente pagando para ver. A outra é fazendo, quer o poder que monopoliza a produção dos serviços públicos e sociais gostem ou não, quer eles permitam ou não.

A chave da dominação está na divisão não só da sociedade em esquerda e direita, mas da desintegração da população em povo e sociedade, através do monopólio não só sobre o bem comum, mas sobre a produção dos bens e serviços públicos e sociais. Evidentemente porcamente executados, do contrário produziram justamente o empoderamento o pior dos levantes da população para quem vive de explorar a pobreza, o levante produtivo da independência econômica.

Só é impotente a sociedade desprovida de solidariedade. Querem se livrar dos perigos populistas, radicais? Então cortem o mal pela raiz. Façam o que precisa ser feito, para que ninguém venda e compre a lealdade e fidelidade forme exércitos de fanáticos e alienados com tão pouco. Uma subsistência com o mínimo de dignidade, justiça como equidade e não como vingança e punição.

Nunca existirá uma democracia enquanto aqueles que possuem tempo livre, que desfrutam do ócio, para tratar dos seus negócios e dos negócios da polis, o fizerem montado nas costas de servos, escravos, trabalhadores, que sustentem isso. Ou o que é a mesma coisa, nunca haverá democracia enquanto a base que sustenta econômica a política não desfrutar senão do mesmas chances de poder decidir e participar da polis, da mínima como

ócio que permite aquele que não precisa se preocupar só com sua subsistência ou seus negócios particulares para se preocupar com o bem comum e a coisa pública.

Nunca existirá justiça enquanto acreditarmos que a liberdade é um mera propriedade ou produto das relações sociais e pessoais, seja como idéia abstração, ou condição material. A liberdade não é uma operação lógica e mental como a igualdade, é uma força elementar constituinte do fenômeno da vida, que permanece em nós enquanto livre arbítrio ou livre vontade mesmo quando estamos complementa isolado de tudo e todos. Porque o que chamamos de tudo e todos, cada elemento e seus nexos e conexões é produto dessa propriedade mais fundamental que o próprio corpo que a manifesta no plano percepto-material: a sua essência, sua liber, nossa Liberdade. Um fenômeno que morre junto com a vida toda vez que ao cruzarmos com uma outra pessoa ou ser dotado de anima não conseguimos mas estabelecer uma relação de co-paixão, não conseguimos mais enxergar e sentir a nossa anima refletida no espelho do outro. Não é a liberdade que morre, somos nós que morremos a cada relação de poder que se estabelece no lugar da solidariedade que não é o amor pelo outro, mas o amor pelo força criadora de tudo e apesar de tudo somos e ainda podemos ser.

Sei que fora um gato pingado aqui e outro acolá, estou falando com paredes. Não existe sociedade no Brasil. Existe os amigos dos amigos a classe média e o resto. Em culturas onde até a solidariedade é monopólio de alguma doutrina a cobrar contribuição por isso, justiça equitativa e responsabilidade que não é uma obrigação é algo tão incompreensível a nossa “sociedade” quanto o monólito alienígena de 2001 uma Odisseia no Espaço.

Não? Pois então responda a você mesmo, quanto você está disposto a contribuir desigualmente com mais para que os desiguais com menos tenham acesso a chances e direitos mais iguais?

### **Cadeirante ganha direito de ser ajudada pelos porteiros de seu prédio**

Uma funcionária pública de Juiz de Fora (MG) conquistou na Justiça o direito de ser ajudada pelos porteiros do...

[www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br)

Em breve estaremos a ver gente pregando a eugenia positiva sem a menor vergonha e sem nem sequer saber o que estamos pregando. E não tribunal e punição exemplar capaz de impedir isso... de novo.

### **Democracia Direta: A teoria da Justiça Equitativa de John Rawls em prática**

E que fim levou o curso de Humanidades da USP?

[medium.com](https://medium.com)

### **Revolução no Brasil é criar uma Sociedade brasileira**

Os cinco artigos que tratam da proposta:

[medium.com](https://medium.com)

### **Patriarcado: A rede de corrupção governamental dos Estados-Nações.**

Uma genealogia da bandidagem e dos criminosos da humanidade

[medium.com](#)

## **Escravidão Moderna**

Escravidão é hoje 30 vezes mais lucrativa do que nos séculos 18 e 19, diz estudo

[medium.com](#)

## **Consciência versus ideologia: Não é só o peixe que morre pela boca.**

Era para ser só um texto sobre a “ética” corporativa, mas virou uma reflexão sobre... muitas coisas.

[medium.com](#)

## **Renda Básica: Economia Social e Moedas Locais**

O que temos a aprender com o Worlg Experiment?

[medium.com](#)

# **A hierarquia é o “mecanismo”?**

Ou tudo que pode ser representado como uma grafo é uma rede?

[Marcelo Maceo](#), em recente [artigo para a Trend](#) sobre a série o Mecanismo de José Padilha, assim como nestes [comentários](#) defende uma tese interessantíssima que reproduzo parcialmente e recomendo a leitura na íntegra:

## ***Não é o mecanismo, é a hierarquia, maluco!***

*Nosso problema não é o mecanismo da corrupção, o qual o personagem do Selton passa até mesmo por uma certa epifania ao descobrir como ele se replica em todo e qualquer tipo de instituição.*

*O que o Padilha talvez não tenha se ligado é que se existe um tal “mecanismo” presente em tudo, é porque existe uma estrutura capaz de permitir a reprodução deste mesmo “mecanismo”, esta sim, comum a todas nossas instituições (até porque, outra falha é generalizar e dizer que ele se replica em todos os lugares e com todas as pessoas, quando temos vários exemplos de instituições e pessoas honestas, que não roubam).*

*O verdadeiro mecanismo que permite esse esquema todo é a hierarquia. E esse é o principal problema da nossa sociedade. Não só porque existe uma correlação entre o modo de organizar (mais hierárquico ou mais distribuído) e o modo de regulação (mais autocrático ou mais democrático), mas também porque a sociedade atual é muito mais dinâmica, conectada e interativa que a sociedade do tempo em que estas mesmas instituições foram criadas.(...) — **O mecanismo dentro do mecanismo***

Concordo com Marcelo que a hierarquia é dentro de um grafo -a representação em rede de determinado objeto de estudo, seja fenômeno ou abstração- a característica determinante daquilo que é “uma espécie de matrix: a hierarquia”. Concordo também com ele quando alerta para a distinção entre os grafos e as redes, pois de fato se por tudo é, ou porventura pudesse ser, representado como rede (grafo), não significa, nem prova, que tal objeto de estudo seja uma rede- ou mesma sequer exista para além dessa abstração conceitual, isto é, como fenômeno.

No entanto discordo em 3 pontos, dois com ele e um mais com Padilha:

De Padilha discordo que a corrupção não é a cerne do mecanismo. Engrenagem fundamental, mas não determinante: elimine a corrupção e o sistema vai se regenerar e reconstruir e reproduzir as células da corrupção e seus organismos. Do Marcelão discordo:

que a hierarquia seja conceitual ou fenomenologicamente o mecanismo do mecanismo.

e que a estrutura que constitui a arquitetura das redes e relações de poder, a hierarquia, ou as estruturas ou organizações hierárquicas sejam o maior problema do Brasil e do mundo.

É por isso que do ponto de vista organizacional nunca me considere nem um anarquista, nem um adepto da teoria de redes, embora compartilhe muito das suas abordagens críticas e soluções de ambos pensamentos. Embora concorde que a arquitetura das redes e logo que as estruturas das organizações que formam tais sistemas podem constituir um mal e alimentar problema, não sendo portanto só um sintoma, mas parte do problema, dentro da cadeia de causas e consequências não considero que a hierarquia seja nem sua gênese histórica nem sua fonte permanente de preservação. Não acredito que o problema esteja em si nas formas de organização das redes, mas na plasticidade e movimento das redes, rigorosamente falando a dinâmica das redes, que não pode ser captada por grafos que são apenas a fotografia da distribuição espacial dos seus componentes num determinado período de tempo nesta matriz, e não a representação gráfico matricial da rede em movimento ao longo do tempo.

Uma vez introduzido o tempo não mais como uma constante, o recorte da observação, e sim como variável na representação, podemos observar algo que sinceramente não sei se Padilha sacou ou não no mecanismo, mas creio que chegou perto, é que o sistema não está na forma, mas no fluxo. O mecanismo é representado ao longo da série como fluxograma dos esquemas de corrupção, que embora aponte para as redes formadas não constituem propriamente um grafo. Logo não representa nem o retrato da estrutura (hierárquica como Marcelo bem apontou) e suas conexões, nem muito menos o fluxo. Mas ainda sim intuitivamente aponta para o fato que esse mecanismo não é uma abstração, mas forma de organização orgânica que pode não ser uma entidade física ou metafísica, mas não é uma abstração e sim um fenômeno. O que é puta duma sacada, afinal de contas, o Mecanismo não é só uma série de ficção, mas uma série de ficção comercial! e Padilha é um contador de histórias ou se especialista em criar de narrativas, um diretor de cinema e televisão de internet, e não um teórico ou analista de redes ou sistemas!

É inegável que a análise dos grafos aponte para as estruturas hierárquicas como a forma predominante que as relações de poder se organizam, e olhando para os grafos devidamente construídos observando a teoria de redes, podemos identificar elas seus membros e suas conexões, mas o que a existência sugere é a existência de mal, um doença ou câncer para usar os termos que não é meramente conceito, mas um organismo um fenômeno real. Erra ao tomar a sua forma mais explícita ou em voga, a corrupção, como sua essência, quando é produto e componente ignorando uma camada mais profunda que produz esse mal: a estrutura hierárquica. Mas se considerarmos que a dinâmica e as forças elementares que constituem os elementos não são só abstração, mas antes referências a fenômenos que tentam compreender, também vamos observar que não só a hierarquia, ou anarquia não são a essência da formação das matrizes, mas as formas e estruturas são assim como a matrizes produto do fluxo e logo do controle, obstrução ou monopólio dos

canais e meios de formação e informação. Daí a força dos elementos produtores de nexos e intermediadores das conexões daí a luta feroz pelo controle da narrativa e mídias, e o poder de séries como o mecanismo para formar ou conformar não só visões de mundo, mas para estruturar ou desestruturar redes especialmente em sociedades ditas da informação.

Assim deixando de lado a série, e me atendo exclusivamente agora a teoria de redes, rigorosamente a discordância quanto a hierarquia deriva portanto da abordagem das redes, as quais atento menos para arquitetura e mais para a dinâmica. O que quero dizer com isso? Quero dizer que quando olho para as redes, estou mais atento para:

a plasticidade, a sua capacidade de mudar de forma. Quão mais rígidas e cristalizadas, ou por outro lado mais adaptáveis e mutáveis são suas estruturas, tanto autopoieticamente, quanto ambientalmente. Ou seja tanto a vulnerabilidade a desintegração e degeneração, quanto a forças e movimentos contrários que tanto integram e regeneram quanto por outro lado suprimem a transformação ou mesmo emancipação dos seus componentes sobretudo quando dotados de força própria ou volição.

e colonização: manifesta tanto pela capacidade de expandir e espalhar quanto replicar, integrar ou desintegrar outras redes, absorvendo ou mudando tanto sua estrutura quanto seu potencial de modificação: a plasticidade. Capacidade de interação e intervenção que como me referi não se dá pela estrutura das suas conexões, mas pela de multiplicar, se apropriar ou monopolizar canais e conexões por onde fluem os nexos, as partículas-onda elementares da matriz, ou para ficarmos só dentro da sociedade, o capital especialmente na forma que ele pode viajar e ser trocado hoje a velocidade da luz: como informação.

Dentro dessa outra abordagem não só estruturas hierárquicas podem não ser maléficas, como as estruturas absolutamente horizontais ou perfeitamente em rede do ponto de vista estático dos grafos, podem igualmente perniciosas a evolução e sobrevivência e pior a livre co-significação existencial da vida quanto as mais hierquizadas.

Poderia se contra-argumentar que estruturas dinâmicas ou cuja liberdade de movimento seja como integração ou desintegração, tendem a produzir canais e conexões igualmente livres e conseqüentemente uma espécie de paraíso fraternal compartilhado por socialistas, anarquistas e cristãos onde todos somos iguais, no sentido de que ninguém está acima ou abaixo de ninguém por poder ou autoridade. Mas não há principio teórica, ao menos não dogmático ou evidencia empírica que aponte que a liberdade nas relações produz necessariamente organismos só redes, mas também corpos ou organizações corporativas, onde uma célula está submetida a um organismo, e determinados órgãos e funções não só por coerção, ou relação de poder, mas por livre associação ou relação.

Mas não estariámos falando de uma mesma coisa? Marcelo define muito bem o conceito de hierarquia:

*É importante esclarecer que a palavra hierarquia aqui é usada pelo que realmente quer dizer, e não pelas várias resignificações errôneas que fazemos do seu uso.*

*A palavra hierarquia tem sua origem no grego *ἱεραρχία* (hierarchía), de *ἱεράρχης* (hierarchēs), que é a pessoa encarregada de presidir rituais sagrados. Hiereus é sacerdote, da raiz hieros que é sagrado. E este significado se junta com arché, que é poder, governo, ordem, princípio (organizativo).*

*Portanto, a hierarquia é um poder sacerdotal que possui um direcionamento vertical e cria, sempre artificialmente, uma falsa necessidade da intermediação por meio de separações (entre superiores e inferiores). (...)*

E correlaciona historicamente a hierarquia com a gênese de Deus e o Estado, na melhor das tradições anarquistas clássicas:

*Aí o que acontece quando você cria esta intermediação ou separação, e essa escassez artificial? Duas coisas:*

*a) Os intermediários passam a ser as únicas pessoas capazes de interpretar corretamente a vida, são aqueles dotados do conhecimento que os colocou diante do trono divino. Logo, este sacerdócio cria inevitavelmente o ensinamento. Veja que se inventa o ensino, mas não a aprendizagem, uma vez que o homem vem aprendendo há mais de 200 mil anos, mas somos ensinados a apenas seis milênios. E o ensino aqui tem um objetivo claro, a reprodução de um estamento, sem o qual o modo-de-vida hierárquico não tem continuidade. Sim, os sumerianos inventaram a escola, o ensino e os professores, tudo ao mesmo tempo. E replicamos isso em tudo na nossas vidas, seja na família ou em empresas, sempre há a reprodução deste mesmo comportamento: um burro que acha que sabe, quer ensinar e mandar no idiota que acha que não sabe.*

*b) Só há poder se há hierarquia. Sociedades de dominação são todas, sem exceção, hierárquicas. Quando, na Suméria, se instalou o protótipo da cidade-estado-templo, iniciou-se o patriarcado com seu modo guerreiro de regulação de conflitos. Justamente porque a verticalização da organização social cria um comportamento de luta, uma espécie de guerreiros da luz contra os guerreiros das trevas. Fica instituído o inimigo e a guerra como modo de organização social.*

Creio que analisando esses trecho fica mais explicar os pontos de concórdia e discordância.

Partindo da definição de hierarquia a qual não discordo, um poder ideológico de característica sacerdotal, não se pode inferir que a origem das sociedades de dominação ou patriarcado surja da invenção dessa ideia de seres superiores e inferiores e seus intermediários; ainda ou que as sociedade de dominação sejam exclusivamente caracterizadas pelas presença de tal discriminação, intermediação e alienação ideológica.

Explico. É inegável que a invenção da hierarquia, do poder supremo total, todo-poderosos no seu e na terra e seus representantes constitui a base de uma forma de dominação e exploração dos servos e fiéis mais sofisticada e eficiente que perdura até hoje através do processo de alienação uma forma de dominação dos povos, o estadismo. Autores que usam uma abordagem anarquista tendem a identificar o Estado e a religião, em sua o poder com a origem dos males da civilização. Socialistas por sua vez com o advento da propriedade. Alguns Ecologistas com a própria origem do homem. Dentre eles o mais interessante é o anarco-primitivista Jonh Zerzan, que dentro da análise que remonta a origem da dominação do homem pelo homem a separação capacidade de separar coisas reais para vender re-ligações, a própria invenção ou desenvolvimento do pensamento simbólico. Radical Zerzan afirma que no dia que o primeiro homem das cavernas pintou um arte rupestre ele criou o poder intermediador da realidade, ou em outras palavras a caverna de Platão não seriam sombras desenhadas na parede da caverna, mas pintadas pelo primeiro homem a descobrir o poder das ideologias e logo suas falsificações.

Particularmente acho uma injustiça com o primeiro artista ou contador de histórias. Ao analisar a origem da alienação, exploração e dominação

do homem pelo homem acho fundamental o subsidio da pesquisa arqueológica, histórica e paleo-antropológica, mas não creio que vamos encontrar nenhum fenômeno extra-humano ou extra-terreno nas origens desse mal. Vamos encontrar exatamente o que somos ainda hoje um bando de macacos falantes a se matar e a mostrar seus dentes, a mostrar os dentes mostrar os paus mijando para marcar seu território e se necessário quando não prazeroso matando e estuprando para manter a posição dentro do bando, ou só para manter o hábitos e costumes mesmo. Ou seja, Darwin explica. A diferença que a invenção da supremacismo, a arte de convencer o outros de que somos deuses, espécies raças ou classes gene ou gêneros superiores introduziu foi econômica, ou mais precisamente a economia de tempo e energia, do mais forte para extrair trabalho e servidão do mais fraco, ao invés de porrada ameaça e pilhagem do banditismos ordinário, o amestramento e domesticação da vítima que deixa de oferecer resistência as imposições e passa a contribuir e servir fielmente. Se portanto eliminássemos as relações supostamente mais civilizadas de poder, se por um milagre os homens perdessem a capacidade ou os meios de amestrar crianças para formar suas buchas de canhão e mão-de-obra, o mundo não viraria uma grande festa hippie, nem todo homem e tribo sem exceção retornaria a condição idílica do bom selvagem de rousseau, mas os violentos voltariam a tomar terras e pessoas e acumular excedentes pelo método que no fundo não abandonaram completamente exterminando, estuprando e escravizando as tribos mais fracas ou só menos violentas.

A origem e perpetuação da dominação não reside portanto na invenção da alienação ideológica, mas na supremacia pela violência e violação, da agressão e privação antes de tudo dos corpos e recursos vitais e depois das idéias e sua expressões. E não precisamos remontar a antiguidade ou a nossa natureza primitiva para verificar como o processo de dominação tanto endógeno, quando alienígena, se processa: basta observar os processos de colonização de povos alienígenas contra indígenas, quanto

do homem em relação a mulher, o primeiro escravo do homem, e ainda o escrava dos escravos.

O pátrio-poder a origem do patriarcado é muito mais antigo, animalesco e primitivo do que a invenção da religião dos estados. Ele é simiesco. Antes de divinizar ou idolatrar seu pênis ou sua brutalidade assassina como uma divindade o homem, fez do estupro e da morte sua fonte de poder e supremacia. E não é preciso olhar para as relações homem e mulher para descobrir a libido da violência e violação como origem dessa perversão do poder, basta olhar para uma prisão cheia de homens ou mesmo mulheres do mesmo sexo, para observar como quando presos num mesmo espaço ou território duas estratégias evolutivas contrárias e concorrentes despontam por necessidade de adaptação e sobrevivência. O domínio por violência e violação entre os bandos que literalmente se hierarquizam fodem e sendo fodidos uns pelos outros, e a solidária entre os literalmente mais coitados nesse curral e fazenda de gente domesticada pela luta para domesticar uns aos outros.

Não é de se espantar que esses bandos dedicados a foder e pilhar uns aos outros rapidamente esgotem seus recursos, ou exterminem sua própria população e que portanto careçam migrar ou sair a captura e roubo de mais gente e recursos. Nesse processo a invenção dos Estados está portanto ligada a própria criação de castas e classes, que descobrem que melhor do que invadir e matar para pilhar de tempos em tempos suas vítimas, é melhor ocupar a terra, e mantê-las tanto manter nativos quanto sequestrados sob o terror da chibata, da fome, ou da morte trabalhando e lutando sob seu comando. E para poucos dominar e extrair o trabalho forçado de muitos não é necessário converter os submetidos a religião dos dominadores, basta aplicar o modelo perverso do campo de concentração nazistas ou de escravos: se todos se levantarem matam o capataz, mas não sem ele matar quem estiver na linha de frente, quem se dispõe a

morrer na vanguarda para salvar a retaguarda, quando tudo que todos querem é apenas poder sobreviver? A dominação ideológica a domesticação, a dita educação, diminui o risco de levante e logo os custos de vigilância e repressão, permitiu que as sociedades violentas se expandissem e predominassem de forma avassaladora, mas não eliminou nem a necessidade da brutalidade como primeiro meio de dominação quando da invasão e ocupação, nem de repressão quando a alienação cultural falha em manter a conformação.

Na verdade a hierarquia nada mais é que uma forma que o assassino, estuprador, ladrão encontra para convencer sua vítima de que ela deve entregar seu corpo, sua terra, seus filhos em sacrifício de morte e vida a ele como ser divino, superior ou seu representante legal, real, ou sacral dele. Mas não se engane se o maior 171, da história da humanidade não funcionar, vai no tiro na cara ou facada nas costas mesmo.

Assim se gênese histórica e presente da dominação continua a ser a violência e violação, isto é a imposição da vontade A contra a de B a força seja ela simbólica ou de fato. A grande problema não é o poder ideológico, mas o poder de fato. De modo é a relação sádica-masoquista entre alienado e alienador, ou idiotas e idiocratas o problema, não são as relações de poder e submissão o problema, mas a ignorância ou desrespeito a consensualidade o respeito mútuo da livre vontade, como elemento não só de paz e libertação, mas de humanização. De modo que não temos direito para impor hierarquias nem quebrá-las seja como gerais ou missionários, onde não é da nossa conta, não pertence a nosso juízo, julgamento ou jurisdição as formas que as pessoas consensualmente estabelecem de relação, comunhão ou organização. É prepotência supor que todo aquele que queira se ajoelhar para um senhor ou ídolo o faz porque sofreu lavagem cerebral e autoritarismo e imperialismo achar que podemos impor até mesmo a democracia a quem

não quem quer continuar chorando e gritando pelo grande líder. É por isso que toda invasão alienígena resulta em genocídio e etnocídio de povos nativos, povos pacíficos nunca acreditam que exista uma forma de organização ou cultura tão boa que lhes de o direito de impor a ninguém, nem mesmo a democracia. Até porque a verdadeira democracia no exato instante que deixa de ser voluntária e precisa ser imposta, já não é mais democracia, ao menos não para os escravos da polis.

Ademais a eliminação da dominação cultural, do culto ao poder, e idolatria aos todo-poderosos, a eliminação da desigualdade simbólica de autoridade de poder, não promoveria nem adesão a deseфа ou provisão da igualdade de liberdade de fato como força sobre os meios, nem muito garantia que pessoas livres voltassem a tentar dominar pela violência, nem que outras passassem a cultuar e idolatrar os violentos em troca de favores, basta ver quanta gente que não acredita em nada, nem passa por necessidade se submete as condições indignas e faz os trabalhos perversos ou mais desumanos apenas em troca de uma vida confortável, alfafa, netflix e controle remoto é seu reino, onde não é a vontade de foder, ou ser fudido que move, ou melhor faz esses reis da sua casa não moverem uma palha, mas o botão do foda-se. Em outras palavras menos chulas, a mera ausência da solidariedade ou empatia sem necessariamente a presença de nenhum traço de tesão por posse, poder, violência violação ou roubo, em suma de psicopatia, mas aquele gostosa sensação da Montanha Mágica de ter uma bela poltrona para mover encostado. Quantos Estados e governos não caíram ou se mantiveram por saberem ou não administrar essa divina arte da difusão generalização da impotência, sem precisar inventar ou impor nenhuma superioridade ou inferioridade entre os submissos pelo credo inverso o de que somos e vivemos todos universalmente em igualdade de poderes e liberdades.

Não acredito portanto que o problema esteja nas estruturas hierarquizadas não acredito sequer que o problema seja estrutural, mas falta ou obstrução a evolução e revolução dos sistemas, de liberdade para transformação seja por integração ou desintegração das estruturas. Acredito que o problema está na perda da plasticidade, capacidade de adaptação, e impotência (ou sensação de) para autogerar suas própria forma e formas de vidas. Na prevalência controle que preestabelecem e predeterminam a reprodução e disseminação das mesmas estruturas em detrimento da criação, movimento e transformação. De tal modo que para mim tão totalitária e destrutiva quanto um um estrutura completamente hierárquica que impede e conforma seus componentes visando a eternização da sua existência enquanto forma, é a anarquia e socialismo que se estrutura para se eternizar e disseminar de forma absoluta inclusive sobre as redes, canais e conexões e seres vocacionados a criação de nexos (dotados de alma) contra a sua vocação e força de vontade constitutiva e criativa ainda que essa vontade seja a estabelecer uma relação de servidão.

Trocando em miúdos não tenho nada contra quem quer viver em regimes hierárquicos ou anárquicos, ou em qualquer meio termo entre eles, tenho sérios problemas qualquer um deles que queira me impor a adesão ou restringir a minha dissensão pela força, ameaça, manipulação principalmente pela privação dos meios e canais que careço para constituir minhas próprias formas de vida e relações ou mudá-las ou abandoná-las por para criar outras quando e com quem bem entender. E é por isso que me defino como anarquista e não anarquista, não me importo com as formas das redes ou sistemas, mas sim com a capacidade deles de co-existirem sem precisar dominar ou replicar visando a totalidade ou melhor o totalitarismo.

Emfim pode-se dizer que não considero que o mal esteja na hierarquia, porque simplesmente não considero que as estruturas sejam boas ou más em si, mas a estruturação desse bem ou mal produto força elementar que é a gênese tanto construtiva quanto destrutiva de sua concretude: a liberdade como fenômeno. Não acredito que as estruturas sejam as redes nem como princípio constitutivo, nem fenômeno constituído, nem sequer como melhor representação conceitual. Acredito que tanto as redes quanto suas estruturas, e características estruturais como a desigualdade de poder ou corrupção, ou fidedignidade e igualdade de liberdades, são produtos tanto da comunhão quanto da difusão, dos choques e harmonizações desses movimentos volitivos autodeterminados a formar esses complexos autopoiéticos, as redes. Que podem dar forma a entidades com ego e consciência como os seres humanos quanto formar essas egrégoras ou inconscientes coletivos que como um sistema operacional na nuvem estabelecem a programação destas mesmas pessoas reduzidas a terminais burros. E neste sentido não são um caldo cultural abstrato, mas um fenômeno que embora imaterial não deixa de ser uma força bem pouco metafísica.

Assim para não fugir a metáfora boa a metáfora: o mecanismo seria essa inconsciência coletiva e o mecanismo do mecanismo o controle do fluxo da sua significação simbólica e material, ou simplesmente a alienação se preferir a imbecilização do despertar e libertar da humanidade como ente e essência: a consciência.

# Amanhã no julgamento de Lula não se decidirá nada, exceto se desligam ou não os aparelhos de um país com morte cerebral

Go Back Torquato Netto

Dizem que opinião é igual bunda: todo mundo tem uma. Sempre teve, a diferença é que hoje na sociedade da informação quem não tem necessidade de mostrar a sua, é compelido a fazê-lo. Não tenho problema com nenhuma das duas de fora, nem bundas nem opiniões. Mas deixemos por um instante esses fetiches de lado, essa fixação do brasileiro na fase anal e vamos analisar as consequências de forma de lidar com toda essa merda.

De um lado você tem um grupo dizendo que vai dar merda se soltar, do outro se prender, e no meio grande maioria tão se saco cheio que está já cagando e andando para essa guerra de fezes de macaco enjaulados em zoológico. Opiniões fora e bundas pra dentro. Que conclusões podemos chegar dessas três posicionamentos básicos? Que vai dar merda? Não, já deu e perceberíamos isso facilmente se não estivéssemos ainda na fase de negação do luto. Não importa qual a decisão do STF, nenhum dos radicais aceitará a decisão em contrário, (nem o centro aceitará jamais sair dele, ou nada a direita ou esquerda que também esteja ainda no centro); da mesma forma nenhum dos moderados colocará o seu rabo no meio do fogo cruzado para parar a escalada do conflito. Por duas razões: primeiro porque sendo ou não se sentem impotentes para fazê-lo. E a mais importante de todas, podendo ou não fazê-lo não querem fazer, não só porque não tem afinidade com nenhum dos lados, mas porque não tem mais afinidade nem confiança no juiz nem na honestidade da justiça. Ou

seja, podemos não querer acreditar ainda mas já era, a nova república (que nasceu velha) foi morta, e não, não inventaram ainda aparelho ressuscitador para morte quando é cerebral. De modo que agora quem tiver poder e querer para desligar os aparelhos vai fundar uma nova, assumindo o vácuo de poder moderador, não importa o quão radical de fato também o seja.

A grande questão não é se mas quando e como vão enterrar a velha e parir uma nova, seja ela mais outra redição das velhas ou não. A pergunta é o quão traumático, desorganizado, improvisado, e demorada será essa operação de “transição” e claro se anestesia vai mesmo ser forte o suficiente para o eterno paciente, o povo de quem eles vão arrancar mais entranhas não vai acordar no mais essa operação para criar outro monstro hospedeiros de privilégios e ambições de seus donos e criadores.

Seja na bala de ditaduras, seja na farsa das representações democráticas, ou na recombinação do mesmo regime, dos regimes autoritários mal disfarçados de estados democrático de direito, a dúvida que resta é a que menos interessa: quem vai ser prevalecer como senhor no tronos e alcovas dos palácios? Porque bala e porrada é o que espera quem não aceitar bovinamente a farsa que for imposta, venha de onde vier, seja qual for.

Porque governos, regimes passam mas as instituições ficam de um jeito ou de outro, porque é a história não se repete como farsa ela é a repetição da farsa, até mesmo quando a narrativa é o próprio fim da história seja ela proclama por Hegel ou um Fukuyama.

Dito isso paro e público o rascunho inacabado de uma análise que muito do seu sentido atual por falta contexto... porque o tempo não pára, ele se esvai até para quem se pensa ou é pensado como eterno.

**O que é o Brasil? Uma “Cleptocracia”? Um “Estado-Máfia”? ou um “Estado falido”?**

Do Estado-Nação ao Estado-Máfia, ou vice-versa.

[medium.com](https://medium.com)

GO BACK- 1971-1985

### **Go Back — Torquato Neto**

Você me chama  
Eu quero ir pro cinema  
você reclama  
meu coração não contenta  
você me ama  
mas de repente a madrugada mudou  
e certamente  
aquele trem já passou  
e se passou  
passou daqui pra melhor,  
foi!  
Só quero saber  
do que pode dar certo  
não tenho tempo a perder  
você me pede  
quer ir pro cinema  
agora é tarde  
se nenhuma espécie  
de pedido  
eu escutar agora  
agora é tarde  
tempo perdido  
mas se você não mora, não morou  
é porque não tem ouvido  
que agora é tarde  
- eu tenho dito —  
o nosso amor michou  
(que pena) o nosso amor, amor  
e eu não estou a fim de ver cinema

(que pena)

**Andar Andei -Torquato Neto**

não é o meu país  
é uma sombra que pende  
concreta  
do meu nariz  
em linha reta  
não é minha cidade  
é um sistema que invento  
me transforma  
e que acrescento  
à minha idade  
nem é o nosso amor  
é a memória que suja  
a história  
que enferruja  
o que passou  
não é você  
nem sou mais eu  
adeus meu bem  
(adeus adeus)  
você mudou  
mudei também  
adeus amor  
adeus e vem  
quero dizer  
nossa graça  
(tenemos)  
é porque não esquecemos  
queremos cuidar da vida  
já que a morte está parida  
um dia depois do outro  
numa casa enlouquecida  
digo de novo  
quero dizer  
agora é na hora  
agora é aqui  
e ali e você  
digo de novo  
quero dizer  
a morte não é vingança  
beija e balance  
e atrás dessa reticência  
queremos  
quero viver

## Torquato Neto - Wikipédia, a enciclopédia livre

Torquato Neto era o único filho do defensor público Heli da Rocha Nunes ( 1918 - 2010) e da professora primária Maria...

[pt.wikipedia.org](https://pt.wikipedia.org)

# O que é o Brasil? Uma “Cleptocracia”? Um “Estado-Máfia”? ou um “Estado falido”?

Do Estado-Nação ao Estado-Máfia, ou vice-versa.

Segundo a Wikipédia:

***Cleptocracia**, é um termo de origem grega, que significa, literalmente, “governo de ladrões”,[1] cujo objectivo é o do roubo de capital financeiro dum país e do seu bem-comum. A cleptocracia ocorre quando uma nação deixa de ser governada por um Estado de Direito imparcial e passa a ser governada pelo **poder discricionário de pessoas que tomaram o poder político** nos diversos níveis e que conseguem transformar esse poder político em valor económico, por diversos modos.*

***Estado mafioso** ou **Estado-máfia** é um sistema de estado onde o governo está vinculado com o crime organizado, inclusive quando autoridades governamentais, policiais e/ou militares participam de negócios ilícitos.*

***Estado falido, Estado falhado ou Estado fracassado*** são termos políticos que designam um país no qual o governo é ineficaz e não mantém de fato o controle sobre o território, o que resultaria em altas taxas de criminalidade, corrupção extrema, um extenso mercado informal, poder judiciário ineficaz, interferência militar na política, além da presença de grupos armados paramilitares ou organizações terroristas controlando de fato parte ou todo o território.

*Estados falidos são Estados que vivem sob tensão permanente. Em profundo conflito, guerras civis e, majoritariamente, contestados por facções contrárias. O conceito, entretanto, ainda carece de precisão teórica a fim de evitar a utilização indiscriminada ou direcionada, especialmente no que se refere às instituições e sua força. Em sua maioria, o exército nacional, do Governo, trava batalhas contra um ou mais grupos rivais. Uma das características marcantes desses Estados é, em suma, a violência presente nele. Todavia não é o aspecto determinante, para que um Estado seja considerado um Estado falido.[3]*

*A falência de um Estado-nação ocorre a partir dos seguintes acontecimentos:*

*.Quando há uma violência generalizada, atingindo o nível de uma guerra civil;*

*.Quando a guerra civil se origina de questões étnicas, religiosas, linguísticas ou de outras entidades comunais;*

*.Quando padrões de vida da população são, permanentemente deteriorados;*

*.Quando a infraestrutura básica para a sobrevivência da população decai;*

*.Quando a infraestrutura está em completa deterioração;*

*.Quando o sistema de saúde é frágil e privatizado;*

*.Quando a corrupção atinge altíssimos níveis, corroendo a própria formação do Estado;*

*.Quando o declínio do PIB é persistente;*

*.Quando há uma falta de controle das fronteiras;*

*.Quando há perda da legitimidade e ocupação de parcelas do território por grupos rivais.*

*A constante ameaça, gerada pelas partes, dissemina um sentimento de medo. Isso pode ocasionar mais conflitos étnicos, mais hostilidades entre entidades que controlam uma unidade política e entidades subordinadas menos favorecidas.*

*Conceitualmente, não existe um Estado falido sem desarmonia entre as suas próprias comunidades. Ao contrário dos Estados fortes, os falidos não conseguem controlar suas Fronteiras. Perdem autoridade sobre parcela do território e, geralmente a expressão do poder oficial é limitado à capital e a uma ou mais zonas etnicamente específicas.*

*Uma boa forma para medir a extensão de um “Estado falhado” é observar o quanto do seu território é controlado ele por ele mesmo. Nos remetendo ao próprio conceito de Soberania. Em que medida este Estado consegue*

*controlar suas rodovias, cidades rurais e distritos mais distantes. Em suma, Estados falidos são governados por elites que oprimem a maior parte da população, em detrimento de uma pequena elite.*

*As formas mais comuns de transformação de um Estado fraco, em um “Estado falhado”, são quando :*

*a) a classe política dominante de um Estado oprime e provoca outros grupos nacionais, gerando ressentimento em grupos rebeldes que lutarão contra o governo;*

*b) outro indicador de um Estado falido é o crescimento do crime violento. Como existe ausência de atuação, por parte do Governo, na Segurança Pública, outros grupos controlarão as ruas, bairros e cidades, ocupando o lugar do Estado. A anarquia se torna a norma, a partir daí;*

*c) o Estado-nação existe para gerar bens políticos à população, tais como: segurança, educação, serviços de saúde, oportunidades econômicas, cuidado ambiental, aparato legal, um sistema judicial e infraestrutura fundamentais para que se consiga gerar crescimento e desenvolvimento de sua população;*

*d) o “Estado Falhado” não é capaz de prover estes requisitos às sociedades contemporâneas. Estes Estados possuem instituições fracas ou bastante defeituosas, permitindo somente a existência, portanto, do Poder Executivo.*

### **Classificação dos Estados Fracos em pré-falência**

**Estado Anárquico.** *Considerada como a fase mais crítica da fraqueza estatal, em virtude da inexistência de um governo central, as forças públicas*

*de coerção são incapacitadas de manter qualquer nível lei ou ordem e nenhuma autoridade extrai ou oferta serviços.*

***Estado Fantasma***, no qual ainda existem alguns traços de autoridade, mas apenas em áreas específicas. Nesse caso, não é raro que essa autoridade queira proteger apenas o governante ou as elites diretoras do Estado.

***Estados Anêmicos***, cujos governos lutam para manter suas funções, mas, pela ausência de acesso a toda a sua população ou de recursos para tal fim, não conseguem. (...) [Nestes estados] Não é a ausência de um governo centralizado que gera instabilidade, mas ações estatais que são direcionadas a apenas algumas regiões do território.

***Estados Capturados*** são o caso de governos que almejam oferecer serviços a determinada população ou etnia.

***Estados Abortados***. Tais Estados nunca desenvolveram instituições durante sua transformação para a independência. Porém, para alguns autores, essa afirmação não é válida, uma vez que qualquer Estado, que tenha alcançado tal status na comunidade internacional, em algum momento de sua história, desenvolveu um aparato institucional governamental, ainda que mínimo.

Notem que encontramos no Brasil características algumas constantes outras circunstanciais que permitem enquadrar o país em praticamente todas diferentes categorias, mas não exclusivamente nem perfeitamente em nenhuma delas. Até porque tais classificações não são excludentes.

Uma cleptocracia, pode tanto vir a se tornar um Estado Mafioso quanto essa cracia organizada como mafia estatal vir a levar o Estado-Nação a falência, tanto monetária e financeira do Estado quanto até a política e econômica da Nação. Ou seja levar ao fracasso das instituições no sentido estrutural mas conceitual, comprometendo portanto a credibilidade e legitimidade de governos, ou até dos regimes de governo, mas da própria ideia e ideal de Estado como base predefinidora do que é “por ou de direito” e por contraposição o que é criminoso.

O Brasil é um Cleptocracia? É um Estado Mafioso? Se é, é só Estado (de direito) Fraco ou já um Estado em franca falência? Dos estados fracos ou pré-fracassados é qual? o Anêmico? o Fantasma? o Capturado? ou o Abortado? Diria um pouco disso tudo mas também nada disso como um todo? Até porque tais definições dizem respeito a coisas distintas: Uma o que é Estado. Outra qual é sua atual condição. E de fato não dizem o que é de fato nem como está realmente o Brasil.

Primeiro porque confundem Estados de direito fracos com Estados fracos ou em franca falência. E uma coisa não tem necessária uma com a outra. O Brasil é o melhor exemplo de que Estados de direitos fracos, anêmicos, fantasmas, capturados e abortados são evidentemente estados fracos na garantia de direitos para toda a população, mas estão longe de ser Estados em eminente falência ou fracassados na finalidade da sua constituição. Existe um erro grave nesta classificação: que é o de pressupor que os princípios, meios e fins declarados em pactos sociais, tratados internacionais e registrados em carta magnas seja as verdadeiras origens, intenções e razão de ser desses Estados. E logo não é o fracasso no cumprimento dessas promessas constitucionais que define o sucesso, e fracasso, a força ou fraqueza de um Estado, mas o cumprimento da sua verdadeira finalidade e a capacidade de perpetuar-se para manter tal

finalidade. O Brasil é estado mafioso com uma das cleptocracias mais fortes e bem institucionalizadas ao longo da história.

A situação de pré-falência desse Estado Criminoso brasileiro se dá por 3 razões duas domésticas e uma internacional.

### **Das domesticas :**

.a primeira é por conta de políticas sociais que passaram a partir dos governos social-democratas (PSDB-PT) a findar ou melhor remediar algumas das práticas inclusive legalizadas de roubo e espoliação do capital e bem comum, e universalizar direitos básicos a parcelas excluídas da população.

.a segunda por conta de políticas jurídicas que passaram a investigar essa cleptocracia entranhada como mafia estatal e tentar penalizar tais crimes que se perpetuam antes mesmo de nossa suposta independência mínima.

### **Da internacional:**

.a razão foi a tentativa de tentar deixar de ser um estado fraco para se tornar um Estado forte. Algo que se processa antes pela expansão transnacional da exploração econômica de outros povos e terras ao invés da sua própria para a formação do capital. Para depois, aí sim efetuar a distribuição desses ganhos as classes inferiores da sua população. Ou seja, abrir concorrência contra outros Estados sem estar preparado para as guerras comerciais, informacionais, econômicas e políticas inerentes as disputas por territórios.

Tanto a resistência institucional desse Estado Mafioso ao seu combate tanto social quanto jurídico, quanto a longevidade dessa cleptocracias provam o contrário; eis um Estado fortíssimo dentre dos seus limites geopolíticos no cumprimento da sua finalidade institucional: a pilhagem e exploração de um território e seus habitantes em favor daqueles que o possuem e de fato essa terra como se fosse sua propriedade particular assim como o Estado e suas instituições que não passam de fachada pública da sua administração, jurisdição e legislação assim terceirizada.

Nisto não há diferença entre os Estados Fortes. A sua fraqueza como Estado ou fracasso está portanto na incapacidade soberana. No fato de não ter forças econômicas e militares para explorar outros povos e territórios com a mesma amplitude e eficiência com que fazem as grandes potências, nem tão pouco garantir o monopólio da exploração das riquezas e população em seu território só para si.

Pode-se dizer portanto que o Brasil é um Estado de Direito Tardio. Um Estado em vias de desenvolvimento político-econômico que tarda a se metropolizar e concretizar. Mas a verdade é que o Brasil só “descobre” e ensaia ser um Estado de Direito, um Estado de Bem-Estar Social, ou até mesmo Liberal, quando essas concepções e instituições começam a se tornar ultrapassados e entrar em franca decadência. Um Estado propositadamente retardatário e provinciano. Não, não é um Estado de Fraco ou tardio, mas um Estado Reacionário Forte e muito bem conservado como província, como território do governo de interesses outros. Não é um país em desenvolvimento, a menos que se considere que o objetivo do desenvolvimentismo seja o nunca sair desse estágio: o “em desenvolvimento”. Os problemas nacionais não foram feitos para que um dia acabem, mas para se perpetuem e cresçam para que o Estado cresça junto com eles vendendo combate e tutela. A máquina estatal brasileira é

como a própria indústria da seca, ou da repressão as drogas não é feita para acabar com essas misérias, mas ganhar e em cima no combate delas.

E nisto há outra preceito falacioso dessas classificações: a ideia de que Estados Fortes, sejam estados de direito de sucesso. Tanto no concerne o respeito aos direitos dos seus cidadãos quanto a dos estrangeiros quer vivam sobre sua jurisdição ou em outros territórios que um suas bombas ou chegar e fuzileiros e mercenários ocupar. De modo que um Estado que é forte tanto na proteção dos direitos dos seus cidadãos e território quase sempre também o é forte na violação dos demais povos e suas terras. E sua pré-falência não provinciana mas imperial, vem da perda dos territórios “independentes” mas controlados política-econômica e militarmente de onde extraem ou impõem seus bens, serviços e sobretudo valores tanto culturais quanto de troca.

O Estado portanto não tem como razão social a garantia de direitos nem universais, nem muito menos de todos seus cidadãos universalmente, como não é forte ou fraco segundo tal capacidade, mas sim segundo sua capacidade de autopreservação enquanto corpo artificial para executar sua missão, sustentar e proteger os que de fato o possuem e controlam política-economicamente seja lá quem eles forem.

Mesmo Estados onde supostamente a constituição é dirigida para proteger direitos fundamentais a vida e liberdade ou bem particulares e comuns de toda sua população, isso nunca se dá nessa ordem. Não existem Estados desenhados para serem sacrificados para salvar vida e liberdade ou bem comum de um povo, mas sim povos amestrados para se sacrificar o bem a liberdade e a vida para preservar acima de tudo o Estado. E se não fossemos amestrados veríamos com facilidade a contradição dessa premissa: um vigia da vida e liberdade que mata e prende se for necessário até mesmo quem ele deveria proteger para não

perder seu emprego de vigilante, ou o que é a mesma coisa: se ele não quiser mais se servir do seu serviço de vigilância e proteção.

Neste sentido falar de Estados Mafiosos passa a ser tão absurdo quanto falar de cleptocracias. Não há cracia que não surja ou se mantenha sem roubo e sequestro de bem e pessoas. Assim como não há mafia sem a venda compulsória de proteção contra toda forma de violência, a começar contra a sua própria.

Mas o que seria então um Estado Mafioso? Não podemos responder essa questão sem separar a propaganda ideológica e juízos de valor tomados como se fossem a definição do Estado daquilo que o Estado é enquanto sistema e fenômeno histórico.

Um Estado antes de ser um sistema é historicamente um processo. Ou um processo que se sistematiza, um procedimento institucionalização por autojustificação caracterizado não só pela posse e controle de fato de um território e sua população, mas pela prerrogativa de direito sobre tais configurando soberania e jurisdição através desse processo de legitimação de seus métodos e finalidades. Tal legitimação se opera e mantém de 2 formas distintas :

internamente, pela suposição de anuência tácita das populações que não mais se levantam mais contra seus domínio das suas forças armadas.

e externamente, pelo reconhecimento das outros Estados forças armadas quanto a tal domínio de fato sob o território e habitantes.

É portanto um processo de “legitimação” onde o direito de ter e fazer deriva do poder de fato para impor submissão aos nativos quanto tregua e reconhecimento (ou no mínimo silêncio) dos Estados concorrentes.

O método é a monopolização da coerção, ameaça e violência através da supremacia armada. E a finalidade é a expropriação e exploração de A em favor da riqueza e poder de B. Ou se preferir em uma terminologia mais favorável, a tributação e imposição de deveres e obrigações sobre A para a garantia e provisão de direitos a B.

Ideologicamente tal busca se justifica e legitimar conceitualmente tais métodos e finalidade através da pressuposição de que tal proceder tem por objetivo maior o bem de todos.

Historicamente o Estado se estabelece quando um grupo organizado hierarquicamente passa a dominar territorialmente outro através da supremacia bélica, tecnológica e claro organizacional. Este grupo dominante pode ser nativo ou estrangeiro, ou composto de uma aliança estratégica entre ambos. Conforme a organização e tecnologia para dominação a organização cresce em complexidade e alcance e as resistências dos dominados são quebradas, os procedimentos impostos são aceitos como leis, e assim conforme a resistência das população diminui e a adesão e conformação aumenta, não só menos se faz necessário o emprego da força de fato para impor a dominação, quanto se permite a tercerização de todas as funções inclusive as militares, de modo que as antigas classes de conquistadores literalmente se civilizem- e velhos nomes de guerra passem a ser verdadeiros títulos nobiliários.

Uma vez instaurada a dominação como cultura, como fazenda de servos, as classes dominantes podem se afastam para reescrever a história do seu

passado de pilhagem para desfrutar do butim e assumir comportamentos que caracterizam as ditas civilizações legitimando seus domínios como direito e não roubo. Porém tais civilizações não só continuam assentadas no capital desse roubo, sequestro e carcere dos dominados como precisam literalmente sempre estar prontos para manter a força esse condição como o real e a lei, Precisam recorrer para manter a imposição desse suposto pacto social para manter essa realidade como legalidade sempre que ameaçadas ou questionadas.

De modo que a arte de estabecer dominio territóriais e populacionais, a arte de governar as pessoas extraindo dela riqueza e trabalho servil, o que diferencia uma organização criminosa ou um proto-estado de um Estado Forte e bem estabelecido é a capacidade do mesmo de obter adesão dos servos e reconhecimento dos outros senhores das outras terras e povos que não possui força de fato para simplesmente ocupar e tomar. Nesse sentido pode se dizer que um Estado é uma organização criminosa em maior escala de organização e logo de controle sobre o território-habitantes. Mas não é. A escala da dominação exige diferente métodos.

Uma gangue consegue roubar, e manter uma ou algumas pessoas com poucas pistolas e alguns atos de terror. Uma quadrilha pode manter uma comunidade inteira sob seu domínio das suas armas e ameaças. Mas sociedades inteiras com grandes extensões de territórios onde a população não está arrebanhada e concentradas e vigiada em grandes centros urbanos em torno dos castelos e palácios, é preciso mais do que coerção para ter Estados sobre nações inteiras é preciso adesão cultural. Adesão cultural que não carece nem quer dizer consentimento tácito nem explicito, mas pode ser perfeitamente efetuada por amestramento e domesticação ou se preferir um termo menos pejorativo educação, algo que se efetua com mais sucesso quanto mais jovens tal procedimento for aplicado.

A uma diferença fundamental entre um ladrão sequestrador ou assassino estatal e um “comum” que não é dada apenas pela dimensão dos seus danos produzidos e privilégios adquiridos, mas de técnicas e métodos agregados de domesticação que diminuem os custos da manutenção do domus. Métodos que permitem que os dominados não só aceitem a custo zero sua dominação mas que literalmente os fazem pagar e trabalhar para sustentar não só os ganhos em posses e poderes daqueles que os dominam, mas sustentar e e até lutar pela preservação do próprio domus. Fazendo de dominados alienados e dominadores alienadores numa espécie de institucionalização e produção industrial em massa de uma síndrome de Estocolmo. É essa condição que caracteriza e permite mantém a institucionalização de toda e qualquer pilhagem ou violência como legitimidade e os chefes desse organização criminosas como a lei e ordem, ou simplesmente Estado.

O salto produzido de uma crime organizado a dominar um território como mafia cobrando mais regradada, regular e “civilizadamente” possível proteção contra ele para o Estado está na passagem do domínio militar para o cultural, onde os “intimidados” não apenas deixam de resistir, mas passam a concordar e até mesmo defender seus “protetores”. De modo que a principal característica que separa a espoliação ilegal da legalizada não é a prerrogativa do emprego da violência para seus fins, mas aceitação do emprego da violência por aqueles que deixam de ladrões de estradas para se tornar o dono das estradas. O poder que permite a monopolização da violência e legitimação desse monopólio não é a violência, mas a aceitação e institucionalização da sua exceção como Estado. A organização estatal difere do crime organizado comum porque esse crime não é suficiente organizado para se institucionalizar suas agressões e privações , isto é, não detém os métodos e processos e sobretudo os meios para obter e manter o domínio através da manipulação das vontades e decisões alheias, mas somente para impor e coagir as vontades e decisões do alheio a força.

O Estado detém e precisa deter o poder cultural tanto para impor sua crimes como lei quanto criminalizar quem ouse resistir ou reagir a seu crime legalizado. O crime organizado que não detém esse poder precisa submergir e mesmo comprando e aparelhando o Estado precisa continuar nas sombras, porque se não tiver poder para legalizar suas práticas e negócios criminosos, e criminalizar as vítimas e concorrentes. Pode até conseguir se manter a par leis ou obter perdão e anistia de seus crimes, mas não consegue legalizar nem se fazer explícita e ostensivamente a lei a ordem.

É portanto através da aculturação ou alienação cultural que o Estado consegue desenvolver a sua principal característica, aquela que o diferencia de sua condição criminosa primitiva, para a sofisticada: A prerrogativa e poder de fato para legalizar seus crimes, e criminalizar e marginalizar tanto a concorrência quanto as vítimas que ousam a desobedecer suas leis. Não é portanto de se surpreender que a autoridade do Estado atraia potências e até de fato criminosos comuns.

O Estado é o crime perfeito. Não é só o monopólio da violência e roubo, mas da legitimidade. O crime que detém o poder para se impor não só como lei, mas como culto laico a seu poder supremo e todo poderosos, legalizando atividades criminosos e produto do roubo e ilegalizando tanto a legítima defesa quanto outras organizações criminosas na exata medida que controla a narrativa do passado e presente, a informação e a aculturação para criminalizar e marginalizar tudo que não seja tenha a licença legal.

Mas como se sabe os poderes que ele se pré-arroga dependem do grau de aceitação cultural e portanto da educação ou amestramento da população que ele submete as normas e ritos do culto a autoridade e lei. Por mais supremacista e monopolista que seja um Estado se ele não controla a

natureza e cultura a força com que impõe seus leis e execuções consome a própria força que sustenta: a alienação. Ou rigorosamente quanto mais ele impõe e toma decisões que não foram impostas como corretas aos alienados, mais ele perde o controle da alienação. Não que a população se emancipe de toda dominação, ela simplesmente passa a buscar outros senhores, mestres e mitos de representação de poder. Não se tornam “selvagens”, viram cachorro sem dono, ainda domesticados mas já em busca de outro dono.

É por isso que práticas que não se consegue (ainda ou nunca) banalizar e normalizar, aquilo que é instintivamente ou culturalmente considerado criminoso e revoltante para um povo, mas faz parte senão do *modus operandi* da organização criminosa estatal, das organizações criminosas que formam os mercados que a sustentam vai para o submundo desse domus territorial.

Práticas completamente criminosas de quem detém o poder econômico ou armado e que não são toleradas pela cultura popular continuam ilegais mas protegidas tanto pelo Estado quanto pelas sociedade formada pelas sociedades e organizações que a praticam e delas se beneficiam, forma a face sempre obscura do Estado, que combate na letra lei e discurso crimes e injustiças, mas os subsidência e através dele se financia tanto diretamente por deixai das sua próprias vistas propositalmente vendadas, quanto do própria simbiose do combate que sustenta mais tributos. O Estado já não protege contra si mesmo mas contra a criminalidade que ele mesmo gera e garante o apoio e tributação. Estado fortes declaram guerra contra populações de outros territórios, fazem delas o inimigo que seu povo precisa pagar tributos para financiar a guerra e pilhagem. Estados fracos não consegue se transnacionalizar sua subsistência e continuam a declaram guerra contra aqueles que eles marginalizam domesticamente, a barbárie e selvageria entre seus civis não devidamente

domesticados ou não alinhados. Um comete mata pilha e defeca no territórios de povos, o outro ainda dentro do seu.

Um Estado mafioso é portanto o Estado Branco que é extremamente do seu mercado negro. Que não conseguiu através da educação impor a legalização de todos que carece para se financiar, e portanto precisa manter uma relação com de falso combate e proteção com aqueles crimes que ele próprio ilegaliza, mas não tem literalmente poder nem cultural nem de fato para se desvincular, Assim como a cleptocracia é simplesmente as oligarquias e dos ladrões que ainda não conseguiram legalizar o produto de seu roubo como propriedade, seu sequestro como prisão, e sobretudo sua pilhagem como tributos. Não conseguiram “naturalizar” como normais e corretas todas práticas e posse que da sua sociedade e Estado, não a luz do dia, perante o restante da população. A mafia privato-estatal o senhor da terra que não conseguiu ainda impor completamente domínio cultural sobre os aculturados. Algo que não se consegue sem quebrar completamente o sentimento gregário, sem transformar o próximo e semelhante num animal ou inimigo estrangeiro, sem conseguir retirar completamente o status de ser humano de quem ele mata, acorrenta e pilha. Daí a importância dos estados que não tem condição de formar sua mão de obra escravo e criminosa bárbara em condições desumanizantes, ao tempo que civiliza os demais como idiotas. Sem barbárie e idiotia no seu quintal ele vai ter semear e plantar o inimigo que justifica sua eterna guerra e proteção no quintal do outro. E para isso ele precisa ter força armada e tecnologia suficiente para plantar o caos e vender a nova ordem desnaturada e artificial.

### **Tendencias. Crece la delincuencia organizada**

Hace dos décadas, el influyente pensador Samuel Huntington escribió su libro El choque de civilizaciones ( Clash of...

[www.el-nacional.com](http://www.el-nacional.com)

### **'O Brasil é uma cleptocracia, um governo de ladrões", diz jurista em palestra em Santos**

Luiz Flávio Gomes fez palestra na última segunda-feira (Foto:Eduardo Velozo Fuccia/AT) "O Brasil não é um país...

[www.atribuna.com.br](http://www.atribuna.com.br)

### **Safatle: Brasil virou uma cleptocracia**

"O fato é que nunca o país mostrou de maneira tão explícita quão bem ele se acomoda a ser uma cleptocracia na qual os...

[www.brasil247.com](http://www.brasil247.com)

### **Opinião. O capitalismo mafioso**

O "escândalo Volkswagen" é um golpe doloroso para a reputação e o capital da empresa, mas as consequências que dele...

[www.publico.pt](http://www.publico.pt)

### **Rússia é chamada de 'Estado mafioso' em documento vazado pelo Wikileaks**

A Rússia se tornou praticamente um "Estado mafioso", assolado por casos de corrupção e redes de extorsão, afirmam...

[www.bbc.com](http://www.bbc.com)

### **Europa. Empresário diz ter entregado malas de dinheiro de Khadafi a campanha de Sarkozy**

Nicolas Sarkozy, candidato às presidenciais de França no próximo ano, negou ter recebido qualquer financiamento por...

[www.publico.pt](http://www.publico.pt)

### **Como diplomatas norte-coreanos e prostitutas tailandesas movem o milionário negócio que ameaça...**

Prostitutas tailandesas, bandidos do Vietnã, super-ricos da China e a população humilde de Moçambique; ex-policiais...

[www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br)

### **Bandidos comuns, bandidos de farda, bandidos de gravata**

Dois milhões de fluminenses vivem sob um regime peculiarmente feudal. São os moradores das áreas controladas por...

[super.abril.com.br](http://super.abril.com.br)

### **'Venezuela virou uma narcoditadura, um Estado mafioso', diz Corina Machado - Internacional ...**

A Venezuela tornou-se uma "narcoditadura" e o não há diálogo possível entre oposição e chavismo. A opinião é da...

[internacional.estadao.com.br](http://internacional.estadao.com.br)

### **Donald Trump: o criador de um Estado mafioso?**

Na cimeira que reúne governos, organizações internacionais e empresas para debater os grandes temas mundiais, surgem...

[www.tsf.pt](http://www.tsf.pt)

### **Como uma reunião de líderes descoberta por acidente revelou a dimensão da máfia nos EUA**

A máfia operava na clandestinidade nos Estados Unidos até 1957. Mas naquele ano o sargento Edgar Croswell, da polícia...

[www.bbc.com](http://www.bbc.com)

### **Itália: chefe da máfia diz que Berlusconi o traiu**

Um dos chefes da máfia siciliana, Giuseppe Graviano, confessou que o ex-primeiro-ministro da Itália Silvio Berlusconi...

[veja.abril.com.br](http://veja.abril.com.br)